

MONTEIRO LOBATO: Novos Estudos

III JORNADA MONTEIRO LOBATO

VANETE SANTANA-DEZMANN
JOHN MILTON
SILVIO TAMASO D'ONOFRIO
(organizadores)

Oxalá Editora

2022

TÍTULO ORIGINAL

Monteiro Lobato: Novos Estudos

III Jornada Monteiro Lobato

AUTORIA:

Ana Paula Negrão Ferreira
Angélica Royo
Denise Maria de Paiva Bertolucci
Emerson Tin
Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira
Jochen Weber
John Milton
José Elio da Mota Júnior
José Wellington de Souza
Patrícia Aparecida Beraldo Romano
Raquel Endalécio Martins
Silvio Tamaso D'Onofrio
Taís Diniz Martins
Vanessa Gomes Franca
Vanete Santana-Dezmann

CAPA:

Silvio Tamaso D'Onofrio

EDIÇÃO:

Mário dos Santos

REVISÃO:

Silvio Tamaso D'Onofrio
Vanete Santana-Dezmann

© Copyright: Vanete Santana-Dezmann; John Milton; Silvio Tamaso D'Onofrio
(organizadores)

ISBN: 978-3-946277-64-4

Oxalá Editora

Gahmenerstr. 179
44532 Lünen
Deutschland
Março / 2022

www.oxalaeditora.com
oxalaeditora@hotmail.com

É proibida a reprodução parcial ou integral sem autorização prévia dos detentores do copyright.

ÍNDICE

Introdução e agradecimentos	5
Mais que uma epígrafe – Literatura infantojuvenil brasileira traduzida para o alemão – uma visão geral	11
<i>Jochen Weber</i>	
I – Metáforas lobatinas para o tradutor	23
<i>John Milton</i>	
II – Monteiro Lobato e Silveira Bueno, os tradutores de Henry Ford	29
<i>Tais Diniz Martins</i>	
III – Antecedentes da partida da família Monteiro Lobato para Nova Iorque (1927)	43
<i>Denise Maria de Paiva Bertolucci</i>	
IV – Um caipira no <i>Harlem Renaissance</i> : Monteiro Lobato	53
<i>Vanete Santana-Dezmann</i>	
V – <i>Caçadas de Pedrinho</i> ou a guerra de comandos e símbolos	67
<i>Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira</i>	
VI – Boneca de pano é gente, filósofa e produto social: a formação educacional-instrutiva de Emília	85
<i>Ana Paula Negrão Ferreira</i>	
VII – Máscaras e disfarces: cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta	109
<i>Patrícia Aparecida Beraldo Romano</i>	

VIII – “Que não dirá a Posteridade?": Monteiro Lobato prepara o seu legado	121
<i>Emerson Tin</i>	
IX – A turma do Sítio do Picapau Amarelo adaptada em quadrinhos pela RGE	129
<i>José Elio da Mota Júnior</i> <i>Vanessa Gomes Franca</i>	
X – Purezinha Monteiro Lobato: companheira de vida e obra	147
<i>Raquel Endalécio Martins</i>	
XI – Raça e cultura em <i>Casa-grande & senzala</i> e <i>Sobrados e mucambos</i>	167
<i>José Wellington de Souza</i>	
XII – Um artigo “inédito” de Monteiro Lobato	181
<i>Silvio Tamaso D’Onofrio</i>	
XIII – Sem celular, sem Google Maps, nem Waze	183
<i>Angélica Royo</i>	
Referências	185
Autoras e Autores	197

Introdução e agradecimentos

Chegamos à III Jornada Monteiro Lobato, realizada no início de dezembro de 2021, sempre com o apoio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e, nesse ano, também da Universidade de Taubaté. Os trabalhos apresentados ao longo da Jornada, e outros que contribuem para os estudos da obra e do autor, encontram-se aqui reunidos. Logo na abertura, em nossa tradicional “Mais que uma epígrafe”, Jochen Weber apresenta em “Literatura infantojuvenil brasileira traduzida para o alemão – uma visão geral” um panorama da publicação de obras da literatura infantil e juvenil brasileira traduzidas para a língua alemã. Há muito a se fazer neste campo – como em vários outros –, conforme se poderá notar, mas ao menos uma das grandes lacunas acaba de ser preenchida pela publicação de *Die Abenteuer von Lúcia – dem Mädchen mit dem Stupsnäschen*, a tradução para o alemão dos três primeiros capítulos de *Reinações de Narizinho, a menina do Narizinho Arrebitado*, organizada por Vanete Santana-Dezmann¹. Abordando o mesmo tema, ou seja, a tradução, John Milton destaca no primeiro capítulo – “Metáforas lobatinas para o tradutor” – as metáforas de tradução cunhadas por Lobato e, no segundo, Taís Diniz Martins traz um estudo intitulado “Monteiro Lobato e Silveira Bueno, os tradutores de Henry Ford”.

No terceiro capítulo, que abre um novo tema no livro, Denise Maria de Paiva Bertolucci apresenta os “Antecedentes da partida da família Monteiro Lobato para Nova Iorque (1927)” e, em seguida, em “Um caipira no *Harlem Renaissance*: Monteiro Lobato”, Vanete Santana-Dezmann desvenda um importante capítulo da história da Literatura Brasileira ao explicar por que o romance *O choque das raças ou O presidente negro* não foi publicado nos Estados Unidos há quase cem anos e traz algumas novidades sobre a vida de Lobato na nascente *Big Apple*. Dando prosseguimento à análise da obra de Lobato tendo em vista as acusações que ela sofreu recentemente, Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira aprofunda as discussões sobre o livro que esteve no centro das acusações em “*Caçadas de Pedrinho* ou a guerra de comandos e símbolos”. No sexto capítulo, “Boneca de pano é gente, filósofa e produto social: a formação educacional-instrutiva de Emília”, Ana Paula Negrão Ferreira analisa a evolução de Emília por meio dos aspectos pedagógicos e educativos a que a boneca teve acesso e que, reflexivamente, tornam-se traços de sua *performance* ao encenar, em mundo mágico e liberto, realidade a que o público leitor de seu tempo não estava acostumado.

Encerrados os capítulos que analisam obra e personagens, a recepção da obra de Lobato pelo público leitor se torna o tema central de “Máscaras e disfarces:

¹ SANTANA-DEZMANN, V. (Org.). *Die Abenteuer von Lúcia – dem Mädchen mit dem Stupsnäschen – von Monteiro Lobato*. Lünen-Alemanha: Oxalá, 2021. 161 p. ISBN: 9783946277590.

cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta”, de Patrícia Aparecida Beraldo Romano, e em “‘Que não dirá a Posteridade?’: Monteiro Lobato prepara o seu legado”, Emerson Tin apresenta e discute elementos que nos permitem ter melhor noção das movimentações de Lobato acerca dos temas relativos à preservação de sua imagem pessoal, como escritor, e de sua obra, pensando na posteridade. Um dos trunfos de seu estudo é detectar as nuances envolvidas quando a questão da permanência circunda, por um lado, a audiência pública de seus escritos, representada pela edição em livro ou, por outro lado, o âmbito privado, caso das cartas do escritor, sem deixar de problematizar o livro de conteúdo epistolar, que teve, com Lobato, um dos seus ápices na história da Literatura Brasileira.

Abrindo a quinta e última parte do livro, temos o estudo sobre a adaptação da obra infantil e juvenil de Lobato para as revistas em quadrinhos empreendido por José Elio da Mota Júnior e Vanessa Gomes Franca: “A turma do Sítio do Picapau Amarelo adaptada em quadrinhos pela RGE”. Com este nono capítulo, praticamente fechamos o círculo aberto pelos capítulos dedicados à tradução. Temos também o capítulo sobre uma das “personagens” mais importantes para a vida e obra de Lobato, “Purezinha Monteiro Lobato: companheira de vida e obra”, de Raquel Endalécio Martins. “Raça e cultura em *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*”, de José Wellington de Souza, embora não trate diretamente de Lobato e sua obra, constitui-se em capítulo imprescindível para compreendê-los e por isso se encontra aqui. Já a contribuição de Silvio D’Onofrio “Um artigo ‘inédito’ de Monteiro Lobato”, revela diferentes facetas de Lobato: o Lobato-criança-leitor, o Lobato editor e, a mais desconhecidas delas, o Lobato que, ainda na primeira metade do século XX, já se preocupava com os animais:

Sobre o livro de S. Cipriano tenho uma confissão a fazer. Todos os editores lançavam essa obra, porque na opinião dos livreiros da época, “era o que o povo queria”. E como eu me fizera editor, resolvi lançar também o meu S. Cipriano. Mandei comprar o livro para ver o que era. Oh, pura feitiçaria de macumbeiros. Uma coisa sordida. E cheio de crueldades, de sapo de boca costurada, de pombinhos cegados com ferro quente. Isso me decidi a lançar uma nova edição – uma edição isenta daquelas crueldades para com os pobres animaizinhos. E mexi no texto clássico, fazendo as necessárias alterações. Onde dizia: “... e pega então um sapo, costura-lhe a boca e joga-o numa fogueira”, eu pus: “... e pega então um sapo, risca-lhe uma cruz nas costas e joga-o numa lagoa bem funda” – exatamente o que o sapo queria. A ao pombinho também libertei da cegueira, substituindo-a por uma gentileza qualquer. Tirei desse livro uma edição relativamente grande, e vendi-a com muita facilidade. Mas por fim o povo deu de desconfiar que aquele S. Cipriano não era o “legítimo”: suas receitas não davam os mesmos resultados das antigas...

E antes que algum incauto queira lançar mão dessa citação para destacar um suposto desprezo de Lobato pela “pura feitiçaria de macumbeiros”, destacamos a revelação do desfecho de sua edição do livro de São Cipriano. Neste relato, o autor Lobato se utiliza de um dos recursos mais básicos da composição de textos para apresentar seu reconhecimento de que o que ele tomara antes por “pura feitiçaria de macumbeiros” surtia, sim, efeitos – corrigindo, por esse meio,

seu conceito sobre feitiçaria anterior à publicação do livro. Este artigo “esquecido” de Lobato, de certa maneira, traz novos elementos para a discussão que se desenrola na mídia sobre *Caçadas de Pedrinho*.

Para encerrar este livro, temos uma singela homenagem a este que continua sendo o maior autor brasileiro de literatura para crianças e jovens, a narrativa “Sem celular, sem Google Maps, nem Waze”, de Angélica Royo.

Quanto ao poema que abre este livro, “From the Dark Tower”, de Countee Cullen (1903-1946) – acompanhado da tradução de Vanete Santana-Dezmann, “Da Obscura Torre” – um dia sua relação com Lobato e sua obra será compreendida.

Aproveitamos para salientar o esforço envidado para respeitar, tanto quanto possível, a integridade das informações transcritas. Não se deve estranhar, portanto, palavras como “pharmacia”, “escriptor”, “idéas” e assemelhadas, além das discrepâncias de acentuação, com relação ao nosso idioma atual: agudos, crases, tremas, hifens, tudo é grafado como o foi por Lobato várias décadas atrás. Nem mesmo possíveis equívocos na composição (regência, colocação pronominal, repetição, cesura etc.) ou de impressão, presentes nos originais, foram “corrigidos” ou sinalizados por meio de “sic” ou algum outro recurso. Procedimento idêntico foi adotado com relação a maiúsculas, negritos, itálicos e aspas: se os destaques existiam nos materiais consultados, eles foram mantidos; se não existiam, não foram inseridos. O respeito ao documento original, neste volume, é pressuposto básico para a preservação dos traços temporais, culturais e também dos condicionantes da criação, seja em termos de autoria, revisão ou impressão.

Preferimos, também, manter as grafias de “estória”, associada à ideia de criação ficcional, e “história”, em aproximação com a ciência histórica – distinção usual em outros idiomas, pelo entendimento de que o uso de apenas uma palavra para designar universos tão distintos empobrece a análise.

Agradecemos às(aos) participantes, colaboradores e também ao público que acompanhou a III Jornada Monteiro Lobato, evento que originou o presente volume, pela divulgação e por fazer de nosso evento profícuo espaço de debate.

Agradecemos às(aos) colegas pelos capítulos aqui impressos, seu esforço ressalta a riqueza legada pelo fértil espírito de Monteiro Lobato – ainda longe de ter sido apreendida, e a importância da existência de múltiplos pontos de vista para que o contraponto se faça sempre presente.

Agradecemos ao editor Mário dos Santos, da Editora Oxalá.

Agradecemos à FFLCH-USP e também à UNITAU por hospedar, em altíssimo nível, o nosso evento.

Agradecemos a você, leitor(a), pelo interesse por nosso trabalho.

Finalmente, convidamos a todas e todos para acompanhar e participar de nossos trabalhos: www.observatoriolobato.org.

Vanete Santana-Dezmann

From the Dark Tower – Countee Cullen (1903-1946)

We shall not always plant while others reap
The golden increment of bursting fruit,
Not always countenance, abject and mute,
That lesser men should hold their brothers cheap;
Not everlastingly while others sleep
Shall we beguile their limbs with mellow flute,
Not always bend to some more subtle brute;
We were not made to eternally weep.

The night whose sable breast relieves the stark,
White stars is no less lovely being dark,
And there are buds that cannot bloom at all
In light, but crumple, piteous, and fall;
So in the dark we hide the heart that bleeds,
And wait, and tend our agonizing seeds.

Da Obscura Torre (tradução de Vanete Santana-Dezmann)

Plantaremos nem sempre enquanto o incremento
Dourado outros colhem do desabrochar dos frutos,
Nem sempre sem face, abjetos e mudos,
Os reles manterão seus irmãos nodoentos;
Não eternamente, enquanto outros ficam sonolentos
Com uma flauta doce vamos tentar enganar seus membros,
Nem sempre nos curvaremos ante algum mais sutil bruto;
Não fomos feitos para eternos lamentos.

A noite cujo peito de zibelina o forte cura,
Estrelas brancas não são menos meigas sendo escuras,
E há botões de modo algum florecidos
Na luz – mas ressecados, desleixados e caídos;
Assim no escuro ocultamos o coração em sangria,
E esperamos e cuidamos de nossas sementes em agonia.

Mais que uma epígrafe – Literatura infantojuvenil brasileira traduzida para o alemão – uma visão geral

Jochen Weber

(tradução: Vanete Santana-Dezmann)

Nas últimas décadas, a literatura infantojuvenil brasileira se desenvolveu muito e hoje apresenta um quadro vivo e diversificado. Se a abordarmos a partir do contexto global, podemos inquirir qual seria sua influência no contexto internacional e, da perspectiva alemã, que papel ela desempenha especificamente no mercado editorial da Alemanha, Áustria e Suíça; que autores e ilustradores brasileiros o integram; que livros são traduzidos; que gêneros ou temas predominam, bem como, o que não está traduzido e como tais lacunas podem ser explicadas.

O problema básico da literatura infantojuvenil brasileira nos países de língua alemã é, em suma, sua quase total ausência. Há décadas, sua posição no mercado editorial alemão já era periférica e pouco visível. Atualmente, a situação é ainda pior – muito pouco é traduzido e publicado, e o pouco que está disponível não é suficiente para estabelecer a literatura infantojuvenil brasileira em caráter permanente no mercado. Este não é, de forma alguma, um problema especificamente brasileiro. O mesmo é válido para outros países da América Latina, bem como para muitos países em todo o mundo, especialmente da África e Ásia.

Quando o International Board on Books for Young People (Conselho Internacional sobre Livros para Jovens, na sigla em inglês, IBBY) realizou seu congresso mundial bienal na Colômbia, há mais de vinte anos, Silvia Castrillón, presidente da seção colombiana do IBBY, abriu a conferência com algumas observações sobre o real grau de internacionalização da literatura internacional infantojuvenil. Ela lançou um olhar crítico sobre as relações entre os países europeus e norte-americanos, por um lado, e os países latino-americanos, por outro. De acordo com sua crítica, o que se chama de intercâmbio acaba sendo praticamente uma rua de mão única. A literatura infantil da América Latina é ainda um território inexplorado, quase desconhecido nos países do hemisfério norte, e é pouco notada, embora tenha muito a oferecer e possa contribuir para o desenvolvimento cultural e intelectual do mundo globalizado.

Esta análise de 2000 ainda se aplica com relação à Alemanha, Áustria e Suíça – bem como a outros países –, embora o mercado editorial de livros infantojuvenis de língua alemã tenha tradicionalmente uma elevada proporção de títulos traduzidos. Enquanto numerosos livros de autores de língua alemã encontram caminho através do Atlântico, o equilíbrio, pelo contrário, é extremamente escasso.

1. Ausência e invisibilidade das traduções no mercado do livro infantojuvenil de língua alemã

Antes de analisarmos mais de perto a literatura infantojuvenil brasileira, é preciso mencionar quatro razões para a ausência e invisibilidade das traduções no mercado do livro infantojuvenil de língua alemã. Elas se aplicam tanto ao Brasil como a vários outros países e apontam para um problema estrutural fundamental na literatura internacional infantojuvenil.

a) Primeiramente, uma espécie de círculo vicioso pode ser observada. Nos países de língua alemã, as editoras de livros infantojuvenis são frequentemente muito relutantes em publicar livros de autores – do ponto de vista alemão – de países menos conhecidos. Em alguns casos, ao longo de anos, muitos editores estreitaram contatos e relações comerciais com certos países. Os títulos licenciados que adquirem dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda, França e países escandinavos, por exemplo, frequentemente encontram boa recepção nos países de língua alemã. A tradição têm se desenvolvido de forma tal que a literatura traduzida de países que estão geográfica, histórica e culturalmente um pouco mais próximos dos países de língua alemã se tornou, por assim dizer, parte integrante e natural do mercado literário alemão. A literatura de outras línguas e países – incluindo-se o Brasil –, por outro lado, é ainda menos familiar. Isto se deve também ao fato de livros infantojuvenis dos países acima mencionados terem entrado nos países de língua alemã, o mais tardar, após a Segunda Guerra Mundial. Naquela época, após os anos de domínio do governo nazista, havia uma grande procura por literatura traduzida, especialmente na Alemanha. A literatura estrangeira era desejada em termos de política cultural e também devido ao interesse de muitos editores em promover a redemocratização e cosmopolitismo do país, abrindo-se inclusive a outras literaturas e trazendo-as para o país. Os países já estabelecidos e tradicionais na publicação de livro infantil se beneficiaram com isto. No entanto, países como os latino-americanos, onde a literatura infantojuvenil só se desenvolveria algumas décadas mais tarde, foram, portanto, excluídos desde o início. Até hoje, bem poucos editores de livros infantis de língua alemã têm desbravado novos caminhos ou assumido eventuais riscos ao publicar autores de países menos presentes no mercado editorial alemão. É extremamente difícil para novos autores acederem ao mercado.

b) Uma vez que não existem editoras de livros infantojuvenis nos países de língua alemã que mantêm regularmente livros do Brasil em seus catálogos, os poucos títulos existentes ficam perdidos entre as inúmeras novas publicações que saem a cada ano. Seriam necessárias mais paciência e perseverança para lançar novos autores e ilustradores e estabelecê-los no mercado editorial. No entanto, como os editores estão sob forte pressão econômica, evitam investir em literatura menos “*mainstream*” e cujo retorno não é garantido. Não se espera que esta situação mude significativamente no futuro. Para além de um punhado de editoras pequenas e ambiciosas, dificilmente haverá editoras que assumam tal risco.

c) Nos países de língua alemã, as editoras ainda tendem a procurar elementos supostamente típicos em livros de países latino-americanos. Esta atitude está em consonância com certo anseio pelo outro, pelo desconhecido ou pelo “exótico”, que muitas pessoas continuam a ver nos países e culturas do continente latino-americano. Talvez inconscientemente, persiste o desejo de que os livros infantojuvenis da América Latina traduzidos retomem temas que os leitores alemães ou europeus associam ao continente. Em outras palavras, muitas editoras procuram livros em países como o Brasil que reproduzem conceitos existentes e confirmam imagens e atribuições tradicionais.

A reconhecida tradutora Susanne Lange, que traduz obras literárias do espanhol para alemão, faz uma observação semelhante. Numa entrevista – não especificamente sobre livros infantojuvenis, mas sobre a tradução

da literatura hispano-americana em geral –, ela fez declarações que podem ser aplicadas ao Brasil:

Parece-me que há um mal-entendido que está prevalecendo cada vez mais, pois a literatura é cada vez mais mal compreendida como um estudo do país: o pressuposto é que a América Latina deve escrever sobre a América Latina [...]. Acho esta expectativa definida de modo assim tão estrito muito infeliz. Na América Latina as pessoas também se irritam com isso, porque, quando se escreve, não se quer apenas representar o seu país. Lá as pessoas escrevem sobre uma vasta gama de tópicos e não querem ser reduzidas a dar uma visão sobre o país. Talvez o interesse decrescente esteja também relacionado com o fato de a América Latina ter sido um pouco marginalizada politicamente e de estarmos olhando no momento mais para outras regiões do mundo. Mas o fato de haver literatura realmente instigante a ser descoberta na América Latina e que poderia interessar a um grande público tanto quanto os títulos quase sempre adotados apressadamente dos Estados Unidos não é percebido².

d) Outra razão reside na estrutura e preferências do mercado de livros infantojuvenis de língua alemã. Os editores procuram para possível tradução sobretudo textos em prosa mais longos, ou seja, romances e estórias, ou livros ilustrados. Isto não significa qualquer tipo de livro ilustrado, mas o clássico *picture book*. No entanto, ambos – especialmente a literatura narrativa para adolescentes e jovens adultos – constituem apenas uma pequena parte da produção no Brasil. No segmento de livros ilustrados, por outro lado, pode-se notar certo crescimento nos últimos anos. Estão sendo publicados mais títulos que também poderiam ser interessantes para o mercado de língua alemã. No entanto, em geral, formas literárias curtas ainda estão fortemente presentes no Brasil: recontos e adaptações de contos de fadas e mitos, estórias cotidianas e estórias fantásticas, narrativas mais curtas, poesia infantil, rimas, enigmas e canções. Coletâneas de estórias ilustradas são reunidas em volume único, mas não se tratam de livros ilustrados de fato – considerando-se o padrão europeu ou norte-americano –, pois seu conteúdo textual excede as imagens.

2. Livros infantojuvenis traduzidos

Nossa pesquisa mostrou que 30 livros brasileiros para crianças e jovens adultos foram publicados em tradução para o alemão. Se levarmos em conta que o primeiro destes livros foi publicado em alemão como um livro para jovens em 1974, isto perfaz 30 títulos em 47 anos: um número extremamente baixo, o que significa que, em média, apenas um livro foi traduzido e publicado a cada um ano e meio. Além disso, poucos deles se encontram disponíveis atualmente.

As primeiras traduções apareceram nas décadas de 60 e 70 do século passado. A curva subiu gradualmente, atingindo seu auge nos anos 80 até meados dos anos 90. Desde então, o desenvolvimento estagnou. Há livros traduzidos, mas tão rara e esporadicamente que é difícil encontrá-los.

É notório que, com alguma exceção, não há autores nem livros que se estabeleceram permanentemente, o que também se deve à falta de editoras de livros infantis em língua alemã que mantenham em seus catálogos autores brasileiros.

² SEILER, Sascha. „Lateinamerikanische Literatur wird oft als Landeskunde missverstanden“. Ein Gespräch mit der Übersetzerin Susanne Lange. <https://literaturkritik.de/gesprach-mit-uebersetzerin-susanne-lange,28444.html> (Zugriff: 17.01.2022).

O quadro geral é uma colcha de retalhos heterogênea de livros que, por estarem perdidos em catálogos, livrarias e bibliotecas, têm poucas chances de serem bem-sucedidos. Portanto, não é surpreendente que quase nenhum título tenha chegado a uma segunda edição.

O baixo número de vendas, entretanto, não coincide com a forma como os livros foram percebidos pelos críticos literários e especialistas. Numerosos títulos foram resenhados na imprensa especializada ou recomendados em bibliografias – no entanto ainda não conseguiram se estabelecer em caráter permanente.

3. O começo: autores conhecidos preparam o campo

A história da literatura infantojuvenil brasileira na tradução alemã começa com duas obras que originalmente não eram dirigidas especificamente aos jovens leitores. Em outras palavras, eram livros inicialmente classificados como ficção para adultos que apenas posteriormente se tornaram literatura para jovens.

Um marco especial na literatura juvenil brasileira é o romance de Jorge Amado (1912-2001) *Capitães da areia* (publicado em alemão como *Herren des Strandes*). O autor, conhecido nos países de língua alemã por romances como *Gabriela, cravo e canela* (publicado em alemão como *Gabriela wie Zimt und Nelken*) e *Dona Flor e seus dois maridos* (publicado em alemão como *Dona Flor und ihre beiden Ehemänner*), escreveu seus “Romances da Bahia”, composto por seis títulos, na década de 1930. *Capitães da areia* também faz parte deste ciclo. Em alemão, o romance foi publicado pela primeira vez em 1951 na Alemanha Oriental pela editora Volk & Welt e posteriormente, na mesma tradução, na Alemanha Ocidental pela Rowohlt Verlag – primeiro em 1963, na série geral, e, em 1974, na conhecida série de livros juvenis Rotfuchs, na qual teve várias edições até 2016. Atualmente, encontra-se fora de catálogo.

Durante um período de quatro anos, Jorge Amado descreve o cotidiano de um grupo de cerca de 50 meninos que vivem nas ruas de Salvador da Bahia. Escrito em linguagem direta, sem grandes preocupações e metáforas, o texto mostra aos leitores um mundo determinado pela pobreza, violência, crime e gritante desigualdade social que não oferece perspectivas para o futuro. As crianças e os jovens são discriminados e perseguidos, passam fome, são expostos à sujeira, estupro e assassinato e, por sua vez, são violentos e impiedosos contra os outros e entre si. A linguagem descritiva em longos trechos e os recortes de jornal inseridos na estória dão ao romance um caráter quase documental. No entanto, Jorge Amado também fornece repetidamente informações sobre o mundo interior de suas personagens, com seus sentimentos de solidão, desespero, anseio por segurança e ódio. Embora a versão alemã possa parecer um pouco antiquada em alguns aspectos para os leitores de hoje, o livro perdeu pouco de sua atualidade e nada de seu poder e força.

Alguns anos após *Capitães da areia*, em 1970 o romance autobiográfico *O meu pé de laranja lima* (publicado em alemão como *Wenn ich einmal groß bin*), de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), chegou à língua alemã. Este livro também foi inicialmente publicado como um romance para adultos pela Zsolnay Verlag. Dois anos depois, seguiu-se uma edição de bolso na Deutscher Taschenbuchverlag, uma grande e importante editora que publica tanto para adultos como para jovens leitores. Neste caso, o livro também fazia parte do catálogo geral, mas ao mesmo tempo era claramente dirigido aos jovens leitores.

Baseado em suas próprias memórias de infância, José Mauro de Vasconcelos conta o que Zezé, criança de cinco anos, cheia de imaginação e energia, experimenta ao longo de um ano. Este livro engraçado, divertido, melancólico e nostálgico chegou a várias edições em alemão.

Os dois livros mencionados não foram as únicas obras de Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos a serem traduzidos para o alemão e oferecidos a um público leitor jovem. *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (publicado em alemão como *Der gestreifte Kater und die Schwalbe Sinhá*), de Jorge Amado, foi publicado em 1979 na Alemanha Oriental pela Volk & Welt. Esta estória de amor, como diz o subtítulo, foi originalmente escrita pelo autor para seu filho em 1948, no seu primeiro aniversário. Entretanto, foi somente nos anos 70 que ele decidiu revisar o texto e publicá-lo como livro. Após muito tempo fora de catálogo, uma nova edição alemã ilustrada foi publicada em 2018 pela Insel Verlag, desta vez, dirigida principalmente a adultos. O mesmo acontece com o livro de José Mauro de Vasconcelos: *O meu pé de laranja lima* ficou fora das livrarias por muito tempo até que a editora Urachhaus o trouxesse em 2009 com a tradução inalterada, mas com um novo título, mais próximo do título original português: *Mein kleiner Orangenbaum* (Minha pequena laranjeira). Em 2020 – quando José Mauro de Vasconcelos faria 100 anos –, a editora publicou o volume *Vamos aquecer o sol* sob o título *Lass die Sonne scheinen* – 46 anos após o livro ter sido publicado pela primeira vez no Brasil. Ambos são claramente direcionados ao público adulto no catálogo da Urachhaus.

Podem parecer estranho que os dois primeiros livros brasileiros que chegaram ao público jovem na Alemanha, Áustria e Suíça não tenham sido originalmente destinados a jovens leitores. No entanto, isto pode ser explicado se levarmos em conta que a literatura infantojuvenil brasileira, como mencionado acima, só se desenvolveu, de salto em salto, alguns anos depois, quando também ganhou atenção internacional. A este respeito, provavelmente fazia sentido, do ponto de vista dos editores, investir em tradução de obras de autores conhecidos e estabelecidos, a fim de introduzir o público jovem à literatura brasileira.

Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos não foram os únicos autores que não escreveram principalmente para jovens leitores a terem livros publicados por editoras de livros infantojuvenis em língua alemã. Em 1994 a Hanser Verlag publicou *Vida e paixão de Pandonar, o Cruel* (em alemão, *Leben und Leidenschaft von Pandonar dem Grausamen*), uma estória de amor de João Ubaldo Ribeiro (1941-2014). Trata-se da estória de Geraldo, de 14 anos, um “nerd” – como se diria hoje – que se apaixona por uma colega de classe, mas não sabe como se aproximar dela. Em seu desespero, ele imagina a personagem Pandonar, uma espécie de super-herói e “sabe-tudo”. Esta é a antítese completa de Geraldo, que tem que lutar ferozmente contra os problemas e desafios da adolescência. No epílogo, a editora alemã anunciou que iria publicar outro livro de João Ubaldo Ribeiro em seu catálogo de livros juvenis. No entanto, isto não aconteceu. Pode-se presumir que “Pandonar” não trouxe o sucesso de vendas esperado e, portanto, o projeto foi abandonado.

Dois anos mais tarde, em 1996, *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos (1892-1953), foi publicado como *Raimundo im Land Tatipirún* na renomada série “Baobab” – naquela época, ainda editada pela editora Nagel & Kimche em Zurique. O autor publicou o livro em 1939. Em alemão, portanto, foi

publicado 57 anos mais tarde. Como Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos e João Ubaldo Ribeiro, Graciliano Ramos também é um autor cuja obra contém apenas alguns títulos para o público infantojuvenil.

Graciliano Ramos, que sofreu várias limitações físicas quando criança e cresceu em más condições no sertão como o mais velho de dezesseis irmãos, sempre se sentiu como um forasteiro. Ele processou suas experiências de infância em *A terra dos meninos pelados*, transformando-as em uma narrativa episódica fantástica sobre alteridade e diversidade. O protagonista Raimundo é diferente das outras crianças: seu olho direito é preto e o esquerdo é azul e ele é careca. Ele também se sente como um forasteiro até descobrir a maravilhosa terra de Tatipirún, onde as pessoas se parecem com ele.

4. Lygia Bojunga e Ana Maria Machado: duas autoras de literatura infantil entram no palco alemão

Os primeiros livros traduzidos para o alemão escritos por autoras de literatura infantojuvenil são de Lygia Bojunga Nunes – que mais tarde passou a assinar Lygia Bojunga – e Ana Maria Machado. Era a primeira vez que se podia dizer que as editoras alemãs não fizeram desvios através de autores conhecidos da literatura geral, mas escolheram deliberadamente autoras de renome na literatura infantojuvenil brasileira.

Lygia Bojunga (nascida em 1932) é provavelmente a mais renomada representante da literatura infantojuvenil da América Latina até os dias atuais. Em 1982, ela recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio internacional de literatura infantojuvenil, por sua obra completa, que foi traduzida para vários idiomas. Esta foi a primeira vez que o prêmio foi concedido a um país latino-americano. A atribuição do Prêmio Internacional do Memorial Astrid Lindgren (ALMA) em 2004 – também por suas obras completas – enfatiza a importância e a atemporalidade de seus livros, que também atraíram considerável atenção nos países de língua alemã nos anos 80 e início dos anos 90. A atribuição do “Prêmio Andersen” certamente contribuiu de modo significativo para a decisão da editora Cecilie Dressler de publicar os livros de Lygia Bojunga em alemão. Do total de nove livros traduzidos para o alemão, que apareceram em sucessão relativamente rápida entre 1983 e 1988, nenhum se encontra disponível atualmente.

A característica da arte narrativa da autora é uma espécie de realismo mágico: a combinação natural, completamente evidente, de realidade e fantasia, que não formam uma contradição, mas sim dois lados de uma existência que não é apenas material. Ela consegue isso de forma exemplar em *Corda bamba* (publicado em alemão como *Maria auf dem Seil*) e *A bolsa amarela* (*Die gelbe Tasche*). De todos os livros da autora, *A casa da madrinha* (*Das Haus meiner Tante*) lida mais fortemente com a realidade social brasileira. No centro da estória está Alexandre, um menino que deixa sua cidade natal, o Rio de Janeiro, e vaga pelo país sozinho, afirmando estar a caminho da casa de sua madrinha. Esta madrinha – conforme as pessoas que ele encontra no caminho suspeitam – só existe no desejo do menino. Ela é uma projeção da saudade e faz parte da estratégia de sobrevivência da criança, que experimenta a desintegração de sua família, declínio social, pobreza, solidão e exclusão e tenta superar esta experiência com o poder de sua imaginação.

Ana Maria Machado (nascida em 1941) também é uma das mais importantes representantes da literatura infantojuvenil brasileira e é bem considerada na

América Latina e fora dela. Em 2000, ela também recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen por sua obra completa, tal como Lygia Bojunga em 1982.

Seu primeiro livro publicado em alemão foi uma de suas obras centrais: *Bisa Bia, Bisa Bel* (título homônimo em alemão publicado em 1988). Nele, o monólogo interior da protagonista Isabel com sua bisavó falecida Bisa Bia e sua própria bisneta no futuro, Bisa Bel, torna-se uma viagem mágica entre gerações que finalmente permite a Isabel encontrar seu próprio caminho. Como na obra de Lygia Bojunga, realidade e fantasia estão entrelaçadas nos livros de Ana Maria Machado.

Em 1989, mais um de seus livros foi publicado em alemão. Nele, ela processa experiências durante o governo militar no Brasil em uma parábola política de um conto de fadas e torna compreensíveis as características e métodos de regimes autoritários e ditatoriais: *Era uma vez um tirano*, de 1982 (publicado em alemão como *Der Regenbogen. Wie die Kinder den Tyrannen vertrieben*). Trata-se da estória de um país não especificado no qual um homem toma o poder. Pouco a pouco, ele proíbe tudo que a seus olhos possa ser perigoso para suas regras – não apenas a liberdade de expressão, mas também a música, as cores e a alegria de viver. No final, são as crianças que criativamente resistem e o expulsam.

5. Temas políticos e sociais

Não é de se surpreender que *Era uma vez um tirano* tenha encontrado uma editora alemã. Nos anos 70 e 80, houve um grande interesse na Europa pelos acontecimentos de caráter político e social nos países da América Latina. Os regimes ditatoriais em países como Argentina, Chile e Brasil, os movimentos de libertação, as diferenças sociais muitas vezes gritantes e os conflitos a elas associados, a pobreza e a violência, ou mesmo a luta dos grupos populacionais indígenas por seu território e cultura foram temas que atraíram maior interesse. Sendo assim, alguns outros livros infantojuvenis brasileiros traduzidos para o alemão também tratam de tais temas.

Luiz Cláudio Cardoso (1931-2019) publicou a estória *Meu pai, acabaram com ele* em 1986, um ano após o fim da ditadura militar. Dez anos depois, este livro foi publicado em alemão sob o título *Der Tag, an dem sie Vater holten*. Nele, Luiz Cláudio Cardoso também se conformou com seu próprio fracasso moral, pois havia servido seu país como diplomata por um longo tempo durante os anos do regime militar. Ele conta a estória de uma família burguesa que, em 1971, testemunha como o pai – um respeitado engenheiro que foi alvo do Estado por causa de sua ajuda humanitária clandestina aos perseguidos políticos – é preso e sequestrado em uma manhã para nunca mais retornar. O destino do pai, presumivelmente assassinado, forma o núcleo e o ponto de partida da narrativa do verdadeiro tema do livro: as graves consequências para a família, que não consegue lidar com o que experimentou e acaba se decompondo.

Júlio Emílio Braz (nascido em 1959) pinta o quadro de uma realidade marcada pela desesperança em sua estória *Crianças na Escuridão*, de 1991, publicado em alemão como *Kinder im Dunkeln* também em 1996. Semelhante a Jorge Amado em *Capitães da areia*, o autor acompanha sua protagonista – Rolinha, de seis anos – pelas ruas de São Paulo durante três anos. Abandonada pela mãe em algum lugar da cidade, de repente ela tem que aprender a viver por conta própria. Em um grupo de meninas que vivem nas ruas, ela encontra a proteção de que precisa para

sobreviver. Para essas crianças, vida significa luta: luta pela alimentação, contra a violência e a arbitrariedade de proxenetas e policiais e por um lugar no grupo rigidamente hierarquizado.

Dois livros traduzidos para o alemão de outros dois autores tratam de formas muito diferentes o complexo de temas “Floresta Amazônica, exploração de recursos naturais e população indígena”. *Assassinato na floresta*, de 1991, (publicado em alemão como *Der Grüne Tod* em 1994), de Paulo Rangel, é um romance policial emocionante e recheado de ação, tanto para adultos como para adolescentes e jovens adultos. Conta a estória de como um jovem repórter de São Paulo enviado a um vilarejo na Floresta Amazônica para investigar a morte aparentemente insignificante de uma seringueira. O que ele descobre é uma rede de corrupção envolvendo política, negócios e crime organizado internacional responsável pelo assassinato da mulher.

Tal assunto é abordado de uma perspectiva completamente diferente em *Kuryala. Capitão e Carajá* (publicado o em alemão como *Die lange Nacht des Häuptlings Kuryala*), outro romance de José Mauro de Vasconcelos. A edição alemã foi lançada em 1992, enquanto a edição original data de 1979. Este é outro exemplo do fato de que muitas vezes há um período de tempo mais longo entre a publicação do original e da tradução. O livro de quase 400 páginas conta a estória de Kuryala, um chefe da etnia Karajá, cuja cultura e habitat estão mais ameaçados e restritos à medida em que os “brancos” invadem seu território para usá-lo para suas próprias finalidades.

6. Estórias sobre futebol

Outra faceta do Brasil que é inevitavelmente mencionada quando se fala sobre o país é o futebol. De fato, entre os livros infantis traduzidos para o alemão, há três que giram em torno do jogo com a bola de couro. *A bola e o goleiro*, de 1984 (publicado em alemão em 1991 como *Bola Fura-Redes und der Torhüter*) é uma estória curta e criativa de Jorge Amado sobre uma bola de couro, mestre de seu ofício e famosa em todo o país, que se apaixona profundamente por um goleiro bastante ruim. *Pobre Corintiano Careca*, de 1997 (publicado em alemão em 1995 como *Pedro träumt vom großen Spiel*), de Ricardo Azevedo, conta a vida de um menino que cresce em circunstâncias muito modestas em sua cidade natal, São Paulo, e para o qual não há nada mais importante que seu clube de futebol preferido, o Corinthians. Um solitário entre os livros traduzidos para o alemão é *Pelezinho*, de Maurício de Sousa. Em numerosos episódios em forma de HQs – publicados no Brasil entre 1977 e 1986, perfazendo um total de 66 números –, o conhecido desenhista retratou a infância da lenda do futebol, Pelé. Dezesseis dessas estórias foram traduzidas para a edição alemã, que só apareceu em forma de livro em 2013 – várias décadas após terem sido publicadas no Brasil.

É um fenômeno surpreendente que alguns dos livros aqui mencionados tenham encontrado seu caminho para o mercado editorial alemão após uma grande lacuna de tempo. Seria interessante investigar mais de perto como isso aconteceu. Como os editores encontraram os títulos e o que, tanto tempo depois, despertou o interesse para sua publicação em alemão?

7. Livros ilustrados

Os livros ilustrados – o tipo clássico de *picture book* mencionado no início – são uma parte significativa da literatura infantojuvenil traduzida em todo o mundo e desempenham papel central no comércio internacional de *copyright*. Embora a ilustração de livros tenha se desenvolvido fortemente no Brasil nas últimas décadas e existam ilustradores de destaque, apenas alguns títulos são vendidos para outros países – dentre os quais se encontram os de língua alemã. A pesquisa trouxe à luz apenas dois títulos que foram publicados em alemão. Muitos nomes são completamente ou quase completamente desconhecidos nos países de língua alemã.

Ciça Fittipaldi – há muitos anos uma figura de proa da arte da ilustração brasileira – só está presente, por exemplo, com ilustrações em um livro de lendas e fábulas africanas de Rogério Andrade Barbosa: *Bichos da África. Lendas e fábulas*, 1987 (publicado em alemão em 1990 como *Großvater Ussumane erzählt... Tiergeschichten aus Afrika*). Não é, no entanto, um livro ilustrado. O mesmo vale para Roger Mello, um dos ilustradores mais criativos, versáteis e importantes internacionalmente, que fez as ilustrações em preto e branco para o já mencionado *A Terra dos Meninos Pelados*, de Graciliano Ramos. Em 2014, Roger Mello foi o terceiro brasileiro, depois de Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, a receber o Prêmio Hans Christian Andersen por seu conjunto de obras, neste caso, na categoria ilustração. Apesar deste forte sinal, nenhum de seus livros foi traduzido para o alemão desde então. Portanto, conforme já afirmado, há apenas dois livros ilustrados que podem ser mencionados aqui. Um é o do lendário ilustrador Ziraldo: *Flicts*, de 1969 (publicado em alemão em 2013 como *Flicts. Eine Farbe sucht Freunde*). Trata-se de uma estória ilustrada por formas geométricas simples monocromáticas sobre uma cor incomum, imprecisa e, portanto, desconhecida chamada “Flicts”. Flicts sofre por não ser percebida e amada como as outras cores. Após longa procura, ela finalmente encontra um lugar onde é necessária: a lua. O incomum neste livro é que não há nada de “tipicamente brasileiro” nele.

Outro livro que se destaca tanto por suas imagens quanto por seu *design* gráfico e excelente impressão é *O fim da fila*, de 2011 (publicado em alemão em 2015 como *Eine Geschichte ohne Ende*), de Marcelo Pimentel. O livro sem palavras se contenta apenas com as cores preta e vermelha impressas em papelão espesso e marrom natural feito de papel reciclado. As imagens mostram diferentes animais correndo, rastejando e voando na selva. No início, todos eles são negros até encontrarem o lendário e mítico Curupira. Este protetor da selva pinta linhas, pontos e padrões sobre os animais. Uma vez coloridos, eles seguem em frente até sair do livro através de um buraco na última página e o ciclo de vida começa novamente.

Este é um exemplo de livro ilustrado sobre um tema “tipicamente brasileiro”, pois traz a selva, os animais e o Curupira. Além disso, o subtítulo “*Ein Bilderbuch aus Brasilien*” (Um livro ilustrado do Brasil) foi adicionado à edição alemã para despertar a curiosidade dos leitores por meio da referência à origem brasileira. O livro foi altamente aclamado. Em 2016, foi nomeado, juntamente com apenas outros cinco títulos, na categoria de livros ilustrados, para o Deutschen Jugendliteraturpreis (Prêmio Alemão de Literatura Infantojuvenil), o mais importante, prestigiado e respeitado na área de literatura infantojuvenil dos países de língua alemã. A característica especial do prêmio é que o júri não faz distinção

entre publicações originalmente escritas em alemão e livros traduzidos para o alemão. Por esta razão, o prêmio desperta o interesse internacional e representa um evento importante para o comércio de licenças.

A nomeação de *O fim da fila* foi uma conquista importante para a literatura infantojuvenil brasileira, mas mesmo este exemplo positivo não fez com que mais livros infantojuvenis brasileiros fossem traduzidos para o alemão desde então. Em última análise, isto também permaneceu um acontecimento isolado que em nada alterou a situação. Este livro, porém, é mais uma prova de que há décadas que existem excelentes obras da literatura infantojuvenil brasileira traduzidas para a língua alemã, a despeito dessa história com claras lacunas.

Anexo: Livros infantojuvenis brasileiros publicados na Alemanha

- AMADO, Jorge / MARTINS, Aldemir (ilustr.) / WANNEMACHER, Margreth (trad.). *Bola Fura-Redes und der Torhüter*. Göttingen: Lamuv, 1991. Título original: *A bola e o goleiro*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- AMADO, Jorge / SCHÖNFELDT, Ludwig Graf von (trad.). *Herren des Strandes*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1974 (rororo-rotfuchs, 68). Primeira ed. na editora Rowohlt: 1963 (rororo, 565). Primeira ed. em alemão: Berlin: Volk und Welt, 1951. Título original: *Capitães da areia*. Salvador, Bahia: José Olympio, 1937.
- AMADO, Jorge / CARYBÉ (ilustr.) / ERB, Roland (trad.). *Der gestreifte Kater und die Schwalbe Sinhá: Eine Liebesgeschichte*. Berlin: Volk und Welt, 1979. Nova edição: AMADO, Jorge / PIN, Isabel (ilustr.) / SCHWEDER-SCHREINER, Karin von (trad.) / POPP, Steffen (epílogo). *Der gestreifte Kater und die Schwalbe Sinhá*. Frankfurt am Main: Insel, 2018. Título original: *O gato malhado e a andorinha Sinhá: Uma história de amor*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- AZEVEDO, Ricardo / NEUENDORF, Silvio (ilustr.) / SCHWEDER-SCHREINER, Nicolai von (trad.). *Pedro träumt vom großen Spiel*. Berlin: Elefanten Press, 1997. Título original: *Pobre Corintiano Careca*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- BARBOSA, Rogério Andrade / FITTIPALDI, Ciça (ilustr.) / KONITZKY, Brigitte (trad.). *Großvater Ussumane erzählt... Tiergeschichten aus Afrika: Legenden und Fabeln*. Wuppertal: Hammer, 1990. Título original: *Bichos da África: Lendas e fábulas*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- BRAZ, Júlio Emílio / NEUMANN, Bettina (trad.). *Kinder im Dunkeln*. Zürich: Nagel & Kimche, 1996 (Baobab Books). Título original: *Crianças na escuridão*. São Paulo: Moderna, 1991.
- CARDOSO, Luiz Cláudio / HASEBRINK, Gesa (trad.). *Der Tag, an dem sie Vater holten*. Zürich: Nagel & Kimche, 1996 (Baobab). Título original: *Meu pai, acabaram com ele*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.
- LOUZEIRO, José / ENGEL, Silke (ilustr.) / SPIELMANN, Ellen (trad.). *Die Stunde der Fledermäuse*. Berlin: Altberliner, 1995. Título original: *Ritinha Temporal: Um amor de menina que a cidade temia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MACHADO, Ana Maria / SCHUBERG, Angelika (ilustr.) / Meyer-Minnemann, Maralde (trad.). *Bisa Bia, Bisa Bel*. Hamburg: Dressler, 1988. Título original: *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.
- MACHADO, Ana Maria / GESZTI, Gabor (ilustr.) / RENSCHLER, Regula

- (trad.): *Der Regenbogen: Wie die Kinder den Tyrannen vertrieben*. Göttingen: Lamuv, 1989 (Baobab). Título original: *Era uma vez um tirano*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.
- MACHADO, Ana Maria / WENSEL, Ulises (ilustr.) / MEYER-MINNEMANN, Maralde (trad.). *Warum der kleine Delphin Purzelbäume schlägt und andere Geschichten*. Ravensburg: Maier, 1992. Título original não identificado.
- MAURICIO (i. e. Mauricio de Sousa) / HOEPNER, Lilli-Hannah (trad.). *Pelezinho*. München: Rieder, 2013 (Rieder Comic). Título original: *Pelezinho*. 1977-1986.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Angelika*. Hamburg: Dressler, 1985. Título original: *Angelica*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Die Freunde*. Hamburg: Dressler, 1985. Título original: *Os colegas*. Rio de Janeiro: Sabiá, Instituto Nacional do Livro, 1972.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Das geblünte Sofa*. Hamburg: Dressler, 1984. Título original: *O sofá estampado*. Rio de Janeiro: Olympio, 1982.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Die gelbe Tasche*. Hamburg: Dressler, 1983. Título original: *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Das Haus der Tante*. Hamburg: Dressler, 1984. Título original: *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Maria auf dem Seil*. Hamburg: Dressler, 1983. Título original: *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- NUNES, Lygia Bojunga / MICHL, Reinhard (ilustr.) / SCHREINER, Karin (trad.). *Mein Freund, der Maler*. Hamburg: Dressler, 1986. Título original: *O meu amigo pintor*. Rio de Janeiro: Olympio, 1987 (?).
- NUNES, Lygia Bojunga / SCHREINER, Karin (trad.). *Tschau: 4 Erzählungen*. Hamburg: Dressler, 1986. Título original: *Tchau*. São Paulo [et al.]: Agir, 1985.
- NUNES, Lygia Bojunga / SCHREINER, Karin (trad.). *Wir drei*. Hamburg: Dressler, 1988. Título original: *Nós três*. São Paulo [et al.]: Agir, 1987.
- PIMENTEL, Marcelo. *Eine Geschichte ohne Ende: Ein Bilderbuch aus Brasilien*. Basel: Baobab Books, 2015. Título original: *O fim da fila*. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.
- POLIZZI, Valéria Piassa / STEIN, Claudia (trad.). *Ich lebe weiter: Valéria, HIV-positiv: Eine wahre Geschichte*. Frankfurt am Main: Fischer, 2000 (Fischer Taschenbuch, 80315 / Fischer Schatzinsel: Generation). Título original: *Depois daquela viagem: Diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS*. São Paulo: Ática, 1998.
- RAMOS, Graciliano / MELLO, Roger (ilustr.) / KOEBEL, Inés (trad.). *Raimundo im Land Tatipirín*. Zürich: Nagel und Kimche, 1996 (Baobab). Título original: *A terra dos meninos pelados: Contos infanto-juvenis*. São Paulo: Globo, 1939.
- RANGEL, Paulo / MÜLLER-NORDHOFF, Sabine (trad.). *Der grüne Tod: Roman: Abenteuer eines Journalisten im brasilianischen Regenwald*. Wuppertal: Hammer, 1994. Título original: *Assassinato na floresta*; São Paulo: FTD, 1991.

- RIBEIRO, João Ubaldo / MERTIN, Ray-Güde (trad.). *Leben und Leidenschaft von Pandonar dem Grausamen: Eine Liebesgeschichte*. München: Hanser, 1994. Título original: *Vida e paixão de Pandonar, o Cruel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SILVA, Flávia Lins e / PENNA, Joana (ilustr.) / STEIN, Claudia (trad.). *Pina reist zum Amazonas*. Frankfurt am Main: Fischer KJB, 2013. Título original: *Diário de Pilar na Amazônia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- VASCONCELOS, José Mauro de / MÜLLER-NORDHOFF, Sabine (trad.). *Die lange Nacht des Häuptlings Kuryala*. Ravensburg: Maier, 1992. Título original: *Kuryala: Capitão e carajá*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- VASCONCELOS, José Mauro de / JOLOWICZ, Marianne (trad.). *Wenn ich einmal groß bin: Roman*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1972. Primeira ed. em alemão: Hamburg: Schröder; Wien: Zsolnay, 1970. Nova edição: *Mein kleiner Orangenbaum: Roman*. Stuttgart: Urachhaus, 2009. Título original: *O meu pé de laranja lima*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- VASCONCELOS, José Mauro / AUGUSTIN, Wiebke; KÖSER, Carla Martins de Barros (trad.). *Lass die Sonne scheinen: Roman*. Stuttgart: Urachhaus, 2020. Título original: *Vamos aquecer o sol*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1974.
- ZIRALDO (i. e. Ziraldo Alves Pinto) / JACOBY, Edmund (trad.). *Flicts: Eine Farbe sucht Freunde*. Berlin: Jacoby & Stuart, 2013. Título original: *Flicts*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

CAPÍTULO 1 – Metáforas lobatinas para o tradutor

John Milton

Quando Monteiro Lobato voltou dos EUA, em 1931, continuou a se dedicar à literatura, mas sua atenção principal se voltou para a prospecção de petróleo e a campanha de convencimento do Governo Vargas de que o petróleo e o ferro deveriam ser explorados. Nesses projetos, Lobato investiu o restante de seus recursos financeiros, ou seja, o que sobrou após as perdas na bolsa em 1929. Pouco após a decretação do Estado Novo, no final de 1937, seus sonhos – e recursos – chegaram ao fim e, para sobreviver, passou a se dedicar quase que exclusivamente à tradução, vivendo deste ofício até 1945, quando publica *História da Civilização*, de Will Durant, sua última tradução.

Diferentemente de muitos de seus contemporâneos – Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Heitor Villa-Lobos, Emiliano di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Cândido Portinari, que aceitaram cargos públicos e tinham acesso a projetos governamentais, às editoras particulares “e às principais sinecuras do campo intelectual”, com as autoridades públicas responsáveis pela “validação e reconhecimento da produção intelectual” (MICELI, 1979, p. 160), Lobato nunca aceitou a sinecura de um emprego público, que lhe permitiria viver sem preocupações financeiras. Quando ele retornou dos Estados Unidos, Vargas chegou a lhe oferecer uma posição no Governo, mas Lobato a recusou. Em 1934, provavelmente imaginando que seria melhor tê-lo como aliado do que como inimigo, Vargas o convidou para administrar o que seria um ministério ou departamento de propaganda (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 484), renovando o convite em julho de 1940 (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 468). Lobato declinou as duas ofertas, preferindo se dedicar à então desprestigiada profissão de tradutor, pouco adequada a um *homme de lettres*. De acordo com Galeão Coutinho, ele teria sido o primeiro escritor brasileiro a superar tal preconceito: “Foi Monteiro Lobato o primeiro escritor brasileiro que não se sentiu envergonhado de ser homem de negócios, de tratar dos interesses materiais cotidianos, esquecer mesmo a sua condição de escritor, rompendo com a tradição que situava o homem de letras entre os candidatos a uma sinecura do Estado” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 529). Cassiano Nunes chega a classificá-lo como um escritor não “literato”, ou seja, um pensador e praticante do ensaio que conciliou o “homem do pensamento” com o “homem da ação” (cf. NUNES, 1979, p. 10). De fato, Lobato teria se dedicado a diversas aventuras comerciais: foi proprietário de uma casa lotérica em São Paulo, um restaurante em Nova Iorque e de jazidas de minério no Paraná, dedicou-se à construção de um torrador de café e a um estudo para a fabricação de pneus e câmaras de ar, bem como para a produção de banana em pó e exploração de mel em larga escala, além, é claro, do investimento em editoras e empresas de prospecção de petróleo (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 528).

“Ando com idéia de traduzir O príncipe de Maquiavel. Nossos tempos são corruptos, sem estilo e sem filosofia. Com o Maquiavel bem difundido, teríamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores” (LOBATO, 1944, p. 30) – esta é a primeira referência de Lobato à tradução de que temos notícias e se encontra em uma carta enviada a Godofredo Rangel datada de 20 de janeiro de

1904. Suas primeiras traduções datam de 1905, quando ainda era promotor público em Areias e traduzia artigos da revista norte-americana *The Weekly Times*, os quais eram republicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Ele ditava a tradução e Purezinha, a esposa, redigia. Conforme ele mesmo declara, mais uma vez em carta a Rangel, datada de 10 de dezembro de 1908, neste mesmo mês havia recebido 80\$000 pelas traduções que fizera (LOBATO, 1944, p. 147-148). Traduzir era um modo rentoso de aliviar a monotonia da vida do interior. Isso se estendeu até 1909, numa época em que Lobato ainda fazia parte da oligarquia paulista e pôde, inclusive, adquirir a *Revista do Brasil*. Porém, as dificuldades financeiras o levariam a transformar a tradução em ganha-pão depois da falência da Monteiro Lobato & Companhia (1925), do *crash* de Wall Street (1929) e do fracasso na prospecção de petróleo e nos negócios na área de mineração (anos 1930).

Se, por um lado, Lobato não seguia as convenções do *habitus* bourdieusiano do intelectual brasileiro das décadas de 1920 e 1930, que dependia de emprego público e que, aparentemente, não se preocupava em ser um *cadre* num sistema ditatorial, por outro, também não lhe aborrecia se dedicar a um “trabalho braçal” (cf. SIMEONI, 1998), como a tradução – o que fica patente na “Introdução” ao seu ensaio, “Traduções” (LOBATO, 1964e, p. 125-130): “Foi M. L. quem rompeu com o preconceito de que ‘não ficava bem’ a um escritor traduzir. Traduziu muito, deu o exemplo — e depois dele os escritores tomaram a si uma tarefa até então confiada a anônimos”. Neste seu único ensaio especificamente sobre o tema, Lobato apresenta as vantagens da relação entre a cultura e a tradução. De acordo com ele, esta seria a melhor maneira de se estender a cultura do brasileiro, restrito aos escritores brasileiros e portugueses caso não dispusesse de traduções: “Herculano, Camilo, Castilho, e a rédua dos freis quinhentistas absolutamente vazios de ideias [...] Eça, Ramalho, Antonio Nobre, Fialho, Machado, Nabuco, Euclides da Cunha, José de Alencar”, ou seja, sem a tradução, o brasileiro viveria em “uma verdadeira prisão mental”, tornando-se um “povo fechado, pobre, indigente, visto como só pode contar com a produção literária local” e fadado a viver em um horizonte restrito. Por isso o brasileiro receberia tão bem a tradução: “Recebe essas obras como outras tantas janelas abertas numa prisão escura” (LOBATO, 1964e, p. 128-129) e ao tradutor caberia o reconhecimento por trazer os grandes autores ao leitor monolíngue. Para destacar o descaso do leitor para com o tradutor, ele compara o tradutor a uma formiga extremamente humilde:

O homem de uma só língua, que entra na biblioteca e pode ler o Banquete de Platão, Os Pensamentos de Confúcio, os Anais de Tácito, a Viagem Sentimental de Sterne, o Fígaro de Beaumarchais, a Guerra e Paz de Tolstói, o D. Quixote, o Coração de Amicis, o Fausto e tanta coisa, admira os autores mas não tem uma palavra para a formiga humílima – o tradutor – graças à qual aquelas obras lhe caíam ao alcance (LOBATO, 1972a, p. 96).

Lobato relacionava o crescimento material e econômico do Brasil ao desenvolvimento cultural e espiritual, por isso considerava importante a publicação de boas traduções de obras clássicas de culturas diversas da francesa, à qual o Brasil já tinha acesso por meio de diversas traduções. Também preconizava que o status do tradutor fosse elevado, tal como o fora entre os românticos alemães. Para Lobato, o tradutor seria o grande elo entre culturas, daí sua definição de tradução como “a tarefa mais delicada e difícil que existe” e dos tradutores como “os maiores beneméritos que existem, quando bons; o os maiores infames, quando maus”,

acrescentando que “Os bons servem à cultura humana, permitindo que a obra de Kipling a Poe seja conhecida em outros países, acrescentando a riqueza do estrangeiro à riqueza da cultura importada” (LOBATO, 1964e, p. 127-128). Lobato cita também a situação do tradutor na França como ideal, pois lá “a função do tradutor está equiparada à do escritor”, completando como os exemplos de Charles Baudelaire, tradutor da obra de Edgar Allan Poe, e Louis Fabulet, tradutor da obra de Rudyard Kipling (LOBATO, 1964e, p. 128).

Em junho de 1934, Lobato lista com orgulho suas traduções: “Tenho empregado as manhãs a traduzir, e num galope. Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Anderson, Perrault, Contos de Conan Doyle, O Homem Invisível de Wells e Pollyanna Moça, O Livro da Jungle. E ainda fiz Emilia no País da Gramática. Tudo isso sem faltar ao meu trabalho diário na Cia. Petróleos do Brasil” (LOBATO, 1944, p. 493). Anos mais tarde, em 1940, explica a razão de sua elevada produção como tradutor: “A tradução é a minha pinga. Traduzo como o bebado bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo” (LOBATO, 1944, p. 498). Também comenta com certo desprezo a situação em que os “intelectuais” de sua época, os modernistas, encontravam-se, marcada por pouco ou nenhum sucesso comercial e dependência das sinecuras governamentais. Lobato, de fato, sentia-se invejado por eles, conforme se pode deprender de sua carta a Jaime Adour da Câmara datada de 10 de maio de 1946, ao se referir à “inveja em consequência da minha vitória comercial nas letras”. Após se vangloriar pela tiragem de dois milhões de livros, com 66 edições no Brasil e 33 na Argentina; pelos rendimentos advindos da comercialização de seus livros; pelos 54 milhões de imposto de renda pagos no ano anterior, Lobato declara: “Eles são uns gênios – mas não vendem; têm que viver como carrapatos do Estado, presos a empreguinhos. O Lobato é uma bêsta, mas está vendendo bestialmente, cada vez mais. Daí o atual ‘pau no Lobato’” (LOBATO, 1964d, p. 178).

Ele se refere à tradução como uma espécie de cachaça que o ajudava a esquecer os males da vida, tais como a doença de seu filho Edgard, que morreria de tuberculose em 13 de fevereiro de 1943, aos 32 anos, e a morte de Guilherme, em 10 de janeiro de 1939, também de tuberculose, aos 25 anos. Enquanto Edgard agonizava em Tremembé, Lobato passava os dias, especialmente domingos, traduzindo: “Domingo último [...] bati um recorde. Não saí de casa e ninguém veio me amolar; resultado: fiz 67 páginas de minha tradução. Parei porque o dedo ficou dormente. Ontem entreguei o livro. Trezentas páginas em cinco dias! Foi o recorde dos recordes. Mas sozinho como estou, o trabalho não tem remédio senão render!” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 535).

Em 1944, prestes a deixar a tradução, Lobato contesta os boatos de que não poderia ter sido o único responsável pela enorme quantidade de traduções que levava seu nome: “Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre no petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio e ao álcool ou a qualquer estupefaciente, recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente, que me acusaram lá fora [fora da prisão] de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado — e por isso abandono o remédio” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 540). De fato, sobretudo enquanto esteve preso, traduzir foi sua salvação. Por meio dela, sentia-se livre: “Kipling era a Vida, a Natureza, o Ar Livre, a Fera, a Índia inteira, tudo com maiúscula”, declara em carta a Rangel datada de 6 de junho de 1934 (LOBATO, 1944, p. 492-493). Sua destreza à máquina

também o ajudava a bater recordes: “Na minha mecânica de 100 quilômetros por hora, em oito dias dou conta do volume”, teria declarado à sobrinha Gulnara Morais Lobato (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 729). “Quando um livro me agrada, traduzo-o rapidamente. Traduzi o livro de Willkie numa semana” (LOBATO, 1950f, p. 175 – trata-se da obra de Wendell Willkie, *Um mundo só*).

De acordo com Edgar Cavalheiro, tanta produção se devia às necessidades financeiras de Lobato e era lamentável que sua genialidade fosse “desperdiçada” em obras não originais suas: “colocar esse escritor na condição de trabalhador-forçado da tradução, com tarefas diárias pesadíssimas, é matar-lhe, aos poucos, todo o ímpeto criador, é mutilá-lo lenta e inexoravelmente para as obras originais” (1955, p. 538). Em favor de sua honestidade, Cavalheiro afirma: “Neguem-lhe qualidade, fidelidade, ou o que quer que seja. Mas negar-lhe honestidade, ou julgá-lo capaz de apor o nome numa tradução alheia, é injustiça só possível pelo conhecimento superficial do seu caráter” (1955, p. 538). A velocidade de sua produtividade, porém, não deixaria de causar problemas. Cavalheiro menciona vários erros apontados por Versiani Velloso em sua tradução de *História da Filosofia*, de Will Durant; erros que um tradutor mais cuidadoso teria evitado, avalia Cavalheiro (1955, p. 536). O próprio Lobato também reconhecia seus erros. Por exemplo, em carta a Godofredo Rangel datada de 17 de setembro de 1941, cita sua tradução de “The Village Blacksmith”, em *História da Literatura Mundial*, de John Macy, como “A Aldeia de Blacksmith” (LOBATO, 1944, p. 499). Outras falhas, desta vez na tradução de *The Jungle Book*, de Rudyard Kipling, são apontadas por Elizamari Rodrigues Becker. Por exemplo, Lobato não se dá conta do fato de que as crianças nobres não devem esquecer os que passam fome no mundo ao traduzir “... and good luck and strong white teeth go with the noble children, that they may never forget the hungry in this world” como “E também boa sorte e rijos dentes para esta nobre ninhada, a fim de que jamais padeçam fome no mundo”, quando a tradução correta, sugerida por Karam (apud BECKER, 2006, p. 129), seria “e que seus nobres filhotes tenham também boa sorte e dentes brancos e fortes, e nunca esqueçam que há gente passando fome no mundo”.

Além dos erros, de acordo com Cavalheiro, certas “liberdades” são apontadas por Paulo Rónai, que comenta que faltaria a Lobato a humildade indispensável ao ofício de tradutor e tenta justificar suas escolhas, afirmando que o escritor criativo enfrentaria dificuldade ao traduzir obras de segunda categoria (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 537-538).

No ensaio “Eu tomo o sol...”, de 1938, Lobato usa a abelha como metáfora para o tradutor ao elogiar Benjamin de Garay:

A América Latina acaba de receber um alto presente elaborado por uma dessas tenazes abelhas da internacionalização, Benjamin de Garay, com o seu transplante para o castelhano de Os Sertões de Euclides da Cunha. Graças a Garay, o formidável tríptico brasileiro – a Terra, o Homem e a Luta – tornou-se acessível ao mundo de língua espanhola. [...] E como não concluir que é imensa a paga dum tradutor quando transplanta para a sua língua uma obra assim? (LOBATO, 1972a, p. 237-238).

Ao comentar que ainda faltava traduzir *Os Sertões* para o inglês, francês, alemão e as línguas eslavas, Lobato esclarece quem são as “tenazes abelhas”: “homens de ilimitada renúncia – os tradutores das obras consideradas intraduzíveis”. Para demonstrar sua raridade, compara tais homens a “santos nas prisões. Homens que esquecem o mundo, a caça ao dinheiro, o ‘negócio’ e, sem esperar recompensa

nenhuma, nem neste nem no outro mundo, consagram um pedaço da sua vida, e todos os seus miolos, ao duro trabalho do transplante linguístico de uma obra” (LOBATO, 2006, p. 251-252). Prosseguindo com as metáforas, Lobato chama Garay de “esse Dom Quixote da brasilidade para uso externo” (LOBATO, 2006, p. 252). Também compara o tradutor a um “tartáreo”, cuja tarefa seria dez vezes maior do que a tarefa do autor, uma vez que: “Traduzir é a maior das tragédias mentais, porque é anular-se um homem da maneira mais absoluta, subordinar sua mentalidade à dum estranho, penetrar um homem como um gás penetra poros, compreendê-lo nas mais microscópicas minúcias, decifrá-lo no que é indecifrável” (LOBATO, 2006, p. 252). Mártir é outra de suas metáforas para o tradutor, ao afirmar que o público nunca vai reconhecer o enorme esforço do “mártir que estupidamente se sacrifica para que ele possa ler em língua sua uma obra-prima gestada em idioma estranho” (LOBATO, 2006, p. 252).

Além das imagens acima apresentadas, Lobato também retrata o tradutor como um escafandrista, o mergulhador com tanques de oxigênio, que vai até o fundo da obra para encontrar o barro que, como escultura, irá moldar:

Há muitas maneiras de ler. Talvez a mais profunda seja a de quem verte um livro para outra língua. O tradutor é um escafandrista. Mergulha na obra como num mar; impregna-se dum pensamento concretizado de um certo modo – o estilo do autor – e lentamente o vai moldando no barro de outro idioma, para que a obra não admita fronteiras. Sem esses abnegados trabalhadores, a literatura ficaria adstrita a pátrias, condenada a limites muito mais estreitos do que os permitidos pela sua potencialidade (LOBATO, 1972a, p. 95).

Vanete Santana comenta a outra delas, a imagem do tradutor escultor, comparando-a à do escafandrista. Em sua visão, este seria alguém que mergulharia para descobrir a “essência” que Lobato reconhece no texto de partida, enquanto aquele seria o que a molda com uma nova matéria-prima, mantendo-a viva na língua para a qual traduz:

Para melhor ilustrar sua concepção sobre o tradutor e enaltecer sua atuação, Lobato usa também a metáfora do escultor. Para ele, o tradutor seria um escultor que molda o pensamento que foi concretizado de um certo modo – o texto de um escultor (escritor) que já moldara idéias, segundo seu estilo, em um determinado idioma – no barro (matéria-prima) de outro idioma. O idioma no qual o texto é traduzido seria, pois, a matéria-prima com a qual se moldam as idéias. O trabalho de escultor, posterior ao do escafandrista, seria o que garantiria sobrevida ao texto: a tradução mantém o texto vivo porque revoga as fronteiras impostas pela diferença entre os idiomas. Porém, quando se trata da posição social do tradutor, ao menos no Brasil, ele passa de escafandrista e escultor a formiga humílima e abelha, nas palavras de Lobato, cujo único pagamento à altura de seu trabalho seria a satisfação pessoal (SANTANA, 2007, p. 88).

Quanto à tarefa da tradução, em “Amigos do Brasil” – artigo escrito em 1926 –, Lobato a considera uma espécie de *soft power* ou a melhor forma de diplomacia, ao afirmar que nossa condenação da França por esta ter bombardeado Damasco e destruído Abd El-Krim, bem como nossa indignação, diminuiria ao considerarmos que a cultura francesa é a mesma cultura dos “senhores Perrault, La Fontaine, Hugo, Maupassant, Taine, Anatole e quantos mais nos trouxeram para aqui esta sensação da irmandade do homem” (LOBATO, 2006a, p. 170). Outro exemplo citado por Lobato em seu habitual estilo sarcástico se refere aos atos de violência praticados pela Alemanha durante a primeira guerra mundial, ao comparar a

tradução a “preciosos coxins de veludo, amortecedores de choques” (LOBATO, 2006a, p. 170) que demonstrariam a ligação entre todos os povos do mundo, gerando “a compreensão e a tolerância”. Estes “amortecedores” atestariam, por meio da “exibição de documentos humanos, que somos iguais, todos filhos do mesmo macaco que rachou a cabeça ao cair do pau” (LOBATO, 2006a, p. 170).

Às editoras caberia, por sua vez, a grande responsabilidade de editar traduções feitas com cuidado, a fim de não entregar “obras primas da humanidade ao massacre dos infames ‘tradittori’” (LOBATO, 1964e, p. 129-130). Além disso, acrescenta, seria necessário aumentar o leque de obras traduzidas para a língua portuguesa, uma vez que o leitor brasileiro, diferentemente do leitor inglês, espanhol, francês ou alemão, tinha acesso a poucos autores importantes. Lobato cita que ainda estava por ser traduzida “toda a antiguidade greco-romana – Homero, Sófocles, Heródoto, Plutarco, Esquilo”, bem como a obra de Shakespeare, Goethe, Schiller, Molière, Rabelais e Ibsen (LOBATO, 1964e, p. 128) e “Viagens de Gulliver, e as Mil e Uma Noites, e Peter Pan” (LOBATO, 1944, p. 447), que ele mesmo viria a traduzir.

Lobato credita à ênfase em traduzir escritores franceses, tais como Escrich, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas, e os espanhóis Heitor Malot e Zamañacois, a ausência de traduções da literatura inglesa, americana, alemã, escandinava e russa no Brasil e aconselhava a busca por novos modelos na literatura expressa em outras línguas além das neolatinas: “não há comparação – Kipling, Jack London, Tolstói, Chekov contra os ‘Almeidas, Sousas e Silvas’. Lobo do Mar de Jack London contra Mulatinha do caroço do Pescoço do senhor Coisada Pereira.” (LOBATO, 1964e, p. 126-127). Sempre crítico à literatura francesa, Lobato afirma que

A literatura francesa infeccionou-nos de tal maneira que é um trabalho de Hércules remover as suas sedimentações. É gafeira lamelar. Temos que ir tirando aquilo casca por casca. Da casca haurida em Zola já nos alimpamos; a flaubertina e a gongoriana ainda subsistem em você. Temos depois as casquinhas hauridas aqui – a casca eciana, a fialhana, a euclidiana e até a camiliana. Abusamos de Camilo como certos sífilíticos abusam do mercúrio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva. Será possível, Rangel? Certas cascas nos ficam como pele e dói o arrancá-las (LOBATO, 1944, p. 294).

O mercado reage bem às ideias de Lobato de insuflar “sangue novo” no mercado de traduções. O *best-seller* norte-americano *Rosary* (*Rosário*), de Florence Barclay, vendeu 50 mil exemplares no Brasil enquanto a tradução de livros de Wren, Wallace, Burroughs, Stevenson, Kipling e Jack London estavam sendo lançadas e de Bernard Shaw e Conrad eram cogitadas (cf. LOBATO, 1964e, p. 126). Ao mesmo tempo, escritores brasileiros reclamavam da falta de oportunidade e o mercado começava a se sentir saturado de traduções de autores de segunda categoria. Neste novo contexto, Lobato percebe a necessidade de se sacrificar a qualidade em favor da quantidade e de se contratar escritores como tradutores – alargando o campo de atuação que ele mesmo abria.

CAPÍTULO 2 – Monteiro Lobato e Silveira Bueno, os tradutores de Henry Ford

Taís Diniz Martins

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente essa rede cultural complexa e desconcertante na qual, a cada época, ou em espaços diferentes, ela se encontra presa, e fazer do saber histórico assim obtido uma abertura do nosso presente.

Antoine Berman

As discussões sobre a obra e as atividades de Monteiro Lobato têm, cada vez mais, ultrapassado o âmbito das análises literárias e acadêmicas, ocupando e abrindo espaços importantes de diálogos na esfera sociocultural. Este fato reforça a relevância do seu legado, cujo teor segue tendo importância para a cultura brasileira de uma forma ampla. Os aspectos presentes na obra de Lobato, apesar da atemporalidade que possuem, preservam o caráter representativo da época de sua produção, fato que nos permite retratar um recorte da nossa história e aproximá-lo das discussões sociais contemporâneas.

E, se por um lado há consenso sobre a qualidade, a originalidade e o pioneirismo do patrimônio lobatino, por outro o autor, o editor e tradutor taubateano tornou-se alvo de discussões, acusações e julgamentos baseados em informações difusas e pouco aprofundadas sobre sua produção literária autoral adulta e infantil. No entanto, talvez uma das polêmicas mais antigas que encontramos em relação às atividades de Lobato seja acerca de sua produção tradutória.

Monteiro Lobato, apesar de ter protagonizado papel fundamental no desenvolvimento e consolidação das atividades tradutórias no Brasil – seja atuando como editor de obras traduzidas, seja traduzindo – ainda hoje tem questionada a autoria de algumas de suas traduções. Os argumentos que suscitam tais dúvidas seguem os mesmos no decorrer de décadas: a rapidez com que as executava, a quantidade de obras traduzidas e o número de “erros” encontrados nos textos. Agenor Soares de Moura, crítico literário contemporâneo a Lobato, mantinha uma coluna dominical no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, sobre os erros nas traduções. Em uma de suas crônicas compiladas no livro *A margem das traduções*, afirma:

Não se nos estranhe o fato de trazermos frequentemente à balha o nome de Monteiro Lobato. Se o seu nome ilustre aparece aqui muitas vezes, **é por ser dos mais ativos tradutores** (MOURA: 2003, p. 32, grifo nosso).

Além de Monteiro Lobato, nomes como Érico Veríssimo, Edgard Cavalheiro, Francisca Cordeiro, Azevedo Amaral, Lúcio Cardoso e Godofredo Rangel, todos tradutores e escritores ativos da época, também figuram nas críticas de Moura. Apesar dos erros apontados serem coerentes, percebemos que o autor utiliza frequentemente os termos “fiel” e “infiel” como parâmetro para suas análises, o que fomenta discussões que não abordaremos no presente capítulo. No entanto, é pertinente deixar o registro da opinião de Moura sobre uma das traduções de Lobato. O crítico diz ter a impressão de que na tradução de *O homem invisível*, de H. G. Wells, Lobato lia um capítulo, apanhava o conteúdo e imediatamente

exprimiam com maior ou menor exatidão o assunto, descuidando-se da organicidade, do conjunto da obra³.

Para pensarmos as questões de velocidade e alta produção podemos, inicialmente, considerar as observações de Arthur Neves publicadas em edição especial de *Fundamentos*, na ocasião do falecimento de Lobato. Neves, que descreve a trajetória de vida de Lobato, relata que durante os anos da ditadura, o autor passaria a dividir seu tempo entre a literatura infantil e a tradução de obras estrangeiras, salientando que esta se tornara sua única fonte de renda:

O escritor, que até então pouca importância costumava dar ao rendimento financeiro de seu trabalho intelectual, entusiasma-se ao verificar que pode viver exclusivamente dele. Trabalha intensamente, e quando anos mais tarde, diante de sua espantosa produção, alguns corvejadores de escândalo lançam dúvidas sobre a autenticidade da autoria de suas traduções, ele responde risonho: «Posso ensinar o meu método a esses moços. A questão toda é ir para a máquina de escrever logo que chega o leiteiro e não parar até a hora do almoço. Eles que experimentem...» Lobato orgulhava-se da sua enorme capacidade de trabalho e todas as manhãs costumava marcar antecipadamente a tarefa que desejava cumprir: «Hoje hei-de traduzir trinta páginas do «Kim», só para castigar o corpo...» e não parava antes de terminar o trabalho. Mesmo na época em que andou muito doente, com a capacidade respiratória diminuída e presa de terríveis acessos de tosse provados por um cisto pulmonar, o velho escritor nunca deixou de «castigar o corpo» para cumprir a sua tarefa diária (NEVES, 1948, p. 280).

José Antonio Sabio Pinilla, no artigo “A metodologia em História da Tradução: Estado da questão”, discute a importância dos estudos da história da tradução, propondo uma reflexão abrangente e apontando uma proposta sobre os passos a seguir em toda pesquisa histórica, já que estes estudos, segundo o autor, estão presentes em diversas áreas do conhecimento. No que se aplica aos estudos tradutórios, indo ao encontro dos objetivos do estudo que apresentaremos, Pinilla faz a seguinte observação:

A história serve também para reabilitar a memória dos tradutores e das tradutoras. Uma das funções da história é resgatar do esquecimento as vozes dos autênticos protagonistas, sujeitos históricos da tradução, muitas vezes anônimos. Os futuros tradutores necessitam conhecer seus predecessores: a história estabelece esse diálogo e ajuda os tradutores de hoje a situarem-se em uma tradição de 2000 anos. Porém, é válido prevenir-se contra alguns perigos nessa relação constante entre o passado e o presente, como, por exemplo, que o pesquisador foque exclusivamente nos grandes tradutores ou avalie os conceitos históricos com os mesmos valores da ciência contemporânea (PINILLA, 2017, p. 231-232).

Consideramos que, em decorrência dos motivos citados, é necessária a análise constante e criteriosa da produção tradutória de Monteiro Lobato, visando trazer esclarecimentos para as questões que permeiam suas atividades. Tais análises contribuem não somente para os estudos lobatinos, mas também para a construção da arqueologia e da história da tradução no Brasil, campo em contínuo desenvolvimento.

Judith Woodsworth, em seu artigo “History of Translation”, pondera sobre os caminhos que os estudos da história da tradução podem tomar, delegando igual importância à história da prática e à história da teoria tradutória:

³ Para mais detalhes sobre os métodos tradutórios de Lobato, ver MILTON, 2019.

A história da tradução pode focar na prática ou na teoria ou em ambas. A história das práticas da tradução lida com questões como o que foi traduzido, por quem, em quais circunstâncias e em qual contexto social ou político. A história da teoria, ou do discurso na tradução, trata das seguintes questões: o que os tradutores tiveram para dizer sobre a arte/artesanato/ciência; como a tradução foi avaliada em diferentes períodos; que tipos de recomendações têm feito os tradutores ou como a tradução tem sido ensinada; e como esse discurso é relacionado com outros discursos do mesmo período. Ou tanto a teoria quanto a prática podem ser investigadas ao mesmo tempo: como pode ser determinada a veracidade ou a relevância do texto na tradução? Qual é a relação entre prática e reflexão na tradução? (WOODSWORTH apud PINILLA: 2017, p. 236).

Pretendemos, com este estudo, fornecer subsídios para novas leituras críticas acerca da obra tradutória de Monteiro Lobato, dirimindo imprecisões ainda existentes. Buscamos também possibilitar observações sobre a forma com que as relações entre tradutores, e entre tradutores e editores, se estabeleciam à época. Nesse sentido, ressaltamos mais uma vez a singularidade dos estudos lobatinos, considerando a condição de Lobato na historiografia da tradução brasileira, pois desempenha tanto o papel de editor quanto o de autor e tradutor, sendo em muitos momentos um “editor de si mesmo”. Tanto na Editora Monteiro Lobato quanto na Companhia Editora Nacional, as decisões sobre **quais** obras seriam traduzidas, **quando** e **quem** seriam os tradutores, passavam pelo seu crivo; além da revisão dos manuscritos de outros tradutores, conforme podemos observar neste trecho de uma carta a Godofredo Rangel:

Ando a fiscalizar as traduções para o Otales, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas faça-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isto? Já perdeu mais de vinte contos este ano [...] Eu às vezes até me revolto de dar à bola em **certos trechos de difícil tradução**, ao lembrar-me do que é a média do público. **Mas sou visceralmente honesto na minha literatura**. Duvide quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido. Nem você. (LOBATO, 1950, v. 2, p. 328, grifos nossos)

Giovana Cordeiro Campos e Maria Clara Castellões de Oliveira, em seu artigo “O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor”, corroboram essa ideia quando afirmam que:

Embora a credibilidade de Lobato como autor tenha sido altamente relevante para sua atividade tradutória, o fator mais significativo para que pudesse realizar seu modo de traduzir reside no fato de que, de uma forma ou de outra, ele sempre foi o seu próprio patrocinador, configurando, nos termos de André Lefevre (1992), um caso de patronagem não-diferenciada. Isso significa dizer que ele atuava de acordo com preceitos ideológicos pessoais, funcionando como seu próprio editor e valendo-se de seu status como escritor para referendar o exercício da tradução. (CAMPOS; OLIVEIRA, 2009, p. 77-79)

Campos e Oliveira ressaltam ainda que, à época de Lobato, era comum que o nome do tradutor não constasse nas capas das obras traduzidas, e que muitos escritores de renome não se dedicavam à tradução por considerá-la uma atividade menor ou, quando faziam, ocultavam-se sob pseudônimo. As autoras afirmam que, contrariando a prática de seu tempo, Lobato fez imprimir seu nome e dos tradutores da sua editora na folha de rosto e até mesmo na capa das obras traduzidas, conferindo visibilidade a essa atividade e a seus realizadores.

Uma pequena grande revolução

“Ele – Você que tem prática de livros conte-me como é que fêz para publicar o seu “Nós”.

“Eu – Prática de livros? Imagine! Publiquei um folheto...”

“Ele – É que eu tenho aqui uns contos e queria saber o que é preciso fazer para pôr isso nas livrarias.

“Eu – Eu não tive editor. Editei eu mesmo. Foi na Seção de Obras do “Estado”. Contratei. Mandei o Correia Dias fazer os desenhos, e o Heitor Schultz encarregou-se do resto.

“Ele – É quantos exemplares tirou?”

“Eu – Mil.

“Ele – Mil! Isso é loucura! Não penso fazer mais que trezentos...”

“Eu – Mas em matéria de edição de livros, pelo que tenho ouvido dizer, a unidade é mil...”

“Ele – Qual! Só trezentos para os amigos e cem para bichar nas prateleiras dos livreiros...” (CAVALHEIRO, 1955, p. 190).

O diálogo acima seria normal e corriqueiro se não fosse o caráter inusitado da identidade das personagens. Em 1917, Monteiro Lobato, segundo relata Edgard Cavalheiro em *Monteiro Lobato: Vida e obra*, teria tido este diálogo com Guilherme de Almeida, que narrou o pitoresco registro. “Ele”, Lobato, pede ao amigo poeta que lhe esclareça como funcionam os trâmites de publicação de livros. Logo “Ele”, que no ano seguinte seria o proprietário da *Revista do Brasil*, dando os primeiros passos para tornar-se o grande editor de livros de sua época. A promotória e a vida enfadonha nas cidades mortas estavam cada vez mais distantes de sua realidade; os cafezais e a vida na fazenda também. Lobato agora, com o capital da venda da fazenda Buquira, iniciaria uma vida de sucessivos empreendimentos. Em 1918, aos 36 anos, já contava com a experiência de publicar seus artigos e traduções de artigos estrangeiros nos principais jornais da época. Publicaria seu primeiro livro no mesmo ano, sob o pseudônimo de “Demonólogo amador”, o volume *O saci-pererê: Resultado de um inquérito*, um conjunto de 74 textos que Lobato coletara no ano anterior em um projeto que empreendera em uma pesquisa feita com os leitores do *Estadinho*, sobre esta figura do folclore brasileiro. Estreia simultaneamente, portanto, como escritor e editor, já que além de escrever, encomendou, selecionou e reescreveu textos alheios. Enfeixaria ainda, em *Urupês*, considerada a sua primeira publicação autoral, uma coletânea de artigos publicados n’*O Estado de S. Paulo*, sendo recebido pelo público com estrondoso sucesso. Lobato, que no ano anterior intencionara imprimir trezentos exemplares, considerando a tiragem de mil uma loucura, surpreender-se-ia ao ver esgotado o primeiro milheiro de *Urupês* em apenas um mês. Para fechar sua produção do ano de 1918, Lobato editaria *Problema vital*, uma coletânea de artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* sobre os problemas de saneamento no Brasil.

Cilza C. Bignotto, no quarto capítulo de seu livro *Figuras de autor, figuras de editor*, situa o marco inicial da carreira de Lobato como editor:

As atividades editoriais de Monteiro Lobato começaram a ser realizadas de modo profissional quando ele adquiriu a *Revista do Brasil*, em 1918. Embora ele tenha editado e publicado periódicos e um livro em anos anteriores, é possível afirmar que sua carreira de editor começou oficialmente na sala de redação da revista, localizada no prédio onde funcionava *O Estado de S. Paulo*, no centro da capital paulista (BIGNOTTO, 2018, p. 235).

Com o sucesso comercial e a saúde financeira da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato empreendeu novos desafios, sempre visando a expansão dos negócios. Em 1919, associou-se a Olegário Ribeiro para formar a “Olegário Ribeiro, Lobato e Cia.”, editora que seria dissolvida em poucos meses. Em 1920 nasceria a “Monteiro Lobato & Cia.”, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, que no decorrer de quatro anos se tornaria a “Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato”. Compreender o relativamente curto, porém intenso, ciclo de vida da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, e o consequente nascimento da Companhia Editora Nacional, é de vital importância para a análise do período em que as obras de Henry Ford foram traduzidas no Brasil, já que houve duas traduções publicadas de sua biografia no intervalo de um ano – ou em período inferior – conforme iremos averiguar.

O novo empreendimento de Lobato chegaria ao mercado editorial brasileiro com inovações no design das capas, tamanho e formato personalizados, introduzindo uma nova forma de fazer livros. Investimentos massivos em papel e equipamentos para o aparelhamento da gráfica também foram feitos. Outra aposta do editor foi a variedade de temas e títulos em seu catálogo: além de obras literárias e livros didáticos, continha também livros técnicos na área da contabilidade, medicina, veterinária, gastronomia, direito, ciências sociais, física, engenharia, psiquismo e ocultismo, entre outros. O número de autores editados por Lobato é grande⁴, e segundo Edgard Cavalheiro rapidamente o editor dominaria o mercado brasileiro. A estratégia de apostar no lançamento de novos autores também foi uma inovação do Lobato-editor. Fernando Jorge, na biografia de Paulo Setúbal, cita um comentário de Lobato: “Creio que a nossa firma soltou toda a produção literária do Brasil que estivera encaçada, ou se conservara inédita durante muito tempo” (JORGE, 2018). Desde a *Revista do Brasil* lançara novos escritores, como Léo Vaz, autor de *O professor Jeremias*. Segundo Regiane Magalhães Boainain, o mesmo Léo Vaz que à época trabalhava com Lobato na *Revista do Brasil*, deu o seguinte depoimento:

Certo dia, ao entrar na Revista, atirou para cima da minha mesa um maço de manuscritos e disse: – Quer ler um livro engraçadíssimo, leia isso que o Moacir me trouxe outro dia. Quanta coisa excelente não haverá por esse Brasil afora, de que os nossos editores não têm, nem procuram ter a mínima ideia. Vou editar isso imediatamente! (VAZ apud BOAINAIN, 2008, p. 13).

O maço em questão era um manuscrito de Hilário Tácito, o autor de *Madame Pommery*, o qual também seria lançado por Lobato assim como os também inéditos Paulo Setúbal, Francisca Cordeiro, Godofredo Rangel, Ricardo Gonçalves, José Antônio Nogueira, Valdomiro Silveira, Armando Caiubi, Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Cornélio Pires e Silveira Bueno, entre outros.

A dimensão do empreendimento e de seus resultados foi tamanha que Lobato foi comparado a Henry Ford. Sua admiração pelo empresário norte-americano era notória, tendo ele se tornado inclusive um agente propagador dos ideais fordistas. A imprensa brasileira estampava nos jornais tanto críticas positivas quanto negativas a respeito de Ford, e frequentemente o nome de Monteiro Lobato era associado a ambas. Euclides de Oliveira, em artigo para a *Folha da Manhã*, em julho de 1925, faz uma apreciação sobre o despreparo e a desonestidade

⁴ O levantamento feito por Edgard Cavalheiro encontra-se em CAVALHEIRO, 1955, v. 1, p. 248-250.

dos políticos da época, apontando o nome de Monteiro Lobato como uma opção a ser considerada no pleito seguinte:

Devemos, por isso, tirar do seio das massas um homem disposto a trabalhar, alheio à politicalha que tudo corrompe, que tudo conspurca. Lembremos um nome: – Monteiro Lobato, e classifiquemol-o o Henry Ford brasileiro. Não cabe em poucas linhas justificar a nossa attitude em lembrando o nome desprezioso de Monteiro Lobato. Lobato é industrial, inteligente, operoso; administrador competente que, montando uma indústria a princípio acanhada, conseguiu com o seu trabalho inteligente fazer della, no curto decurso de três para quatro anos uma das maiores no seu gênero em todo o Brasil. [...] Monteiro Lobato, sem côr politica, poderá muito bem governar a nossa cidade, porque constitue tambem, como bacharel, que é, uma excepção à regra (OLIVEIRA, 1925).

Ao mesmo tempo encontramos comentários ferrenhos em relação ao fordismo e à adesão de Lobato a estes ideais. O jornalista Josias Leão, em seu artigo “Basbaques do fordismo”, faz duras críticas ao escritor taubateano:

Ao Sr. Monteiro Lobato, romancista, publicista e pae de Jeca Tatu, cabe, inquestionavelmente, a regência do “jazz-band” atirado na praça publica para tocar em homenagem às virtudes do Fordismo. Aos olhos desprevenidos do autor de “Urupês”, as inovações de Henry Ford tem alguma coisa de estupendo, de grandioso. E é tal o fetichismo, a seducção que exerce sobre o espirito do Sr. Monteiro Lobato o trabalho e a obra do creso norte-americano, que impressiona mal aos admiradores da intelligencia do escritor brasileiro a sua attitude de basbaque – boca aberta diante do “sky-scrap” do Fordismo (LEÃO, 1926).

O modelo industrial de Henry Ford já estava instaurado no espírito de Lobato, que tinha nas ideias fordistas o exemplo máximo de eficiência e produtividade. Sua crença no método Ford era tão grande que ofertou a todos os seus funcionários um exemplar da biografia editada por ele⁵. Tamanho investimento em tecnologia traria êxito, mas também um alto custo para a empresa que contraíra muitas dívidas. O misto da euforia com os negócios em ascensão e o receio em ter assumido tantos compromissos financeiros está presente em uma das cartas de Lobato a Godofredo Rangel. Na missiva do dia 7 de maio de 1924, podemos perceber tanto o seu contentamento quanto o seu receio:

Estamos em pleno *fervet opus* de reinstalação no novo prédio da rua Brigadeiro Machado, no Braz. Cinco mil metros quadrados de área coberta, tudo cheio de máquinas; entre elas, novidades: os primeiros monotipos entrados em S. Paulo. O linotipo compõe linhas inteiras; o monotipo funde tipo por tipo. Maravilha. [...] E as vezes me dá um medo. E se o arranha-ceu desaba? Nós, que lá na rua Boa Vista não devíamos um vintém, agora devemos milhares de contos. Há lá um mundo de linotipos e prelos e o diabo que adquirimos a prazo. O predio é uma beleza – é um monstro. Adquirido tambem – e a pagar-se em prestações mensais de contos e contos (LOBATO, 1950, v. 2, p. 264).

Meses após o envio dessa carta, o “arranha-céu desabaria”. A Revolução de 24 irromperia no estado de São Paulo no dia 5 de julho de 1924, provocando mudanças drásticas. Carlo Romani, no artigo “A revolta de 1924 em São Paulo: Uma história mal contada”, relata:

⁵ Nota publicada como O EXEMPLO de Henry Ford. *Correio Paulistano*, São Paulo, 7 jun. 1925.

A Revolução paulista iniciada em 5 de julho de 1924, episódio que causou profundos estragos principalmente nos bairros operários da zona leste, nunca recebeu a devida importância. Foram dias de forte tensão, com a ocupação da cidade pelas tropas rebeldes até sua retirada em 28 de julho. A reação armada das tropas federais legalistas para retomar São Paulo provocou, segundo as agências internacionais, por volta de mil mortos, além de 4.000 feridos, quase todos civis. Tratou-se, talvez, do maior massacre urbano realizado durante os governos republicanos e praticado no maior centro industrial brasileiro (ROMANI, s. d., p. 1).

O impacto que a revolução teria na vida da população paulistana em geral seria imenso, mas para as atividades industriais e comerciais seria desastroso, principalmente associado a outros fatores inesperados que se desenrolariam. Lobato, que não estava na cidade de São Paulo quando o conflito armado teve início, fez um relato ao seu amigo e correspondente contando que as oficinas não haviam sofrido grandes estragos, apenas “duas granadas legalistas e umas duzentas balas de carabina” atingiram as instalações; prevendo de forma otimista que, após a normalização da situação, retomariam o trabalho. Porém, com o passar dos meses, a situação não melhoraria; à lenta recuperação da cidade pelos estragos causados pela revolução, juntaram-se uma crise de energia elétrica em decorrência de uma seca inesperada no estado, ocasionando a crise da água da Cantareira. A essa altura, Lobato já encarava a situação como uma calamidade:

Nada sei de como desfechará o nosso caso. A situação piora. A Light, que prometera reestabelecer a força esse mês, avisa hoje que fará nova redução na energia fornecida. Só podemos trabalhar agora 2 dias por semana! E como a horrenda seca que determinou essa calamidade continua, é voz geral que teremos completa supressão de força em novembro. O desastre que isto representa para S. Paulo é imenso; e como se juntou à crise de energia elétrica a crise de água da Cantareira e a crise bancária, o mal é enorme. Até o recurso de montarmos um motor Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos água para o resfriamento... Verdadeira calamidade, Rangel (LOBATO, 1950, p. 277).

Impossibilitada de operar por forças externas, a Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato passou por um processo de desestruturação completa. Impedido de trabalhar e com muitas dívidas na praça as alternativas eram poucas, e a solução encontrada, com muito pesar, foi o pedido de falência da empresa, decretada no dia 7 de agosto de 1925⁶. Segundo Milton (2019, p. 15), Lobato, sem condições de pagar suas dívidas, teve todos os seus bens leiloados, tendo vendido inclusive a *Revista do Brasil* para Assis Chateaubriand. Dessa forma ocorreu o desaparecimento da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato que, ao contrário de alguns comentários da época – que diziam que o motivo da falência era a imprudência e a imperícia de Lobato com os negócios – teve como motivo uma sucessão de fatos totalmente fora do controle, não apenas de Lobato, mas de toda a população.

A esperada recuperação financeira e retomada das atividades não viria das oficinas da então extinta Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, mas sim através da Companhia Editora Nacional, a nova empresa gestada por Lobato e seu sócio, Octalles Marcondes Ferreira, durante os trâmites do processo de falência de sua predecessora. Os bastidores da criação ocorreram discretamente. Ao mesmo tempo que corria o processo de extinção da empresa anterior, Lobato já vislumbrava um

⁶ Conforme a *Folha da Manhã* de 24 jul. 1925.

futuro promissor. Ele parece confidenciar isso a Godofredo Rangel, mesmo que veladamente, em sua correspondência datada de 10 de julho de 1925:

A crise da energia elétrica da Light vai dar-nos um tombo – mas ha de ser tombo passageiro. Breve estaremos novamente de pé. As feridas cicatrizarão e em um ou dois anos ninguém falará mais no caso. E a tempestade hoje; será o azul amanhã. Aviso-te porque és amigo; e antes o saibas por mim do que de boca alheia. [...] A vitória é matemática. Perdemos uma batalha, mas no fim ganharemos a guerra – como os ingleses (LOBATO, 1950, p. 278).

Nas cartas que se sucedem, na sequência compilada em *A barca de Gleyre*, encontramos Lobato falando abertamente sobre a criação da nova companhia, explicitando ao amigo os termos em que tudo seria feito. Lobato informa os detalhes de sua mudança para o Rio de Janeiro, anunciando na carta de 8 de novembro de 1925 que a nova companhia estava fundada, com todas as “rodas girando” e que o primeiro livro lançado seria o “seu” *Hans Staden*.

Lobato, o Ford brasileiro & Silveira Bueno, o sóbrio conservador

A Silveira Bueno, poeta um tanto fúnebre e crítico zangadinho, dedica Monteiro Lobato.

Folha de rosto de *Mr. Slang e o Brasil*

O interesse de Monteiro Lobato pelos ideais fordistas é anterior ao convite que receberia para atuar como adido comercial nos Estados Unidos da América, no final de 1927. Edgard Cavalheiro relata que Lobato “descobriu” Ford quando os negócios da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato cresciam exponencialmente e, com o crescimento, uma nova gama de problemas para resolver também se apresentaria. Salientamos esse fato devido a afirmações, correntes à época, de que Lobato só teria se interessado por Henry Ford para obter vantagens e favores na ocasião de sua partida para os EUA. Ao contrário disso, Lobato teria visto no método Ford uma solução objetiva e prática para a resolução das novas questões que surgiam, tendo propagado entre seus funcionários uma circular⁷ estabelecendo os objetivos da empresa, empregadores e empregados, além de ter ofertado um exemplar da tradução editada a cada um de seus funcionários, conforme mencionado. Cavalheiro registra também que, na ocasião da descoberta de Ford, Lobato “traduz e edita” (CAVALHEIRO, 1955, v. 1, p. 255) a biografia do empresário norte-americano: *Minha vida e minha obra* (*My life and work*, 1922).

O editor Monteiro Lobato foi aquele que primeiro publicou no Brasil a biografia de Henry Ford em língua portuguesa, lançada em 1925, obra traduzida por Francisco da Silveira Bueno. Chama a atenção que, no ano seguinte, uma nova edição da mesma obra é colocada no mercado, sob novo selo editorial – também de propriedade de Monteiro Lobato, mas nesta figura o nome de outro tradutor: Monteiro Lobato.

Até o momento, parece prematuro dar um veredito acerca das semelhanças ou discrepâncias entre duas traduções da mesma obra, lançadas em tão curto espaço de tempo, ambas por meio de editoras pertencentes a Monteiro Lobato. Ocorre que, após o segundo lançamento, Silveira Bueno parece iniciar uma batalha contra Lobato, difamando seu trabalho, emitindo críticas negativas aos seus livros e lançando uma campanha nacional contra os “desprezadores” e “depressores”

⁷ “Apelo aos nossos operários” em *Mundo da Lua e Miscelanea*, 1955, p. 285.

do Brasil, cujo chefe seria, na sua opinião, Monteiro Lobato⁸. É possivelmente o episódio mais polêmico nas traduções de Lobato, talvez tenha sido a única discutida publicamente através dos jornais, ainda que de forma velada por terceiros. Ao passo que avançarmos nas questões propostas, perceberemos que o motivo de tanta ferocidade por parte de Bueno talvez esteja associado justamente a essas traduções. As avaliações literárias de Silveira Bueno na imprensa, sobre escritos de Monteiro Lobato, a partir desse momento, parecem demonstrar algum rancor, eventualmente relativo à exclusão – justa ou não, deve-se averiguar – de seu nome como o (primeiro) tradutor de *Minha vida e minha obra*, entre outras questões que serão desenvolvidas oportunamente, em outro momento, em artigo atualmente em desenvolvimento.

Os registros jornalísticos da época são de suma importância para que possamos traçar a cronologia dos acontecimentos que se desenrolaram nesse período. Eles nos permitem situar com maior precisão a ordem em que os fatos ocorreram. Porém, é necessário que tais registros sejam analisados de forma crítica levando em consideração e principalmente questionando quem eram os autores e a serviço do **que** e de **quem** estavam. Artigos de jornais e revistas podiam e podem ser tendenciosos, expressando o ponto de vista de um sujeito ou de um grupo de pessoas. Esta análise se utiliza de tais recursos, com a intenção de trazer os fatos da forma como foram apresentados à época, buscando também demonstrar o contraste de opiniões acerca de Monteiro Lobato e suas atividades, e principalmente com o objetivo de sincronizar as datas que guiam o percurso das traduções em questão.

Francisco da Silveira Bueno nasceu em 20 de agosto de 1898, em Jarinu-SP. Desde tenra idade já demonstrava interesse por livros em geral e literatura. De acordo com informações disponibilizadas pela Coordenadoria de Produção e Análise da Informação, uma órgão público da prefeitura de São Paulo, Silveira Bueno teria iniciado seus estudos no Seminário Menor de Pirapora, passando, em seguida, para o Seminário Provincial de São Paulo, então Faculdade de Filosofia e Teologia, agregada à Universidade Gregoriana de Roma. Defendeu sua tese em 1917, continuando os estudos de Teologia e Direito Canônico e Exegese Bíblica; estudou Grego e Hebraico, estendendo sua formação com os estudos na Faculdade de Filosofia de São Bento, passando a dedicar-se também ao jornalismo como crítico e ensaísta. Possuindo uma formação acadêmica sólida, desde muito jovem lecionou português, latim e história em vários colégios da Capital e no ginásio do Estado, sendo o magistério a sua vocação primordial. Enveredou-se também pelos caminhos da literatura, publicando várias obras, como *Entardecer*. Sob o pseudônimo Frei Francisco da Simplicidade, publicaria também *Cartas esquecidas*, *O perfil de Dom Duarte Leopoldo e Silva*, *Cristo e as mulheres*, *Os que muito amaram* e *Lucrecia Borgia*, além de toda produção didática e acadêmica pela qual é amplamente reconhecido.

Na autobiografia intitulada *Na tormenta da vida, memórias de um batalhador*, Silveira Bueno relata como ocorreu seu primeiro contato com Lobato.

⁸ Afirma Silveira Bueno, na coluna “Livros Novos”, da *Folha da Manhã* do dia 31 jan. 1927: “É urgente uma campanha contra os difamadores do Brasil e dos brasileiros. O chefe dessa escola desprezadora, depressora, aviltante de tudo quanto é nosso é Monteiro Lobato. Persigam-o como inimigo comum”.

Podemos observar o tom sarcástico e irônico do autor em relação a seu desafeto no seguinte excerto:

Monteiro Lobato: Este filho de Taubaté, cidade que sempre detestou, era verdadeiro **frasco de veneno concentrado**. Pequenininho de estatura, mais peludo que nem um turco, **porejava ironia pungentíssima** embora envolta em sorrisos de menoscabo de todos e de tudo [...] Na rua 15 de Novembro, quase a sair da Praça Antônio Prado, havia o café “Guarani”, ponto predileto de Lobato e da sua pequena **corte**. Jornalistas e literatos, sob o pretexto de um cafezinho ou de uma “média” (pão, manteiga e café com leite), não deixavam de “esvoaçar” pelo ambiente, com o objetivo de se fazerem notados pelo “**Rei do Livro**”, pelo dono da “Gráfica Editora Monteiro Lobato”. Foi justamente nesse café “Guarani” que Amadeu Amaral, me apresentou o **monarca**. Ao saber que eu tinha saído do seminário, procurou escandalizar-me [...] (BUENO, 1996, p. 131, destaques em negrito feitos por nós).

No restante do episódio, Bueno relata a forma com que Lobato tentou constrangê-lo, com uma brincadeira jocosa não cabível à situação. É importante registrar que a autobiografia de Bueno foi escrita nos anos finais de sua vida, praticamente quatro décadas depois do falecimento de Lobato, e em nenhum momento desta narrativa foi possível encontrar relatos sobre uma possível relação cordial que possam ter nutrido. No entanto, pode-se mencionar um traço de possível sociabilidade entre eles, pois ambos são apontados como frequentadores da roda literária que ocorria na Drogaria Baruel, no centro de São Paulo (ARROYO, 1973; CAVALHEIRO, 1954; QUEIROZ, 1951, entre outros). Através de registros adicionais conseguimos inferir que, anteriormente à questão da tradução de Ford, eles mantiveram pelo menos laços profissionais. Por exemplo, na edição de setembro de 1924, Lobato, então editor da *Revista do Brasil*, publicara um artigo de Silveira Bueno intitulado “No Jardim das Lendas”; publicaria também, na edição de abril de 1925 da mesma revista, o artigo “Clássicos e cabotinos”, igualmente de Bueno. Ora, por mais constrangedor que tenha sido o primeiro contato entre os dois – segundo a versão de Bueno, este fato, à época, não parece lhe ter impedido de manter no mínimo uma relação diplomática com Lobato e ter, efetivamente, seus textos impressos por Monteiro Lobato, eventualmente auferindo vantagem financeira pela colaboração na *Revista*, como era a prática no jornalismo da época. A associação se manteve pelo menos em outras duas parcerias de trabalho. Em 31 de maio de 1925, *O Jornal*, do Rio de Janeiro, publicaria o anúncio da tradução da biografia de Henry Ford, onde destacava-se o dizer: “Única edição autorizada em português, exclusividade da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato” (O LIVRO, 1925). A nota não apresenta o nome do tradutor, mas pela data de publicação e sendo “única tradução”, somente poderia ser aquela feita por Silveira Bueno, era a que existia no Brasil até 1925. O anúncio figura acima da publicidade do livro de Paulo Setúbal, *A Marquesa de Santos*, “o maior triunfo literário do ano”, conforme o texto, lançado pela mesma editora de Lobato. Em setembro do mesmo ano, apareceria no periódico fluminense *Careta*, na coluna “Movimento de Livraria”, uma crítica ao livro de poemas de Silveira Bueno, editado pela Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato:

ENTARDECER – versos de Silveira Bueno. Editados por Monteiro Lobato & Cia., a conhecida empresa paulista, acabam de apparecer, em elegante plaquette, os primeiros poemas do sr. Silveira Bueno, novel poeta, cuja arte é modelada à feição parnasiana, em alexandrinos castigados e decasyllabos sonoros e fluentes. Conservador e sóbrio, o sr. Silveira Bueno não nos oferece em seu cantar quaesquer novidades revolucionárias, como pensamento ou

como expressão. E, si por isso mesmo, o livro algumas vezes parece monótono, não lhe pôde negar, por outro lado uma apreciável segurança de dizer e exprimir, e de onde em onde, algumas belezas de idéa e sentimento bastantes a comprovar que não se trata de uma estréa vulgar e corriqueira. Ecce homo! por exemplo, são versos de nobre elevação e excellenté factura (ENTARDECER, 1925).

Conforme podemos observar, Monteiro Lobato foi também o primeiro editor do jovem Silveira Bueno mas, aparentemente, a relação dos dois estremece quando Lobato lança a própria tradução da biografia de Henry Ford. A partir desse momento, as notas e críticas de Silveira Bueno mudam de tom e frequentemente chamam Lobato de plagiador ou imitador de obra alheia – destaque-se que Bueno sempre se refere a plágio ou imitação de obra alheia, não à sua. Não encontramos nenhuma publicação de Silveira Bueno em que ele tenha acusado textualmente Monteiro Lobato de plagiar a primeira tradução do livro de Ford, mas percebe-se o tom de indignação e de censura, além da insistente campanha de desmoralização. Ao tecer suas críticas na coluna “Livros Novos”, no dia 2 de novembro de 1926, sobre o livro recém-lançado de Yaynha Pereira Gomes, *Colcha de Retalhos*, Bueno diz:

leitora insaciável, não se contenta em lê-los para si; quer comunicar a outros a sua leitura, numa ansiedade aplaudível e inteligente [...] “Colcha de Retalhos”, encerra assim, vários perfis literários da nossa época, perfis em que trabalhou unicamente a intelligencia sympathica da autora [...] Desavenho-me, entretanto, a Monteiro Lobato: escriptor fallido, si deve alguma coisa, deve muito a Ruy Barbosa [...] Vale apenas pelos “Urupês e por algumas páginas de “Cidades Mortas”. Que valor literário se pode encontrar em “Onda verde”, “O macaco que se fez homem”, “Os narizinhos arrebitados” e tantos outros volumetes vulgares? Só um coração bondoso de mulher, é que por piedade poderá encontrar qualidade nessas páginas mortas. Que a piedade de D. Yainha faça bem a Lobato sem piedade dos outros (BUENO, 1926).

Sua crítica ao livro *O choque das raças ou O presidente negro*, de Lobato, seria ainda mais rude:

Pobre autor do “Urupês”! Como é lastimavel a decadência intellectual de uma pessoa que já se admirou! Lobato é coisa morta, liquidada mentalmente e como tal, não deve mais apparecer em publico. Deve ficar na sombra do unico livro bom que escreveu e viver do passado, dirigindo a Editora Nacional com mais acerto do que fez com a Graphica Editora, afim de não fallir novamente. Mas por amor aos seus amigos, não escrever mais, sobretudo romances de aventura. [...] Lobato é um plagiario muito mais feroz do que Menotti del Picchia. [...] Monteiro copia, imita os outros e fecha-se de unha e dente. Lobato plagiou Wells, quem quizer certificar-se que os compare. Já não é a primeira vez que elle avança em território alheio: as suas fábulas são todas imitadas de outros autores; nos “Urupês” a maioria dos contos não lhe pertence. Coelho Netto que leia bem “Os Pharoleiros” e o resto de longe, e outros escriptores, inclusive Sylvio Floreal, que façam o mesmo. [...] Aconselho a Lobato um longo silêncio, um profundo exame de consciência, afim de nunca mais escrever nada ou, si o fizer que faça coisa que valha ao menos o papel de jornal em que for impresso (BUENO, 1927).

Em tais críticas percebemos a animosidade de Bueno em relação a Monteiro Lobato. Ele o critica ferozmente, faz acusações de plágio citando nominalmente outros escritores mas não menciona o suposto real motivo da dureza nos comentários. Bueno somente mencionaria o episódio, registrando de maneira que

pode permitir interpretações variadas, posteriormente, na autobiografia. Lobato em momento algum parece ter respondido a tais provocações, mas não encontramos nenhum comentário seu acerca das publicações citadas. A única referência a Silveira Bueno é a dedicatória na folha de rosto de *Mr. Slang e o Brasil* que citamos acima, em que Lobato mantém o tom irônico. O que podemos afirmar através dos registros disponíveis é que *Minha vida e minha obra* foi publicada por ambos os tradutores em um período igual ou inferior a um ano. A tradução de Silveira Bueno foi publicada pela Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, no ano de 1925 (Fig. 1), e a tradução de Monteiro Lobato seria publicada pela Companhia Editora Nacional em 1926 (Fig. 2 – imagens do acervo da autora):



Figura 1 – Silveira Bueno, 1925.



Figura 2 – Monteiro Lobato, 1926.

A publicação da mesma obra – como se apresentam: em duas traduções distintas, em espaço de tempo tão curto, suscita questões as mais diversas. Que motivos teriam levado Monteiro Lobato a reeditar *Minha vida e minha obra*? De que forma se apresentou a tradução de Lobato em relação à tradução de Bueno? Há motivos para considerar que Lobato não aprovasse essa tradução? Mas ele mesmo a publicara no ano anterior. Podemos pensar em questões financeiras em razão da falência da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, assim como considerarmos que a admiração de Lobato por Ford, motivou-o a editar a obra pela nova companhia. Nesse sentido, Lobato também traduziria *Hoje e amanhã* (1927), e editaria *Minha Filosofia da Indústria* (1929), ambos de autoria de Henry Ford. Antes destes, em 1926, compilaria uma série de artigos que escreveu para *O Jornal* em um livreto chamado *How Henry Ford is regarded in Brazil*,

traduzido para inglês por Aubrey Stuart. Mas as questões permanecem, elas poderão ser esclarecidas complementando-se as pesquisas em relação à tradução de *Minha vida e minha obra* e analisando as demais traduções das obras de Henry Ford. O cotejo das traduções de Bueno e Lobato, estudo já em andamento, pode elucidar a questão. O que é possível afirmar até o momento é que Francisco da Silveira Bueno é o primeiro tradutor de Henry Ford no Brasil, fato que deve ser reconhecido e resgatado através dos estudos da historiografia das traduções brasileiras.

CAPÍTULO 3 – Antecedentes da partida da família Monteiro Lobato para Nova Iorque (1927)

Denise Maria de Paiva Bertolucci

A família Monteiro Lobato embarca no Rio de Janeiro, rumo aos Estados Unidos da América, em maio de 1927. O escritor havia sido nomeado adido comercial nesse país pelo presidente Washington Luís (1869-1957). O primeiro endereço da família é um apartamento alugado em Jackson Heights, Long Island, na 24th. Street. Em 1928, transfere-se para o número 3505 da Broadway e, em março de 1931, retorna ao Brasil, depois de Lobato sofrer um grande prejuízo com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929) e ainda perder a posição de adido, quando Washington Luís é deposto e Getúlio Vargas assume o poder (1930). Apesar de curto – três anos e nove meses –, o período em que os Lobato vivem nos Estados Unidos é intenso, com acontecimentos marcantes relacionados não apenas ao trabalho e aos empreendimentos do chefe da família, mas também aos estudos dos irmãos Edgar e Guilherme e ao casamento da filha mais velha do escritor, Martha.

Todos esses eventos estão inscritos em cartas, grafadas e recebidas por Lobato, em jornais desse país, em registros de diferentes setores e em fotos. Tais documentos estão sendo cuidadosamente buscados, organizados e comentados numa pesquisa profunda em andamento, que se empenha em apresentar a verdade dos fatos e preencher lacunas de informação. A fixação dos fatos biográficos da família Monteiro Lobato é necessária porque esses dados são basilares em qualquer ramo de pesquisa que se empreenda sobre o escritor.

O método de pesquisa adotado é o documental, porquanto a investigação recorre prioritariamente a fontes primárias para a coleta de dados: artigos de jornais, registros de órgãos oficiais, livros do ano, cartas e depoimentos. O material ora apresentado aborda o período compreendido entre os anos 1925-1927, em que o escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) muda-se com a família para o Rio de Janeiro, permanecendo nessa cidade até o embarque para os Estados Unidos, em 1927. Acompanhem, pois, as informações sobre os antecedentes do embarque no vapor “American Legion”.

Fundação da nova companhia editora e campanha para o barateamento do livro

Em 30 de setembro de 1925, a família Monteiro Lobato se transfere para a cidade do Rio de Janeiro, numa decisão tomada pelo escritor depois que sua Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, com sede em São Paulo, decreta falência. Em 16 de outubro daquele ano, escreve para o cunhado Heitor de Moraes, esposo da irmã Esther e um de seus mais assíduos correspondentes, comunicando o novo endereço:

Até agora não fiz outra coisa senão procurar casa. Teimeei em instalar-me numa que satisfizesse integralmente a espôsa, visto como quem mora é ela. Os homens moram mais na rua. Achei um encanto de palacetzinho na Rua Prof. Gabizo, 97 e vou fechar contrato. Nosso endereço pois é agora êsse (LOBATO, 1961, v. 1, p. 184).

O período que separa o escritor da partida para os Estados Unidos com a família, em maio de 1927, é marcado por várias experiências impactantes vividas na cidade do Rio de Janeiro. A nova companhia editora – a Companhia Editora Nacional, em parceria com Otales Marcondes Ferreira – é fundada em fevereiro de 1926 e inicia as atividades com *Hans Staden*. Esse começo é saudado com genuíno orgulho por Lobato, como constatamos na carta a Rangel de 26 de janeiro desse ano:

Mando-te um *Staden*, a edição primogenita da nova companhia e, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. É obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial de 3 mil está no fim. Vamos tirar outra e maior (LOBATO, 1957, v. 2, p. 287).

A propósito do gênero romance histórico, na carta de 7 de fevereiro de 1927, opina e sugere ao sempre leal destinatário:

A nossa nova empresa editora vai com todos os ventos favoráveis. Cada edição, um triunfo. Do *Príncipe de Nassau*, do Setubal, tiramos 20.000 e já está perto do fim. Cheira-me que o romance histórico é mina. Por que não pensas num? Bem dramático, bem cinema? (LOBATO, 1957, v. 2, p. 297).

No artigo publicado n’*O Jornal* de 7 de setembro de 1926, motivado pela efeméride, Monteiro Lobato retoma duas importantes obras escritas sobre o Brasil: de Hans Staden (1557) e de Jean de Lery, surgida dezoito anos depois. A erudição do escritor fornece aos leitores do periódico razões de cunho humanístico para elucidar o interesse por livros com conteúdo histórico:

Não há livro mais interessante, empolgante e instructivo que os desta categoria – e que mais valham a nós brasileiros como reflexo do que foi a terra em seus inícios, e do que foram os nossos avós perophagos. São os romances da verdade – e por isso eternos. Livros que não envelhecem nunca. Os seculares passam sobre eles e quem os lê tem a sensação da novidade mais absoluta.⁹

Desse modo, é compreensível que o *Hans Staden* da editora de Lobato alcance a marca de 8.000 unidades em três meses e chegue às escolas, como comunica a Rangel em carta de 7 de maio de 1926¹⁰. Localiza-se nesse período também, e apropriadamente, a luta do escritor pelo barateamento e consequente popularização do produto livro. Podemos destacar a tal respeito a carta enviada ao recém-eleito presidente Washington Luís, em 26 de maio de 1926, e o artigo publicado no jornal *A Manhã*, de 26 de dezembro do mesmo ano.

É assombroso percebermos como o assunto é atual, apesar dos tantos anos que se seguiram aos esforços de Lobato. Não podemos deixar de notar, claro, no caso da mensagem ao presidente, a tentativa do criador de Narizinho de chamar a atenção para as perdas econômicas sofridas como editor. A paixão pelos livros e pelo conhecimento que liberta e transforma, advindo das leituras fecundas, são, sem dúvida, suas maiores motivações. Transcrevemos um trecho da carta a Washington Luís:

Mas não há cultura possível sem livro e livro barato, livro que penetre nas massas populares e lhes erga o nível mental. Que nos vale ter picos como Rui Barbosa se a planície apresenta um dos mais baixos níveis culturais do mundo?

⁹ LOBATO, M. Jean de Lery. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 2374, p. 2, 7 set. 1926.

¹⁰ Para uma análise desta publicação e sua importância para a formação do Brasil, consultar SANTANA-DEZMANN, V. *A construção de uma nação*. Londrina-PR: Viseu, 2019.

O livro barato, acessível ao povo, tem sido a nossa obsessão de editores falidos e ressurgidos, e é isso que nos traz perante V. Exa. neste momento em que se trama contra êle um novo golpe de misericórdia.¹¹

Atinente ao artigo, a verve lobatiana é responsável por um texto com elementos que o aproximam da crônica jornalística. Faz-se, ao mesmo tempo, a divulgação de dois projetos de lei – um na Câmara e outro no Senado – que objetivam “salvar do despenhadeiro em que rola o livro nacional”¹² e a crítica bem-humorada a congressistas que votam projetos sem saber de fato o que significam e no que podem resultar. Prosseguindo com a exposição dos fatos experimentados na então capital federal, na sequência comentamos outros dois.

Convivência com os intelectuais da cidade e candidatura para a Academia Brasileira de Letras

É surpreendente acompanharmos a incorporação de Lobato aos grupos de escritores e intelectuais da cena carioca e notarmos sua manifestação encantada sobre o fato. Numa carta a Rangel, de 8 de novembro de 1925, êle demonstra claramente tal postura de admirador daqueles homens, por ele considerados mentores, que passam a fazer parte de seu convívio. Isso acontece mesmo sendo ele uma personalidade das letras igualmente:

Faço ponto na livraria Leite Ribeiro. Reunem-se lá figurões. Gosto de conversar com o Rocha Pombo, um excelente velhinho. O Almaquio Diniz não falha. E vem o Humberto. Esses homens que o Brasil do sertão conhece pelos jornais e admira como paredros, a gente os vê em carne e osso. São glórias e gloriolas que passam, fazem estação nos “pontos”, ingerem aperitivos e vão para casa com pacotes de empadinhas no dedo. Gosto do Antonio Torres. Faz ponto á noite no grande bar fronteiro, naquele bloco de Hotel Avenida.¹³

Fica assente a satisfação por ver em pessoa tais figuras literárias e com elas dividir hábitos prosaicos. São do mesmo modo frequentes as impressões positivas dos colegas colaboradores dos jornais do Rio acerca do escritor paulista. Podem ser destacados os nomes de Raul Lellis e Ribeiro Couto no *Jornal da Manhã*. Há que ser mencionada também a admiração de Lobato por uma personalidade feminina bastante atuante nos anos considerados: Rosalina Coelho Lisboa. Assim o escritor se refere a ela em carta a Rangel de 7 de maio de 1926:

Quem me estimula no inglês é a criatura mais bela e inteligente do Brasil: Rosalina. Rangel, Rangel: quem passou pela vida e não conheceu Rosalina, falhou – perdeu o bonde. É a mulher da beleza triplice – física, moral e mental. Vou dizer dela aos argentinos pelo *Plus Ultra*, com um retrato de pagina inteira.¹⁴

De fato, o nome da poeta e jornalista carioca figura nas páginas do jornal *A Manhã* com frequência, tanto nas seções literárias como nas colunas sociais. Na edição do periódico de 29 de junho de 1926, ela comparece na primeira página do jornal, em foto ao lado da filha, discorrendo sobre o voto feminino e o feminismo:

Não considero o feminismo o problema social da mulher apenas, mas sim – e ali encontramos a transcendência de sua significação – uma das faces do problema humano. Cada expressão de valor humano, maxima ou minima, tem

¹¹ LOBATO, M. Op. cit., 1961, p. 194.

¹² LOBATO, M. Assessores. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 26 dez. 1926.

¹³ LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 283.

¹⁴ Ibidem, p. 291-292.

direito á plena realização do que representa como possibilidade. O feminismo é uma tentativa de harmonia social ou antes de equilíbrio vital das organizações sociais. Deve interessar tanto ao homem quanto á mulher. Ele representa um esforço em pról do bem commum e sua victoria é necessaria ao aperfeiçoamento da sociedade. Com o feminismo, cuja victoria fôr resultado de uma acção conjunta, a mulher deixará de ser uma força desaproveitada para ser uma força dirigida pelo reconhecimento do dever de agir como possibilidade independente, sem preocupações vaidosas de limites. Esse feminismo trará, fatalmente, o direito feminino do voto e elegibilidade. Todos os direitos serão reconhecidos a um feminismo que se imponha por um numero de resultados de incontestavel significação superior, porque elle assim se tornará de necessidade vital para a vida do paiz.¹⁵

Eis a razão do fascínio de Lobato pela intelectual. Trata-se, sem dúvida, de uma mulher de aguda percepção dos papéis sociais e do processo civilizatório, com notável visão avançada para aquele momento. A propósito da menção ao idioma inglês, feita pelo autor a Rangel, talvez se explique pelo relacionamento da intelectual brasileira com D. Miller, naquele momento vice-presidente da “United Press”. O noivado do casal é noticiado pelo jornal *A Manhã* de 22 de julho de 1927.

O laço de amizade de Lobato com Rosalina Coelho Lisboa é confirmado pela filha mais velha do escritor, Martha Lobato Campos, numa entrevista gravada em 20 de setembro de 1982, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, dentro do projeto Memória de Monteiro Lobato. Ao ser indagada pela entrevistadora Sara de Oliveira Ramos se tinha conhecimento da ida do autor ao Rio, para agradecer a intelectual por ter sido solto da prisão decretada por Getúlio a pedido dela, uma vez que não a conhecia pessoalmente, Martha se manifesta desta forma:

Ele já conhecia ela antes, desde que morou no Rio; desde que morou no Rio já era muito amigo da Rosalina Coelho Lisboa, do marido, que morreu depois; depois ela casou-se com outro [...] Ela intercedeu, porque era muito amiga [...] do papai também, ela pediu por Getúlio indultá-lo.¹⁶

Vemos, pois, como a amizade com Rosalina, estabelecida nos anos em foco, na cidade do Rio de Janeiro, marcou de forma indelével a vida do escritor. Muito menor relevância pode ser atribuída a sua candidatura para a Academia Brasileira de Letras, embora o fato mereça o registro. Concernente aos motivos que o levam a se inscrever, assim o autor os explica a Rangel, na carta de 26 de janeiro de 1926, com sua característica dose de humor:

Nossos “imortais” morrem como formigas. Ha tantas “quasi-vagas”, que num momento de desespero inscrevi-me. Visitas não faço, mas mandarei uma carta a cada um fazendo um gentil rapapézinho. Serão 37 cartas – e fazer mais que isso repugna-me. Quanto á farda, não visto. E nem tomo posse. Pronunciar um discurso, de casaca ou farda – nunca! Sei que está assentada a eleição de Ademar Tavares, mas quero ver. Estou com alguma curiosidade.¹⁷

O prognóstico expresso pelo escritor se confirma e os acadêmicos elegem um “imortal” hoje totalmente desconhecido. Desde aqueles anos, podemos concluir, o pertencimento à ABL, ou a qualquer outra agremiação, não é garantia de memória imorredoura. Dando sequência à apresentação dos fatos que marcaram a trajetória de Lobato nos anos 1925-1927, é tempo de apontarmos os dois últimos estudados.

¹⁵ O VOTO feminino no Brasil. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 29 jun. 1926.

¹⁶ Entrevista de Martha Lobato Campos. *Memória de Monteiro Lobato*. Museu da Imagem e do Som, São Paulo, 20 set. 1982.

¹⁷ LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 292. Pátio dos Milagres era o nome da seção no jornal.

Colaboração no jornal *A Manhã* e movimentação para o lançamento do romance *O choque das raças* no estrangeiro

Figura 1 (ao lado): Início da colaboração de Lobato em *A Manhã*.¹⁸

No lançamento de *A Manhã*, mensagens de boas-vindas de outros veículos foram publicadas no primeiro número do jornal. A colaboração de Lobato tem início no ano de 1925, com a comunicação entusiasmada de um redator pertencente ao quadro do periódico *Jornal do Brasil* cuja identidade não pudemos identificar.

O mesmo entusiasmo acerca da contribuição iniciada no periódico é externado pelo escritor, numa missiva endereçada a Godofredo Rangel com data de 7 de maio de 1926:

Aborreci-me de escrever n' O Jornal por causa da letrelinha miuda e dos erros de revisão. Passei-me para *A Manhã* do Mario Rodrigues, que está com a maior tiragem do Brasil. Cada numero é um estouro de bomba. Mando-te alguns artigos. O Pátio dos Milagres doeu e fez que o governo pensasse em assistir aos pobres.¹⁹

Compreende-se, portanto, o motivo de Lobato ter propalado nas páginas do jornal *A Manhã* seu “romance americano”, *O choque das raças*, ao longo do ano de 1926. A conclusão da obra é publicada em 1º de outubro desse ano. A incursão do escritor na vertente do romance de ficção científica, “meio a Wells, com visão do futuro”, como ele define em carta a Rangel de 8 de julho de 1926²⁰, divide as opiniões dos colegas colaboradores do periódico. Numa crítica de Farias Neves Sobrinho ao romance, feita em 19 de outubro de 1926, o articulista afirma estar decepcionado em relação à obra, e assim explica as razões de seu desapontamento:

É verdade que eu desconfiava do insucesso, por não saber de que modo um escriptor, affeito a pintar a realidade, se transformaria num sonhador e fantasista; tive, pois, o desprazer de ver confirmada minha suspeita: o romance, cujo estylo é quasi sempre frouxo, incolor, e desfibrado, sem o vigor que retrata e caracteriza o autor de “Urupês”, é deploravelmente impatriótico e desastradamente illogico, em certos episodios. Mesmo nas obras, em que a fantasia tem a melhor parte, a previsão da successão dos acontecimentos carece de os apresentar numa série concatenada logicamente, para que o leitor não os considere absurdos.²¹

Em 20 de julho de 1927, por outro lado, já tendo sido lançado o livro pela Companhia Editora Nacional, aparece a crítica de Ribeiro Couto no mesmo jornal. O tom é francamente elogioso e, com nítida influência da circulação das

O jornal de Mario Rodrigues obedece aos moldes mais novos do jornalismo. Será um órgão de informação, e será, também, um órgão de combate e de idéas. Mario Rodrigues vae nelle agitar algumas campanhas:

E nas columnas de *A MANHÃ* apparecerão, diariamente, alguns dos nomes de esplendor mais legitimo nas letras brasileiras de hoje. Os Srs' Medeiros e Albuquerque, Monteiro Lobato e Antonio Torres, entre outros, são seus collaboradores.

A parte administrativa de *A MANHÃ* está entregue a Aristides Marques, que tem uma rara competencia no assumpto. O novo jornal está instalado em sede propria.

¹⁸ “JORNAL DO BRASIL”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 10, 30 dez. 1925.

¹⁹ LÓBATO, M. Op. cit., 1957, p. 292.

²⁰ Ibidem, p. 293.

²¹ NEVES SOBRINHO, F. “O Príncipe de Nassau” e “O Choque das Raças”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 out. 1926.

informações sobre a tradução da obra para o inglês, francês e espanhol, porém mais atento ao alcance das ideias apresentadas no romance, o articulista escreve:

Não desejo aqui, também, accentuar a verosimilhança do fantastico, a habilidade da technica e da ideação, as hypotheses scientificas intelligentissimas que o livro encerra. Bastaria, quanto a estas, citar as futuras applicações do radio e de novas ondas á economia da vida humana.

O que desejo marcar, com um golpe fundo, é a força de interessar as massas, que a obra tem. É um livro para as multidões brancas e negras da America do Norte. É um livro para ser lido com igual interesse em toda a parte da terra. É um livro para ser vendido ás centenas de milhares, em lingua ingleza, franceza e hespanhola. Em qualquer lingua.²²

Pudemos comprovar a divulgação do livro em jornais dos Estados Unidos e do Canadá no primeiro semestre de 1927. Apresentamos, na sequência, reflexos do lançamento de *O choque das raças ou O presidente negro*, inicialmente em tradução do comunicado no jornal americano *Dayton Daily News* (Dayton, Ohio), em 27 de fevereiro daquele ano. É curioso verificar o título da notícia, “Now smile” (Agora sorria), denotando a incredulidade dos editores do jornal num fato previsto acertadamente por Lobato. O conteúdo da nota é o seguinte:

NOW Smile – Um presidente negro dos EUA é previsto por autor brasileiro. Rio de Janeiro, fev. 26 – “A população negra dos Estados Unidos já soma milhões e está aumentando mais rapidamente do que a população branca. Chegará o dia em que o negro dominará em número e ganhará do branco nas urnas, elegendo um presidente negro”. Esta é a previsão feita por Monteiro Lobato, escritor brasileiro, em seu último romance, “O choque das raças, ou O presidente negro.” O autor afirma que, embora sua obra seja amplamente imaginativa, a maior parte está baseada em estatísticas e na observação atenta das condições nos Estados Unidos.²³

Na divulgação seguinte, feita em um jornal de Chillicothe, no Missouri (EUA) – *The Chillicothe Constitution-Tribune* – em 9 de março de 1927, aparecem informações sobre as traduções:

Brasileiro vê negro eleito presidente dos EUA. Rio de Janeiro – “A população negra dos Estados Unidos já soma milhões e está aumentando mais rapidamente do que a população branca. Chegará o dia em que o negro dominará em número e ganhará do branco nas urnas, elegendo um presidente negro”. Esta é a previsão feita por Monteiro Lobato, escritor brasileiro, em seu último romance, “O choque das raças, ou O presidente negro”. O autor afirma que, embora sua obra seja amplamente imaginativa, muito dela está baseado em estatísticas e observação minuciosa das condições dos Estados Unidos. O autor anuncia que uma tradução para o inglês de seu livro chegará aos Estados Unidos em março. Ele também está sendo traduzido para o alemão e o francês.²⁴

Apresentamos, desta feita, a comunicação sobre *O presidente negro* no jornal canadense *The Province* (Vancouver), em 28 de fevereiro de 1927:

Presidente negro previsto para os EUA. Rio de Janeiro, fev. 28 – “A população negra dos Estados Unidos já soma milhões e está aumentando mais rapidamente do que a população branca. Chegará o dia em que o negro dominará em

²² COUTO, R. Lobato e a conquista do mundo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jul. 1927.

²³ NOW Smile. *Dayton Daily News*, Dayton-EUA, p. 32, 27 fev. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/397405193>>, acesso em 1 jan. 2022.

²⁴ BRAZILIAN Sees Negro Elected U. S. President. *Chillicothe Constitution-Tribune*, Chillicothe-EUA, p. 11, 9 mar. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/19725163>>, acesso em 1 jan. 2022.

número e ganhará do branco nas urnas, elegendo um presidente negro”. Esta é a previsão feita por Monteiro Lobato, escritor brasileiro, em seu último romance, “O choque das raças, ou O presidente negro”. O autor afirma que, embora sua obra seja amplamente imaginativa, muito dela está baseado em estatísticas dos Estados Unidos.²⁵

A similitude dos textos se explica pelo fato de ter sido enviado do Brasil, pela “United Press”, um telegrama com o anúncio sobre o livro *O choque das raças*. O próprio Lobato explica a Rangel, em carta de 22 de abril de 1927, o procedimento: “Foi para a America um telegrama da United Press sobre *O Choque*. Telegrama para uma cadeia de jornais. Uma revista americana deu notícia e falou da provavel edição inglesa”²⁶. A ideia de Lobato era, por conseguinte, mediante a publicação do romance em solo americano e aproveitando a nomeação como adido comercial naquele país, fundar lá uma “segunda empresa editora”. A esse respeito discorre abertamente com Rangel em carta datada de 23 de março de 1927:

O cargo assegura-me subsistencia e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensa-lo e ficar apenas o chefe da Tupy Co. Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negocio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina de 800 mil automoveis! America, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Industria!²⁷

Nessa carta divulga também a nomeação obtida e a data do embarque, que acreditava ser em 27 de abril de 1927; porém, a partida dá-se de fato um mês depois, em 25 de maio. Lobato foi discretíssimo sobre os antecedentes de sua nomeação. Numa carta ao cunhado Heitor de Moraes, de dezembro de 1926, assim se manifesta em relação ao que parece ser o sucesso de suas negociações para a assunção do cargo: “Estou bem com o governo e terei aqui o que quiser, mas bico hein. Apesar do mau estado dos negócios tudo hão de ser rosas em 1927”.²⁸

Exatamente na véspera da partida para os Estados Unidos da América, em 24 de maio de 1927, Lobato se comunica pela última vez com o amigo Godofredo Rangel em solo brasileiro, oferecendo informações práticas:

No momento de partir não me esqueço do grande amigo. Vai esta – a ultima que te escrevo do Brasil. Em New York City, Brazilian Consulate, U.S.A., terás, como sempre, o velho

Lobato

P. S. – Qualquer coisa que queiras da Cia. Editora Nacional é só escreveres ao Otales Ferreira, que fica na direção de tudo. Já lhe recomendei que te pagasse a tradução do Rei Lear.²⁹

É interessante descobrirmos que justamente o veículo carioca criticado por Lobato por suas letras reduzidas e revisão insuficiente, *O Jornal*, é que noticia com destaque, em 26 de maio de 1927 – um dia depois do evento – a partida do escritor para os Estados Unidos.

²⁵ NEGRO President Forecast for U S. *The Province*, Vancouver-Canadá, p. 22, 28 fev. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/499272522>>, acesso em 1 jan. 2022.

²⁶ LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 300-301.

²⁷ *Ibidem*, p. 300.

²⁸ LOBATO, M. Op. cit., 1961, p. 200.

²⁹ LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 301.

O "AMERICAN LEGION" EM VIAGEM PARA NOVA YORK

VIAJANTES DE DESTAQUE A BORDO DA UNIDADE AMERICANA

Depois de uma viagem de cinco dias, ancorou em nosso porto o paquete norte americano "American Legion", que velu de realizar mais uma viagem aos portos do Rio da Prata, conduzindo varios passageiros.

Entre os desembarcados aqui figuram Baron Echegoyen, Maria Roquena e Jacintha Muller.

A policia Maritima encontrou duas passageiras que não traziam todos os documentos exigidos para desembarcar neste porto e impediu-as de virem a terra, até que alguém se interessou por ellas, obtendo o desembarque.

Na referida unidade viajam para Nova York, entre outros passageiros, o diplomata argentino sr. Hector Mendoz e o clinico americano sr. John Bluther, embarcados em Buenos Aires.

Depois de algumas horas de estada na Guanabara, o "American Legion" zarpou para Bahia e Nova York, levando cerca de 50 passageiros desta cidade, entre os quaes figuram os drs. Reves e James Scott, delegados dos Estados Unidos ao Congresso Pan-Americano de Jurisconsultos; De La Concha, delegado de Cuba, e Horacio Alfaro, representante do Panamá no mesmo Congresso, e o addido commercial junto á nossa embaixada em Washington, dr. Monteiro Lobato.

Figura 2 (ao lado): Partida de Monteiro Lobato para os EUA, em *O Jornal*.³⁰

O destaque a que nos referimos se justifica pela veiculação da notícia em dois momentos na mesma edição: à página 2 do periódico, apresentada ao lado, e na seção "Notas Mundanas", sob o título "Hospedes e viajantes": "A bordo do paquete American Legion, partiu para os Estados Unidos o conhecido homem de letras, dr. Monteiro Lobato, que vae exercer as funções de addido commercial junto á nossa Embaixada em Washington"³¹. O sonho americano de Monteiro Lobato se inicia.

Um homem de ação e movimentos

Ao encerrarmos este capítulo sobre os anos que antecedem a mudança dos Lobato para os Estados Unidos da América, quando a família se encontrava no Rio de Janeiro, talvez se possa apontar, com a recuperação sucinta dos fatos experimentados na cidade, alguns elementos que explicam a grandiosidade do escritor, justificando, pois, seu estudo.

Ao se transferir para a capital federal após a falência da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato,

o escritor não se acomoda nem desanima. Homem de ação que era, persevera na luta pelo desejo de fazer os livros circularem, os seus e de outros escritores com o mesmo intento, fundando a Companhia Editora Nacional. Erudito e astuto, oferta temas cativantes aos leitores, os quais repercutem em vendas consideráveis dos títulos.

Sempre preocupado em elevar o nível cultural dos brasileiros e aproveitando a circunstância de estar no centro do poder, não hesita em se mobilizar em prol do barateamento do produto livro. Produz artigos a respeito, divulgando os projetos da Câmara e do Senado tratando da matéria e chega mesmo a escrever uma carta ao recém-eleito presidente Washington Luís abordando o assunto abertamente.

Sendo um inimigo da elitização da leitura e do saber, sem tempo para banalidades e esnobismos, encara sua candidatura para a Academia Brasileira de Letras como uma contingência e a esta se refere com bom humor e sarcasmo.

³⁰ O "AMERICAN LEGION" em viagem para Nova York. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 maio 1927. Reprodução autorizada da imagem - Crédito: Arquivo *O Jornal*/D. A. Press.

³¹ HOSPEDES e viajantes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 maio 1927.

Talvez enxergasse na possibilidade de integrar a agremiação mais oportunidades de levar os livros e o conhecimento advindo a um número maior de pessoas do país e, quem sabe, do exterior.

Interessa-lhe de fato a convivência com pessoas que buscam o aperfeiçoamento pessoal e da sociedade; daí a admiração expressa pelos escritores-mentores e por Rosalina Coelho Lisboa. Prestes a ocupar a função de adido comercial em Nova Iorque, movimenta-se na escrita do romance “americano” *O choque das raças* e em sua divulgação, no país e no estrangeiro. Primeiramente apresenta sua ficção científica nas páginas do jornal *A Manhã*, depois o publica pela nova editora. O anúncio de sua provável publicação em inglês, alemão e francês circula em veículos dos EUA e do Canadá.

É extraordinária sua coragem em se lançar em uma vertente de romance absolutamente nova para ele e para os escritores brasileiros inclusive. Por isso sua incursão no estilo não é aprovada de forma unânime pelos colegas, o que se comprova com a crítica negativa de Farias Neves Sobrinho no jornal *A Manhã*.

O sonho de Lobato, porém, é maior. Por acreditar em seu plano de se estabelecer como editor nos EUA e perseguir-lo incansavelmente é que embarca no vapor “American Legion” com a família em 25 de maio de 1927. Encerra-se, assim, uma fase riquíssima de sua produção e ações no Brasil e se inicia uma outra, em solo americano, em que a movimentação por ideias será mais uma vez sua marca.

CAPÍTULO 4 – Um caipira no *Harlem Renaissance*: Monteiro Lobato³²

Vanete Santana-Dezmann

As estrelas brancas não são menos encantadoras sendo escuras
Cullen³³

Nos Estados Unidos, após a Guerra de Secessão (1861-1865), muitas pessoas que haviam sido escravizadas emigraram dos estados sulistas para os estados do norte. Com o passar do tempo e a chegada de uma nova geração, a situação tende a mudar. Os cidadãos norte-americanos de etnia negra se organizavam em torno de associações que defendiam direitos iguais aos dos cidadãos de etnia branca, tais como a “National Association for the Advancement of Colored People” (NAACP – Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor); “National Urban League” (NUL – Liga Nacional Urbana) e “Madam C. J. Walker’s National Association” (Associação Nacional da Madam C. J. Walker).

Escolas regulares, universidades e instituições diversas que ofereciam cursos profissionalizantes para os cidadãos de etnia negra começaram a ser criadas, inclusive para as mulheres, possibilitando que se tornassem, por exemplo, professoras, enfermeiras e cabeleireiras – “Lelia College”; “Daytona Normal and Industrial Institute for Negro Girls”; “Tuskegee Institute” e “Fisk University” são apenas alguns exemplos. Dentre as mulheres negras, surgiram também feministas, tal como Fannie Barrier Williams, que, mais do que lutar pelos direitos dos cidadãos “de cor”, como se autodenominavam à época, exigiam para as mulheres direitos iguais aos dos homens e denunciavam a preferência de homens negros por mulheres de pele mais clara como um comportamento racista: “há homens em nossa própria raça, e eles são uma legião, que preferem se casar com uma mulher por sua cor do que por seu caráter.”³⁴

No fim do século XIX, uma filha de ex-escravizados que não teve acesso à educação e recebia um dólar e meio por dia de trabalho como lavadeira tentava criar sua filha adolescente enquanto convivia com a pobreza, falta de perspectivas e a baixa autoestima provocada pela queda de cabelos. Trata-se de Sarah Breedlove. Ela abriu sua primeira “fábrica” em casa, produzindo artesanalmente uma pomada para cabelos crespos. Tal como sua concorrente Annie Minerva Turnbo, logo Miss Breedlove se tornaria milionária. Quando ela morreu (1919), entre seus bens constavam fábricas, escritórios, salões de beleza, casas, prédios de apartamentos, carros, móveis com *design* exclusivo, obras de arte, peles, diamantes e outras joias no valor total de aproximadamente 9 milhões de dólares em valores atuais. Sua residência ficava em Irvington, em Nova Iorque, onde tinha como vizinhos milionários como a família Rockefeller.

³² O tema abordado neste capítulo se encontra detalhado no livro *Entre metafísica, distopia e mecenato*, que publiquei em julho de 2021.

³³ O poema se encontra na íntegra, com tradução minha, na abertura deste livro.

³⁴ BUNDLES, A’Lelia. *On her own ground – The life and times of Madam C. J. Walker*. New York: Simon and Schuster Inc., 2001, p. 63.

Seu falecimento foi noticiado tanto pela imprensa voltada para a comunidade negra quanto pelos principais jornais da época, inclusive pelo *The New York Times*, *Le Figaro* e *La Liberté*. O artigo enviado pela “Associated Press” às redes de rádios e jornais a apresentava como “a mulher mais rica do mundo”, que acumulara “uma fortuna de mais de um milhão de dólares (valores da época) com a venda de um ‘restaurador capilar’”³⁵. Mais do que criar um império nesse segmento, Sarah Breedlove, a Madam C. J. Walker, lutou pela elevação do status social da comunidade negra norte-americana ao financiar associações de defesa de direitos igualitários e instituições de ensino para cidadãos negros e ao oferecer trabalho para mulheres negras. A despeito disso, pairava sobre sua imagem a ideia de que ela promovia o alisamento capilar – isso era mal visto por uma parcela da comunidade negra e ridicularizado por muitas pessoas brancas. W. E. B. Du Bois, presidente da NAACP, tentou corrigir a falsa imagem negativa que a imprensa criara para ela: “É dado a poucas pessoas o poder de transformar um povo em apenas uma geração. No entanto, isso foi feito pela falecida Madam Walker”³⁶. Ele também ressaltou a importância do tratamento capilar para a fixação de bons hábitos de higiene e elevação da autoestima das mulheres negras. Mesmo assim, nas décadas que se seguiram, Madam C. J. Walker se tornou sinônimo de alisamento de cabelo. A despeito disso, ou justamente por isso, a Madam C. J. Walker Company se tornou uma sólida indústria, chegando até o ano de 1981.

Sua filha, Lelia, cresceu com a mesma desenvoltura que os negócios da mãe. Ela começou trabalhando na manufatura e comercialização dos produtos; tornou-se cabeleireira no primeiro salão que elas inauguraram; instrutora para as novas. Quando a Madam C. J. Walker faleceu, Lelia estava cuidando dos negócios na América Central. Então ela retornou para Nova Iorque, decidiu se casar e se dedicar mais aos negócios do que aos saraus literários frequentados pelos principais intelectuais e artistas de dentro e de fora dos EUA. Nesta época, Lelia já havia se tornado a mulher bem-sucedida e amante das artes que mudaria Nova Iorque. Seu casamento com Wiley Wilson (6 de junho de 1919) durou até novembro de 1921. Após a separação, ela passou 5 meses viajando pela Europa, África e Oriente Médio. Sua viagem foi coberta pela imprensa e ela foi recebida nos locais mais requintados por onde passou.

Enquanto ainda estava em Paris, Lelia reatou o romance com o antigo namorado James Arthur Kennedy. Eles se casaram em 1º de maio de 1926, mas ele continuou morando em Chicago, onde dirigia o hospital do Tuskegee Institut e ela em Nova Iorque. Por essa época, a concorrência no mercado dedicado a produtos de tratamento para cabelos crespos cresceu muito devido ao fortalecimento de empresas como a Poro Company (de Annie Minerva Turnbo), Apex Company (de Sarah Spencer Washington) e Overton Hygienic Company (de Anthony Overton). Lelia quase não via seu marido. Ela também não conseguia se interessar mais pelos negócios do que pelas atividades culturais. Mas ela passou a integrar o conselho de várias organizações (da NAACP e NUL, por exemplo) e as sustentava economicamente, além de sustentar financeiramente as organizações que sua mãe havia definido em testamento.

Foi ainda em 1922 que ela mudou seu nome para A'Lelia. A partir desse momento, ela assumiu definitivamente a aura – e deveres – de uma verdadeira

³⁵ Ibidem, p. 275.

³⁶ Ibidem, p. 276.

e pródiga mecenas das artes, com especial destaque para a literatura. Villa Lewaro e seu apartamento localizado sobre o Walker Hair Parlor se tornaram os principais pontos de encontro de romancistas, poetas, dramaturgos, editores, atores, músicos e dançarinos em uma época em que o Harlem se abria para novas formas de arte e todo tipo de liberdade, cristalizando um movimento cultural e social genuíno conhecido como “Harlem Renaissance”.

Até a Guerra de Secessão, a maioria dos negros dos Estados Unidos vivia nos estados do sul, predominantemente agrários. Após esta guerra, vários deles se mudaram para os estados do norte, onde a principal ocupação exercida pelos homens foi a de barbeiro e a principal atividade exercida pelas mulheres foi a de empregada doméstica. O início da primeira guerra mundial dificultou a imigração de europeus para os EUA e, ao mesmo tempo, incrementou a produção industrial das fábricas. As novas vagas abertas atraíram cada vez mais homens negros, ocasionando uma migração maciça do sul para o norte. Assim surgiram simultaneamente os grandes centros urbanos – Chicago, Detroit, Buffalo e Nova Iorque – e as grandes comunidades de negros que os alimentavam. Este evento socioeconômico é conhecido como a “Grande Migração”. A região que mais os atraiu, porém, foi o Harlem, que se tornaria a “Meca dos afro-americanos do todo o mundo” nos anos 20 e 30.

No plano sociopolítico, enquanto alguns líderes negros – Marcus Garvey, por exemplo – defendiam que as pessoas afro-americanas deveriam voltar para a África, outros – Du Bois (presidente da NAACP) e Charles W. Johnson (presidente da NUL), por exemplo – defendiam que elas deveriam se integrar à sociedade norte-americana.

No plano sociocultural, os “Novos Negros” criaram no Harlem um movimento cultural até então inaudito que se manifestou na música (*jazz*), literatura e artes plásticas. Muitos músicos, artistas e escritores negros foram atraídos para o vibrante “bairro negro”. A explosão resultante da criatividade autoconsciente afro-americana passou a ser conhecida como “Harlem Renaissance” e teve profundo impacto no desenvolvimento subsequente das artes nos EUA.³⁷

As festas do Harlem eram extremamente variadas. Havia, por exemplo, a festa de “apartamento buffet”, que ocorria em apartamentos privados regada a muita bebida. Os “apartamentos buffet” surgiram no fim do século XIX para alojar viajantes negros que não encontrassem hospedagem nos hotéis de proprietários brancos. Nos anos 1920, tornaram-se um ponto de encontro frequentado por celebridades como Cole Porter e Cary Grant – atores brancos.

O tipo mais comum, porém, era a “festa de aluguel”. Tal como o *blues*, as “festas de aluguel” chegaram aos estados do norte com a “Grande Migração”. No caso do Harlem, poucos dos novos moradores pertenciam à classe média ou alta e dar uma “festa de aluguel” era um meio de angariar recursos. Neste caso, um morador simplesmente alugava sua casa por uma noite a alguém que queria dar uma festa. Uma variação desta modalidade eram as festas organizadas pelo próprio morador, que cobrava ingresso dos convidados. Enquanto o jazz era tocado na sala, bebidas eram vendidas na cozinha. Assim, em qualquer noite de sábado, dezenas de festas em que os participantes não conheciam os anfitriões eram oferecidas no Harlem.

³⁷ Cf. GARBER, E. A Spectacle in Color: The Lesbian and Gay Subculture of Jazz Age Harlem. Website *American Studies at the University of Virginia*.

Além disso, as noites do Harlem também eram animadas por saraus de literatura. Os mais requintados saraus literários eram os oferecidos por A'Lelia nas noites de quinta-feira na Villa Lewaro, mas os saraus improvisados em seu apartamento no Harlem eram os mais famosos. Dentre os frequentadores habituais de Villa Lewaro, encontravam-se seus amigos mais próximos, com destaque para Carl Van Vechten, famoso escritor, crítico de música e fotógrafo branco, colega do tradutor e crítico literário Isaac Goldberg – que já havia publicado contos de Lobato³⁸ e inclusive uma curta biografia³⁹ do autor – e do principal editor de literatura da época, Alfred Abraham Knopf, que publicou a biografia.

Os bailes de máscara do Harlem, populares entre os homossexuais brancos e negros, eram frequentes e os mais famosos dos EUA, recebendo expectadores de Boston, Filadélfia, Pittsburgh e até de Atlantic City, além de grande parte da vanguarda branca nova-iorquina e *la crème de la crème* da sociedade local. Os principais bailes de máscara ocorriam no Royal Palace Rockland (com seis mil lugares) e no clube Savoy Ballroom, que promovia um concurso de beleza em que travestis vestidos como rainhas disputavam o título de “Rainha do Baile”.

Por fim, havia no Harlem diversos tipos de clubes. O tipo mais popular entre 1920 e 1933, período em que o comércio de bebida alcoólica esteve proibido (Lei Seca) era o *speakeasy*, uma espécie de *pub* frequentado por pessoas de diferentes etnias, classes sociais e orientações sexuais. funcionárias e fundadora de uma rede de escolas profissionalizantes. Em 1913, Lelia se mudou para Nova Iorque, onde construiu o palacete Villa Lewaro (em Invergrton) e instalou o mais luxuoso salão de cabelo dos EUA, o Walker Hair Parlor (no Harlem).

No Harlem havia também clubes frequentados por travestis, como a Edmond's Adegas e o Lulu Belle's. Já os homossexuais negros mais requintados se encontravam na Hot Cha. A Clam House, porém, era o mais famoso ponto de encontro dos homossexuais. Nos palcos destes locais, várias mulheres negras bissexuais e lésbicas encontravam liberdade e aceitação – Josephine Baker, por exemplo. A'Lelia, também bissexual, de seu trono em Villa Lewaro regia o mundo das artes, proporcionando a homens e mulheres negras possibilidades no mundo dos espetáculos e da literatura até então inimagináveis. Ela era a parte mais ativa do animado e glamoroso movimento “Harlem Renaissance”. Ela se sentia confortável entre a multidão de artistas que a cercava. Como anfitriã da elite cultural do Harlem, A'Lelia finalmente havia encontrado seu lugar. “Ela parecia uma rainha e frequentemente agia como uma tirana”, escreveu seu amigo Van Vechten, o romancista e ex-crítico de arte que interpretou o Harlem para outros brancos do centro de NY. “Ela era alta, negra e extremamente bonita em seus modos africanos. Frequentemente se vestia de preto. Quando ela assumia trajes mais régios, ricos brocados de ouro ou prata, sua nobre cabeça presa em um turbante, ela era um espetáculo magnífico.”⁴⁰

Dentre os marcos inaugurais do movimento “Harlem Renaissance”, cita-se a estreia na Broadway, em 1921, da primeira comédia musical totalmente negra, estrelada por Josephine Baker: *Shuffle Along*.

Esperava-se que esta revolução cultural na esfera da literatura, música e artes plásticas estreitasse as relações inter-raciais nos Estados Unidos, executando a tarefa

³⁸ Inseridos em *Brazilian Short Stories*, livro publicado em 1925.

³⁹ Inserida em *Brazilian Literature*, livro publicado em 1922.

⁴⁰ Bundles. Op. cit., 2001, p. 282.

que a política não conseguira executar. Tal objetivo foi ao menos parcialmente alcançado na Nova Iorque da década de 20, em grande parte, graças aos auspícios de A'Leia. Em sua lista de convidados frequentes se encontravam tanto pessoas negras quanto brancas. Dentre os convidados internacionais, aparecem, da França, a princesa Violette Murat; da Inglaterra, o II Visconde Churchill; da Rússia, o príncipe Basil Mirski; da Libéria, o Presidente C. D. B. King e até alguns membros da família Rothschild.

No início de 1926, A'Leia passou a se mover tão livremente entre seus conhecidos brancos do centro de NY quanto entre seus amigos negros do Harlem. Mas poucos amigos, brancos ou negros, eram tão próximos dela no final dos anos 1920 quanto o já referido Carl Van Vechten.

Até os quarenta anos de idade, Van Vechten havia sido um crítico de música bastante conhecido em Nova Iorque, mas em 1922 passou a se dedicar à literatura. Filho de um dos financiadores da "Piney Branch School", uma escola para crianças negras no Mississippi, Van Vechten se orgulhava de não ter preconceitos e viver em um ambiente de harmonia racial que desejava que alcançasse a sociedade em geral. Portanto, não é de se surpreender que tivesse se dedicado a divulgar os artistas do "Harlem Renaissance". Não se tratava simplesmente de uma questão de preferência estética; ele gostava mesmo das pessoas. Em seu apartamento, prevaleceu uma amizade racial – e sexual – quase utópica, com *bons vivants* de todas as cores bebendo e dançando juntos mesmo nos dias de semana. Por isso ele se tornou sinônimo do que foi classificado como "negrofilia" na época, ao ponto de os turistas curiosos que vagavam pelo Harlem serem chamados de "van-vechtening"⁴¹.

No contato com os amigos negros em suas frequentes incursões pelo Harlem e nas festas que oferecia em seu apartamento, Van Vechten encontrou inspiração para escrever *Nigger Heaven*, seu quinto romance, publicado em agosto de 1926 pelo editor Alfred Abraham Knopf.

O livro *Nigger Heaven* é um melodrama sobre as características mais lúgubres da vida do Harlem. Seu título vem de uma expressão pejorativa usada por algumas pessoas brancas para se referirem à galeria dos teatros, cujos assentos – menos confortáveis – eram reservados para as pessoas negras, que eram proibidas de se sentarem ao lado das pessoas brancas. Até o pai rotariano de Van Vechten se opôs ao título: "Se está tentando ajudar os negros, como eu tenho certeza de que está", ele escreveu ao filho, "acho que cada palavra que você escreve deve ser respeitosa para com eles"⁴².

Van Vechten definitivamente não seguiu o conselho de Mr. Charles Duane Van Vechten. Tanto o título quanto o interior do livro são marcados por uma linguagem sarcástica e irônica. Mas a maior ironia é que Van Vechten emprega nas falas das personagens negras, femininas e masculinas, o dialeto característico dos negros do Harlem à época, ou seja, a linguagem sarcástica e irônica empregada por Van Vechten foi criada justamente no interior da comunidade negra do Harlem.

Nem por isso Knopf se recusou a publicar o livro *Nigger Heaven*, que não foi bem recebido por uma parte do público leitor negro, dentre o qual se destaca

⁴¹ BAILEY, B. The Rage in Harlem. *The New York Times – Sunday Book Review*, New York, 21 fev. 2014.

⁴² Apud PFEIFFER, K. Introduction. In: VAN VECHTEN, C. *Nigger Heaven*. Champaign-Illinois: University of Illinois Press, 2000, p. XIV.

o próprio Du Bois, mas o fato de que este público leitor pudesse não gostar do livro também não constituiu empecilho em agosto de 1926 para a publicação.

A personagem principal, Adora, inspirada em A'Lelia, é assim descrita no livro⁴³:

Ela era inegavelmente calorosa, divertida em seu jeito franco e até bonita, de uma maneira régia africana que a distinguia das outras belezas negras, frequentemente de caráter mais latino do que etíope.⁴⁴

A ousadia de Van Vechten e Knopf foi bem recompensada. A primeira edição de *Nigger Heaven* colocou 16 mil exemplares nas livrarias, que logo se esgotaram. Para conseguir saciar o público, 13 novas edições foram sucessivamente despejadas no mercado. *Nigger Heaven* se tornou o primeiro best-seller da história do livro nos EUA e é até hoje o romance mais lido do movimento “Harlem Renaissance”. Imediatamente após a primeira edição, foi traduzido para dez idiomas e tornou A'Lelia a mulher mais famosa e comentada de Nova Iorque dentro e fora dos EUA. Quanto ao tema principal do livro, resumia-se a uma discussão sobre a “questão negra” – o que fazer com os negros nos EUA após o fim do sistema escravocrata, quando eles haviam se tornado um problema já que, de acordo com parte da comunidade branca, eles não eram mais “úteis” ao sistema. Este fato também não impediu a publicação do livro.

Em outubro de 1927 A'Lelia abre ao público em geral os saraus improvisados em seu apartamento, inaugurando sobre o Walker Hair Parlor o clube “Dark Tower”, um centro cultural informal para jovens artistas e seus apreciadores brancos e negros onde se podia desfrutar de requintada culinária. A “inauguração” foi um sucesso e reuniu mais de uma centena de pessoas. Em uma das paredes, sobre o fundo dourado, o poema premiado de Langston Hughes “The Weary Blues” aparecia em letra caprichada. Na parede oposta, um tradicional soneto intitulado “From the Dark Tower”, do jovem poeta Countee Cullen, anunciava as vozes emergentes dos escritores negros.

Na autobiografia *The Big Sea*, publicada em 1940, Hughes se refere a A'Lelia como “the joy goddess of Harlem’s 1920s”.

No livro *Remember Me to Harlem - The Letters of Langston Hughes and Carl Van Vechten, 1925-1964*, publicado pela editora de Knopf – encontramos referência ao próprio Alfred A. Knopf, certamente uma das figuras mais importantes para o escritor e diplomata brasileiro José Bento Monteiro Lobato, que se instala em Nova Iorque em 1927 com os sonhos de ver seu “romance americano”, *O choque das raças ou O presidente negro, um romance do ano de 2228*, publicado nos EUA e de abrir lá uma editora para publicar os livros de autores brasileiros. Knopf foi provavelmente o primeiro editor a se negar a publicar seu romance.

Em uma carta datada de 13 de maio de 1925, Carl Van Vechten escreve a Langston Hughes⁴⁵:

Os poemas vieram esta manhã e eu voltei a vê-los. Seu trabalho tem uma sensibilidade tão sutil que melhora a cada leitura. Os poemas são muito bonitos e penso que o livro ganha muito com o novo arranjo e com o título.

⁴³ VAN VECHTEN, C. *Nigger Heaven*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1926, p. 21.

⁴⁴ Todas as traduções que aparecem neste capítulo são minhas.

⁴⁵ BERNARD, E. B. (Org.). *Remember Me to Harlem - The Letters of Langston Hughes and Carl Van Vechten, 1925-1964*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1940, p. 7.

Knopf almoça comigo hoje e vou pedir-lhe que os publique e, se não o fizer, outro qualquer o fará. ...Permite-me fazer a introdução? Quero escrevê-la!
[...]

Carl Van Vechten
Quarta-feira

O tom de sua frase “vou pedir-lhe que os publique e, se não o fizer, outro qualquer o fará” tem muito a revelar. Primeiro, a proximidade entre Van Vechten e Knopf, conhecidos ao menos desde 1916; segundo, a influência de Van Vechten sobre o editor e, terceiro, a abertura do mercado editorial norte-americano para temas relacionados à cultura negra e à “questão negra”.

Em carta enviada a Langston no dia seguinte, Van Vechten conta que entregou seus quatro poemas a Knopf “com os devidos encantamentos”.

Carl Van Vechten para Langston Hughes, 14 de Maio de 1925⁴⁶

Nenhuma carta sua nesta manhã, caro Langston, tal como eu estava a me habituar a encontrar diariamente debaixo da porta! A minha notícia é a seguinte: ontem entreguei *The Weary Blues* a Knopf com os devidos encantamentos. Não me sinto particularmente cético quanto ao resultado: os vossos poemas são demasiado bonitos para escapar à apreciação. ...

Carlo
Quinta-feira

A carta se estende em um tom intimista que nos permite perceber a relação próxima e antiga entre o futuro editor de *O presidente negro*, Knopf, e Van Vechten, o melhor amigo de A'Lelia, a mecenas das artes em Nova Iorque cujos negócios se estendiam até o outro extremo dos EUA, Hollywood.

Qual editor norte-americano ousaria publicar um livro como *O choque das raças* ou *O presidente negro* e cair em desgraça com A'Lelia ao disseminar uma fortíssima propaganda contra seus produtos? – na segunda parte do romance, uma ficção científica, os homens negros dos EUA são esterilizados por meio de um processo de alisamento capilar.

Sob os auspícios de Madam C. J. Walker e Annie Minerva Turnbo, o acesso a cursos profissionalizantes e ao trabalho como culturistas da beleza da mulher negra e vendedoras foi oferecido a muitas centenas de mulheres negras, que ascenderam socialmente. Além disso, mais escolas para a comunidade negra foram criadas, organizações para defesa de direitos iguais entre cidadãos negros e brancos foram fortalecidas e outras tantas foram criadas. Sob os auspícios de A'Lelia, o movimento dos “Novos Negros” desabrochou no Harlem, dando origem ao período de efervescência conhecido como “Harlem Renaissance”. Este, por sua vez, misturou negros e brancos; héteros e homossexuais; capitalistas e socialistas, ricos e pobres naquele lugar ímpar. Quem afrontaria tudo isso, publicando um livro em que as personagens negras foram esterilizadas pelo alisamento capilar?

O problema do livro de Lobato, como fica claro, não se encontrava na temática nem no vocabulário – em tudo semelhantes a *Nigger Heaven*. Até a atuação de Lobato – quando publica no Brasil os contos “Os Negros” (data estimada: 1920) e “Negrinha” (1921); oferece emprego a autores negros em sua editora localizada em São Paulo e enaltece a nobreza de caráter dos negros e sua

⁴⁶ Ibidem, p. 8.

contribuição para a formação dos EUA em várias páginas do livro *O choque das raças ou O presidente negro* se parece muito com a atuação de Van Vechten.

Caso o “romance americano” de Lobato tivesse sido publicado nos EUA, Lobato poderia ter sido visto como um segundo Van Vechten em Nova Iorque. Porém *O choque das raças ou O presidente negro* se tornaria a pior propaganda que os negócios de A’Lelia e a comunidade negra norte-americana poderiam ter.

O Lobato ativista, que já tinha atacado o sistema escravocrata brasileiro e a violência com que os negros eram tratados no Brasil, ao dedicar seu “romance americano” à defesa dos negros dos EUA (ao começar o livro com a afirmação de que somos todos iguais e encerrá-lo com a defesa da manutenção de nossas características naturais), acabou por escrever um livro que, para A’Lelia, resumia-se a uma peça de propaganda contra o alisamento de cabelo. Logo, o editor que ousasse publicá-lo enfrentaria sérios problemas em seu meio.

Por outro lado, além de escritor, Lobato era um homem de negócios com aguçado tino comercial. No lugar de A’Lelia, também ele não permitiria a publicação do livro. Em outros tempos, antes dos Novos Negros e do “Harlem Renaissance”, seu “romance americano” talvez tivesse sido aclamado por Du Bois e pelo próprio Booker T. Washington (um dos mais importantes defensores dos afro-americanos na época) como primeiro libelo à superioridade dos integrantes da etnia negra e contundente protesto contra as injustiças a que eles eram submetidos. Porém, de acordo com a Madame C. J. Walker, até Booker T. Washington, a princípio refratário, teria se rendido à aplicação de sua pomada Wonderful Hair Grower. Além disso, o lugar e o papel do negro na sociedade norte-americana haviam mudado sensivelmente na década de 1920 graças à atuação das instituições de defesa dos direitos dos cidadãos negros e às atitudes de pessoas como Madam C. J. Walker, A’Lelia, Booker T. Washington, Du Bois e tantas outras.

A despeito de todas estas mudanças positivas, os linchamentos – de afro-americanos e de brancos, homens e mulheres – continuavam ocorrendo, embora em menor número e mais restritos aos estados do sul dos EUA. Mas a justificativa apresentada pelos editores norte-americanos que se recusavam a publicar o “romance americano” de Lobato⁴⁷ levava a se acreditar que os cidadãos norte-americanos brancos foram injustiçados na estória fictícia escrita por Lobato – embora muitos corpos negros ainda balançassem nas árvores lá fora e continuariam a balançar por mais quatro décadas. Lobato precisava acreditar na indignação dos editores – homens brancos – que se recusaram a publicar seu romance⁴⁸. Se o real motivo da recusa do romance era a indignação diante do papel que Lobato atribui aos homens brancos em sua ficção científica que se passa em 2228 ou se o motivo era o temor diante da reação de A’Lelia, o fato é que o livro não foi publicado nos EUA até hoje⁴⁹.

⁴⁷ “Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue-frio o belo crime que sugeri.” Lobato, em carta a Rangel enviada de Nova Iorque e datada de 5 de setembro de 1927 (LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1944, p. 475-477).

⁴⁸ Diante das recusas que havia recebido de vários editores, Lobato contactou o editor-chefe da agência literária Palmer, William David Ball, para encontrar uma editora para seu romance. A carta que Ball lhe enviou contendo a análise que faz do romance e conselhos se encontra anexada ao final deste capítulo.

⁴⁹ A tradução de Ana Lessa-Schmidt sairá nos EUA em 2022 pela editora Librarium.

Com o passar do tempo, Lobato foi percebendo que jamais conseguiria entrar no mercado editorial norte-americano – nem como escritor, nem como editor.

No entanto, por meio de uma carta de Lobato a sua amiga Yaynha datada de 2 de outubro de 1928, ficamos sabendo que seu “romance americano” foi traduzido para o francês e publicado na *Revue de l'Amérique Latine* em setembro de 1928.

Analisando o livro, é possível notar que se trata de uma distopia – a estória mostra como alguns homens brancos integrantes de uma sociedade de pessoas moralmente e fisicamente perfeitas (graças à aplicação de técnicas eugênicas) esterilizou todos os homens negros desta sociedade para evitar que algum homem negro fosse novamente eleito para a presidência dos EUA. Como as pessoas desta sociedade resultavam de mais de um século de “aperfeiçoamento genético” e “purificação social”, estas pessoas não podiam mentir, matar nem descumprir leis como as previstas pela constituição do país. Quando um homem negro é eleito presidente dos EUA, o presidente em exercício e outros políticos, ao invés de atentarem contra as regras para impedir que o presidente eleito assumisse o poder, encontram um subterfúgio que leva à esterilização de todos os homens negros dos EUA. Desta forma, eles impedem que outro homem negro fosse eleito presidente no futuro. Ou seja, o resultado do aperfeiçoamento genético e moral proporcionado pela aplicação de métodos eugênicos é o pior possível: para não cometer um erro como mentir ou desrespeitar uma lei, as pessoas supostamente perfeitas fazem algo extremamente pior. A distopia se encontra justamente na focalização dos aspectos negativos de uma sociedade fictícia perfeita, por isso as distopias são atreladas à ficção científica.

Lobato, um escritor brasileiro nascido no interior do estado de São Paulo em uma pequena cidade dedicada à agricultura, desde cedo revelou seu interesse pelo desenvolvimento tecnológico e pela metafísica.

Em seu conto “Os Negros”, cuja estória se passa no Brasil no fim do século XIX, a personagem principal é um morto que se “incorpora” no amigo do narrador e, por meio desta personagem, conta como foi sua vida e como desencarnou ao ser assassinado. Em *O choque das raças ou O presidente negro*, cuja estória principal se passa nos EUA em 2228, a comunicação entre os mortos (desencarnados) e vivos (encarnados) passou por avanços tecnológicos. O *médium* (pessoa encarnada por meio da qual a pessoa morta fala) foi substituído pela linha “psicofônica” (similar à linha telefônica, mas que transmitia a voz de pessoas desencarnadas). Para receber a comunicação dos mortos, os centros espíritas (locais que começaram a se tornar populares no Brasil no início do século XX onde pessoas que recebiam mensagem dos mortos se reuniam) foram substituídos por uma agência denominada “Psychical Work Company”, demonstrando que o futuro seria dominado pelo capitalismo, que transformaria tudo em “companhias comerciais”. Também prevendo que o futuro seria dominado pela comunicação, as notícias recebidas do mundo dos desencarnados pela “Psychical Work Company” seriam divulgadas por meio do jornal *Intermundane Herald*.

Ainda prevendo um futuro dominado pelo avanço tecnológico, Lobato recheia as páginas de seu “romance americano” com aparelhos de alta tecnologia. Um deles podia filmar os sonhos de uma pessoa e depois transmiti-los à pessoa em forma de filme (o “teatro onírico”, imaginado antes da invenção do cinema falado e da televisão). No futuro imaginado por Lobato também há um aparelho complexo (formado por outros aparelhos menores conectados uns aos outros) que permite a

visão do futuro e do passado (o porviroscópio). Lobato também descreveu no romance aparelhos que hoje identificamos com o computador e a tecnologia que hoje identificamos como sendo a internet. Em sua estória, as personagens enviavam mensagens instantâneas (em formatos que hoje poderíamos correlacionar como e-mails e WhatsApp) e havia displays eletrônicos em locais estratégicos para divulgar informações de relevância social. Por meio desta tecnologia, as personagens de Lobato não precisavam ir até escritórios e outros ambientes de trabalho, elas trabalhavam em casa (home-office). Uma técnica cirúrgica avançada também é descrita no romance: o desdobramento anatômico. Por meio desta técnica, era possível que uma pessoa executasse uma série de tarefas com metade de seu corpo e outra série de tarefas com a outra metade. Esta técnica, porém, não havia alcançado sucesso. A personagem que sofrera o corte anatômico não tinha total controle sobre as duas metades de seu corpo. Isso revela que a intervenção artificial no corpo humano não produz bons resultados, o que está de acordo com a tese do livro segundo a qual a eugenia é negativa. Outra técnica desenvolvida pelas personagens de Lobato no futuro fictício e apenas supostamente utópico de seu livro é a “rádio-sensação”, explicada pelo autor como a “capacidade de sentir à distância”: por exemplo, a sensação provocada pelo tabaco no organismo e mente do fumante poderia ser experimentada sem a necessidade de se fumar o charuto.

Mais do que antecipar a televisão, a internet, o e-mail, o WhatsApp, o home-office e outras modernidades de que ainda não dispomos – o porviroscópio, a rádio-sensação, o teatro onírico, a linha psicofônica, a central para receber a comunicação dos espíritos, o jornal para divulgar notícias do mundo dos desencarnados e o desdobramento anatômico –, em seu “romance americano” Lobato antecipou em mais de três décadas a teoria das cordas, que os físicos só enunciariam na década de 1960. Em lugar da metáfora “cordas”, Lobato usou o termo já empregado pelos alquimistas da Antiguidade – éter – e assim enunciou a teoria: “A vida na terra é um movimento de vibração do éter, do átomo, do que quer que seja uno e primário, entende? [...] Força, éter, átomo: denominações arbitrárias de uma coisa una, que é o princípio, o meio e o fim de tudo. Por comodidade, chamarei éter a esse elemento primário. Esse éter vibra e, conforme o grau ou intensidade da vibração, apresenta-se-nos sob formas. [...] A vida, a pedra, a luz, o ar, as árvores, os peixes, a sua pessoa, a firma Sá, Pato & Cia.: modalidades da vibração do éter. Tudo isso foi, é e será apenas éter.”⁵⁰.

Mais do que enunciar a teoria das cordas, que afirma basicamente que a menor partícula do universo é uma corda e que todas as cordas que compõem o universo são idênticas, mas apresentam diferentes padrões vibratórios, percebidos como diferentes vibrações, Lobato ainda introduz a necessidade de que um “interferente” tenha feito as cordas vibrarem para que elas dessem origem ao universo: “Mas não há somente éter no mundo. Se só houvesse éter e fosse de sua essência vibrar, a vibração seria uniforme e tornaria impossível a manifestação de formas de vida. Seria o estatismo eterno. [...] A vibração do éter, pois, sofreu a interferência... [...] Sofreu a interferência do que, cá no vocabulário que criei com minha filha, chamo o Interferente. Isto de palavras não tem importância, como já disse. Só vale a ideia. O Interferente poderá para outros ter o nome de Deus,

⁵⁰ LOBATO, M. O choque das raças ou O presidente negro. In: SANTANA-DEZMANN, V. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021, p. 221.

por exemplo, ou de Vontade. Os filósofos que filosofam com palavras passam a vida a debater qual a melhor palavra a aplicar ao meu Interferente, como se palavras jamais esclarecessem alguma coisa.”⁵¹.

No livro, ele também descreve como teorias sociais baseadas no uso pragmático da eugenia foram aplicadas à sociedade fictícia dos EUA ao longo de mais de um século até gerar a sociedade “perfeita” de 2228. Como parte desta prática, até uma cidade em que os bebês eram concebidos em uma atmosfera propícia à geração de pessoas de elevado padrão moral foi imaginada – Erópolis⁵². Nada disso evitou, porém, que, ao focalizar o aspecto nefasto da perfeição, esta ficção científica se revelasse uma distopia, pois a sociedade “perfeita” – formada à base da aplicação da eugenia – é revelada pelo romance de Lobato como monstruosa.

As primeiras distopias de que temos registro são *We*, romance escrito pelo russo Yevgeny Ivanovich Zamyatin entre 1920 e 1921, mas só publicado em 1924 em um jornal para imigrantes russos em Nova Iorque; *Brave New World*, escrito pelo inglês Aldous Huxley e publicado em 1931; *Nineteen eighty-four*, escrito pelo também inglês George Orwell e publicado em 1949, e *Fahrenheit 451*, escrito pelo norte-americano Ray Bradbury e publicado em 1953. *O choque das raças ou O presidente negro*, publicado entre 5 de setembro e 1 de outubro de 1926 em capítulos no jornal *A Manhã*, no Rio de Janeiro, e impresso em dezembro do mesmo ano em São Paulo pela Companhia Editora Nacional em forma de livro, encontra-se, portanto, entre as primeiras distopias da história da literatura.

Que “América” Lobato pintou em *O choque das raças ou O presidente negro* e foi lá encontrar?

Uma “América” que caminhava a passos largos na estrada do desenvolvimento tecnológico; em que a Constituição era respeitada acima de tudo; em que os negros alisavam o cabelo e usavam produtos que prometiam clarear a pele; em que brancos e negros interagiam, mas na qual o preconceito racial ainda persistia; uma América fruto do esforço de brancos e negros, mas onde não se admitiria que os negros assumissem o poder político; uma América onde a “questão negra” ainda predominava, a despeito de qualquer ascensão que os negros pudessem atingir. Com o passar do tempo, ao invés de chegar a um termo pacífico, a “questão negra” dos EUA se acirraria ainda mais, culminando nos protestos dos anos 60 liderados por Martin Luther King. Que influências o livro *O choque das raças ou O presidente negro* teria exercido sobre a história e mentalidade de negros e brancos nos EUA caso tivesse sido publicado jamais saberemos. Que lugar o livro teria no movimento “Harlem Renaissance” também não podemos imaginar. Mas podemos imaginar que Lobato, A’Lelia, Van Vechten, Alfred Abraham Knopf frequentavam os mesmos locais e se encontraram, ainda que por coincidência, em algum clube do Harlem, talvez até mesmo no “Dark Tower” – em algumas cartas publicadas Lobato relata seus passeios por clubes de Nova Iorque. Teriam sido eles apresentados por Isaac Goldberg? Alfred Knopf já havia publicado contos de Lobato nos Estados Unidos traduzidos e organizados por Goldberg. Havendo oportunidade, não teria Goldberg apresentado Lobato a Knopf? É bastante improvável que não o tivesse feito.

⁵¹ Ibidem, p. 222.

⁵² Ibidem, p. 276-277.

Teriam eles conversado sobre o “romance americano” de Lobato? É bastante improvável que Goldberg (contato de Lobato nos EUA) não tivesse sido o encarregado de encontrar um editor para o livro. Também é bastante improvável que o primeiro editor procurado não tenha sido Knopf.

As perguntas são muitas e relevantes para a reconstituição de uma história até hoje obscura, não explicada e incompreendida.

Anexos

1. Carta datada de 17 de novembro de 1927 de William David Ball, editor-chefe da agência literária Palmer, contendo análise do enredo de *O choque das raças ou o presidente negro*, de Monteiro Lobato, e conselhos para o autor⁵³.

William David Ball, Editor-chefe da Palmer Literary Agency
(6362 Hollywood Boulevard, Hollywood California)
Mr. J. Manturo Lobato – 205 – 24th St – Jackson Heights, LI, NY
Dear Mr. Lobato:

(1) It has been with more than an average degree of interest that I have read your story THE CLASH OF THE RACES for the material has been entertainingly presented and indicates a rich creative imagination. Unfortunately, however, the central theme is based on subject matter that is particularly difficult to present in this country for it is likely to awaken the bitterest kind of partisanship, and for that reason, publishers are invariably loathe to present it to the reading public.

Your preliminary chapters are very well handled and pave the way for the amazing revelations of Prof. Benson and his daughter in a convincing fashion. You have also succeeded very well in maintaining a thread of intimate personal interest through the love of the narrator Ayrton Lobo for Jane Benson, which would prevent the reader from losing himself in the mazes of fantastic events (2) Had the main complications of your story dealt with almost anything else rather than the negro question, there would have been a better opportunity of placing the manuscript with a publisher. Had you allowed your imagination to play with some mythical invasion or had events dealt particularly with the struggle between the sexes, leading to some significant and entertaining solution instead of being subsidiary action as is presented here, there might be a possibility of finding a market depending of course on the novelty of the solution and the skill in treatment. But when it comes to the negro question, and the suggestion that they are to be entirely exterminated, not even the fact that this event is 300 years in the future, would soften it in the minds of negro readers. The poignancy of the situation and the appeal with which you have endowed the chief negro character James Ridden, would only serve to heighten the undesirable factors in the case. Where you dealing with the invasion of an alien nation, or race,

(3) the reaction would be quite different; but the negro is an American citizen, an integral part of national life, and to suggest his complete extermination through the superior wit and skill of the white race would lead to almost as violent

⁵³ SANTANA-DEZMANN, V. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021, p. 196.

dissension in the mind of readers, as would the presentation of a conflict between two political parties or two religious denominations in which one extirpated the other.

There is no doubt of your ability. Your work reveals a keen sense of the dramatic and highly imaginative qualities. As you proceed with your study of English and of creative writing, I should advise you to pay particular attention to the type of material that is used extensively by American publishers. Canvas the market thoroughly, for this will assist you greatly in your choice of subject material, as you proceed with your own work

(4) Do not look upon this manuscript as lost effort by any means. Keep it on file and later on, when you have been able to gain a fresh perspective on the idea, it is possible that you may be able to retrieve much of the story material, interweaving it with some other problem or thematic idea. I shall look forward with much interest to seeing other examples of your work, and I hope that you are going to derive a vast amount of pleasure and benefit from your study of the course when you are able to proceed with it.

With kindest wishes, I remain. Sincerely, William David Ball. Editor in Chief.

2. Carta datada de 17 de novembro de 1927 de William David Ball, editor-chefe da agência literária Palmer, contendo análise do enredo de *O choque das raças* ou o presidente negro, de Monteiro Lobato, e conselhos para o autor, traduzida por Vanete Santana-Dezmann⁵⁴.

17 de novembro de 1927

William David Ball, Editor-chefe da Palmer Literary Agency
(6362 Hollywood Boulevard, Hollywood California)

Mr. J. Manturo Lobato
205 - 24th St
Jackson Heights, LI, NY
Caro Sr. Lobato:

(1) Foi com mais do que um grau médio de interesse que li sua estória *THE CLASH OF THE RACES*. O material é apresentado de forma divertida e indica uma rica e criativa imaginação. Infelizmente, porém, o tema central é baseado em assunto particularmente difícil para se apresentar neste país, sendo susceptível de despertar o tipo mais amargo de partidarismo e, por esta razão, os editores invariavelmente odeiam [a ideia de] apresentá-lo ao público leitor.

Os seus capítulos preliminares são muito bem tratados e abrem caminho para as incríveis revelações do Dr. Benson e sua filha de uma forma convincente. Também conseguiu muito bem manter um fio de interesse pessoal íntimo por meio do amor do narrador Ayrtton Lobo por Jane Benson, evitando que o leitor se perdesse nos labirintos de acontecimentos fantásticos. (2) Se as principais complicações de sua história tivessem se restringido a essas questões, sem tocar na questão negra [*negro question*, no original], a chance de colocar o manuscrito em uma editora teria sido maior. Se o senhor tivesse permitido à sua imaginação

⁵⁴ Ibidem, idem.

brincar com alguma invasão mítica ou se os acontecimentos tivessem se referido somente à luta entre os sexos, levando a alguma solução significativa e divertida; em vez de este tema ser uma ação subsidiária, como foi apresentada, poderia haver a possibilidade de encontrar um mercado, dependendo, claro, da novidade da solução e da habilidade no manejo do tema. Mas quando se trata da questão dos negros, e a sugestão de que eles devem ser totalmente exterminados, nem mesmo o fato de este evento se passar 300 anos no futuro o suavizaria na mente dos leitores negros. A pungência da situação e o apelo com que dotou o principal personagem negro, James Ridgen, só serviriam para elevar os fatores indesejáveis do caso. Se mexesse com a invasão por uma nação ou raça estrangeira, (3) a reação seria bastante diferente; mas o negro é um cidadão americano, parte integrante da vida nacional. Sugerir seu completo extermínio através da sagacidade e habilidade superior da raça branca levaria a uma dissensão quase tão violenta na mente dos leitores quanto a apresentação de um conflito entre dois partidos políticos ou duas denominações religiosas em que um extirpasse o outro. Não paira dúvida sobre sua capacidade. Seu trabalho revela um sentido aguçado das qualidades dramáticas e altamente imaginativo. Ao prosseguir seu estudo do inglês e da escrita criativa, aconselho-o a prestar particular atenção ao tipo de material que é amplamente utilizado pelas editoras americanas. Revise bem o mercado, pois isto o ajudará muito na escolha do material a tratar à medida que avança com seu próprio trabalho.

(4) De modo algum considere este manuscrito um esforço perdido. Mantenha-o em arquivo e mais tarde, quando tiver conseguido obter uma nova perspectiva sobre o tema, é possível que consiga recuperar grande parte do material da estória, entrelaçando-o com algum outro problema ou ideia temática. Aguardarei com muito interesse outros exemplos de seu trabalho e espero que faça bom proveito de seu estudo quando for capaz de prosseguir com ele, e que se beneficie dele. Com os melhores cumprimentos. Sinceramente, William David Ball.
Editor-chefe

CAPÍTULO 5 – *Caçadas de Pedrinho* ou a guerra de comandos e símbolos

Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira

A guerra dos comandos
A caçada da onça que surge no sítio de propriedade de Dona Benta, evento que inicia *Caçadas de Pedrinho*⁵⁵ e deflagra as demais peripécias das personagens no livro, diz respeito a uma “bravata” à moda dos meninos aventureiros de princípios do século XX, cujos modelos de comportamento e valentia associavam-se aos corajosos heróis do cinema, literatura e histórias em quadrinhos do feito de *Tarzan*⁵⁶, *Tom Mix*⁵⁷ e *Popeye*⁵⁸. Combatentes heróicos, sem hesitações, com poderes muitas vezes sobre-humanos, com poucos traços de sombreamento psicológico a impedirem suas ações destemidas, tempestivas, salvando a cena e a mocinha em poucos lances.

Era assim o perfil do herói da juventude masculina no período, a julgarmos pelo material mais veiculado (e potencialmente consumido) pelos meios de então⁵⁹. Nesse quadro temos Pedrinho, importante “habitante” do Sítio do Picapau Amarelo. As aspas se explicam por sua habitação sazonal: Pedrinho, ou Pedro Encerrabodes de Oliveira, é um neto de Dona Benta que, diferentemente de sua prima Narizinho (Lúcia, a menina do narizinho arrebitado), não vive no Sítio exceto em ocasiões específicas, quais sejam, as férias escolares.

É Pedrinho um menino da cidade, e vive com sua mãe, Antonica (filha de Dona Benta), num ambiente urbano que sobre ele exerce pouco ou nenhum fascínio. Pedrinho, como a Alice de Lewis Carroll, vive para existir em sonho: o sonho da irrealidade, ou da realidade sobreposta do sítio de sua avó, com sua prima e os demais habitantes encantados do mundo mágico ficcional que Monteiro Lobato urdiu.

⁵⁵ A edição que tomaremos como referência é a 5ª edição da Biblioteca Azul, de 2015, edição recente e ainda à venda, localizável a preços módicos ao tempo de redação deste artigo, em dezembro/2021-janeiro/2022.

⁵⁶ Célebre personagem criada em 1912 por Edgar Rice Burroughs (1875-1950), em série literária trazida ao Brasil posteriormente por Monteiro Lobato e traduzida por ele próprio, Manuel Bandeira, Godofredo Rangel, entre outros; grande sucesso, o “homem-macaco” seria adaptado também para os quadrinhos, filmes e programas de tevê. Lobato disse a seu correspondente mais habitual, Godofredo Rangel (carta de 8 de julho de 1926) que achava a série de Tarzan “curiosa e bem infantil” (LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010, p. 514).

⁵⁷ Ator americano (1880-1940) celebrizado sobretudo por faroestes no cinema silencioso; aparece em um “papel” relevante no *Reinações de Narizinho* lobatiano.

⁵⁸ Personagem dos quadrinhos criada por E. C. Segar (1894-1938) em 1929, futuramente transportada com sucesso para animações e outras mídias. Também aparece com destaque em uma obra lobatiana, *Memórias da Emília*.

⁵⁹ Não é nosso objetivo determo-nos no fenômeno. Não obstante, se considerarmos a perenidade da maior parte dessas figuras no imaginário e veiculação de massas muitas décadas adiante, podemos concluir que a representação ainda encontra aficionados e admiradores duas décadas após a entrada do século seguinte. São tipos universais, claramente; e Lobato, que admirava figuras mitológicas e perenes (Hércules, Dom Quixote), soube capturar o sentimento de agregação que os novos retratos de ação em sua época possibilitavam.

Portanto, um dado importante é que Pedrinho é uma criatura de fantasia, sonhada, imaginada. Do mesmo modo que suas aventuras são filtradas pela criatividade criadora do autor e pela experiência transmodificadora por que passarão suas personagens.

Dimensionar a imaginação é importante: *Caçadas de Pedrinho* não é um relato jornalístico, nem tem pretensões de ser descrição acurada da realidade em qualquer instância; é uma estória fantástica, devendo ser absorvida com instrumentais próprios da ficcionalidade ou do lidar com a ficção – como a um médico se associa um bisturi, não um martelo, a esta estória com animais falantes e eventos mágicos as considerações a serem feitas deverão necessariamente levar em conta as ordenações do trato narrativo.

Nas elucidativas palavras de Anatol Rosenfeld, a respeito do encadeamento ficcional e o pacto narrativo na literatura, “este mundo fictício [...], que freqüentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra”⁶⁰.

O sítio de Dona Benta remete a um sítio, porém não a um sítio qualquer, senão ao mesmo sítio de Dona Benta. Tampouco seus habitantes terão o estatuto estático de representarem puramente figuras reais, transpostas sem as ferramentas criadoras da imaginação que as modificará e dará a elas o sentido diegético para se movimentarem – isto é, os elementos de que elas se valerão para existirem e agirem enquanto personagens, em contexto próprio, particularizado, coerente com determinadas regras estruturais internas.

Estabeleçamos então que Pedrinho, ainda que seja um menininho, considere-se um herói nos moldes dos homenzarrões que admira. Anseia por grandes aventuras e feitos. “Quería leões, tigres, rinocerontes, elefantes, panteras e queixava-se a Dona Benta (como se a boa senhora tivesse culpa) da pobreza do Brasil a respeito de feras”⁶¹.

No mundo infantil em que ora é líder, não se estranha sua atitude, tampouco sua chefia. Pedrinho segue um corpo de princípios a que fará jus com todo seu figurino moral de personagem. Ora, em consonância com sua estrutura constitutiva, para ele valerá a mesma regra dos heróis crescidos: localizado o problema, resolva-se.

O problema: apareceu uma onça por ali. O chamado da aventura é imperativo. Como resolver? Caçando a onça. Prova de bravura inconteste:

- Sabe? Rabicó descobriu que anda uma onça no capoeirão dos Taquaruçus!...
- Uma onça? Não me diga! Vou já avisar vovó...
- Não caia nessa – advertiu o menino. – Medrosa como ela é, vovó ou morre de medo ou trata de nos levar hoje mesmo para a cidade. Muito melhor ficarmos quietos e caçarmos a onça.
- A menina arregalou os olhos.
- Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?
- Sei, sim, como também sei que gente mata onça.
- Isso é gente grande, bobo!

⁶⁰ ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 15.

⁶¹ LOBATÓ, M. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015a, p. 88.

– Gente grande!... – repetiu o menino, com ar de pouco-caso. – Vovó e Tia Nastácia são gente grande e, no entanto, correm até de barata. O que vale não é ser gente grande, é ser gente de coragem, e eu...

– Bem sei que você é valente como um galo garnisé, mas olhe que onça é onça. Com um tapa derruba qualquer caçador, diz Tia Nastácia.

O menino bateu no peito com arrogância.

– Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro, arrastada pelas orelhas. Se você e os outros não tiverem coragem de me acompanhar, irei sozinho.

A menina arrepiou-se de entusiasmo diante de tamanha bravura e não quis ficar atrás.

– Pois vou também! – gritou. – Uma menina de nariz arrebicado não tem medo de coisa nenhuma. Vamos convidar os outros⁶².

Eis o pacto ficcional. Instado a demonstrar seu valor (coragem) diante do temeroso (caçar onça), o menino alça-se à maioria (gente grande/gente de coragem) e, por suas qualidades de líder intímido (“irei sozinho”), conquista, impressiona e arregimenta seguidores (“vou também”; “vamos convidar os outros”).

Leia-se com atenção: Pedrinho é um destemido menino caçador, mas é um caçador menino. Planejará nas páginas seguintes seu feito à revelia dos mais velhos (Dona Benta e Tia Nastácia), que o guardam e poderiam desautorizar sua empresa. Em outras palavras, mesmo a “gente de coragem” teme prestar contas a seus responsáveis e planeja suas proezas às escondidas...⁶³

O valor ficcional dos elementos narrativos está estabelecido. Esqueça-se a literalidade: crianças não vão caçar onça, nem na época de Lobato e nem na nossa. Não há nem houve notícia de caçadores infantis de felinos de grande porte motivados pelo exemplo de Pedro Encerrabodes de Oliveira, sua prima Lúcia e demais “gentes de coragem” – hoje poder-se-ia apostar mesmo que as personagens/crianças prefeririam fugir de uma onça a enfrentá-la, matando-a. Gosto da época, moda de então.

O que há é a construção de um ideal de personagem, uma “ideia” de criança, arquétipo literariamente desenvolvido na narrativa, que acorda com as ações que vemos no livro, com o valor ficcional das aventuras ali narradas.

Antonio Candido, lembrando que “a personagem é um ser fictício”, entende a estrutura de um romance de ficção como apoiada na noção de verdade que a personagem passa: “Podemos dizer [...] que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”⁶⁴. Acreditamos em Pedrinho como Pedrinho se nos afigura crível enquanto personagem, verossímeis ações, conforme personalidade.

No terreno da ficcionalidade, destarte, as *Caçadas* tomam rumo próprio, desde o início deixando transparente que, naquele mundo artificiado, nenhum caçador adulto conseguira dar fim ao problema despontado: “Por várias vezes os caçadores das terras vizinhas haviam organizado batidas a fim de dar cabo

⁶² LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 9-10.

⁶³ Mesmo a espingarda do herozinho foi feita secretamente. Conta o narrador que “ele mesmo tinha fabricado escondido de Dona Benta, com cano de guarda-chuva e gatilho puxado a elástico” (Ibidem, p. 13).

⁶⁴ CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 55.

dela, sem nenhum resultado. A onça escapava sempre”⁶⁵. Sobrará às “simples crianças” o encargo de resolver a contento a situação, e é isso que elas farão, organizando-se para a tarefa, distribuindo funções e expertises.

As crianças da década de 1930, como Pedrinho ao se inspirar nos caçadores “reais”, entendiam a fabulação narrativa e, ainda que sonhadoras, compreendiam ser tudo uma grande, prazerosa fantasia, com suas regras estruturantes. Amparadas eventualmente por pequenos alertas, como quando Narizinho afirma peremptoriamente, sem dissidências, que a ideia de “construir uma estacada, como faziam os índios”, sugestão de seu primo Pedrinho, era “impossível” porque “para fazer semelhante estacada teríamos de contratar vários homens para cortar os paus e fincá-los – e vovó desconfiaria e viria a saber de tudo”⁶⁶. Narizinho, Pedrinho e seus companheiros leitores mirins sabiam e sabem que até mesmo a poderosa imaginação infantil possui delimitações...

Jaqueline Negri Rocha vislumbra nas aventuras metafóricas constantes no livro um comentário sobre o crescer das crianças. Diz ela que

para se defenderem do ataque das onças, as crianças adotam como estratégia o uso de pernas de pau ensebadas. O aumento de *altura* pode ser lido como uma alusão ao crescimento e, conseqüentemente, ao universo adulto, contrariando assim uma interpretação que leia literalmente a afirmação das crianças enquanto agentes solucionadores de problemas. De qualquer forma, porém, a alternativa encontrada envolve a fantasia do universo infantil: entram em cena a imaginação, um brinquedo e a capacidade dos pequenos de encontrarem uma solução inventiva, improvável de ocorrer aos adultos⁶⁷.

Se faz todo sentido rejeitar qualquer tentativa de encaixar Lobato em um rótulo de escritor de textos literários “literais”, por seu humor, sua prosa repleta de figuras de linguagem, seu pacto ficcional complexo e multifacetado, enfim, a leitura do episódio das pernas de pau como metáfora do crescimento parece-nos por demais evidentemente psicanalítica para que o narrador, usualmente parcimonioso na dosagem psicológica de suas criaturas, se sirva dela nesse sentido.

Pensamos não haver forte sustentáculo à teoria. As crianças em pernas de pau ainda são crianças e não procuram crescer, não mais do que os adultos que também nelas subirão buscarão “infantilizarem-se”. A imagem não nos soa adequada, posto aproxime mais uma vez Pedrinho de Alice, a que já fizemos menção: ambos crescerão permanecendo crianças em sonho. Nas aventuras de Lobato, as crianças resolverão os problemas enquanto crianças, porque esse é o papel delas.

Seguindo na estória, após lances intrépidos, a onça é capturada, e instaura-se outro momento na trama. Os animais selvagens, moradores dos verdes em redor, ficam ressabiados. Estão sendo caçados! Ninguém mais está seguro. É preciso fazer algo, urge remediar a situação. Os bichos fazem uma assembleia e decidem-se pelo ataque, na medida de suas capacidades:

Um jabuti adiantou-se e disse:

– O meio que vejo é nos mudarmos para outras terras.

– Que terras? – replicou a capivara. – Não há mais terras habitáveis neste país.

Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a

⁶⁵ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 35.

⁶⁶ Ibidem, p. 49.

⁶⁷ ROCHA, J. N. *História de caçador, histórias de caçadas*. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 246-247.

pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. A ideia do jabuti não vale grande coisa. Impossível nos mudarmos, porque não temos para onde ir.

– Amor com amor se paga – disse uma jaguatirica. – Matando a nossa rainha esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta.

A capivara ficou pensativa. Isso de assaltar um sítio era realmente coisa que só onças e jaguatiricas podiam fazer, porque são animais guerreiros.

– Sim – disse a capivara –, a ideia não me parece de todo má, mas semelhante guerra só poderá ser feita por vocês, onças, ajudadas pelos cachorros-do-mato e iraras. Eu, por exemplo, e também as pacas e veados e lontras e borboletas e serra-paus e carrapatos, não entendemos nada de guerra.

– Pois que fique a luta a nosso cargo – disse a jaguatirica. – Encarregar-me-ei de reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-do-mato e iraras da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta. Havemos de vencer aqueles meninos e comer a todos da casa – inclusive as duas velhas⁶⁸.

Atentemos ao caráter de cada animal que participa do concílio⁶⁹. O jabuti, paciente, sugere que se mudem – ele, que leva a casa nas costas a todo instante –; a capivara vê valor na proposta, porém sente que só animais de força equiparada à dos grandes felinos e canídeos poderão ser de valia num ataque corporal; a jaguatirica, rápida, feroz, decide-se pelo assalto, adianta-se para juntar mais iguais para compor um exército.

A organização dos exércitos é motivo recorrente em *Caçadas*. Por meio de um sistema de espelhamento, temos que o bando das crianças sofrerá um contra-ataque do bando de animais. Ambos furiosos, ambos procurando medir suas forças, equipar-se, superar a estratégia da facção rival.

As crianças, soberbas, não aceitam que um animal alienígena apareça para questionar seu mando: “juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro, arrastada pelas orelhas”, dissera Pedrinho. Além da derrota, precisavam impor a humilhação aos derrotados.

Os animais não deixam por menos: “havemos de vencer aqueles meninos e comer a todos da casa”. Não há diplomacia, apenas guerra. Ambos os lados querem dominar, exhibir poder, impor-se.

Fica de veras claro pelo relato que os dois grupos possuem seus argumentos, ainda que não inteiramente justos ou justificáveis. O lado das crianças provavelmente se baseia numa ideia abstrata de defesa da propriedade, pois onças atacam pessoas e animais domesticados, e caçá-las seria o meio mais eficaz de dirimir a ameaça (apesar de que o pretexto moral para a expedição, evidentemente, tenha sido manifestar coragem); o lado dos animais, ainda que a desproporção numérica torne seu revide covarde, está em essência também arquitetando uma defesa: a intrusão dos homens na vida natural causa luto (o “onço” ficou viúvo), compromete o equilíbrio das espécies, arrisca o próprio sistema em que estão todos inseridos – hoje aceitaríamos comodamente o fato de estarmos diante de uma ameaça ao “ecossistema”.

⁶⁸ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 38-41.

⁶⁹ Conferir, na divisão seguinte deste artigo, nossos comentários sobre as relações de símbolo entre animais e homens na literatura e nestas *Caçadas*.

Numa tópica que ressurgirá na metade final do livro, quando Lobato investe contra o governo e seus métodos, vemos configurar-se uma disputa por poder, por razão, liderança.

A “cabeça” dos grupos será definida com base também na força. Notemos como os bichos confiam a chefia aos animais rápidos, ferozes, carniceiros: a jaguatirica encarrega-se de “reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-domato e iraras da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta”. E quem liderará o bando dos humanos?

Pela proposta da caçada, pelo “heroísmo” demonstrado, e por ser o dono da primeira metade do livro (e de seu título!), Pedrinho assume a liderança natural do bando. No entanto, é dito que o Visconde de Sabugosa, “em vista de sua importância e do seu título, também recebeu o comando da expedição”⁷⁰.

Estranha hidra de duas cabeças, a cruzada antionça tem o comando oficial do Visconde, motivado por seu saber venerável, e o comando natural de Pedrinho, que é referenciado pelo narrador pouco após como “chefe”:

- Que é isso, Pedrinho – disse a boneca notando a palidez do chefe. – Será medo?
- Não é medo, não, Emília. É...
- É... receio, eu sei – caçoou a terrível bonequinha.
- Não brinque comigo, Emília! – gritou Pedrinho avermelhando de raiva. – Você e toda gente sabem que só tenho medo de uma coisa neste mundo: marimbondo. De mais nada, hein?⁷¹

Repare-se na principal insígnia do chefe: é alguém que nada teme, ou tem um medo insignificante, alguma superstição ou coisa à toa (marimbondo), que servirá para legar um anedótico ar de carisma a um ente no mais sem defeitos. “Toda gente” sabe que o chefe é destemido, não se pode sequer “brincar” com essa coragem a toda prova. Emília, quiçá ressentida de não ser líder na expedição⁷², zomba de Pedrinho usando um sinônimo de “medo” para classificar o que o impávido (e pálido) chefe tem.

O Visconde tem o comando oficial porque imune a essas glórias vãs, as “latas vazias” a que Lobato se referiu em uma carta: “Minha ideia é que todas as distinções honoríficas deste mundo são latas vazias [...], umas maiores e outras menores, umas grandes, como as de querosene, outras humildes, como as da sardinha”⁷³.

Tanto que mais adiante será ele quem dará os louros da vitória a Pedrinho, quando cada membro da batalha arroga para si a ação que levou à vitória:

- Foi um delírio de contentamento. Os caçadores rodearam a onça morta, discutindo as peripécias da formidável aventura. Emília reclamou logo todas as honras para si.
- Se não fosse a minha espetada com o espeto de assar frango, queria ver...
- O que decidiu tudo foram as facadas que eu dei – alegou Narizinho.
- Qual nada! Juro que foi o meu tiro de canhão – disse Rabicó.
- Pexote! – berrou Pedrinho. – A bala de canhão nem arranhou a pele da onça, não está vendo?
- Como daquela disputa pudesse sair briga, o Visconde ponderou gravemente:

⁷⁰ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 13.

⁷¹ Ibidem, p. 14.

⁷² Mais adiante constatar-se-á que Emília efetivamente “rouba o protagonismo” da personagem-título e passa a ser a principal figura da segunda metade do livro.

⁷³ LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Globo, 2009, p. 181.

– Todos ajudaram a matar a onça e todos merecem louvores. Mas, se não fosse a pólvora de Pedrinho, estaríamos perdidos; de maneira que a Pedrinho cabe a melhor parte da vitória. Depois de cegar a onça, tudo ficou mais fácil e cada qual fez o que pôde. Basta de discussões. Em vez disso, tratemos mas é de levá-la para casa.

Os heróis concordaram com o sensatíssimo Visconde e Pedrinho afundou no mato para tirar cipós, visto não terem trazido corda. Logo depois reapareceu com um rolo de cipó ao ombro.

– Segure aqui! Puxe lá! Força! Vamos!...

Pedrinho conduziu o trabalho da amarração da onça ajudado por todos, menos Emília, que se afastara dali e estava numa grande prosa com dois besouros que tinham vindo assistir à cena⁷⁴.

Nesse admirável trecho, presenciemos as definições de liderança que a obra comporta, com exemplos bastante ilustrativos. No paralelismo que desenhamos com a vaidade do mundo adulto, uma das tônicas das críticas lobatianas ao governo na segunda parte do livro, as crianças começam pequena guerra particular por não aceitarem ceder a glória da conquista da onça, exigindo seus méritos infantis.

O Visconde, que nada ganhava com aquilo – até por ter um papel na ação manifestamente inábil: “o velho Visconde embaraçou as pernas na bainha da espada e com toda a sua importância estendeu-se no chão, ao comprido. Foi preciso que o menino o pescasse com o gancho de um galho seco”⁷⁵ –, enche-se de sabedoria filosófica para ponderar, justo, a participação de cada um no desfecho exitoso. É dele o comando oficial, como verificado; ainda que sua “importância” seja relativizada (e zombada) na ação final, sua fala seguinte exala desprendida sensatez, sendo aceita por todos. Dá assim a última palavra na “historiografia” positivada da caçada, o registro de como se deu a empresa. Altruísta, cede o comando moral ao neto de Dona Benta.

Pedrinho, por sua vez, aceita do líder científico (o Visconde) a “sagração” como o expedicionário cujo ardil (jogar pó na onça) levou ao sucesso da empreitada. É um “homem de ação”, que não quer títulos, honrarias e demais “importâncias” de latas vazias. Anseia apenas às glórias de feitos, e logo após a conclusão do Visconde já se afunda no mato em volta para demonstrar as virtudes que o levaram ao posto de chefia que então ocupa, buscando cipós para amarrar a onça, resolvendo problemas práticos. Dá ordens, grita, dirige os esforços programados.

O comando dos dois machos será, entretanto, ofuscado por uma fêmea que, sub-repticiamente, se insinua pelas brechas que inevitavelmente se abrem com a disputa masculina pelo poder reconhecido. Falamos de Emília, que dominará a segunda parte do livro e começa a potencializar seu domínio com dispositivo exclusivo dela: informação.

A amizade com os dois besouros que trabalharão como seus espíões denuncia uma gestão de poder catalisada por desfrutar de informações a que ninguém mais tem acesso: saberá da assembleia dos animais; da organização das forças de assalto; da aparição do rinoceronte na segunda metade das *Caçadas*; onde o paquiderme se esconde etc.

Emília detém a informação e, com ela, o poder de ter a verdadeira chefia da turma. Os comandos do Visconde e de Pedrinho são comandos artificiais.

⁷⁴ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 26-28.

⁷⁵ Ibidem, p. 18.

Ecoam apenas, como quando Rabicó teme “que Pedrinho lhe despejasse no lombo a carga de chumbo destinada à onça”⁷⁶ ou “o pontapé que Pedrinho fatalmente lhe pregaria”⁷⁷.

Pedrinho é temido, mas não reverenciado. Seu primado se dá pelo temor que inspira, laço fraco; não tem o respeito voluntário da tropa, e Rabicó, para não ser vítima da brutalidade do líder imposto contrariado, “pensou apenas” que ele, Rabicó, matou a onça sozinho “com o meu tiro de canhão, isso sim”⁷⁸.

O menino tenta inspirar pelo exemplo, portando-se como um militar imponente – chega mesmo a clamar “Avante, Sábويا!”, a senha para que seus cavaleiros ofereçam seus fortes braços para a cruzada contra os (animais) infieis, “espichando no ar a espingarda como se fosse espada”⁷⁹ –, posto falhe na logística estratégica.

Quanto ao Visconde, seu comando é caduco, impossível. “O Visconde ergueu a espada e com voz grossa de comandante superior deu um berro de comando”, porém pouco após o grito Rabicó vacila, estremecendo, Pedrinho vai assisti-lo de balde e se constata que “havia falhado a artilharia, na qual eles depositavam tantas esperanças”⁸⁰. A liderança do Visconde é inepta, ineficiente.

A crise de comandos interpostos, atropelados é tão grande que tem lugar um verdadeiro pandemônio. “A situação tornava-se muito séria e Pedrinho, desapontado com o nenhum efeito das armas de fogo, berrou a plenos pulmões” o grito desmoralizante que os obriga a reelaborar toda a estratégia de ataque, centrada até ali na confiança cega da equipagem (outro espelhamento com a segunda metade do livro, na qual o maquinário dos agentes governamentais também atrai a Pedrinho): “Salve-se quem puder!”⁸¹.

A bravura física será posta em xeque em ocasiões assemelhadas, pois uma falha na cadeia de comando pode botar tudo a perder. Quando se tenta o mimetismo dessa espécie questionável de valentia, os efeitos são instáveis. Por isso Emília falha ao tentar exibir uma coragem que não é própria de seu estilo, mas do de Pedrinho: “Os besouros contaram tudo quanto tinham ouvido na assembleia da capivara e a boneca viu que o caso não era de brincadeira. Resolveu lá consigo ir incontinenti avisar Pedrinho, mas para não dar a perceber os seus receios fez-se de valentona”⁸².

A coragem à moda de Pedrinho é, ao menos para Emília, falsa, uma pseudocoragem. A primazia da boneca virá por suas armas (intelectuais) próprias, não pelo arremedo dos métodos de Pedrinho ou do Visconde. Mesmo assim, continua imitando o menino naquele momento, porque percebe que essa ação conquistará a impressionável fidelidade de seus espiões:

– Veremos! – disse aos besouros, muito admirados daquele sangue-frio. – Veremos! Nós matamos há pouco uma onça-pintada, a maior que existia por aqui, e faremos a mesma coisa até para leões e hipopótamos, se aparecerem. A bicharia há de convencer-se de que conosco ninguém brinca. Atacar o sítio! Desaforados... E para quando é a guerra?

⁷⁶ Ibidem, p. 15.

⁷⁷ Ibidem, p. 28.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Ibidem, p. 15.

⁸⁰ Ibidem, p. 18.

⁸¹ Idem.

⁸² Ibidem, p. 45.

– O dia ainda não está marcado. A jaguatirica anda a correr a mata para reunir os atacantes. – Muito bem – concluiu Emília, sem pestanejar. – Continuem espionando e avisando-me de tudo quanto souberem. Vou prevenir Pedrinho⁸³.

Ainda dando uma de “valentona”, Emília aceita ainda uma vez seguir o comando temporário do menino (“vou prevenir Pedrinho”), e enquanto simula seguir seu proceder (“conosco ninguém brinca” e outras jactâncias típicas do menino enquanto líder) planifica as bases de seu poder futuro, com a instauração (e instalação) de sua rede de espionagem. “Continuem espionando e avisando-me de tudo quanto souberem”.

Será a informação que salvará a todos, pois, cientes da iminência de um ataque e da necessidade de defenderem-se, viabiliza-se a escapatória. Emília sai assim a vencedora da disputa pelo comando, duelo silencioso travado tacitamente entre o Visconde e Pedrinho. E será ela quem, com ironia, despojará o menino das glórias vãs feitas do mesmo material (latas vazias) da importância e do título do Visconde, atributos desprezíveis:

– Não sei – respondeu Emília. – Isso é com Pedrinho, o nosso generalíssimo. Ele está estudando o assunto – e eu também. Não sei ainda o que o General Pedrinho vai fazer, mas sei o que vou fazer. Pensei, pensei e repensei sobre o caso e já tenho cá uma idéia que vale ouro em pó.
– *Qual* – disse o primeiro besouro – *é* – disse o segundo – *essa* – continuou o primeiro – *ideia?* – concluiu o segundo.
– Não posso dizer em voz alta – respondeu Emília.⁸⁴

Ao General Pedrinho restam as fúteis condecorações meritosas, enquanto a boneca o destitui do comando real da expedição. É um ensaio que Emília faz para dominar (inclusive na metalinguística) as aventuras futuras das *Caçadas*.

E como demonstra uma liderança realmente vencedora, sem falhas de entendimento nem obstáculos no percurso, cabe somente aceitar tal supremacia: “Viva! Viva a rainha das bonecas”⁸⁵, gritam todos, sem exceção. O generalíssimo Pedrinho incluso.

A guerra dos símbolos

Um ponto capital de *Caçadas de Pedrinho* reside na compreensão da carga simbólica da utilização dos animais no livro. Mister se deter um pouco sobre o tema.

Na noção vernácula de símbolo, o poeta e crítico espanhol Juan Eduardo Cirlot anota que os animais “desempenham um papel de suma importância no simbolismo, tanto por suas qualidades, atividade, forma e cor, como por sua relação com o homem”⁸⁶. Um símbolo em muito atrelado ao humano.

A dimensão simbólica dos animais é voltada ao uso que deles faz o homem em suas formas de expressão. Cirlot diz ainda que “a identificação com animais significa uma integração do inconsciente”⁸⁷. E cita Jung a esse propósito: “o animal

⁸³ Ibidem, p. 45-46.

⁸⁴ Ibidem, p. 57.

⁸⁵ Ibidem, p. 85.

⁸⁶ CIRLOT, J. E. *Diccionario de simbolos*. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 82. Traduções nossas.

⁸⁷ Ibidem, p. 85.

representa a psique não humana, o infra-humano instintivo, assim como o lado psíquico inconsciente”⁸⁸.

Parece acertado instituir que o animal é invocado, como símbolo, para suprir alguma lacuna humana; alguma semelhança ou parença é trazida para um campo de aproximação semântica em comparação a determinados elementos do proceder do homem que fogem da esfera de sua ação habitual e cotidiana. Por isso Jung delimita quase espacialmente o animal simbólico: ele está fora do humano, ou além dele, ou aquém. O animal, enquanto símbolo, representa o que o humano não pode alcançar.

Naturalmente essa delimitação é um tanto vaga, o que permite as diversas interpretações e conotações que o próprio código simbólico exercerá, a depender do que se almeja estabelecer. O símbolo tem também mais de um sentido, como resta articulado acima, e virtualmente se abre em qualquer chave possível, de leituras terapêuticas a figurativizações materiais em objetos de uso prático – “cavalo de pau” é tanto um brinquedo quanto um símbolo da infância; e ambos não são a imagem primeira de cavalo que temos, qual seja, a do animal da natureza, equino, quadrúpede, usado na tração, montaria, corrida e afins.

No campo literário, da mesma maneira, animais podem servir aos mais diversos propósitos. Antropomorfizados, serão figuras de alegorias que denunciam vícios humanos, problemas de ordem social e comunitária, sobretudo; inseridos em seu ambiente original, dão cor a descrições da vida dita selvagem, estados naturais; como metáfora – “forma primeira do pensamento discursivo”, para Lévi-Strauss⁸⁹ –, são encontrados em ofensas, vitupérios, bem como na forma de comparações com atributos humanos e suas condicionantes: uma pessoa que enxerga bem tem “olho de lince”, alguém que se alimenta de maneira pouco elegante pode ser chamado de “porco” ou “cavalo”.

Além disso, como acima referenciado, animais também são objeto de estudo como arquétipos de comportamentos, desejos humanos ou mesmo ritos institucionalizados. Nas literaturas artísticas, médicas e religiosas de provavelmente qualquer povo, o animal tem uma força imagética de enorme intensidade. É utilizado na psicanálise, na descrição de cerimônias, mitos e deuses, na poesia.

O caráter simbólico do animal se faz tanto mais forte quanto mais precisa for a imagem buscada. Se numa zona urbana alguém é chamado de “burro”, a carga pejorativa do chamamento é evidenciada pelo senso negativo que o vocábulo metaforizado adquiriu ao longo do tempo nessas comunidades, enquanto numa área rural talvez “burro” perca parte do caráter simbólico de associação a um humano pouco inteligente, sendo mais imediatamente associado ao animal que transporta e carrega pessoas e objetos.

Um grupo de crianças brincando desordenadamente, por outro lado, pode ser classificado por um adulto supervisor como um “bando” (coletivo bastante ligado a animais) de bagunceiros ou uma turma que faz “macaquices” para chamar atenção; a comparação com macacos é imediatamente metafórica, a conotação é de estripulia sem controle, sem âncora num dado factível ou concreto especificamente, a não ser uma construção social de aproximação – as crianças não possuem caudas, pelos pelo corpo nem os demais atributos físicos,

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ LÉVI-STRAUSS, C. *O totemismo hoje*. Tradução de Malcolm Bruce Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 182. (Os Pensadores, 66).

biológicos constitutivos dos macacos. São suas ações que fazem aparecer a imagem, evocada por sua força simbólica, cuja codificação é facilmente percebida pelo interlocutor a quem o autor do símile comunica a imagem.

Joseph Campbell alude que “metáfora é uma imagem que sugere outra coisa”⁹⁰, daí necessitada de uma referência que não se encontra no próprio vocábulo metaforizado. “Aceitar a metáfora como autorreferente equivale a ir ao restaurante, pedir o cardápio e, deparando ali com a palavra ‘bife’, começar a comer o cardápio”⁹¹, diz Campbell.

A natureza do símbolo é ontologicamente de referência externa. Nos exemplos expostos acima, torna-se absurdo considerar que quando se diz que alguém é “burro” ou chama-se um indivíduo de “macaco” isso é feito visando ao valor literal das expressões – nem mesmo em relatos de essência maravilhosa ou fantástica, pois se alguém é transformado em animal irracional esse processo é evidentemente codificado, simbolizado pela metalinguagem textual, sob uma intenção deliberada de seu autor.

Em narrativas protagonizadas por bichos, a exemplo das perenes fábulas de Esopo, verificamos estrutura equiparada. Ainda que o valor simbólico dos animais ali observados seja aparentemente comportado numa chave de instância mais próxima à da natureza empírica (são animais que convivem e agem), é mais do que óbvio que a organização dos animais enquanto personagens também observa um esquema de símbolos e hierarquias, transformando por metáforas ou personificações os animais em seres humanos “disfarçados”, com o intuito geral de exemplificação moral.

Quando alguém chama outra pessoa de “burro” ou de “macaco”, estão imbuídos aí valores referentes a inúmeros campos da experiência humana, de classe social (um indivíduo “burro” pode ser alguém sem instrução formal, em alguns círculos) a preconceitos de toda espécie (“macaco” como xingamento a pessoas negras, ou como crítica negativa a gente eufórica). É preciso, então, entender que, como disse Campbell, “os símbolos não traduzem a experiência, apenas a sugerem”⁹².

Em *Caçadas de Pedrinho*, os animais exibem, simbolicamente, múltiplas funções: na primeira parte do livro, fazem as vezes de “resposta da natureza” à inatural caçada que sofrem por parte da meninada do sítio; na segunda, serão o contraponto sarcástico aos homens arrogantes, notadamente à organização ridícula dos agentes governamentais, que acreditam agir com grande ciência face a feras e outros perigos selvagens. Monteiro Lobato, entretanto, e não raro, por ocasiões mistura, deliberadamente, as duas abordagens.

Divisaremos, no trecho da assembleia na mata, os animais, querendo resolver a contento “a situação perigosa em que se achavam todos”, concluindo que “o fato de terem matado a onça vai encher de coragem esses meninos e fazê-los repetir suas entradas nesta floresta a fim de nos caçar a todos. O caso é bastante sério”⁹³. O sentido ecológico só não se evidencia mais porque logo após a capivara faz um sentido discurso memorialístico, em que aponta que no seu “tempo de

⁹⁰ CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Henrique Moisés. São Paulo: Palas Athena, 2009, p. 59.

⁹¹ Ibidem, idem.

⁹² Ibidem, p. 63.

⁹³ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 38.

menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora, quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país”⁹⁴.

O paralelismo, bastante claro, dá conta do reflexo das ações das crianças do sítio nas práticas destrutivas, predatórias dos humanos crescidos. Canto de lamento, a capivara expõe friamente a realidade, descartando a ilusória esperança do jabuti. Como cantou Virgílio na *Eneida*, “a única salvação aos vencidos é não esperar salvação alguma”⁹⁵.

Logo após esse raciocínio quase técnico, irreprochável, da capivara, vem, porém, a ironia narrativa lobatiana. Porque se estamos diante de cena focada exclusivamente sob o ponto de vista de animais, e se o autor nos quer demonstrar as naturezas simbólicas das operações de aproximação e distanciamento desse corpo de simbolismos entre humanos e bichos, não se pôde ter por surpreendente que – o próprio ato de organizar-se em assembleia o revela – os seres agrupados na reunião também demonstrarão por seu turno comportamentos antropomórficos, reações humanizadas. Entendamos como se dá esse processo.

Após a decisão do ataque, a que todos os presentes aquiescem, os circunstantes comemoram a fala da jaguatirica, que propõe um ataque conjunto dos canídeos mais encorpados ao sítio de Dona Benta:

A assembleia aprovou a lembrança. ‘Muito bem!’, pensaram os animais. As onças fariam a guerra. Se vencessem, a bicharia inteira das selvas estaria salva de novas incursões dos meninos. Se não vencessem, a vingança deles iria recair sobre as onças, não sobre os outros. Ótimo!

– Está aprovada a ideia – disse a capivara. – A Senhora Jaguatirica encarregar-se-á de falar com as suas companheiras, com as onças grandes, as iraras e cachorros-do-mato, combinando do melhor modo os planos estratégicos. E nós, animais pacíficos, comedores de ervas, ficaremos de lado, ajudando os guerreiros com as nossas “torcidas”⁹⁶.

Nota-se uma nota de egoísmo conspurcando o “altruísmo” da liga em defesa dos animais e matas. Todos estão de acordo com o ataque ser liderado pelos mais fortes, porque nem todos estarão de acordo em receber parte da punição caso a incursão seja malsucedida.

Todavia os bichos mais fracos, como Rabicó, “pensaram apenas”. Na hora de externar o juízo sobre o veredicto, os “animais pacíficos” propõem-se a ficar de lado “ajudando guerreiros com [...] ‘torcidas’”. O narrador brinca com a psicologia inventada de suas personagens não-humanas, dando a elas um caráter que versa sobre interesses escusos, privilégios a manter e afins. São traços humanos. Os animais aqui estão humanamente sendo bichos.

Não é a única instância em que flagramos essa via de duplo sentido entre os arquétipos e símbolos de homens e animais. Mais adiante teremos um exemplo de que nem mesmo a “nobreza” do mundo dos bichos está a salvo do egoísmo humano:

– É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém [...]. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 38-40.

⁹⁵ VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: 34, 2018, p. 160. Tradução nossa.

⁹⁶ LOBATO, M. *Op. cit.*, 2015a, p. 41.

O Marquês de Rabicó sorriu. Se as onças iam devorar todos os bípedes, ele, na sua nobre qualidade de quadrúpede, estaria fora da matança. ‘Que felicidade ser quadrúpede!’, refletiu, lá consigo, o maroto⁹⁷.

Rabicó não demonstra a menor empatia com os colegas de habitação; salve-se ele, tudo estará muito bem. Não há sequer preocupação com Narzinho, o que o torna, além de egoísta, ingrato – por muitas vezes ao longo da série de livros são os apelos apaixonados da menina (e as consequentes broncas) que evitam que o famoso leitão vá para a panela... O nobre suíno talvez seja o mais humano dos habitantes do sítio, afinal.

O Marquês pode ser apontado como um ponto divisor de água, disruptivo, nas tensões que margeiam as fronteiras do ser-homem em contraposição ao ser-bicho. Fala, é inteligível, considerado, sem embargo trata-se de um quadrúpede, por “ter quatro pernas, em vez de duas, como todas as criaturas decentes – os homens, as galinhas, as escadas”.

Tal ironia rende a conta do menosprezo às qualidades negativas do leitão (gulodice, covardia, entre outras), levando o narrador a concluir, ironicamente, que “Rabicó tinha duas pernas mais que os outros, inutilíssimas pernas, porque se uma criatura pode viver muito bem com duas, ter quatro é ter pernas demais⁹⁸”.

A depreciação ao integrante mais medroso do grupo continuará, porque Pedrinho assevera que “se [...] tivesse clorofórmio e instrumentos cirúrgicos, fazia uma operação em Rabicó, transformando-o em bípede. Não deixa de ser uma vergonha um quadrúpede em nosso bando⁹⁹”. O que o menino enxerga como vergonha é a salvação sonhada pelo suíno, porque afinal disseram que os animais ferozes concentrar-se-ão em agredir aos bípedes¹⁰⁰.

Seguindo no espelhismo por nós identificado, o paralelismo com os homens é explícito quando os animais se organizam como as crianças no início, dividindo funções, dosando forças. Os mais fortes atacam, chacinam, enquanto os mais fracos dão o “apoio moral”, colocando-se voluntariamente como um time de reserva, para apoio. Assim como Jaqueline Negrini Rocha, acreditamos que “Lobato discute o sistema democrático¹⁰¹”, definindo um tipo de democracia representativa, em que os líderes eleitos irão executar as vontades de seus eleitores (isto é, da animália completa)¹⁰².

Não é um espelho total, nem absoluto. Há uma oposição marcada importante, lembrada pelo onço viúvo da onça morta pela criação do sítio:

– Eles mataram minha esposa! – clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). – Estou viúvo da minha querida onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até o terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele, que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda.

⁹⁷ Ibidem, p. 48.

⁹⁸ Ibidem, p. 61.

⁹⁹ Ibidem, p. 60.

¹⁰⁰ O narrador chamará mais tarde aos próprios humanos de bípedes, ao se referir a eles, quando sobem nas pernas de pau ensembadas, como “estranhos bípedes pernaltas” (2015a, p. 79).

¹⁰¹ ROCHA, J. N. Op. cit., 2009, p. 250.

¹⁰² A ideia talvez não seja tão inédita. Em passagem famosa de suas *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll faz comentários políticos com os animais da *caucus race*. Já insinuamos paralelos entre Alice e Pedrinho, e consideremos ainda que Lobato traduziu o primeiro livro de Alice em 1936, três anos após lançar *Caçadas* (BOTTMAN, 2011).

Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores¹⁰³.

Os humanos agressores são tidos, sem sutileza, como uma “ninhada de malfeitores”. O que eles fizeram não foi apenas errado, foi “crime que pede a mais completa vingança”. A descrição que o onça faz das invectivas que o corpo de sua esposa onça sofreu assusta pelo aspecto gráfico, tremendamente sugestivo, não formando por pouco uma cena de tortura¹⁰⁴.

Os homens matam para tirar a pele dos animais, colecionar troféus, frívolo exibicionismo. Os bichos, organizados em assembleia, deixam claro o destino que reservam a suas presas:

- Assaltaremos a casa – prosseguiu o viúvo – e mataremos todos os seus moradores.
- Sim, matá-los-emos todos! – repetiu o coro.
- E depois os comeremos um por um!
- Sim, sim, comê-los-emos todos, um por um! – uivou a bicharia, com as línguas vermelhas a lamberem a beijaria feroz¹⁰⁵.

Os animais planejam o ataque e a carnificina, nisso assemelhando-se aos homens; porém o que intentam fazer dos despojos da vitória é uma ação natural, integrada ao sistema da natureza pura. Os corpos mortos serão devorados, dando continuidade à cadeia alimentar.

Para além da vingança (traço humano), paira a ontologia biológica dos bichos: eles têm fome, como indicam “as línguas vermelhas a lamberem a beijaria feroz”. A punição desproporcional visa a restabelecer o encadeamento tornado imperfeito (artificialmente, pelos humanos do sítio) da força-motriz natural. A onça foi morta criminosamente, os animais vão se vingar reinstaurando o que foi deslocado, isto é, o reino animal vai se defender animalmente, como a onça assassinada não o pôde fazer.

Essa oscilação entre os aspectos humanos e animais dos entes descritos no livro configura-se uma das bases da técnica narrativa do escritor, ao insinuar que nem todo animal age como bicho e nem todo humano age como gente. As personagens, de dentro da estória, reconhecem tal deliberada indecisão:

De noite houve discussão das hipóteses que poderiam dar-se no dia seguinte. Dona Benta disse:

- Concordo que se estivermos sobre pernas de pau as onças não poderão apanhar-nos. Mas depois? E se elas resolverem ficar por aqui até que nos cansemos e sejamos forçados a descer?
- Era uma hipótese bastante provável, que não havia ocorrido a Pedrinho. Sim; se as onças ficassem por lá, como era?
- Não de cansar-se e ir-se embora – sugeriu Narizinho. – Quando a fome apertar, não fica nenhuma aqui.
- E se se revezarem? – lembrou Dona Benta. – E se enquanto a metade das onças for caçar a outra metade ficar montando guarda?¹⁰⁶

¹⁰³ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 54.

¹⁰⁴ A própria cena da caçada em si possui laivos de uma crueldade hoje inconcebível. O detalhismo da feroz violência descrita pelo narrador faz pensar em verdadeiro suplício da onça, o que talvez tenha motivado a nota de posicionamento contextual ecológica que *Caçadas* recebeu quando a Editora Globo detinha os direitos do catálogo lobatiano e o relançou em meados dos anos 2000.

¹⁰⁵ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 55.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 68.

As hipóteses aventadas levam em conta as onças “resolverem” permanecer lá, montando tocaia, armando vigília – comportamentos e reações de humanos. Tal racionalidade “emprestada” faz parte do jogo que o narrador organiza, versando sobre a duplicidade dos conceitos humanos e animais, intercambiáveis a depender de a conotação assumir-se explícita, metafórica, irônica, literal, sarcástica, objetiva etc.

A depender do uso imediato no relato, portanto, as hipóteses tornam-se “bastante prováveis”: as onças podem ficar por lá, e até mesmo revezar-se no ataque. A sugestão é oferecida por Dona Benta, o que significa que nem ao menos é um voo da imaginação infantil: é uma hipótese mais que possível, provável; mais que provável, “bastante” provável. Hipótese racional, calcada no raciocínio, referente ao comportamento racional de animais usualmente tidos por irracionais.

Dona Benta ancora-se, em *Caçadas*, na realidade plausível, material, que a cerca. Quando as crianças aparecem com o butim da caçada, vitoriosos, resolvem indagar da senhora, na surpresa, o que a avó achava que eles haviam caçado:

Aproximaram-se os heróis. Penetraram no terreiro. Narizinho de longe gritou:

– Adivinhe, vovó, o que matamos!

Dona Benta respondeu:

– Uns danadinhos como vocês são bem capazes de terem matado alguma paca...

A menina deu uma risada gostosa.

– Qual paca, nem pera paca, vovó! Suba!

– Então, algum veado – lembrou a velha, começando a arregalar os olhos.

– Suba, vovó!

– Porco-do-mato, será possível?

– Suba, suba!

Dona Benta principiou a abrir a boca.

– Então foi capivara...

– Vá subindo, vovó!

A boa senhora não sabia como subir além duma capivara, que era o maior animal existente por ali. Narizinho, então, chegou-se para ela e disse, fazendo uma careta de apavorar:

– Uma onça, vovó!

O susto de Dona Benta foi o maior da sua vida – tão grande que caiu sentada, com sufocação, exclamando:

– Nossa Senhora da Aparecida! Esta criançada ainda me deixa louca...¹⁰⁷

Dona Benta, que já conhece os “danadinhos” dos netos, não estranha nem se horroriza com a ideia de caçada, e palpita incontinenti que as crianças mataram uma paca.

Firmada na realidade, a paca constitui-se no máximo que a avó aceita “espontaneamente” como animal caçado pelos meninos, sem os pedidos para “subir” que Narizinho insistentemente faz. Até esse ponto, são aceitáveis fanfarrônicas infantis. Dentro do pacto ficcional que descrevemos, compõem o ideário de valentia a que uma criança como Pedrinho (e extensivamente qualquer outra) poderia muito bem estar sujeita.

A avó aceita como um fato possível na ordem das coisas crianças “danadinhas” se juntarem e conseguirem matar um bicho de médio porte, como se reunidas equivalassem em força a um adulto. Contudo alcança ali seu limite: para que acredite em mais, será necessário o auxílio de outros aportes. Provas, argumentos de convencimento.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 28-9.

Que virão, fartos. Antes de ficar evidente que estava diante de uma onça morta, a avó tenta dimensionar seus temores em reduções de medos que podem ficar maiores, proporcionalmente; feito quisesse apenas acrescentar, paulatinamente, pequenos acréscimos a um animal (paca) que seus netos danadinhos poderiam mesmo ter matado...

Há um choque entre a realidade material, representada por Dona Benta (e por Tia Nastácia, que se aproxima do cadáver e atesta ser mesmo onça), e a realidade aumentada, fantasiosa, advinda do pacto ficcional do livro, entre seu autor e seus leitores, representada explicitamente na cena pelas crianças, empolgadas no gozo da vitória “bélica” de tal modo que momentos antes Pedrinho solta um grito de triunfo dificilmente represado: “Alé guá, guá, guá”¹⁰⁸, a que seguem entusiasmados “hurras” ao Picapau Amarelo por parte dos demais combatentes, excitados¹⁰⁹.

Com o crescimento das proporções do animal caçado, Dona Benta vai externando sinais físicos de estarrecimento. Primeiro arregala os olhos, depois abre a boca e, após alcançar o topo máximo (o “ponto ótimo”) de sua cogitação – quando a forçam a considerar um animal maior do que o maior animal que considerava –, cai sentada, estupefata.

Mais adiante na ação, será Dona Benta quem, surpreendentemente, mostrará o acerto que foi se precaver da chance de as onças revezarem-se no assédio:

- Tenho uma ideia – latiu um cachorro-do-mato de talento. – Eles não podem ficar lá em cima toda a vida. Hão de descer logo que a fome aperte. Minha ideia é ficarmos aqui de plantão até que desçam.
- Sim – disse o onço, que era burríssimo – mas se a fome aperta para eles, também aperta para nós – e como é?
- Revezamo-nos – resolveu o cachorro. – Metade do bando vai caçar e almoçar no mato enquanto a outra metade fica de guarda. Desse modo poderemos permanecer aqui a vida inteira, se for preciso.
- Eu não disse? – cochichou Dona Benta. – As malvadas vão revezar-se e estamos perdidos...¹¹⁰

Dona Benta entende a língua dos animais! Os animais raciocinam, consideram a duração do ataque, as forças de resistência. Querem vencer os homens pelo que eles (os animais, mas também os homens) possuem de mais animal, naturalmente: a fome.

Como vimos, animais pensam animalmente em se alimentar – ainda que chamem suas presas, humanamente, de “almoço” e “pratos”, cada qual em cima de dois espetos”¹¹¹ –, enquanto os humanos descuidam dessa área, pensando apenas em engenhos, armadilhas; com justiça a única a considerar que o tempo do assédio

¹⁰⁸ Ibidem, p. 21.

¹⁰⁹ Tal traço de bravura é apenas associado à turma fixa do sítio; quando mais tarde uma nova menina (Cléu) é incorporada artificialmente à trama, *in medias res*, ela demonstra inicialmente bravura – “Um dos meus sonhos sempre foi ser atacada por um exército de onças e iraras e cachorros-do-mato...” (2015a, p. 73) –, para pouco após o narrador desautorizá-la asseverando que “Cléu, que não tinha prática de aventuras maravilhosas, fez cara de choro” (2015a, p. 81). Problema de coerência interna da obra ou um sinal que aponta que essa nova “soldada” não resistiu e cedeu, pois só a criança-base do Picapau Amarelo se firma incólume frente a enormidades? Seja como for, Cléu não mais apareceria em uma estória de Lobato.

¹¹⁰ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 81.

¹¹¹ Ibidem, p. 80.

poderia acarretar fome foi Emília, neste livro para todos os efeitos ainda uma boneca de pano¹¹², que junto a suas misteriosas granadas diz o seguinte sobre as provisões que separou no telhado: “botei lá pão com manteiga, um guarda-chuva e mais coisas. Podê nos apertar a fome, pode chover...”¹¹³.

Forçoso reparar que o narrador chega a combinar dois animais, um real e um metafórico, para qualificar um dos atacantes: “o onço” era “burríssimo”. O jogo de símbolos e adjetivos metaforizados, espelho particular, ganha camadas adicionais, perfeitamente avessas à literalidade, acordantes apenas com o imaginativo trato ficcional de que tanto falamos – consistente num perigo, num plano de ação, no resultado advindo do inevitável choque.

Eis que do choque resultante nasce a extrapolação engendrada entre o real material e o real imaginado, confundidos ambos no episódio – como de resto em muitos outros do livro, e da obra inteira de Lobato.

¹¹² Apesar de celebrizada na memória do público (sobretudo o da segunda metade do século XX em diante, por força das adaptações para outras mídias, como televisão e teatro) como uma eterna boneca de pano, Emília, no decorrer das histórias de Lobato, vira uma menina de verdade. A despeito de as tramas com a turma do sítio não seguirem especificamente um plano rigidamente fixo nas Obras Completas organizadas por seu autor (exemplo: em *A reforma da natureza* é mencionada *A chave do tamanho*, aventura posterior), a partir de um certo ponto Emília passa a ser referenciada explicitamente como ex-boneca. Ela mesma explica a mudança em *A chave do tamanho*: “[...] E eu sou a ‘evolução gential’ daquela bonequinha pernóstica. [...] Artes do mistério. Fui virando gatinha e gente sou; belisco-me e sinto a dor da carne. E também como” (1988a, p. 151). Não percamos de vista, contudo, que, ainda que tenha virado uma menina nas histórias, Emília constituiu-se, importa notar e refletir, numa personagem – conforme insistimos na importância da estrutura narrativo-ficcional –, o que implica construções propostas e designadas por um autor. Curiosamente, será o Pequeno Polegar quem explicará, numa das *Histórias diversas* (o último livro da série infantil de Lobato nas Obras Completas, com histórias organizadas postumamente), as particularidades de ser personagem e não ficar velha: “Pertengo à turma dos ‘personagens’. Envelhecem vocês, gente; os ‘personagens’, não. Peter Pan, Emília, o Gato de Botas, Capinha Vermelha, a Gata Borracheira, todos nós não somos gente, somos ‘personagens’” (1988b, p. 195). Ainda no mesmo livro, uma personagem não nomeada pergunta a diferença entre gente e personagem, e outra personagem, igualmente sem identificação, responde: ‘Gente é gente, você sabe, não preciso explicar. E personagem é uma coisa muito mais que gente, porque gente morre e os personagens não morrem, são imortais, eternos’ (1988b, p. 242).

¹¹³ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 70.

CAPÍTULO 6 – Boneca de pano é gente, filósofa e produto social: a formação educacional-instrutiva de Emília

Ana Paula Negrão Ferreira

Em meio às inúmeras qualidades da personagem mais polêmica de Monteiro Lobato, Emília, está a sua singular capacidade de mudança. Os leitores da obra infantil do autor deparam-se, em *Reinações de Narizinho*, com uma feia e desajeitada boneca de pano, que começa a falar e, em *A chave do tamanho*, torna-se “gente”. O processo, em uma perspectiva imediatista, pode ser encarado como fruto do maravilhoso comum à literatura infantil, mas olhos atentos notarão que a humanização de Emília é resultado de um acúmulo de aprendizado ativo, que goza de tudo daquilo que o caracteriza, como erro, reflexão, observação e ação.

A noção de “educação” abrange uma ampla apreensão de conhecimento e/ou modelagem de características. Libâneo¹¹⁴ distingue os conceitos de educação e instrução, elucidando que o primeiro deles refere-se “ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade”, envolvendo a “formação das qualidades humanas”, que podem ser morais, físicas, intelectuais ou estéticas, ligadas e dependentes das relações sociais nas quais se inserem. Ainda, destaca que tal “formação de traços de personalidade social e de caráter” implica

uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. Nesse sentido, educação é **instituição social** que se ordena no sistema educacional de um país, num determinado momento histórico; é um **produto**, significando resultados obtidos da ação educativa conforme propósitos sociais e políticos entendidos; é **processo** por consistir de transformações sucessivas tanto no sentido histórico quanto no desenvolvimento da personalidade.¹¹⁵

Já em relação à instrução e ensino, ações que se subordinam, pode-se afirmar que a primeira

se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. O ensino corresponde às ações, meios e condições para realização da instrução; contém, pois, a instrução.¹¹⁶

De modo geral, ambas as operações diferenciadas por Libâneo ocorrem nas narrativas do Pica-pau Amarelo, porém, muitas vezes se dão contiguamente, misturando-se e produzindo um todo para a formação moral-intelectual das personagens. Rose Lee Hayden¹¹⁷ observou que a educação nos livros infantis de Lobato percorre muitos lugares, como as menções ao ambiente escolar, aos livros e leituras, interação entre professor e aluno, etc., ilustrando, assim, instrução e educação.

¹¹⁴ LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortês, 2013, p. 22.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 23.

¹¹⁶ *Idem*.

¹¹⁷ HAYDEN, R. L. *A literatura infantil de Monteiro Lobato: Uma pedagogia para o progresso*. 1. ed. São Paulo: Instituto Cultural/ESPM60, 2012, p. 45-51.

As obras cujo foco é a instrução, de forma mais direta, são: *História do mundo para as crianças*, *História das invenções*, *Serões de Dona Benta*, *Geografia de Dona Benta*, *Emília no país da Gramática* e *Aritmética da Emília*. São definidas por Zinda Vasconcellos¹¹⁸ como “paradidáticas”, e não excluem, assim como as “ficcionais”, as diversas ideologias do autor, como a “concepção evolucionista” e o “relativismo de valores”. Por outro lado, Eliana Yunes afirma que

Seria impraticável uma divisão clara e explícita de sua obra em livros realistas e fantásticos ou maravilhosos. Isto porque, se Lobato acolhe toda a fantasia possível no Sítio – culminando com personagens de outros textos não-lobatianos – em contrapartida, seus livros de tese e verossimilhança externa, deliberadamente buscada (os de *História*, por exemplo), conservam a mesma Emília e o mundo ficcional do maravilhoso como o condutor crítico do texto.¹¹⁹

Desse modo, dado o hibridismo nas situações de aprendizagem, intermediados pelo maravilhoso e Emília, conforme diz Yunes, é fato que as demais obras complementam umas às outras. Portanto, desde *Reinações* até *Os doze trabalhos de Hércules*, encontram-se referências ao processo educativo enveredado pelos caracteres da personagem. A ideia expressa pela autora é que, em suma, o caráter estético do texto não se perde nas obras em questão. Nesse interim, ao abordar a boneca, é importante que estejam claras algumas de suas particularidades, as quais justificam o interesse por ela.

Nelly Novaes Coelho¹²⁰ define Emília como a única personagem efetivamente complexa na obra infantil de Lobato. O cerne dessa visão foi separá-la dos demais na medida em que funcionam como arquétipos, seja da infância (Pedrinho e Narizinho), da sabedoria acadêmica (Visconde), ou da sabedoria popular (Tia Nastácia)¹²¹. Ainda, Coelho complementa que a boneca é a única a viver “em tensão dialética” com os outros, ocupando lugar chave na narrativa¹²². Zinda Vasconcellos¹²³, na mesma via, afirma que a personagem é a voz dos impulsos infantis, e que, assim como as outras crianças da obra, não é representada de forma idealizada. Esses elementos que caracterizam Emília são essenciais para que as relações com o processo educativo sejam feitas, pois explicam o comportamento *sui generis* da personagem ao longo das histórias em que é exposta à educação social e formal.

Portanto, destacam-se acima os pontos iniciais que norteiam nossa proposta de análise. O primeiro, diz respeito às noções de educação e instrução. O segundo ponto que deve ser levantado é que não assumimos uma postura concreta quanto à divisão das obras, no que concerne ao didatismo ou ficcionalidade. Por outro lado, pelo teor que expõem, privilegiamos tais narrativas justamente para refletir sobre o caráter híbrido do texto infantil lobatiano, tendo como foco Emília. Em suma, a investigação permeará também as noções de estética na literatura infantil,

¹¹⁸ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. *O universo ideológico na obra infantil de Monteiro Lobato*. 1. ed. Santos-SP: Traço, 1982, p. 53-61.

¹¹⁹ YUNES, E. *Presença de Monteiro Lobato*. 1. ed. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982, p. 48-49.

¹²⁰ COELHO, N. N. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira: 1882-1982*. 1. ed. São Paulo: Quíron, 1983, p. 730-731.

¹²¹ *Ibidem*, *idem*.

¹²² *Ibidem*, p. 731.

¹²³ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. *Op. cit.*, 1982, p. 145-146.

principalmente em relação à problemática do utilitarismo e como esses aspectos são direcionados às narrativas do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Feitas tais observações, podemos, então, proceder acerca dos possíveis mecanismos educativos-instrutivos pelos quais Lobato lançou mão para traçar o desenvolvimento emiliano. Por fim, o objetivo será lançar luz, ainda que brevemente, nas situações de educação e de instrução que desvelam a potencialidade da boneca de pano de Narizinho como agente singular da narrativa, bem como sua contribuição para a valoração artística da obra infantil do autor.

Emília: boneca ou títere da instrução?

A concepção básica de Lobato como divisor de águas na literatura infantil brasileira, justifica-se, entre muitos outros fatores, pela preocupação estética apresentada em suas narrativas, que seduziu os leitores por meio dos “motivos populares”, “estilo coloquial” e a mistura entre a fantasia e o real, como destaca Eliana Yunes¹²⁴. Leonardo Arroyo, ao fornecer um panorama do gênero, afirma que *A menina do narizinho arrebitado* (1921), mesmo que tenha sido uma obra inserida primeiramente no ambiente escolar, não estava mais ligada ao conceito pedagógico e moralizante até então vigente, mas, sim, mostrava-se preocupada com a construção dos diálogos e situações a partir de uma expressão harmoniosa do enredo, que apela para a imaginação¹²⁵. Contudo, alguns críticos exprimem que a ideia de “arte pela arte”, não é totalmente dominante nas obras infantis de Lobato.

A espinha dorsal do autor consiste na “irreverência, atrevimento e anticonvencionalismo”, como nota o escritor João Carlos Marinho¹²⁶. Todavia, para o mesmo, é justamente a educação o “traço negativo” da obra, quando Lobato demonstra exageradamente “mania de ensinar”, o que chama de “instrui-diverte.”¹²⁷. Sua concepção é que o autor não convence o leitor criança ao abordar de forma desmedida temas científicos, históricos, morais etc., escondendo-se como “educador anticonvencional” ao preferir a “Magia dos acontecimentos”¹²⁸ em prol das mesmas estratégias ultrapassadas. O ponto que nos interessa, contudo, é a ideia expressa por Marinho de que, quando a literatura se subordina à disciplina (portanto, tornando-se utilitária), “os personagens se deslitteralizam e passam a ser meros pedaços de jogo de armar ‘instrutivo’.”¹²⁹.

Como visto anteriormente, Eliana Yunes¹³⁰ defende que é justamente por meio de Emília e do recurso do maravilhoso que se estabelece o teor de indissolubilidade entre as obras “ficcionais” e “educativas”. Cabe, portanto, a questão: como Emília escapa do processo de deslitteralização quando o fator pedagógico-instrutivo é predominante no enredo, a partir de sua característica de personagem ficcional complexo?

Para que tal questão seja melhor respondida, é necessário trazer à pauta algumas das problemáticas que envolvem o próprio estatuto da literatura infantil

¹²⁴ YUNES, E. Op. cit., 1982, p. 14.

¹²⁵ ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2011, p. 281.

¹²⁶ MARINHO, J. C. Conversando de Lobato. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. 1. ed. São Paulo: Traço, 1982, p. 187.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 185.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 186.

¹²⁹ *Idem*.

¹³⁰ YUNES, E. Op. cit., 1982, p. 48-49.

e de sua personagem. Tendo em vista a regência da ideologia social sobre a educação, conforme citado anteriormente, Zinda Vasconcellos¹³¹, afirma que, segundo Danúsia Bárbara, o texto propriamente literário não se ocupa das questões a ele externas, porquanto que se basta na medida em que cria seu “mundo próprio”; tal visão, portanto,

rejeitaria como não literária qualquer obra com intenções didáticas ou moralizantes, como costuma ser o caso das destinadas a crianças. Levada ao limite, rejeitaria todo e qualquer texto que se pretendesse uma representação do mundo com valor de verdade, por exemplo, qualquer obra realista, qualquer escrito engajado; e por conseguinte rejeitaria como não literários os livros de Lobato¹³².

Por outro lado, a autora, em sua monografia, assume que não é o “valor de verdade” que constitui a literariedade, uma vez que aquele depende “da correspondência entre os valores emitidos com os dos receptores”, ao passo que desconhece “a existência de livros de uma literariedade tão pura que estivessem desvinculados de toda a contaminação ideológica.”¹³³. Sonia Khéde¹³⁴, sob a mesma perspectiva, prevê que “O binômio estético-ideológico não se dissocia, a não ser operacionalmente. Toda linguagem literária pressupõe esse duplo inseparável e inerente à historicidade do fenômeno artístico.”. Nessa ótica, o meio pelo qual uma obra infantil garante-se como obra artística é a personagem, pois “tal literatura deve buscar a comunicação com o leitor-mirim através de sua profunda identificação com os personagens.”¹³⁵

Assim, estabelece-se uma relação intrínseca entre o leitor e a personagem para a atribuição do cunho artístico à obra destinada a crianças. Lígia Magalhães¹³⁶ elucida que “a relação com o destinatário é mais aguda no texto infantil”, oriunda, historicamente, da preocupação com “o tipo especial de recebedor que possui”, portanto, aliou-se à pedagogia e privou o leitor de se colocar como ser crítico de sua realidade. Magalhães ressalta que, tal qual a literatura geral, a literatura infantil firma-se como arte “através da ruptura com uma lei dominante”¹³⁷, cuja decorrência define “a condição de sua qualidade estética”¹³⁸. Em linhas gerais, tal “qualidade” será responsável pelo “suporte ao leitor, ajudando-o a decodificar o mundo que lhe é adjacente e o cerca, de modo a colaborar no processo de superação deste estado”; ao lançar mão da colocação do leitor também como personagem, possibilita-se “a divisão do discurso, a multiplicação dos níveis de realidade e, enfim, o posicionamento crítico diante das normas.”¹³⁹. Nas palavras de Khéde¹⁴⁰, tal “relativização do poder” por parte do narrador “é fundamental para que

¹³¹ BÁRBARA, D. *A literatura infantil como patologia poética*. Mimeo. 122 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976 (sem indicação de página) apud VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 22-23.

¹³² VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 22-23.

¹³³ *Ibidem*, p. 23.

¹³⁴ KHÉDE, S. S. *Personagens da literatura infantojuvenil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 6.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 13.

¹³⁶ MAGALHÃES, L. C. História infantil e pedagogia. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, L. C. *Literatura Infantil: Autoritarismo e emancipação*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1982, p. 84-86.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 85.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 86.

¹³⁹ *Idem*.

¹⁴⁰ KHÉDE, S. S. Op. cit., 1990, p. 14.

a estrutura narrativa não se submeta às imposições didáticas de explicação da realidade – quer no sentido de questionar as estruturas vigentes, quer no sentido de confrontá-las.”

Portanto, é mister salientar que, dada a importância do leitor, a estética da recepção mostra-se como meio elucidativo para compreendermos o lugar da obra de Lobato na literatura infantil, e mais precisamente, o de Emília. Eliane Debus, que investigou a recepção do autor, demonstra que nas cartas de inúmeras crianças a Lobato reitera-se o grande aprendizado oriundo das obras “paradidáticas”. Segundo a pesquisadora, na mesma via em que os livros eram adotados em larga escala pelas escolas, a crítica “desprestigiou o conjunto por seu direcionamento pedagógico. No entanto, os depoimentos dos leitores confluem num conjunto de respostas positivas em relação aos livros ‘didáticos’”¹⁴¹. Muitos dos fragmentos apresentados por Debus mencionam *Emília no país da Gramática* como crucial para o aprendizado. Sobre essa obra, é interessante destacar uma observação feita pelo próprio autor em uma missiva a Oliveira Viana, datada de 13 de agosto de 1934:

A minha Emília está realmente um sucesso entre as crianças e os professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo que não agüente o resto do ano [...] Mas a crítica de fato não percebeu a significação da obra. Vale como significação de que *há caminhos novos para o ensino das matérias abstratas*. Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: “Faça a Emília do País da aritmética.” Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando o caminho? O livro como temos tortura as pobres crianças – e no entanto poderia divertilas, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil.¹⁴²

A agitação causada nos receptores aponta à grande potência de encantamento exercida por Emília, que faz com que as crianças clamem “naturalmente” por mais livros no mesmo estilo. Lobato sinaliza que os “caminhos novos” no ensino fazem parte da mescla produtiva entre divertimento e aprendizado. Em linhas gerais, no tocante às perguntas propostas aqui anteriormente, Emília não se compromete esteticamente quando o assunto é a aquisição de instrução formal, pois, ao ser eleita como preferida, comprova seu estabelecimento como personagem de singularidades. O público, portanto, reconheceu que qualquer que fosse o grau de conhecimento formal exposto, Emília jamais seria uma marionete, e sim um fio condutor para outros meios de aprendizagem, relacionando-a, assim, com o divertimento, ou, ainda, identificando-se com ela, como será visto à frente.

Nessa perspectiva, pergunta-se: o que torna a personagem um diferencial quando o assunto é instrução? Seria, justamente, sua relação com os anseios do leitor?

De forma geral, a primeira ação de *Emília no país da Gramática* é justamente uma ação, pois é ela quem sugere a visita ao lugar onde a língua vive, a partir de uma aula que Dona Benta dava a Pedrinho. Cabe ainda frisar que não era a boneca a aluna, mas uma ouvinte habituada, como menciona o narrador¹⁴³. De ser passivo e

¹⁴¹ DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. 1. ed. Itajaí-SC: UNIVALI/Florianópolis: UFSC, 2004, p. 183.

¹⁴² LOBATO, M. Carta a Oliveira Viana. São Paulo, 15 de agosto de 1934. In: NUNES, C. (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986, p. 96.

¹⁴³ LOBATO, M. Emília no País da Gramática. In: _____. *Emília no País da Gramática e Aritmética da Emília*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950a, p. 3.

mero acessório que poderia ser da infância (no sentido de ser uma boneca), Emília acaba tomando as rédeas da aventura e, de certa forma, leva o menino a uma nova “professora”, a própria experiência. Thaís Albieri¹⁴⁴ complementa que o fato de a avó permanecer no Sítio durante a viagem justifica-se justamente pela necessidade, por parte das crianças, de experienciar, e não apenas de ouvir a lição. Teoriza-se, portanto, que para uma criança, a possibilidade de testemunhar a gramática é muito mais divertida do que tentar absorvê-la em um ambiente enfadonho. A ideia emiliana poderia, então, aproximar a personagem do leitor, pois se pauta pela imaginação.

É evidente que a obra “paradidática” em que Emília mais goza de seu protagonismo é em *País da Gramática*. Percorrendo as classes de palavras e os diversos “bairros” do local, a boneca se desentende com os arcaísmos e com a Etimologia, pois é uma revolucionária nata (como será comprovado em *Reforma da Natureza*). O gosto pela criação de palavras, ou seja, pelos neologismos, é muito bem explicado e defendido pela personagem que não aceita que tal classe seja encarcerada, afirmando: “Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta.”¹⁴⁵ Ao longo da aventura, Emília se mostra cada vez mais segura de seu aprendizado, o que culmina em uma reforma ortográfica idealizada por ela. Cabe observar, em adição, que as reflexões sobre a naturalidade das mudanças que podem (e devem) ocorrer na língua são feitas a partir das referências ao seu próprio estatuto de personagem ficcional, mais precisamente às suas ilustrações:

Se tudo na vida muda, por que as palavras não haveriam de mudar? Até eu mudo. Quantas vezes não mudei esta carinha que a senhora está vendo?

– Muda de cara, como? indagou dona ORTOGRAFIA, franzindo a testa.

– Sei lá. Mudo. Ou, antes, eles mudam a minha cara.

– Quem são eles?

– Esses diabos que desenham minha figura nos livros. Cada qual me faz de um jeito, e houve um tal que me fez tão feia que piquei o livro em mil pedacinhos.¹⁴⁶

O recurso metaficcional utilizado pelo autor enriquece a complexidade da obra¹⁴⁷. Em primeira via, sabe-se que, na narrativa, Emília é a personagem que mais se altera, física e psicologicamente¹⁴⁸, o que é referido nas estórias como fruto da “evolução biológica”. O verbo “mudar”, na fala da boneca, faz referência tanto a essa instância, mostrada, por exemplo, em *Reinações*, quando Pedrinho diz que Narizinho muda as características de Emília constantemente¹⁴⁹, como, de modo mais sofisticado, aos ilustradores. Em segundo lugar, está a crítica às regras ortográficas; sem o aprendizado adquirido durante a aventura, Emília não poderia criticar ou propor uma reforma, e sem a autoconsciência somada à menção extratextual, não poderia aproximar a proposta de sua própria realidade. Apenas nesse diálogo são evocadas muitas camadas composicionais, pois expressa

¹⁴⁴ ALBIERI, T. de M. A gramática da Emília: A língua do país de Lobato. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 263.

¹⁴⁵ LOBATO, M. Op. cit., 1950a, p. 118.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 141.

¹⁴⁷ Segundo Diana Navas (2015, p. 85) a metaficção é justamente o desnudamento do processo do texto literário em sua feitura, seus mecanismos e etc.; referencia-se o leitor, o próprio texto e outros, por exemplo.

¹⁴⁸ COELHO, N. N. Op. cit., 1983, p. 730.

¹⁴⁹ LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, p. 139-140.

a aquisição de conhecimento da personagem e, ainda, retira o leitor da zona de conforto com doses de humor, na medida em que referencia a feitura do livro. Portanto, vemos uma das razões em Emília poder ser o “centro das atenções” dos leitores quando o assunto é aprendizado, afinal, nenhuma personagem do Sítio, feminina ou masculina, demonstra tantas possibilidades criativas.

Outro momento de *País da Gramática* que emoldura a relação entre educação e instrução é no capítulo “Portugalia”, local em que as personagens conhecem os arcaísmos. Ao compreender tal classe, Emília constata que Dona Benta e Tia Nastácia o são, e Narizinho, zangada, retruca, afirmando: “Mais respeito com vovó, Emília! Ao menos na cidade da língua tenha compostura, está entendendo?”¹⁵⁰. Cenas como essas são constantes ao longo de toda a obra, nas quais Emília se aproveita dos conhecimentos adquiridos para exprimir um comentário jocoso ou cômico; em linhas gerais, Narizinho é aquela que, muitas vezes, repreenderá a boneca por esse tipo de fala, quando desrespeitosa ou “asneirenta”. Outra expressão áspera proferida pela boneca se dá quando encontra os substantivos próprios. Ao se deparar com o nome feminino “Urraga”, que ganhara “peso” por estar ociosa, Emília diz:

– Porisso está gorda assim, sua vagabunda! observou Emília.

– Que culpa tenho de ser feia, ou dos homens me acharem feia? Cada qual como Deus o fez.

– Nesse caso, se é inútil, se não tem o que fazer, se está sem emprego, a senhora não passa dum arcaísmo cujo lugar não é aqui e sim nos subúrbios. Está tomando o espaço das outras.

– Não seja tão sabida, bonequinha! Eu ha muito que moro nos subúrbios, e se vim passear aqui foi apenas para matar saudades. Esta casa não é minha.¹⁵¹

Apesar do desrespeito ao nome, e de ser censurada por ele, Emília de fato acerta onde “Urraga” deveria estar, ou seja, junto às palavras em desuso, o que mostra que seu aprendizado é eficaz. Para Emília, nenhum modo seria melhor para o aprendizado do que o exercício de sua própria personalidade, no caso, “discutir” com as classes de palavras, o que é reiterado pelo substantivo: “Não seja tão sabida, bonequinha!”¹⁵². Desse modo, a personagem não apenas é fiel às suas características, já tão conhecidas pelos leitores, como também demonstra sua instrução.

Em adição, a forma pela qual a educação é apresentada ao longo da obra relaciona-se intimamente com a corrente pedagógica a que o autor se aliou. Segundo Albiéri¹⁵³, a perspectiva presente em *País da Gramática* (e nas outras obras) é a da Escola Nova, idealizada pelo educador Anísio Teixeira, amigo de Lobato. Nessa proposta,

não bastava ouvir falar de gramática, mas era preciso também vivê-la, experimentá-la, propor questões sobre ela, enfim, conhecê-la atrelando ao projeto pedagógico a noção de passeio, ou seja: não se trata de obter conhecimento por obrigação, mas de forma ativa e por prazer.¹⁵⁴

¹⁵⁰ LOBATO, M. Op. cit., 1950a, p. 10.

¹⁵¹ Ibidem, p. 20.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ ALBIERI, T. de M. Op. cit., 2009, p. 262.

¹⁵⁴ Ibidem, idem.

O ideal escolanovista, de acordo com Fernando Luiz¹⁵⁵, parte dos preceitos positivistas, que preconizavam a ciência como regente da sociedade, bem como a “revolução cultural” como artifício para a “regeneração do homem e da pátria brasileira”. Sob essa ótica, encaixa-se também a importância dos livros. Estes não serão aqui tratados no que concerne à educação emiliana, pois demandaria um desenvolvimento à parte, dada a importância da literatura nas estórias. Pode-se ressaltar rapidamente, no entanto, que Emília também aprimora seu veio literário, amadurecendo o apuro estético (preconizado em *Reinações de Narizinho*, quando inventa uma narrativa oral), o que culmina nos comentários extremamente críticos tecidos em *Histórias de Tia Nastácia*. Em suma, o pensamento escolanovista é a base para o entendimento dos movimentos de aprendizado em todas as áreas do pensamento no decorrer das estórias do Pica-pau Amarelo, podendo ser desvelado ainda mais por meio da boneca de pano darwinista.

A partir das informações expostas, é possível se ter uma dimensão das camadas de complexidade presentes no recorte da educação-instrução na obra infantil de Lobato. A pergunta que intitula esta seção levanta a possibilidade de Emília, a partir da noção da desliteralização, ser um títere nas obras “paradidáticas”, um meio chamativo para que a voz pedagógica instruisse os leitores, o que comprometeria seu valor artístico. Em suma, percebe-se que em *Pais da Gramática* Emília se mantém como personagem densa, o que se acentua quando as demais narrativas que objetivam a temática são confrontadas. É o caso, por exemplo, de *Aritmética da Emília*, que, apesar de levar o nome da boneca, não explora com tanta sofisticação a sua potência, mas também não nega a sua “natureza” como personagem ficcional complexa, que segundo Antonio Candido¹⁵⁶, possui a capacidade de nos surpreender, já que seus sentimentos são transitórios e convincentes. Vejamos, então, algumas dessas noções lógico-contraditórias em *Aritmética* e nas demais obras “paradidáticas”.

Convergências e divergências no aprendizado: Emília – uma criança comum

Se em *Gramática* Emília reforma toda uma regra ortográfica e demonstra com maestria sua densidade composicional, em *Aritmética* a boneca revolucionária fica mais restrita a se expressar sobre o modo que se aprende. De acordo com Fernando Luiz¹⁵⁷, Emília propõe novas formas de “tornar a aprendizagem mais significativa” a partir da recreação, por exemplo, ao ilustrar a tabuada no pomar. É notável que o *Pais da Gramática* trouxe um novo olhar sobre a recepção do conteúdo teórico, tornando-o prático, mas, lidando com uma ciência exata, Emília não poderá alterar as leis do cálculo (e nem discordará delas), ao passo que também não deixará de exprimir suas dissonâncias em relação ao universo do “tradicional” esperado.

Uma das divergências observadas na estória das operações matemáticas é que nem todas as alterações propostas pela boneca são exaltadas ou aceitas. Partindo do mesmo sentimento de insatisfação com as regras, e afeição aos neologismos,

¹⁵⁵ MONARCHA, C. *A reinvenção da cidade e da multidão: Dimensões da modernidade brasileira – A Escola Nova*. São Paulo: Cortez, 1989 (sem indicação de página) apud LUIZ, F. de T. *Aritmética da Emília* (1935): Matemática para (não) matemáticos?. In: LAJOLO, M; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 277.

¹⁵⁶ CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 63.

¹⁵⁷ LUIZ, F. T. Op. cit., 2009, p. 282.

uma das propostas emilianas em *Aritmética* é a insistência na troca do termo “fatores” por “fazedores”, no que concerne às multiplicações. Diferentemente do desfecho de *Gramática*, a reforma não será aceita, uma vez que as alegações de Emília não convencem os demais, o que é atestado pela fala da avó:

– Que lástima! murmurou dona Benta. A Emília, que já é uma personagem celebre no mundo inteiro e está se tornando uma sabiazinha, de vez em quando se esquece das conveniências e fica uma verdadeira praga...¹⁵⁸

Os comportamentos mais pueris de Emília são evidenciados, chegando a sentir ciúmes de Narizinho com relação à leitura de grandes números. Ocorrem também no décimo capítulo, quando a boneca finge já dominar o conteúdo exposto antes dos outros para impressioná-los, quando, na verdade, havia lido as informações de antemão nos livros de Visconde, que a denuncia. As personagens a repreendem, o que pode ser entendido como o movimento híbrido de educação e instrução, pois ela apreende o conhecimento, mas não de forma ética. Segundo Hayden¹⁵⁹, a autoimagem é uma preocupação constante nas obras infantis de Lobato, sendo Emília por vezes censurada por esse tipo de comportamento. Luiz¹⁶⁰, ainda, atenta-se para o fato de a boneca e o milho desempenharem funções antagônicas na obra, pois o sabugo concentra-se na exposição do conteúdo, “ao passo que a boneca se ocupa em sabotar as aulas ou deleitar o leitor com seus comentários, críticas ou ‘reinações.’”. Nesse aspecto, nota-se como Emília, de fato, não é desliteralizada em sua *Aritmética*, porquanto quebra com a expectativa de aluna tradicional, mesmo que não exerça seus muitos outros caracteres.

Além disso, o desrespeito de Emília também se faz presente na obra, como esperado pelo leitor. Uma de suas “malcriações” é a resposta áspera que dá à professora Dona Regra, que, explicando as operações, faz uma pergunta aos ouvintes; Emília diz que a pergunta era “idiota”, e o narrador afirma que aquela “corou com a observação da boneca, mas nada disse.”¹⁶¹. Quando Dona Benta a repreende, Emília afirma: “Quem ficar zangado com o que eu digo, só prova que não tem ‘senso de humor’...”; Quindim, que cochilava, “arregalou os olhos. Emília, aquela bonequinha vagabunda, a falar em senso de humor!”¹⁶². Na passagem, é nítido que a irreverência emiliana não é totalmente valorizada, uma vez que o seu “humor” parece descabido. Entretanto, conforme elucida Hayden,

Na época de Lobato, aparência formal e maneiras reservadas formavam o estereótipo físico dos professores que, como espelhos, incorporaram as práticas pedagógicas. Era o aprendizado de rotina, a disciplina era estrita e havia pouca oportunidade para os jovens fazerem perguntas ou desempenhar um papel ativo na sala de aula. Para os alunos criativos e inspirados, tais situações de aprendizado eram mais provavelmente encaradas como punição do que como experiência educativa. Nenhum livro infantil de Lobato mostra a pedagogia tradicional por inteiro e, quando é mencionada, a referência é sempre negativa.¹⁶³

¹⁵⁸ LOBATO, M. *Aritmética da Emília*. In: _____. *Emília no País da Gramática e Aritmética da Emília*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950b, p. 223.

¹⁵⁹ HAYDEN, R. L. Op. cit., 2012, p. 128.

¹⁶⁰ LUIZ, F. T. Op. cit., 2009, p. 281.

¹⁶¹ LOBATO, M. Op. cit., 1950b, p. 214.

¹⁶² *Ibidem*, *idem*.

¹⁶³ HAYDEN, R. L. Op. cit., 2012, p. 86.

Tendo isso em vista, por outro lado, o leitor mirim pode se aproximar do ponto de vista da personagem, pois, já dominando o conteúdo exposto, há possibilidade de um impulso similar ocorrer, quando não se está sob o controle dos “bons modos”. Dona Regra é uma professora, porém não pune a boneca, já que o lugar não era uma escola tradicional (a “escola” pertencia aos alunos), e apenas se cala, austera. Em suma, Emília põe em evidência uma informação conhecida da criança da época, a do professor “sem senso de humor”. De acordo com Vasconcellos¹⁶⁴, o leitor que se identificar com a boneca “estaria assim assumindo um papel de contestação da ordem estabelecida.”. Esse pode ser também um dos motivos pelos quais Lobato é requisitado com entusiasmo para que faça a “Emília do País da aritmética”¹⁶⁵, como afirma na carta citada anteriormente, pois a irreverência emiliana é esperada até mesmo em meio aos números, assunto complexo.

Todavia, é *História do mundo para as crianças* que demonstra a personagem no grau mais alto de puerilidade. Como nota Míriam Pallotta¹⁶⁶, as personagens comentam e criticam a exposição de Dona Benta, realizando as observações que julgam necessárias. Entretanto, tal fato não se aplica à boneca de pano. Na estória, Emília é a única que não está interessada na narrativa da avó, sendo forçada muitas vezes a se retirar para a cozinha com Tia Nastácia, pois

A diabinha parecia resolvida a sabotar a história de Dona Benta e por isso vinha sempre com suas graças muito sem graça. Mas todos tinham combinado fingir que ela não existia, de modo que a sua sabotagem de nada adiantava.¹⁶⁷

O que mais se destaca é o protagonismo praticamente anulado de Emília, ratificado por sua “falta de lugar” na lição. A boneca se ocupa em tentar chamar a atenção por meio de comentários irritantes aos demais, que tentam até mesmo “fingir” sua inexistência. Mesmo que a postura de Emília se torne um divertimento ao leitor, não é valorizada no que tange à instrução e à educação, pois suas ideias, de modo geral, não proporcionam reflexões por meio de seu ponto de vista crítico, apenas fornecem seu humor tradicional, o que não deixa de ter seu traço positivo. Entretanto, há uma passagem, ao final da estória, que demonstra que, em algum grau, Emília apreende as informações:

Pedrinho perdeu o sono naquela noite. As palavras de Dona Benta o haviam impressionado profundamente. Na manhã seguinte Emília procurou-o e disse:
– Nós precisamos endireitar o mundo, Pedrinho.
– Nós, quem, Emília?
– Nós, crianças; nós que temos imaginação. Dos “adultos” não há nada a esperar...¹⁶⁸

Ao ouvir sobre as diversas atrocidades cometidas pelos homens, Emília põe em ação sua característica reformadora, ativada mais propriamente pelas revoluções narradas. Apesar de não participar das discussões, é fato que é a única que decide tomar uma postura ativa, mesmo que, possivelmente, não tenha adquirido tantos conhecimentos como Narizinho e Pedrinho. Em outras palavras, Emília entende

¹⁶⁴ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 143.

¹⁶⁵ LOBATO, M. Op. cit., 1986, p. 96.

¹⁶⁶ PALLOTTA, M. G. P. História do mundo para crianças: Uma obra inovadora. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 224.

¹⁶⁷ LOBATO, M. *História do mundo para as crianças*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957a, p. 64.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 281.

o cerne dos acontecimentos históricos: de acordo com Pallotta¹⁶⁹, em *História do mundo* a ação dos indivíduos define os cursos da humanidade, e é exatamente essa tomada de consciência que tem Emília, sendo seu único interesse agir. Como Emília não pode mais alterar o passado, preocupa-se com o futuro, inerente à realidade da criança. Assim, exercer a história, de forma ativa, significa mudar seus rumos, o que a personagem realmente faz em *A chave do tamanho*, quando a sociedade se destruiu em conflitos despropositados. Em suma, *História* aponta para a boneca muito mais preocupada com a concretização do que com o processo de aprendizado, o que a põe em mais momentos de educação do que de instrução.

Outra possibilidade que pode ser ajustada a esse apagamento da perspicácia emiliana na obra, é em razão da própria forma narrativa. Caso a personagem comentasse criticamente todos os absurdos cometidos pelo homem, a estória não poderia sequer avançar. Segundo Antonio Candido¹⁷⁰, a constituição da personagem ficcional deve obedecer à coerência interna do texto, na medida em que “a verdade do personagem” não depende apenas das intenções do autor, mas “da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior.”. Portanto, depreende-se que Lobato articula Emília de acordo com a verossimilhança, mantendo a coerência da estrutura do texto, dos componentes da personagem e dos ideais educacionais em que se baseia. Emília surpreende o leitor (característica da personagem complexa), na medida em que age de forma conflitante entre passividade e ação, caractere já conhecido por ele, mas não extrapola os limites da esfera narrativa e nem o faz desarmoniosamente.

Em linhas gerais, o leitor criança encara, mais precisamente pela fala revolucionária de Emília, que também tem o “dever” da boneca, uma vez que ambos possuem o mesmo instrumento para tal: a imaginação. Até mesmo em *História do Mundo*, ainda que o protagonismo de Emília não seja o foco, o leitor não é só deleitado por suas malcriações, mas é provocado a refletir sobre sua própria existência como cidadão capaz. De acordo com Raimundo Nogueira¹⁷¹, a Escola Nova, fazendo frente aos padrões, reajusta a educação, que passa “de uma realidade, que deveria ser descrita de modo simples, para ser apreciada como uma problemática intimamente ligada à reflexão filosófica, política, econômica e social.”. Tem-se, mais uma vez, a aliança entre os predicados da personagem e a influência do modelo escolanovista.

Com efeito, o princípio da educação emiliana em sua maior potência, baseado na busca pelo objeto de conhecimento, não é uma exclusividade de *Pais da Gramática*, mesmo que seja a obra que o tematize mais significativamente. Em *Geografia de Dona Benta*, Emília demonstra seu veio revolucionário, porém o interesse pelo aprendizado, em termos de processo, está muito mais intenso do que nas lições de *História*. A boneca começa a narrativa pedindo que a avó prove que a terra é redonda, além de saber perfeitamente como é sua constituição em termos geológicos. O ápice de sua criatividade também é o que garante o próprio despontar da narrativa, pois propõe uma viagem pelo mundo no “navio de faz-de-conta” (este, o recurso “mágico” emiliano), conduzido pela mesma. Nota-se,

¹⁶⁹ PALLOTTA, M. G. P. Op. cit., 2009, p. 231.

¹⁷⁰ CANDIDO, A. Op. cit., 2019, p. 74-75.

¹⁷¹ NOGUEIRA, R. F. de S. A Escola Nova. *Educação em Debate – Revista de Educação da UFC*, Fortaleza, n. 12, a. 9, p. 28 [27-58], jul./dez. 1986.

portanto, diferenças significativas entre *Geografia* e *História*, uma vez que, nesta última, não são desenvolvidas as muitas características positivas da personagem utilizadas para o aprendizado ativo, explora-se apenas seus traços basilares, revolução e desobediência, ainda que sejam essenciais para a sua individualização.

Todavia, da mesma forma que em *Aritmética* Emília não pode questionar o conteúdo propriamente dito, fará em *Geografia* um misto entre os comentários cômicos característicos e o exercício de aplicação do conteúdo aprendido, assim como seus ideais democráticos, ao visitar a Casa Branca. De modo similar às lições de Português, Emília questiona na medida em que se instrui, demonstrando maestria na argumentação quando Quindim é preso em Nova Iorque, por exemplo. Aprendendo que o rinoceronte vem de território africano tomado pelos ingleses, a boneca diz aos guardas que reportará o caso “ao cônsul da Inglaterra”, conseguindo a soltura do animal¹⁷². Via de regra, *Geografia*, apesar de ser “de Dona Benta”, e não “da Emília”, aproxima-se muito mais de *Gramática*, por seu teor de protagonismo e exercício praticamente pleno de características. Isso pode se justificar, por exemplo, pela importância dada à viagem para o aprendizado na obra. Segundo Hayden,

Lobato, então, acreditava no mundo de situações de experiências vividas como cenários para aprendizados eficazes. Tão grande era sua missão que, sempre que possível, ela se tornava um apoio para um trabalho mais completo. Já que viajando se aprende geografia. [...] Nada pode ensinar tanto como viagens [...] ¹⁷³

Por fim, partiremos para *Serões de Dona Benta*. Na narrativa, a atuação de Emília não é, em suma, protagonista, todavia, similar ao que ocorre em *História do Mundo*, porém com mais intensidade, a boneca arremata a narrativa com constatações decorrentes da instrução. Após as exposições científicas da avó, Emília conversa, no último capítulo, com Coronel Teodorico, que vai ao Sítio pedir favores a Dona Benta. O homem, ao saber dos serões, desdenha, afirmando que não acreditava muito “nessa tal de ciência.”¹⁷⁴. O fato é suficiente para provocar Emília, que desafia o coronel a dizer alguma “lorota de livro”, que afirma ser um exemplo “esse negócio da terra ser redonda” e

Emília teve dó dele. Tamanho homem e tão burro...

– Se não é redonda, coronel, que forma tem? perguntou a diabinha.

– A terra é montanhosa, não está vendo? respondeu o camelo. A gente segue daqui até o Rio de Janeiro e que vai vendo? Varzeas e montanhas, mais montanhas do que varzeas – redondeza não se vê nenhuma.

Os argumentos da burrice são tão disparatados que até tonteiam uma pessoa instruída. Emília quis argumentar com o coronel, mas não viu caminho. Por onde entrar dentro de semelhante quarto escuro?¹⁷⁵

O diálogo, que acaba por ser atual, demonstra toda a incredulidade de Emília ao ouvir tal absurdo. Quando Dona Benta retorna, apresenta um raciocínio científico para a criação de porcos, e complementa para o neto: “Quero que vocês fiquem com uma base geral de conhecimentos.”¹⁷⁶, o que evitaria uma falência como a do coronel. O homem termina embasbacado e Emília “sorria vitoriosa com o triunfo

¹⁷² LOBATO, M. *Geografia de Dona Benta*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955a, p. 115-116.

¹⁷³ HAYDEN, R. L. *Op. cit.*, 2012., p. 94.

¹⁷⁴ LOBATO, M. *Serões de Dona Benta*. In: _____. *Serões de Dona Benta e História das invenções*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950c, p. 200.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 201-202.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 205.

da ciência sobre a ignorância.”¹⁷⁷. Rose Lee Hayden elucida que, “Para Lobato, a esperança do progresso infinito da humanidade está no conhecimento científico e tecnológico.”¹⁷⁸. Em linhas gerais, o fato de a narrativa confrontar uma personagem “ignorante” com os habitantes do Sítio, principalmente com Emília, após as lições científicas, sublinha o processo de aprendizagem que a boneca passou. É interessante ressaltar que a pergunta feita por ela ao homem é praticamente a mesma que fez a avó em *Geografia*.

Portanto, em *Serões*, Emília demonstra que internalizou todo o conhecimento apresentado e, ainda, usa de suas características pessoais para “desafiar” o coronel, mas, em alternativa, seu desapontamento é tão grande que sequer teve entusiasmo para fazê-lo, revelando o desnível intelectual entre os dois. Isso demonstra a desvalorização que a personagem imprime, pois, como explícita Dona Benta em *História do Mundo*, quando Narizinho se acha “boba” por desconhecer o significado de um termo, “Um criança não tem culpa de não saber, e para que saiba uma porção de coisas úteis é que as avós contam estas histórias do mundo.”¹⁷⁹. Por outro lado, a “ignorância” do coronel parece ser mais um fator proposital (ou fruto da cultura) do que aceitável, provando que a vontade em se desenvolver é baseada na realidade de cada qual, fator relativizado na obra. Novamente, o leitor que se depara com tal diálogo, principalmente após acompanhar não só a narrativa, mas todas as obras da série, identifica-se com Emília, pois foi exposto ao mesmo teor científico-educacional que a personagem e, provavelmente, partilhará de sua opinião.

Nota-se também, com efeito, que as “asneiras” emilianas são um traço desculpável nas estórias, fazendo parte da constituição de sua identidade como personagem cômica, infantil e irreverente, e não são, em suma, pautadas pela mesma ignorância de Coronel Teodorico. Em *Reinações de Narizinho*, por outro lado, quando as qualidades de Emília ainda estão em desenvolvimento, dificilmente a boneca teria meios de questionar o homem e o obscurantismo da sociedade, o que demonstra sua evolução psicológica e instrutiva. Pode-se trazer como exemplo *Viagem ao céu*, em que a diferença entre as constatações de Pedrinho e de Emília são discrepantes no que diz respeito à instrução. Quando o menino faz uma observação científica, Emília concorda, e

Pedrinho riu-se com ar desdenhoso.

– A bôba! “Também acho!...” Eu acho com base, mas que base tem você para achar?

– Eu acho com base no meu desejo de achar – respondeu Emília.¹⁸⁰

Nota-se que o menino, principalmente levando toda a estória em consideração, possui muitos conhecimentos de astronomia, e põe em xeque o “embasamento” da boneca. Emília, de modo geral, aflora muito de sua criatividade em *Viagem ao céu*, mas é evidente que ainda se pauta pela imaginação quando necessita explicar algo. A causa dessa postura, ou o início, pode ser rapidamente mencionado. Em *Reinações*, Narizinho indaga a boneca sobre sua capacidade de compreender as formigas e demais insetos, e Emília apresenta várias justificativas que são

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ HAYDEN, R. L. Op. cit., 2012, p. 105.

¹⁷⁹ LOBATO, M. Op. cit., 1957a, p. 183.

¹⁸⁰ LOBATO, M. *Viagem ao céu*. In: _____. *Viagem ao céu e O saci*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957b, p. 70.

descartadas pela menina, chegando a admitir, por fim, que não sabe a resposta; o narrador, então, afirma que “Era a primeira vez que Emília se embarçava numa resposta. Primeira e última. Nunca mais houve pergunta que a atrapalhasse.”¹⁸¹. A composição da obra, portanto, mostra-se coerente ao diferenciar os limites infantis e a ignorância propriamente dita, fato justificado pela verossimilhança das estórias.

Nesse contexto, é interessante ressaltar que, em *História das invenções*, Emília é valorizada por Dona Benta, o que é significativo para a formação de sua personalidade em termos educativos, pois, como se sabe, aquela é a transmissora de valores e conhecimentos. Ao afirmar que a inteligência é rara e que muitos homens apenas parecem ser dotados desse atributo, Emília diz: “Como eu pareço gente”, e Dona Benta responde:

– Você não parece gente, Emília. Você já é na verdade uma gatinha – e das boas. Acho injustiça viverem a chamar você de asneirenta. Você não diz asneiras, não [...] Você é o que é, é muito independente de ideias, muito corajosa. Diz sempre o que pensa, sem escolher ocasião ou palavras. Se certas pessoas condenam esse modo de falar sem papas na língua, achando-o “improprio”, é porque elas não passam de “bichos ensinados” [...] ¹⁸²

A fala de Dona Benta explicita a validação de Emília, na mesma medida em que critica aqueles que condenam sua irreverência, por não compreenderem sua excepcionalidade. Retomando o argumento apresentado anteriormente, Emília não se submete ao modelo tradicional de uma criança educada e obediente, receptora passiva da instrução, pois, dada a sua transitoriedade como personagem complexa, age de forma por vezes inesperada – como em relação às divergências entre *Pais da Gramática* e *História do Mundo* – mas ainda assim coerente na economia da narrativa. De acordo com Vasconcellos¹⁸³, “Emília é coerente do princípio ao fim”. Portanto, Emília não se desliteraliza nas obras instrutivas, que tendem mais à desvalorização estética, como visto. Propõe-se, então, uma breve descrição de como a educação, do ponto de vista social, de forma mais precisa, manifesta-se em Emília.

Emília civiliza-se: etiqueta, filosofia e gênero

Quando Emília ingere as pílulas falantes, a primeira observação de Narizinho é que a boneca

ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. – Melhor que seja assim, filosofou Narizinho. As idéias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a bôca. As idéias de Emília hão de ser sempre novidades.¹⁸⁴

A qualidade “asneirenta” de Emília é constatada por meio da fala da boneca, que, ainda “desregulada”, carecia de reparos, ao passo que sua singularidade também é exaltada. Segundo Marisa Lajolo¹⁸⁵, nas primeiras versões da obra, que não

¹⁸¹ LOBATO, M. Op. cit., 1962, p. 46.

¹⁸² LOBATO, M. *História das invenções*. In: _____. *Serões de Dona Benta e História das invenções*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950d, p. 286-287.

¹⁸³ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 143.

¹⁸⁴ LOBATO, M. Op. cit., 1962, p. 29.

¹⁸⁵ LAJOLO, M. Emília, a boneca atrevida. In: MOTA, L. D et al. (Orgs.). *Personæ: Grandes*

continham o episódio das pílulas falantes, é dito que Lúcia sempre conversava com sua boneca, o que, em suma, não garantia “excepcionalidade” alguma a Emília, uma vez que tal fato denota uma característica comum à infância. A autora ressalta que “o episódio da conquista da fala é fundamental na biografia de Emília. É por meio da palavra, falada e escrita, que ela atinge outro patamar”¹⁸⁶. Em suma, é mediante a fala que a personagem revela todas as suas particularidades mais significativas, sendo também a partir desse artifício que se desenvolve cognitivamente. É, portanto, seu ponto de partida como ser único e complexo, mas que, de todo modo, ainda não está “completo” na perspectiva educativa.

Quando se imagina uma criança, que cresce e adquire noções de comportamento social através do tempo e das relações com os que estão a sua volta, vê-se que o processo de formação emiliano não é exatamente o mesmo, porém não difere de todo. De acordo com Ana Carolina Veloso, antes da inserção das pílulas, Emília, mesmo que não falasse,

já estava em diálogo com a sociedade que a cercava. Nesse percurso, passa por uma transição brusca e rápida, diferente de uma criança que aprende a falar, enquanto também desenvolve as cadeias mais complexas do pensamento, ou seja, vai proferindo e reelaborando os nomes, significados e sentidos na interação com o outro.¹⁸⁷

Enquanto os seres humanos necessitam de estímulo para o desenvolvimento cognitivo, Emília precisava de uma “regulagem”, já que, sendo boneca, nasce com uma estrutura mais ou menos definida, simulando as características humanas. Não entraremos no campo da significância do ato de brincar ou nas relações entre criança e brinquedo, visto que extrapola os objetivos aqui estabelecidos. Porém, é importante notar que o processo educativo de Emília envolve sua inserção nos padrões sociais, ou pelo menos a tentativa de fazê-lo. Sendo sua “dona”, é Narizinho aquela que mais se dedica a corrigir a boneca, seguida da avó. A tarefa, em resumo, não é simples, tendo em vista “o gênio” da personagem, mas também não se desvencilha da esfera da brincadeira.

Uma ideia que também deve constituir a base para a educação emiliana, é o fato de a personagem ser menina, assim como Narizinho. Klinke¹⁸⁸ destaca que em *Reinações de Narizinho*, diferentemente de Pedrinho, as meninas sonham com o casamento, tal qual nos contos de fadas. Na estória, arranja-se o casamento da boneca com Rabicó, pois a mesma deseja ser nobre, mas logo a aliança é desfeita e Emília se divorcia, ato evidentemente transgressor. Veloso¹⁸⁹, ainda, destaca que Narizinho coordena a boneca de acordo com os manuais de boas maneiras da época, em que se encontram diretrizes de higiene, comportamento e vestuário. Por outro lado, ambas as personagens mostram destreza para os negócios, para os cálculos, e Lúcia, por exemplo, indaga a avó em *História do mundo para crianças*:

personagens da literatura brasileira. 1. ed. São Paulo: Senac, 2001, p. 121.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 121-122.

¹⁸⁷ VELOSO, A. C. S. *Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)*. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 122.

¹⁸⁸ KLINKE, K. Um faz-de-conta das meninas de Lobato. In: LOPES, E. M. T. et al. (Orgs.). *Lendo e escrevendo Lobato*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 83.

¹⁸⁹ VELOSO, A. C. S. Op. cit., 2013, p. 104.

“Por que em tôda parte essa desigualdade das leis e costumes, vovó? Por que tudo para o homem e nada para a mulher?”¹⁹⁰.

Karina Klinke¹⁹¹, destaca que Lúcia, ao encenar as negociações do noivado com Visconde, “pai” do noivo, atribui à boneca “valores esperados às noivas do início do século XX, com uma pitada de ‘modernidade’”, já que Emília, ao invés de tocar piano, por exemplo, “toca na vitrola”, além de ler “nos livros que nem professora”¹⁹², evidenciando as características valorizadas na “mulher moderna”¹⁹³. Em suma, ao passo que Narizinho assume também o papel maternal, imprime em Emília seus ideais, oriundos dos modelos em que a menina se educou. Conforme elucida Ligia Magalhães¹⁹⁴, “educar importa em dirigir e controlar a adaptação do indivíduo ao meio para que a vida social tenha assegurada a estabilidade e a harmonia.”

Entretanto, Emília jamais se apresenta como personagem que adere às normas sociais. Vasconcellos¹⁹⁵ admite que sua conduta provém de sua natureza, pois, não sendo boneca e nem criança, desvencilha-se da obrigação da “boa educação”. Por outro lado, enquanto as outras crianças não ultrapassam certos limites da conduta social, apesar de desafía-los, Emília, em contraposição, sendo “voz dos impulsos”, não a obedece¹⁹⁶. No episódio de *Pais da Gramática* em que confronta o nome “Urraga”, como visto, o leitor facilmente nota a aspereza contida nas palavras emilianas, o que não viria de Narizinho ou Pedrinho. Isso também é visto quando as personagens visitam o bairro das Palavras Obscenas. Visconde se sente profundamente envergonhado,

Mas a pestinha da Emilia, que era boneca e não achava nada no mundo indecente, assanhou-se logo.

– Vocês, sabugos, são todos cheios de historias como as gentes de carne, disse ela. As coitadas das palavras que culpa têm de existirem no mundo coisas que os homens consideram feias? Vou lá, sim. Quero consolar as pobres infelizes e dar-lhes uns bons conselhos.

Narizinho, porém, não deixou.

– Não vai, não Emilia. Inocentes ou culpadas, o melhor é não nos metermos com elas. Vovó, se soubesse, ficaria aborrecida. Por aqui ainda ha muita coisa decente para vermos [...]¹⁹⁷

A relação de Emília com o mundo dos homens sinaliza-se por meio da curiosidade. Pode ser notada a dissimulação da personagem, que não se “compadece” dos arcaísmos como em relação às palavras obscenas, e Narizinho, como muitas vezes o faz ao longo das estórias, percebe o fingimento da boneca. Este último traço, ser boneca, mais uma vez é ressaltado, corroborando à constatação de Vasconcellos, citada acima, de que Emília não goza das mesmas noções e obrigações que os humanos. Para a personagem, a lógica das “gentes de carne” não seria aplicada, uma vez que, sendo o que é, o conceito de “obsceno”, regularmente ligado à questão sexual (e adulta), não causaria nela o mesmo efeito, portanto, seria uma censura descabida. Todavia, o interesse de Emília por tal vocabulário também confirma seu

¹⁹⁰ LOBATO, M. Op. cit., 1957a, p. 69.

¹⁹¹ KLINKE, K. Op. cit., 1999, p. 84.

¹⁹² *Reinações de Narizinho* (1962) apud KLINKE, K. Op. cit., 1999, p. 84.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 85.

¹⁹⁴ MAGALHÃES, L. C. Op. cit., 1982, p. 42.

¹⁹⁵ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 140.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 140-145.

¹⁹⁷ LOBATO, M. Op. cit., 1950a, p. 30.

veio humano de curiosidade infantil, principalmente porque, apesar de ser de pano, é educada como as outras crianças do Sítio. Lúcia evoca a moralidade da avó para barrar o impulso de Emília, mas é notável que abre a possibilidade de as palavras não serem “culpadas”, denotando relativização, e não uma condenação irreversível. De acordo com Eliana Yunes,

A Moral, em Lobato, é apresentada, como tudo mais sob o ângulo das circunstâncias, que desvia o absolutismo e o centramento de quaisquer posições. Assim, enquanto a enunciação procura manter um amoralismo pragmático, não faltam lições de moral no sentido da exemplaridade, nem juízos das personagens sobre as ocorrências ou narrações. A relatividade é instrumento capaz de dar conta da diversidade sem incorrer nos reducionismos injustos das semelhanças. Procura instalar no espírito do leitor a desconfiança das normas e aforismos, sem confundir o amoralismo realista com uma pregação da imoralidade de conduta.¹⁹⁸

Ainda, Emília, reproduzindo o discurso pautado pela necessidade de levar educação aos ignorantes, também estaria externalizando a própria educação que recebeu. Em *Reinações de Narizinho*, quando a boneca trapaça em um sorteio, a avó não a pune, afirmando que a perdoa pois “é uma bobinha que não distingue o bem do mal.”¹⁹⁹ Como visto pela fala de Lúcia, não há um julgamento maniqueísta em relação às palavras obscenas, do mesmo modo em que muitas das ações emilianas “negativas” foram explicadas por sua “inocência”, noção muito comum à infância e, mais precisamente, à infância carente de orientação. Em *País da Gramática*, por outro lado, Emília já demonstra grande entendimento das relações humanas, usando de seu “não lugar” para driblar as convenções sociais.

Nesse contexto, a obra que mais ilustra a apreensão emiliana do *modus operandi* da sociedade, é *Memórias da Emília*. Seria inviável destacar todas as passagens que tematizam os “absurdos” pelos quais os homens se relacionam e que Emília expõe. Sobre a autobiografia, ela diz:

tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, por que senão o leitor fica vendo que erá um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura.²⁰⁰

Ainda, é na obra que se encontra uma característica conhecida de Emília, a de ser “filósofa”, pois frequentemente põe os demais em estado reflexivo com suas noções sobre a vida e sociedade, tal qual expõe em sua aproximação da existência a um pisca-pisca²⁰¹. Desse modo, nota-se a grande consciência que a boneca desenvolve ao longo de seu processo de formação educacional e instrutiva, pois, a filosofia e os questionamentos sobre a humanidade estão extremamente presentes na série, como se sabe, por meio de Dona Benta. Contudo, suas conclusões apontam também para o lado negativo, porém diligente, do mundo dos homens, em que a espreteza deve operar, afirmando:

¹⁹⁸ YUNES, E. Op. cit., 1982, p. 24.

¹⁹⁹ LOBATO, M. Op. cit., 1962, p. 208.

²⁰⁰ LOBATO, M. Memórias da Emília. In: _____. *Memórias da Emília e Peter Pan*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950e, p. 04.

²⁰¹ Ibidem, p. 12.

- [...] Fazer coisas com a mão dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: isso é que é **saber fazer** as coisas. Ganhar dinheiro com o trabalho da gente, ganhar nome e fama com a cabeça da gente, é **não saber fazer** as coisas. Olhe, visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe um só conselho: “Seja esperto, meu filho!”²⁰²

Segundo Mendes²⁰³, a obra “ilustra esse predomínio dos fortes”, a exemplo da própria relação de Emília com Visconde. Apesar de não ser um conhecimento oriundo diretamente das aulas da avó e viagens instrutivas, é coletado pela observação das “entrelinhas”, perceptíveis nos diálogos e situações críticas vividas pelas personagens. De acordo com Hayden²⁰⁴, não são a erudição ou o intelecto os traços mais valorizados na obra infantil de Lobato, mas sim a esperteza, destacando Emília como a maior portadora de tal atributo; é “mais uma característica de personalidade inata e de criação do que de estilo educacional, ou pedagógico. Os personagens em geral não podem ser ensinados a serem astutos – eles simplesmente são.”²⁰⁵

Assim, percebe-se a diferença entre as “Emílias”, de *Reinações*, taxada como “bobinha”, e a de *Memórias*. Cabe também frisar que a personagem exerce papel de professora na obra, ao ensinar Florzinha das Alturas (o anjo encontrado em *Viagem ao céu*) suas noções da sociedade e da natureza. Via de regra, de acordo com Vasconcellos²⁰⁶, o leitor experimentará o estranhamento, pois, a relação entre os seres não-humanos acusa a “ordem” como “resultado da tradição e do hábito, de uma perspectiva cultural estabelecida. De ‘fora’ torna-se mais fácil avaliar o absurdo dessa ordem...”. Encontra-se, portanto, nas estórias, como as particularidades emilianas influenciam e definem não apenas seu processo de educação-instrução, mas o próprio modo de compartilhá-lo.

Em *Os doze trabalhos de Hércules*, por exemplo, Emília torna-se a “dadeira de ideias” do herói, e Vasconcellos²⁰⁷ aponta para “a esperteza da vitória sobre a força”, em que “o valor da educação, a grande conclusão que Hércules tirou do convívio com as crianças do Sítio.”. Na obra, Emília não é, “grosso modo”, educada ou “instruída” como vemos nas demais, mas ensina a personagem mitológica, que, segundo Emerson Tin²⁰⁸, “passa por um longo processo de aprendizagem, de formação espiritual”, sendo sua fala, ao final do livro, “uma apologia iluminista da educação”. A personagem destaca Emília, afirmando que

- [...] Ela acha que uma criatura sem educação é como um terreno onde só há mato. A educação é que transforma esse terreno em canteiro de cultura das artes

²⁰² Ibidem, p. 97.

²⁰³ MENDES, E. Memórias da Emília. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 348.

²⁰⁴ HAYDEN, R. L. Op. cit., 2012, p. 113.

²⁰⁵ Ibidem, idem.

²⁰⁶ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 97.

²⁰⁷ Ibidem, p. 84.

²⁰⁸ TIN, E. O 13º trabalho de Lobato. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 483.

e ciências úteis e belas. Muito aprendi com vocês. [...] Fui encontrar “produtos da educação” em vocês.²⁰⁹

A última aventura é arrematada pelo “aprendizado de Hércules”, resumindo “o projeto pedagógico lobatiano: a educação é que faz as criaturas.”²¹⁰. A última obra infantil de Lobato retoma todo o processo formativo de Emília, corroborando à noção da “reminiscência das obras anteriores”, apresentada por Tin²¹¹.

Pode-se afirmar, assim, que Emília recolhe erudição e aprendizados suficientes para externalizar suas avaliações, não por meio de suas “asneiras”, exclusivamente, mas com refinamentos credibilizados pelos demais. Por outro lado, a esperteza, ainda que seja traço inato, pode ser reforçada (ou possibilitada) por meio do aprendizado. Nesse sentido, a educação emiliana constitui-se também de uma educação indireta, mas que parte da lógica da “sobrevivência” na sociedade. Cabe, por fim, ao leitor julgar a identificação ou não com a personagem em relação ao traço da esperteza, quando ténue à desonestidade, pois é apresentado tanto à visão ética (já mencionada como valorizada na obra), ou quase trapaceira de Emília, pois, mesmo essa, mostra-se como negativa, porém com valor de verdade e operacionalidade. José Whitaker²¹² teoriza que a grande identificação de Emília por parte dos leitores brasileiros talvez seja oriunda de seu traço “trickster”, tal qual Pedro Malasartes. Segundo Sonia Khéde,

A construção do personagem como herói, mesmo quando esse herói é problemático, possibilita não só uma chave decifratória para o texto como a análise [...] de como a criança e o jovem – sujeitos em formação – poderão desenvolver o processo de identificação e rejeição com as características dominantes dos personagens.²¹³

Em adição, uma das consciências emilianas tomadas em *Memórias*, claramente, é sobre si. Ao narrar seu nascimento, afirma que veio “duma saia velha de tia Nastácia” e “vazia”, ganhando depois o “recheio” de macela²¹⁴. Diz, ainda:

– [...] fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. [...] Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinho de venda. / [...] Eu era assim. Depois fui melhorando. Hoje piso para dentro. Também fui melhorando no resto. Tia Nastácia foi me consertando, e Narizinho também.²¹⁵

Rousseau, em *Emílio ou da Educação*, dirige-se às mães e afirma:

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação.²¹⁶

Rousseau fornece uma elucidação para o processo formativo de Emília, de modo que as características apresentadas pela personagem se põem analogamente à condição de nascimento do próprio ser humano (poderíamos retomar a própria fala de Hércules mencionada anteriormente: “A educação é que transforma esse

²⁰⁹ LOBATO, M. *Os doze trabalhos de Hércules* 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955b, p. 280-281.

²¹⁰ TIN, E. Op. cit., 2009, p. 484.

²¹¹ Ibidem, p. 478.

²¹² PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011, p. 282.

²¹³ KHÉDE, S. S. Op. cit., 1990, p. 9.

²¹⁴ LOBATO, M. Op. cit., 1950e, p. 10.

²¹⁵ Ibidem, idem.

²¹⁶ ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou da Educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 10.

terreno em canteiro de cultura das artes e ciências úteis e belas.”²¹⁷). Não sabemos ao certo o nível de consciência de Emília ao ser feita, pois, ao afirmar que “dizem” ou “Narizinho conta”²¹⁸, denota-se que Emília, como uma criança, não se recorda de seus primeiros passos. Todavia, como dito anteriormente, a boneca já participa do mundo, ao que tudo indica, pulando “etapas” naturais do desenvolvimento infantil. Por outro lado, depreende-se que Emília será preenchida não apenas de macela, mas de tudo o que será a ela crucial, por meio da educação. As aproximações feitas na obra infantil de Lobato às ideias de Rousseau já foram desveladas pela crítica, dentre elas pela tese de Sueli Cassal. Segundo a autora,

encontramos na obra infantil lobatiana [...] várias matrizes rousseauístas. Vimos que, para o escritor, o mundo está errado. É necessário reformá-lo, e para tanto decide-se educar as crianças, como o próprio Rousseau. Este inventa um pupilo, Emílio, para moldá-lo segundo as idéias de seu governante. Aquele, cria uma boneca birrenta, rebelde e “natural”, Emília.²¹⁹

As semelhanças entre as personagens de Rousseau e Lobato, Emília e Emílio, se dão em vários níveis, como em relação à valorização da vida natural e campestre e aos exercícios ao ar livre à formação da criança²²⁰. Por outro lado, Cassal²²¹ destaca que o filósofo preconizava uma educação separada para os gêneros, de modo que Sofia, esposa de Emílio, aprenderia apenas o que lhe seria “útil”, discordando, portanto, das ideias de Platão, que apontava que os homens e mulheres possuem a mesma natureza e, portanto, devem receber a mesma educação. Por outro lado, Emília não se portará como a menina ideal, já que é, nas palavras da supracitada, “uma anti-Sofia: não é tímida, nem modesta, nem obediente. Seu casamento grotesco com o Marquês de Rabicó representa o oposto do encontro Emílio-Sofia.”²²².

Em adição, segundo Cristiane de Souza²²³, “Rousseau ressalta as habilidades domésticas de Sofia, defendendo, dessa forma, que, desde cedo, as mulheres devem aprender ‘os trabalhos de seu sexo’”, destacando a fala: “O que Sofia sabe mais a fundo, e que lhe fizeram aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo, mesmo aqueles de que não se lembram, como cortar e costurar seus vestidos.”²²⁴. Essa noção tradicional aparece durante o noivado de Emília, já citado, quando Narizinho afirma que o vestido da boneca “ela mesma [Emília] cortou e coseu”, o que é desmentido pela boneca; o narrador esclarece que isso se dá pois Emília “ainda não sabia mentir”²²⁵. Em diversas passagens se encontra a subversão emiliana em relação ao comportamento feminino, uma delas, a se notar, é a sua “mania” de mostrar as pernas, pois são “grossas”, segundo a menina²²⁶. De forma geral, a obra em que mais se encontram referências à educação doméstica de Emília é *Reinações de Narizinho*.

²¹⁷ LOBATO, M. Op. cit. 1955b, p. 280-281.

²¹⁸ LOBATO, M. Op. cit., 1950e, p. II.

²¹⁹ CASSAL, S. A. T. B. *O Brasil visto verticalmente: Uma constelação chamada Monteiro Lobato*. 268 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, p. 158.

²²⁰ *Ibidem*, p. 159.

²²¹ *Ibidem*, p. 160-161.

²²² *Ibidem*, p. 161.

²²³ SOUZA, C. A. de. A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. *Novos Estudos Jurídicos – Revista de Direito da Univali*, v. 20, n. 1, jan./abr., 2015.

²²⁴ *Emílio ou da educação* (1992), p. 423 apud SOUZA, C. A. de A. Op. cit., 2015, p. 5.

²²⁵ LOBATO, M. Op. cit., 1962, p. 86-87.

²²⁶ *Ibidem*, p. 87.

Em suma, a conduta emiliana, nada convencional, provém tanto de sua particularidade em não seguir as regras, como também da educação de seu exemplo mais próximo, Narizinho, pois como aponta Karina Klinke²²⁷, citada anteriormente, Lúcia, apesar de demonstrar os padrões da época, também o subverte. Em *Reinações*, por exemplo, Pedrinho diz que Narizinho não deixa que Emília tenha filhos para não perder sua companhia “de passeios e viagens. Se tivesse filhos, teria de ficar em casa, a dar de mamar às crianças, a lavar fraldinhas – e adeus passeios...”²²⁸. A fala do menino ilustra, de modo geral, a forma de educação exposta à Emília, que, acima de qualquer padrão, priorizava a liberdade e divertimento, ou seja, a infância. José Whitaker²²⁹ nota, ainda, que os leitores de Lobato na infância, em consenso, observam “que a família do Sítio é um matriarcado”. O autor constatou que “Não foram poucos os respondentes homens que atribuíram à influência de Lobato o fato de não serem ‘machistas’ e de encararem a mulher com olhos ‘diferentes’ dos da maioria masculina brasileira”, ao passo que a identificação com Emília ocorre com “relativa frequência e igualmente distribuída entre homens e mulheres, enquanto as mulheres tendem a identificar-se mais com Dona Benta e Narizinho, em plano secundário.”²³⁰

Portanto, percebe-se que as divergências e convergências em relação ao papel da mulher na obra de Lobato mostram-se como uma característica relevante, principalmente quando focalizamos Emília. O fato de haver identificação com a boneca em meio aos dois gêneros de leitores, como constatado por Whitaker, mostra a facilidade com que a boneca transita entre os “universos”. Vale ressaltar que Pedrinho, por exemplo, mostra-se muitas vezes enciumado das conquistas de Emília, mais do que Narizinho, ao longo da obra. Com efeito, conclui-se que Emília é exposta tanto aos modelos tradicionais quanto à ideia de educação universal, pois, aparentemente, não há limites para as ações da personagem quanto ao seu gênero no decorrer da série.

É interessante frisar, em adição, que Zinda Vasconcellos²³¹ menciona que Emília, a partir de sua evolução, é uma “sugestão de Lobato para o ‘super-homem’ que representaria a nova etapa da evolução natural”, complementando que seria “Um super-homem feminino e feminista”. A noção de Emília como *Übermensch* foi também destacada por Nelly Coelho, cuja afirmação é que a boneca encarna, em incontáveis momentos, o “protótipo-mirim do Super-Homem nietzschiano”, dada a

sua Vontade de Domínio e exacerbado Individualismo... Atitude, por um lado positiva (pois leva a grandes realizações ao nível do progresso social), e por outro, negativa (porque, com facilidade, resvala para a exploração do homem pelo homem), – dualidade que Lobato devia ter sentido bem fundo, pois a par de situações em que valoriza esse individualismo, registra momentos em que os satiriza.²³²

A constatação de Coelho pode ser plenamente adequada à fala emiliana sobre a esperteza, citada anteriormente. Sabe-se que Lobato foi um ávido leitor de Nietzsche, sendo inviável levantar todas as ideias do filósofo que foram

²²⁷ KLINKE, K. Op. cit., 1999, p. 84.

²²⁸ LOBATO, M. Op. cit., 1962, p. 140.

²²⁹ PENTEADO, J. R. W. Op. cit., 2011, p. 281.

²³⁰ Ibidem, idem.

²³¹ VASCONCELLOS, Z. M. C. de. Op. cit., 1982, p. 140.

²³² COELHO, N. N. Op. cit., 1983, p. 731.

incorporadas pelo autor em sua obra. Desse modo, coube aqui apenas resumir quais foram as influências que podem ser observadas na construção de Emília, mais precisamente em seu processo educativo, e como contribuem para complexificação do texto literário. Em outras palavras, seja por meio de Rousseau, Nietzsche ou da própria mentalidade da época em que a obra foi concebida, constata-se a densidade composicional de Emília, que não obedece à padrões fechados, mas também não deixa de dialogar com os mesmos.

Por fim, observa-se que Emília “civilizar-se”, significa apreender também a forma como se vive, em todos os aspectos. A personagem, a partir de sua necessidade de ser “regulada”, cria um “modo de ser” particular, em que observa e põe em evidência os valores dos homens, nem sempre positivos, porém presentes. A educação, somada à instrução, garante, assim, que Emília se desenvolva como ser crítico e atuante, de forma que, sendo processo, abre espaço para aprovação ou reprovação por parte das demais personagens e até mesmo do leitor.

Recolhendo os retalhos: considerações finais sobre a educação emiliana

Ao longo da análise, constatou-se que os meios pelos quais Emília se educa e instrui são propícios para que a personagem demonstre várias de suas qualidades como personagem ficcional complexa. A primeira questão da qual partimos foi a concepção de que Emília não sofre com um processo de “desliteralização”, uma vez que, dadas suas características apresentadas, não obedece a uma voz moralizante que permeia o texto, o que, como visto, é facilitado pelas próprias nuances da literatura infantil.

Tendo em vista que não há consenso entre a divisão das obras da série infantil de Monteiro Lobato entre “paradidáticas” ou “literárias/ficcionais”, buscou-se um panorama das ações emilianas ao longo das narrativas. Entretanto, mesmo que a instrução e a educação participem das histórias e se encontrem em diversos momentos, mostrou-se produtivo o confronto entre aquelas que são tidas como instrutivas. Por via de regra, mesmo em meio a temáticas mais direcionadas, Emília não aparece como um títere ideológico ou moralista, porquanto abre caminho para diversas interpretações, de acordo com a individualidade do leitor.

Segundo Edmir Perrotti²³³, mesmo que haja o didatismo na obra do autor, isso nunca ocorre dentro da perspectiva convencional, ou seja, o leitor mirim de Lobato será posto como um ser ativo, que não apenas assimila o conteúdo, mas participa, ganhando possibilidade de refletir e questionar. De acordo com o que aqui se expôs, Emília mostra-se como preferida a exprimir tais perspectivas. Perrotti também destaca a preocupação do escritor em “contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico do leitor”²³⁴, utilizando, para isso, não da narrativa “didática”, e portanto unidirecional, mas sim da “polifônica”, multidirecionada, ‘artística’, que gera frutos positivos, por outro lado, quando o objetivo é a educação. Nesse ponto, apesar de parecer haver certa contradição, o crítico elucida que

O problema do discurso utilitário não está na utilização do discurso enquanto instrumento de educação do leitor, [...] mas em privilegiar essa função

²³³ PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986, p. 148.

²³⁴ *Ibidem*, p. 63.

em detrimento da função estética. Privilégio que pode fazer do instrumental, utilitário.²³⁵

A partir do argumento anteriormente apresentado, sobre Emília e o maravilhoso atuarem como fio condutor do valor estético²³⁶, podemos inferir que a personagem pode ser mais um instrumento, em relação à instrução e educação, do que parte de um discurso utilitário. Isso ocorre porque desperta no leitor formas de identificação ou rejeição, ativando o interesse pelo aprendizado ativo e crítico, e não monopoliza o discurso a seu favor. Ao ser censurada ou valorizada, vimos que não é por meio do discurso moralista ou punitivo, mas, muitas vezes, aberto à relativização.

A noção de utilitarismo, entretanto, poderia ser reservada apenas às personagens ditas planas, pois, evidentemente, são mais suscetíveis a encarnar a “títere” do pedagógico-moralizante, dado o seu unidirecionamento de discurso, com base em Perrotti²³⁷. Todavia, tal afirmativa demandaria um olhar voltado exclusivamente às demais personagens, porquanto não foi o objetivo aqui proposto. No fragmento da carta de Lobato exposto anteriormente, notou-se que as crianças destacaram Emília nas obras de aprendizado, o que, por sua vez, fez com que pedissem ao autor mais aventuras “pedagógicas” regidas pela boneca²³⁸. Segundo Eliane Debus, os leitores de Lobato (leitores contemporâneos a ele),

testemunham um momento em que era dado à criança pouca oportunidade de manifestação, a ela cabia acatar pacientemente as proibições e legitimações do mundo adulto. O mundo do livro, contudo, ao apresentar um mundo distinto do real, abria a possibilidade de outra forma de convivência entre o adulto e a criança [...]²³⁹

Ainda, complementa, que

A identificação dos leitores com as personagens e/ou ações das narrativas são ambivalentes. Quer seja para o leitor do meio urbano, quer seja para o leitor do meio rural, o Sítio do Picapau Amarelo desponta como projeção de um espaço especial, regido pela liberdade.²⁴⁰

As afirmações de Debus elucidam como a obra de Lobato aproximou e “nivelou” os leitores, que, indiferentemente do local de origem, podiam se identificar com as personagens. A partir dessas considerações, conclui-se que a dupla função, deleite e instrução, é cumprida por Emília, como personagem que se aproxima do leitor. Retomando as noções de recepção para a formação do caráter estético do texto, vale ressaltar a fala de José Whitaker sobre a série de entrevistas feitas com leitores que levaram Lobato para a sua formação. O autor afirma que “Aparecem, também, com destaque a função lúdico-didática do texto de Lobato como facilitador de aprendizado em oposição à ‘chatice’ dos livros escolares [...]”²⁴¹. A título de ilustração, vale mencionar que *Emília no País da Gramática* teve 87 edições em 70 anos, provando, assim, o grande sucesso editorial da obra²⁴².

²³⁵ Idem.

²³⁶ YUNES, E. Op. cit., 1982, p. 48-49.

²³⁷ PERROTTI, E. Op. cit., 1986, p. 63.

²³⁸ LOBATO, M. Op. cit., 1986, p. 96.

²³⁹ DEBUS, E. Op. cit., 2004, p. 119.

²⁴⁰ Ibidem, p. 119.

²⁴¹ PENTEÁDO, J. R. W. Op. cit., 2011, p. 279.

²⁴² ALBIERI, T. de M. Op. cit., 2008, p. 255.

Ainda, não deve ser esquecida a corrente pedagógica que Lobato privilegiou, a Escola Nova. De acordo com Fernando Luiz, em *Aritmética*, por exemplo, “Emília parte da tese de que o arranjo, o planejamento, e a manipulação de mecanismos de reforços externos assegurariam a aquisição do conhecimento desejado e garantiriam o desempenho esperado dos estudantes.”²⁴³ O fato de a boneca preferir a experiência, o aprender ativo, pode ser justificado não apenas por seus caracteres psicológicos ou pelo modelo educativo em questão, mas também por sua “natureza”; sendo boneca, a brincadeira é fundamental para que se cumpra seu papel na interação com a criança. Nesse caso, Emília não apenas estabelece um elo entre a educação-instrução com Narizinho e Pedrinho, mas também com o leitor.

O processo de maturação de Emília deve-se ao aprendizado formal, dado pela instrução, e da educação social, que a auxiliam no desenvolvimento de suas características psicológicas. Em linhas gerais, nota-se a impossibilidade de separar essas duas instâncias, pois ocorrem, muitas vezes, ao mesmo tempo. Em diversas passagens, na medida em que Emília é educada, é instruída, e vice-versa. O que se ilustra é a viabilização da educação, em todos os seus níveis, como agente intrínseco à construção do ser humano ativo e ideal, culminando no cidadão modelo²⁴⁴, conforme os pressupostos da Escola Nova, das correntes filosóficas e das próprias particularidades da literatura, no que diz respeito à personagem ficcional complexa, dando as bases para a compreensão de Emília no universo do aprendizado. Para sua “evolução” a ser humano, Lobato demonstra que a boneca não se formou apenas de retalhos, macela e “asneiras”, mas a partir de um ambiente propício, desenvolveu-se como personagem singular e atrativa, repleta de possibilidades.

²⁴³ LUIZ, F. T. Op. cit., 2009, p. 282.

²⁴⁴ Ibidem, p. 277.

CAPÍTULO 7 – Máscaras e disfarces: cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta²⁴⁵

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Poucas pessoas hoje, passados 22 anos do início do século XXI, ainda escrevem cartas. Embora o gênero pareça estar em extinção por conta de seus substitutos como o e-mail e as diversas redes sociais de mensagens rápidas, como WhatsApp, Telegram e demais equivalentes, as cartas se mantêm vivas ainda por conta dos textos que foram produzidos a partir delas, como *Cartas de Abelardo e Heloísa*, *Cartas a Théo*, *Cartas Portuguesas* etc., e dos estudos literários e de crítica genética. Há também os chamados romances epistolares, nascidos a partir de estratégias literárias baseados em cartas que serviriam para produzir maior verossimilhança ao enredo e que, embora tenham encontrado sucesso no século XVIII europeu, cruzaram oceanos e continuam sendo lidos ainda hoje. É o caso de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, *Ligações perigosas*, Choderlos de Laclos ou ainda, mais recentemente, de *A caixa preta*, de Amós Oz. Ou seja, mesmo que hoje as cartas não sejam mais o gênero mais comum e eficiente de se comunicar com alguém à distância, elas continuam vivas seja pelos estudos que por elas se interessam, seja por outros gêneros em outros suportes que executam seu papel.

Ao falar de cartas também não podemos esquecer que, durante muitos séculos, foi apenas por via delas que pessoas das mais variadas partes do mundo podiam ficar frente a frente, embora esse encontro se desse apenas via papel e texto escrito. Quantos amores se mantiveram assim, à distância? Quantas terras foram por cartas anunciadas? Quantas mortes também chegaram por palavras registradas em missivas? Quantas emoções não foram vivenciadas tanto por quem escrevia quanto por quem recebia uma carta? Graças a esse gênero, muito cultivado, diversos leitores se sentiram, em determinados momentos, cara a cara com seus escritores favoritos, aqueles que eles nunca imaginaram estar mais próximos do que pelas folhas dos livros que liam. Experiências como essa última relatada são as que esse capítulo pretende apresentar levando em conta que, em algumas circunstâncias, os leitores de textos literários eram ousados a ponto de enviar cartas até mesmo a personagens das histórias lidas.

É o que aconteceu com Monteiro Lobato, escritor que dispensa apresentação, mas que talvez, nem todos saibam, foi um missivista contumaz. Dentre as muitas cartas que trocou com as mais diversas pessoas de seu rol de amizade e de negócios, famosas ficaram as publicadas em *A barca de Gleyre*, livro que reúne sua correspondência de mais de quarenta anos com o amigo mineiro Godofredo Rangel. Nelas, o caro leitor encontra uma recorrência à carta como meio de divulgação de suas ideias sobre literatura de forma geral (o que Lobato lia e pensava sobre os textos) e específica (aquela na qual ele acreditou e teve como mentora para suas obras), além de todos os outros assuntos em que ambos, Lobato e Rangel, eram versados e gostavam de trocar ideias via correspondência. Ademais, através

²⁴⁵ Este capítulo é fruto dos estudos iniciais de pós-doutorado que a autora realiza, no presente momento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo.

dessas cartas e de inúmeras outras publicadas em diversas obras (*Cartas escolhidas, Correspondência entre amigos* etc.), depois da morte de Lobato, é possível que o leitor conheça o que o escritor pensava, afirmava, criticava ou defendia sobre os mais variados assuntos nos quais se envolveu enquanto vivo.

O mesmo ocorre na correspondência que Lobato trocou com muitos de seus missivistas crianças e jovens. Assim como diversos escritores hoje ainda vivos (Ana Maria Machado e Pedro Bandeira seriam dois exemplos), Lobato, morto em 1948, dedicava uma atenção privilegiada a seus jovens missivistas praticamente não permitindo que as cartinhas deles ficassem sem respostas. Muitas dessas cartas de crianças e jovens acabaram ficando com a amiga de Lobato, Marina de Andrade Procópio de Carvalho e, hoje, pertencem ao arquivo Raul de Andrada e Silva, que se encontra no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP). Nele há algumas curiosas missivas em que os remetentes, não satisfeitos por manterem correspondência com o autor, ousam enviar suas cartinhas a algumas das personagens da obra infantil de Lobato, a saber, Dona Benta e Emília. É dessa correspondência, enviada pelas crianças e jovens a Lobato, que esse texto pretende tratar, de forma geral, e da enviada a essas personagens, de forma específica.

Carta: um gênero polêmico

Será a carta um meio de comunicação obsoleto? Walnice Nogueira Galvão, em artigo de 1998, para a revista *Manuscrita*, apresentaria a nossa dúvida já como afirmação, mas sem se esquecer de informar que a “carta também tem dado mostras de uma vitalidade proteica” e completa seu texto lembrando que “talvez [...] a epistolografia não esteja propriamente desaparecendo, mas meramente efetuando uma transferência de suporte e de visualidade, enquanto mantém sua função de comunicação interpessoal²⁴⁶” (GALVÃO, 1998, p. 53-54).

Acreditamos que isso seja um argumento bastante razoável para o que hoje presenciamos no universo das mensagens eletrônicas: nunca se viu, de maneira tão intensa e rápida, em virtude das facilidades da internet, pessoas trocando mensagens, fotos, documentos e até fechando negócios via redes sociais. Se enviar cartas foi um prazer dado a pessoas que sabiam escrever e ler (as que não sabiam, muitas vezes, ditavam o que queriam que outras escrevessem para elas e escutavam a leitura das missivas recebidas via fala das que sabiam ler), hoje, via aplicativos de trocas de mensagens, é possível gravar o texto, caso a pessoa tenha dificuldades com a escrita. Excluindo-se ainda o trágico número de analfabetos no Brasil, trocar mensagens, mesmo que de voz, ficou bastante democrático.

Não podemos nos esquecer de que as cartas eram, geralmente, pensadas, lidas, relidas (algumas vezes) e corrigidas antes de serem enviadas. Havia, de forma geral, uma espécie de “aura” que acompanhava o texto, afinal, era para uma pessoa especial, há muito não vista ou para alguém por quem o remetente tinha enorme apreço e se encontrava longe que a carta era pensada, escrita e enviada. Havia outros motivos também para se escrever uma carta como negócios, cobranças ou ainda para informar o falecimento de alguém. Ou mesmo para tentar diminuir a saudade de um amor distante, nas nem sempre tão “ridículas” cartas de

²⁴⁶ GALVÃO, W. N. A margem da carta. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 7, 1998.

amor²⁴⁷. Seja lá qual fosse o motivo, receber uma carta era praticamente uma incógnita, pois nunca se tinha certeza do assunto com que o destinatário se depararia ao abri-la e lê-la.

Cultivar essa prática poderia também ser uma maneira de adentrar o mundo privado de alguém, ainda mais se esse “alguém” fosse um escritor. Com a correspondência, seria possível conhecer um pouco mais do que o escritor imaginava ou estaria imaginando para seu próximo texto. Talvez fosse possível sugerir alterações ou mesmo das sugestões para um desfecho de narrativa. Por conta, possivelmente, de muitas dessas possibilidades, várias crianças e jovens que escreveram para Monteiro Lobato nas décadas de 20 a 40 do século XX procuraram manter ativa essa correspondência já que viram em Lobato um correspondente preocupado com seu leitor e assíduo em suas respostas a ele.

Ao falarmos sobre “cartas”, é possível, por um lado, pensar nelas a partir de sua materialidade:

a qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d’água, assim como os instrumentos da escrita espelham códigos sociais, entremostrando a mão – a classe, escolaridade, formação cultural – de quem escreve. Sobrescritos, carimbos e selos nos levam ao funcionamento das instituições que colocam em trânsito essa forma de comunicação escrita.²⁴⁸

Ou ainda por outro lado,

enquanto ‘ato’ no campo semântico da representação teatral, a carta coloca ‘personagens’ em ‘cena’. O remetente assume ‘papéis’, ajusta ‘máscaras’ em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários, com objetivos afetivos ou práticos definidos. Sob o signo da encenação, a verdade expressa na carta – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos – é sempre pontual e cambiante²⁴⁹

Pensando nesses dois aspectos, material e de representação, apontados por Moraes (2008), vejamos como alguns missivistas se prepararam para enviar cartas não apenas a Lobato, mas também a algumas de suas personagens.

O arquivo Raul de Andrada e Silva e suas cartas de crianças e jovens a Lobato e suas personagens

Estudar as cartas de crianças e jovens disponíveis no Arquivo Monteiro Lobato, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na USP, requer um certo fôlego para ler toda a correspondência que lá se encontra. Esse fôlego se transforma em um grande prazer porque é muito interessante conhecer um pouco sobre o que os missivistas crianças e jovens escreviam sobre as leituras que faziam das obras infantis de Lobato, do desejo que manifestavam por conhecer o escritor e da ousadia em pedir, mais de uma vez, para serem inseridos em algumas de suas obras como personagens.

Sabe-se que alguns desses desejos foram satisfeitos por Lobato, em especial, no livrinho *Circo de Escavatinhos*, publicado em 1929, e ilustrado por Belmonte. Anos mais tarde, em 1931, ao publicar *Reinações de Narizinho*, que reunia todas as histórias publicadas de forma “avulsa” na década de 20, Lobato retiraria a presença

²⁴⁷ Impossível não lembrarmos do poema “Cartas de amor”, de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos.

²⁴⁸ MORAES, M. A. de. Sobrescrito. In: *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8/9, p. 8, 2008.

²⁴⁹ *Ibidem*, idem.

das crianças missivistas que tinham sido inseridas anteriormente no livrinho. Talvez por não poder satisfazer a todos os missivistas que lhe escreviam com o mesmo desejo, o escritor tenha evitado que apenas alguns fossem imortalizados no texto.

Outros desejos nas cartas versavam sobre obterem uma fotografia de Lobato ou que ele enviasse algum livro em alguma edição não mais encontrada no mercado, ou mesmo que destinasse alguns de seus livros para a escola do remetente ou ainda informando o escritor que o Clube de Leitura escolar recebera o nome dele. Enfim, esses e diversos outros desejos e assuntos dessas crianças e jovens de todo o país ficaram arquivados no IEB e podem ser consultados por pesquisadores que se debruçam sobre a obra infantil de Lobato.

Essas cartas pertencem ao Arquivo Raul de Andrada e Silva – Dossiê Monteiro Lobato. Ao todo as missivas de crianças e jovens somam 246 catalogadas. As datas delas pertencem ao período que se estende de 1932 a 1946²⁵⁰. Alguns missivistas encaminharam apenas uma carta, outros mantiveram uma correspondência mais ativa como é o caso de vários deles que escreveram, cada um, entre 5 a 9 cartas. Há, de algumas poucas, a resposta de Lobato, como é o caso da menina Maria Luiza, cujas respostas a suas duas cartas encontram-se no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), na Unicamp, no Fundo Monteiro Lobato (há 3 cartas de Lobato à menina). Há também algumas do menino Gilson, com quem Lobato voltou a se corresponder quando o garoto já estava um rapaz adulto. Eliane Debus, em sua tese de doutorado, publicada posteriormente em livro, em 2004, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, publica uma dessas cartas-resposta de Lobato, depois de conseguir entrevistar o missivista Gilson Maurity Santos, na época da pesquisa dela ainda vivo. Ou ainda cartas de Lobato a Alariquinho, um dos meninos que aparece em *Circo de Escavatinhos*, publicadas na obra *Cartas Escolhidas*, coletânea de cartas de Lobato a diversos missivistas. A família desse garoto era amiga de Lobato.

Quando tratamos dos arquivos de Monteiro Lobato, é sempre importante lembrarmos que eles não se encontram apenas no IEB. Lá, temos esse arquivo de cartas de crianças e jovens como também 75 cartas de adultos. Há o Fundo Monteiro Lobato, acima mencionado, no CEDAE, Unicamp, que apresenta diversos documentos, livros, recortes de jornais e cartas. São 600 manuscritos/datiloscritos e 468 impressos; de iconografia há 600 fotografias, 165 desenhos e aquarelas e 7 tridimensionais: objetos²⁵¹. Os documentos começam em 1822 e se estendem até 1948. Há ainda o acervo público da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, talvez o espaço mais antigo detentor de obras, como primeiras edições, que pertenceram a Lobato ou que foram doadas para o acervo. Há também os Cadernos de Recortes de Dona Purezinha, esposa do escritor, bem como algumas cartas da correspondência ativa e passiva de Lobato, fotografias, além de móveis, roupas e objetos pessoais que pertenceram ao escritor de Taubaté. No total são cerca de 4500 mil itens recebidos

²⁵⁰ Informações obtidas na tese de RAFFAINI, P. T. *Pequenos poemas em prosa: Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*. 191 p. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

²⁵¹ Informações disponíveis na página do CEDAE: <<https://cedae.iel.unicamp.br/guia.php?view=details&id=c9f0f895fb98ab9159f31fdo297e236d>>, acesso em 25 jan. 2022.

basicamente por doações da família do escritor. Além desses acervos, há outros, como o do Itaú Cultural/SP, que detém o livro de assinaturas das personagens. Teria Lobato inventado tais assinaturas, modificando a letra a cada vez. Além desses, há o acervo do Instituto Monteiro Lobato, em Taubaté²⁵².

Também é relevante apontar aqui a diferença que Reinaldo Marques, em sua obra, *Arquivos literários: Teorias, histórias, desafios* (2015), apresenta para arquivo de escritor e arquivo literário. Segundo Marques, arquivo de escritor é:

designação de um “arquivo pessoal, cuja localização se dá no âmbito do privado, de uma economia doméstica. Trata-se de arquivo formado por um escritor ou escritora, relacionado à sua vida e atividade profissional, cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares. [...] [geralmente são] heterogêneo[s], revela[m] uma intencionalidade ordenadora, mas sem se submeter, de modo geral, a princípios organizacionais preconizados por saberes especializados²⁵³

Por sua vez, depois que o arquivo do escritor é direcionado para uma instituição pública ou privada, devemos entender que ele passa a ser um arquivo literário e que, para o estudioso já citado, arquivo literário seria, então:

o arquivo pessoal do escritor alocado no espaço público, sob a guarda de centros de documentação e pesquisa de universidades, de bibliotecas públicas, de fundações culturais. Mantido com dinheiro do Estado ou mesmo de instituições privadas, o arquivo do escritor deve agora estar acessível para consultas e pesquisas, tanto por parte de pesquisadores acadêmicos quanto do cidadão de maneira geral.²⁵⁴

Por volta de 1946, quando partia para a Argentina, Lobato teria oferecido a Edgard Cavalheiro, um de seus grandes amigos, boa parte de seu arquivo pessoal. Cavalheiro aceitou e, a partir desse material, publicou, em 1955, a primeira biografia de Monteiro Lobato. Cassiano Nunes, que trabalhou com Edgard Cavalheiro, teria informado, no início dos anos 80 que, após a publicação da biografia, a viúva de Lobato, dona Purezinha, teria pedido a devolução do arquivo. Nelson Palma Travassos também testemunhou no mesmo sentido, afirmando que o arquivo não permanecera nas mãos de Edgard Cavalheiro “depois da morte do autor de Urupês”, o que levanta a possibilidade, inclusive, de o arquivo ter sido retornado ainda antes de publicada a biografia²⁵⁵. Outra parte teria ficado com a amiga Marina de Andrade Procópio de Carvalho, e seria essa a que foi doada ao IEB, pelos familiares do tio dessa senhora, Raul de Andrada e Silva, que foi professor no Departamento de História da Universidade de São Paulo. Outra parte, a família doou, no final dos anos 90 para o CEDAE, na Unicamp²⁵⁶, segundo Raffaini (2008). Talvez por isso, hoje, tenhamos o arquivo pessoal de Lobato dividido e espalhado em, no mínimo, três grandes centros de documentação que administram os arquivos agora literários do escritor.

²⁵² Informações disponíveis em <<https://biblioteca.ieml.org.br/index.php?module=gnutecaz&action=main:search:simple>>, acesso em 30 jan. 2021.

²⁵³ MARQUES, R. *Arquivos literários: Teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2015, p. 19.

²⁵⁴ Ibidem, idem.

²⁵⁵ Informações presentes em D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pgs. 32 e 34.

²⁵⁶ Informações presentes em RAFFAINI, P. T. Op. cit., 2008.

As cartas de crianças e jovens pertencentes ao Dossiê Monteiro Lobato, no IEB, já foram motivo de pesquisas integrais, como é o caso das teses de: Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, de 2001²⁵⁷, e Patrícia Tavares Raffaini, *Pequenos poemas em prosa: Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*, em 2008; ou parciais, exemplos de Emerson Tin, *Em busca do Lobato das cartas: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*, 2007, e Raquel Afonso da Silva, *Entre livros e leituras: Um estudo de cartas de leitores*, 2009. Há ainda, anteriores a essas pesquisas, a própria biografia de Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato, vida e obra*, de 1955, e a biografia elaborada por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, de 1997, *Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia*. Esses dois últimos foram publicados em forma de livros e apresentam parte destinada a essas cartas de crianças e jovens (caso de Cavalheiro) ou um capítulo voltado para elas (caso de Azevedo e demais autores).

Todos esses trabalhos de pesquisa se fundam numa tentativa de entendimento sobre como as missivas de crianças e jovens enviadas a Lobato poderiam contribuir para melhor compreender o universo de produção das histórias infantis do autor a partir da opinião de seu público leitor, e/ou como isso poderia ter contribuído para uma proposta de projeto de leitura que, como alguns estudos apontam²⁵⁸, havia nos textos infantis lobatianos, ou ainda que máscara de si e imagem do outro esses missivistas costumavam construir. A tudo isso também se soma o trabalho de estudo da materialidade dessas missivas que, em muito, enriquece a possibilidade de compreender o universo de práticas de escrita e de leitura das crianças e jovens entre os anos 20 e 40 do século passado²⁵⁹. Lembramos aqui, palavras de Raffaini, sobre as essas cartas:

as cartas de leitores são uma importante fonte documental possibilitando no campo da história da leitura elucidar como a leitura era feita, qual era a recepção de determinados autores e suas obras, além de aspectos sobre a distribuição e o comércio de livros. Além dessas informações, mais diretamente ligadas à recepção literária, ao trabalhar com as cartas temos também condições de perceber aspectos ligados ao cotidiano dos leitores, suas visões de mundo entre outros²⁶⁰ (RAFFAINI, 2015, p. 131).

Na tentativa de agregar conhecimento a essas discussões, nosso trabalho de pesquisa procura se debruçar sobre sete cartas que, no conjunto do arquivo do IEB, percebemos serem direcionadas (direta ou indiretamente²⁶¹) às personagens Emília e Dona Benta. Dentre essas sete cartas, temos duas destinadas diretamente à Emília, quatro à Dona Benta e uma indiretamente destinada a essa última personagem²⁶².

²⁵⁷ Em 2004, Eliane Debus publicou, com o mesmo título, a tese em formato livro.

²⁵⁸ Podemos citar aqui o livro de ACIOLI, Socorro. *Aula de leitura com Monteiro Lobato*. São Paulo: Biruta, 2012 ou mesmo texto de LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.

²⁵⁹ As teses de Raquel Afonso da Silva, e Patrícia Raffaini, anteriormente citadas, também discutem essa questão.

²⁶⁰ RAFFAINI, P. T. Cartas das crianças: Reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940. In: *Angelus Novus-USP*, a. VI, n. 10, p. 129-158, 2015.

²⁶¹ Estamos chamando de cartas “diretamente direcionadas” àquelas cujo interlocutor está grafado em forma de vocativo no texto; já às indiretas, fazemos referência ao vocativo vir como Monteiro Lobato, mas, na verdade, o missivista se servir do escritor para pedir que ele encaminhe a cartinha a determinada personagem.

²⁶² Como nossa pesquisa ainda está em processo, optamos por não identificar todos

Dos missivistas que escreveram à Emília e Dona Benta, temos: um que enviou seis cartas sendo: 4 para Lobato, uma para Emília e uma à Dona Benta; um que enviou duas, uma a Lobato e uma à Emília; um que enviou duas cartas, sendo uma para Dona Benta e uma para Lobato; dois que enviaram apenas uma carta cada um, sendo ambas para Dona Benta; e um último que enviou duas cartas, sendo ambas para Lobato, mas uma indiretamente para Dona Benta. É dessa última que trataremos um pouco mais detalhadamente. Abaixo segue uma transcrição da carta:

Juiz de Fora, 22-02-1945

Sr. Monteiro Lobato

Acabo de ler o seu livro “Emília no País da Gramática” e venho por meio desta agradecer ao senhor o muito que aprendi com ele.

Já li 5 livros seus e cada vez gosto mais de lê-los porque sempre aprendo alguma coisa.

O senhor tem um modo tão simples de dizer as coisas difíceis que elas se tornam logo fáceis.

Acho tanta graça da Emília que quando estou lendo dou boas risadas.

Sempre tive vontade de escrever ao senhor mas fico pensando nos erros que vou cometer e acabo desistindo.

Hoje afinal resolvi-me e estou escrevendo

O objetivo desta é pedir-lhe um grande favor.

Eu quero que o sr. faça o obséquo de pedir à D. Benta que me ensine mais alguma coisa de Português além do que ela já ensinou no livro.

Digo já porque. É porque eu quero inscrever-me num concurso e quase não sei português.

Se ela pudesse fazer-me este obséquo eu ficaria tão satisfeita!

Tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada.

Preciso muito passar neste concurso, pois Papai está desempregado (faz carretos quando têm) e eu ganho uma ninharia onde trabalho.

Tenho certeza de que se ela ensinar-me eu aprenderei.

Já estou estudando matemática e quero fazer tudo para ver se passo.

O senhor acha que ela me ajudará?

Não vou dizer a ninguém que vou fazer o concurso, porque se eu passar será uma surpresa agradável, e do contrário só eu ficarei triste, não é mesmo?

Vou terminar pedindo que o senhor me desculpe a minha ousadia.

Para falar com sinceridade fiz força para escrever esta carta pois o senhor sabe tanto.

Junto a esta vai o programa de Português do Concurso para que d. Benta o veja.

Vou rezar para ela e o sr. e todos os seus para que sejam muito felizes (Sei que o senhor não liga muito para isso, mas tenho fé).

Wanda Côrtes

Rua Dr. Antônio Carlos, 441

Juiz de Fora²⁶³

A missiva acima foi escrita à mão em quatro páginas de papel pautado e segue junto a ela um recorte de papel datilografado com conteúdos de Gramática e Matemática. Sua autora reside em Juiz de Fora e é uma jovem que devia ter entre 13 e 17 anos (“eu ganho uma ninharia onde trabalho”). A missivista Wanda Côrtes, em fevereiro de 1945, envia sua primeira carta ao escritor pedindo-lhe o grande favor de solicitar à Dona Benta que lhe ensinasse alguns pontos de Gramática,

os missivistas neste trabalho.

²⁶³ Arquivo Raul de Andrada e Silva, cx. 01-P03-26. Os grifos em negrito são nossos.

conteúdos que ela sofria muito por aprender, porque, embora tentasse se dedicar ao estudo deles, não conseguia dominá-los (“Tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada”). Eles seriam fundamentais para que ela pudesse ser aprovada em um concurso público (“É porque eu quero inscrever-me num concurso”), ao que tudo indica, para ajudar no sustento da família: “Preciso muito passar neste concurso, pois Papai está desempregado (faz carretos quando têm) e eu ganho uma ninharia onde trabalho”. O pedido parecia certo: “Tenho certeza de que se ela ensinar-me eu aprenderei”.

Convido aqui o leitor curioso a buscar seu volume de *Emília no País da Gramática*, ou mesmo baixá-lo no Google, já que, por estar em domínio público a obra, certamente será fácil conseguir uma cópia do texto para conferir o porquê de, possivelmente, a missivista solicitar a Dona Benta as “aulas” de Gramática, mesmo sabendo que quem acompanha a turma ao país dela é o rinoceronte Quindim, ele sim “um grandíssimo gramático²⁶⁴”, segundo Emília.

Logo no início do texto, Dona Benta sugere a Pedrinho rever alguns conteúdos de gramática durante as férias dele. Em um primeiro momento, o menino acha uma maçada, afinal, o professor de Gramática da escola já o caceteava com esse conteúdo durante todo o ano letivo. Mas *a posteriori*, quando as tais aulas começam, Pedrinho se anima e afirma “– Ah, assim, sim! – dizia ele. – Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios²⁶⁵”. Se o rapazinho se animava assim com a avó ensinando, ainda que nas férias, o que ela não poderia fazer pela jovem Wanda! E a leitora já havia lido outras obras de Lobato: “Já li 5 livros seus e cada vez gosto mais de lê-los porque sempre aprendo alguma coisa”. Embora não saibamos quais sejam tais livros, em diversos deles Dona Benta aparece sempre ensinando algo de forma agradável e divertida. Na primeira biografia de Monteiro Lobato, redigida por Edgard Cavalheiro, temos:

Dona Benta não tem mistério: é uma vovó como todas as outras, talvez um pouco mais inteligente e compreensiva do que a média. Mas possui de todas as vovós a qualidade mestra, que é deixar os netos fazerem o que lhes der na telha. A grande habilidade de Dona Benta é saber explicar as coisas mais difíceis de um ‘modo que até um gato entende’.²⁶⁶

Se a jovem encaminha a carta a Lobato, sabendo que ele é o criador das personagens, por que motivos solicita que ele a direcione a Dona Benta? Nessa idade ela já não saberia que a avó é uma criação literária de seu criador, Lobato? Seria uma espécie de ilusão que Wanda teria criado para si mesma, na esperança de que o autor lhe enviasse por escrito algum material para estudo? Ou será que os textos literários lidos, de fato, ainda surtiriam nela o efeito da imaginação e a jovem preferiria se manter na ilusão de que a personagem-avó existiria como alguma pessoa da família do autor?

Somos propensos a acreditar que a jovem prefere criar um tipo de argumentação com Lobato que o faça ceder a sua necessidade de talvez receber um material mais acessível para aprender a tão famigerada gramática. Vejamos o

²⁶⁴ LOBATO, M. *Emília no país da gramática*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 6.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 6-7.

²⁶⁶ CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, v. 1.

porquê dessa nossa crença. Desde o início, a carta é enviada a Lobato. Ela agradece ao escritor logo na primeira linha por ter aprendido tanto com o texto dele: “venho por meio desta agradecer **ao senhor** o muito que aprendi com ele” (grifos nossos), e na sequência, afirma: “sempre tive vontade de escrever **ao senhor**” (grifos nossos) e, à frente: “o objetivo desta é pedir-**lhe** um grande favor”. Na sequência, (ver todo o texto da carta acima em negrito) é como se a missiva fosse para Dona Benta, basta trocarmos todas as marcas que o remetem a Lobato por Dona Benta. Seria essa mistura entre realidade e ficção, presente na carta de Wanda, uma tática intencional da missivista para convencer seu interlocutor? Ela acrescenta, ao final, o envio do plano do concurso com o conteúdo gramatical a ser aprendido, em forma de recorte de jornal, que está até hoje junto a sua carta no IEB. Reproduzimos abaixo esse conteúdo:

PARTE: Escrita, compreendendo: a) Português, constante de correção de textos que apresentem erros relativos a assuntos do seguinte programa: 1-Ortografia oficial. 2-Flexões nominais, principalmente as dos nomes compostos. 3- Pronomes; formas oblíquas e suas colocações na frase. 4-Verbos regulares, irregulares, defectivos e pronominais. Uso impessoal dos verbos haver e fazer. 5-Sintaxe regular de concordância. 6- Regência de verbos usados com mais frequência. Uso da crase.

Impossível confirmarmos se tal recurso de convencimento da jovem emissora fora pensado dessa forma, mas o que é possível sabermos é que Lobato ficou comovido, de certa forma, com o poder de sua ficção na vida de seus leitores e, como respondia às missivas de praticamente todos os seus correspondentes crianças e jovens, precisa pensar na resposta a ser dada para Wanda. Talvez isso o tenha preocupado a ponto de comentar sobre tal missiva em outra com o amigo Godofredo Rangel. Essa carta primeira de Wanda é datada de 22/02/1945. Na de 05/03/1945, ao amigo, Lobato diria:

Como é interessante a minha correspondência! Não imaginas as cartas que recebo das crianças. Junto uma que me devolverás. A coitadinha, desesperada com o pedantismo dos programas oficiais, recorre a mim para que peça a Dona Benta que lhe explique o ponto. Ora, como eu não sei gramática, sou obrigado a recorrer a uma e aprender o que ela quer que Dona Benta explique, “regência dos verbos mais frequentes”. Eu devo saber isso muito bem, mas não ligo o nome à pessoa. Antigamente você me resolvia as dúvidas gramaticais, quem sabe se ainda tem ânimo de me explicar isso? Por que se eu for ver na gramática sou até capaz de não achar, de tal modo eu me perco naquele báratro²⁶⁷ (LOBATO, 1956, p. 366).

E aqui podemos ver como Lobato reage a tal situação. Envia a correspondência ao amigo que a devolve (a carta está no IEB) e, provavelmente, Rangel pergunta a Lobato se ele sabe quando será o concurso. Como sabemos disso? Através da segunda carta da jovem:

Juiz de Fora, 08-03-1945

Sr. Monteiro Lobato

Recebi hoje a resposta de minha carta.

Obrigada por tudo. Quer dizer o senhor já falou com D. Benta?

Ela vai ajudar-me?

Não sei quando será o concurso.

²⁶⁷ LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v. 1, p. 366.

Talvez seja em junho.
Eu tinha vontade de ser anjo porque assim não precisaria estudar português, não é mesmo?
Diga a D. Benta que cada vez eu gosto mais dela.
Vou rezar sim mas acho que os anjos e os santos estão muito ocupados e não querem ouvir os meus pedidos. Mas eu vou insistir.
Termino agradecendo desde já ao senhor e a D. Benta.

A amiga

Wanda Côrtes

Rua Antônio Carlos ,441. Juiz de Fora- MG²⁶⁸

Nessa segunda missiva, também escrita à mão em papel pautado, datada de 08/03/1945, aproximadamente 15 dias depois da primeira, Wanda agradece antes de perguntar se ele já havia falado com Dona Benta. Talvez seja algo como: “Então, o senhor já falou com ela?”. E a pergunta que segue: “Ela vai ajudar-me?”, poderia ser uma pergunta retórica, pois na sequência ela informa que não sabe quando será o concurso. Haveria a pergunta sobre isso na resposta de Lobato? Vem a resposta duvidosa dela: “Talvez em junho”. Finalmente, pede a Lobato que diga a Dona Benta que cada vez ela gosta mais dela e insiste que vai rezar, sim, por eles. Na primeira carta, ela informa que rezaria para Dona Benta, para Lobato e para os familiares todos dele, embora ache que os santos andavam meio ocupados porque parecia que não a ouviam: “Vou rezar para ela e o sr. e todos os seus para que sejam muito felizes (Sei que o senhor não liga muito para isso, mas tenho fé)”. Ela sabe que Lobato não dava muita importância à religião. Teria apreendido isso em suas leituras das obras do escritor? Mais um dado que nos revela que a argumentação da jovem talvez não fosse, de fato, tão ingênua quanto parece. Enfim, reafirma que insistirá em suas orações, o que também pode nos dizer que insistirá nas “aulas” solicitadas a Dona Benta/Lobato.

Finalmente, aqui nos permitimos ficar mesmo com a dúvida sobre qual teria sido o diálogo, de fato, estabelecido entre emissor e interlocutor, já que temos as duas missivas de Wanda Côrtes, mas nenhuma de Lobato. Dele, apenas especulações a partir da segunda carta da jovem e da enviada a Rangel. A única certeza que se manifesta é a de que há máscaras vestidas pela missivista que, de forma bastante inteligente, parece entrar no jogo, que o próprio Lobato criara, a partir do mundo narrativo e ficcional construído na saga do Sítio do Picapau Amarelo.

Considerações Finais

A arte de escrever cartas foi uma das muitas cultivadas pelo escritor de Taubaté, mas, além de escrever, dedicava sempre parte de seu dia para responder às inúmeras que recebia, em especial, de seu público infantil e juvenil. Marina de Andrade Procópio de Carvalho, amiga pessoal de Lobato e a quem ele inicialmente entregou parte de sua correspondência recebida de crianças e jovens, escreve no prefácio à obra *Prefácio e entrevistas*, de 1948:

As manhãs ele as consagra à sua correspondência, sobretudo à infantil. E o carinho e o respeito que dedica à correspondência com as crianças toma um caráter ritual religioso. É um dever sagrado. Penso que tudo poderá acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança.

²⁶⁸ Arquivo Raul de Andrada e Silva (IEB-USP), cx. 01-P03-26.

Elas constantemente lhe enviam pedidos de livros ou de pó de pirlimpimpim; ou fazem sugestões, reparos, críticas etc. Pedem bolinhos de tia Nastácia, ou que faça a Emília comparecer a festas de aniversário. Também querem aparecer nos livros, tomar parte nas aventuras com seus animais favoritos - o gato Manchinha ou o “meu cachorrinho Totó”. Criticam, e quase sempre com acerto, as ilustrações de Belmonte e outros desenhistas, pois exigem completa concordância com o texto. E todas desejam conhecê-lo, chegam a implorar-lhe “alguns minutos de atenção, em local, dia e hora que o senhor possa indicar”²⁶⁹

Seu trabalho com a elaboração dos textos, criação e desenvolvimento das personagens fez de Lobato um homem que conquistou muitos leitores e admiradores. Suas personagens, sempre presentes nas seguidas narrativas infantis, constituíram o mundo onde muitas crianças desejaram morar, como o próprio Lobato preconizava.

O mundo da fantasia criado por Lobato, tão verossimilhante ao da realidade, conquistou admiradores que, por diversas vezes, talvez tenham acreditado na existência real das figuras ficcionais criadas por ele a ponto de termos até mesmo missivas encaminhadas a elas. É o caso que procuramos apresentar aqui. Mesmo que tenhamos escolhido uma carta-exceção, afinal, o vocativo nela presente é “Lobato”, não diretamente Dona Benta. Entretanto, indiretamente é a ela que a missivista recorre com a intenção, talvez, de convencer/confundir o escritor que teria caído em sua própria armadilha de sedução ao se ver frente a necessidade de “consultar” Dona Benta sobre as dúvidas de Wanda em relação à gramática. Na verdade, é ao amigo Rangel, *expert*, segundo o próprio Lobato, em Gramática, que o escritor acaba recorrendo como vimos na missiva encaminhada ao amigo mineiro.

Seguimos então na crença de que Monteiro Lobato conseguiu criar, na imaginação de seus jovens leitores, um mundo de máscaras/imagens no qual alguns de seus missivistas, mais ousados ou imaginativos, procuraram representar uma *persona* convincente para o escritor, seu interlocutor. Ou mesmo vestir uma máscara que o permitia criar uma imagem idealizada da personagem que mais o seduzia no mundo imaginário criado pelo próprio Lobato em seus textos infantis e, a partir disso, conseguir seduzir o escritor a atender seus pedidos inseridos nas cartinhas a ele enviadas.

²⁶⁹ CARVALHO, M. de A. P. de. Prefácio. In: LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. XIII-XIV.

CAPÍTULO 8 – “Que não dirá a Posteridade?”: Monteiro Lobato prepara o seu legado²⁷⁰

Emerson Tin

Monteiro Lobato, ao longo dos anos, não pareceu ter se preocupado muito com a posteridade. Na sua juventude, teria chegado mesmo a dela desdenhar, se podemos confiar nos registros de *A barca de Gleyre*. Em carta de 15 de julho de 1905, censura, ironicamente, trechos de uma carta que havia recebido do destinatário, Godofredo Rangel:

Pensas que já me esqueceu aquela tua carta que começa assim: “O teu estilo tem todos os fulgores ...” Supões-me então ingênuo como um tal Godofredo Rangel que ouviu impávido uma *boutade* dum tal Ricardo Gonçalves, e manteve-a na boca como bala puxa-puxa, e anotou-a carinhosamente no *Diário* com que pretende escalar o morro da Glória: “O teu estilo é o mais perfeito que ainda apareceu no Brasil?” Rangel! Rangel! Seja um bocadinho mais hipócrita e raspe aquilo. Que não dirá a Posteridade?²⁷¹

Dando os primeiros passos na vida, sem ainda grandes pretensões literárias, o jovem Lobato talvez visse na posteridade algo nebuloso para alguém que, à exceção de parcas publicações na imprensa, algumas sob pseudônimo, ainda não havia se arriscado nas letras.

Anos mais tarde, já mais maduro e já tendo escrito, aqui e ali, textos que posteriormente o consagrariam – como os libelos “Uma velha praga” e “Urupês” –, Lobato passaria a considerar, inclusive, a ideia de publicação de um livro. Não poderia, porém, ser “apenas” um livro, como documenta o seguinte trecho de uma carta enviada a Rangel em 3 de junho de 1915:

Quanto a livro, Rangel, não sei se me sairá algum, algum dia. Porque isso de encher o mundo de livros é fácil – o difícil é produzir um livro que seja *UM LIVRO*. Note que não aparece nem um só por ano. Se em algum tempo me sentir capaz de produzir *UM LIVRO*, então aparecerei. Do contrário seria aumentar com mais uma pedrinha a imensa montanha da Mediocridade.²⁷²

Ou seja, a estreia deveria ocorrer com um livro que o distinguisse da montanha da Mediocridade, um livro que o consagrasse, poderíamos dizer até um livro para fixar seu nome na história da literatura. A ideia de vir a público com um livro talvez também atormentasse Rangel, cujos textos eram sempre enaltecidos por Lobato, como no trecho da carta seguinte, de 23 de outubro do mesmo ano de 1915, em que Lobato investe contra a introspecção do destinatário, invocando, para tanto, o juízo da Posteridade:

Noto de há muito tempo que essa tua vida isolada te vai pondo muito introspectivo. Vives num perene exame de consciência literário, e agora vai te submeter a processo – horror! – a júri talvez. Mas sairei a defender-te. Essa introspecção, se não mata, esfola – e nada aproveita. O tribunal ainda é o

²⁷⁰ Versão anterior deste texto foi apresentada, em novembro de 2018, no evento *Cem anos de Urupês*, promovido pela Universidade do Livro, com o título “A ‘marca M.L.’: Monteiro Lobato e a posteridade”.

²⁷¹ LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a, v. 1, p. 101. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 11).

²⁷² LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b, v. 2, p. 33. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 12).

público. Faze-te julgar por ele. Se te condenar, apelas para a Posteridade e derranca os juízes.²⁷³

Note-se, porém, que a Posteridade aqui é invocada não como a verdadeira destinatária da obra a ser escrita, mas como fiel julgadora diante de um público que, no presente, injustamente condenasse a obra do escritor. Afinal, Lobato continuava a desconfiar das poses estudadas, “diante da câmara fotográfica da Posteridade”, como registrado em carta de 7 de dezembro ainda do mesmo ano de 1915:

Estou acostumado a esta nossa andadura de égua de silhão, escondidos do mundo, pelas humildes veredas ermas dum matagal onde não aparecem intrusos nem guarda-caças. Desadoro cavalarias de alto voo, eloquências, atitudes diante da câmara fotográfica da Posteridade. Já sou mais velho que moço, e nada me vale este gamão que jogo há mais de dez anos com o Meritíssimo Juiz de Santa Rita do Sapucaí. Quando me surge um novo que quer andar comigo pelos mesmos caminhos, sinto-me esquerdo, fujo, enxoto-o. Estas veredas, Rangel, têm dono – são só nossas.²⁷⁴

Essa imagem de um Lobato despreocupado com a posteridade seria repetida por Edgard Cavalheiro, ao prefaciá-la as *Cartas escolhidas* do escritor:

com exceção de Mário de Andrade, talvez só Monteiro Lobato, entre nós, tenha levado a sério essa obrigação social de acusar o recebimento de um livro, de uma carta, ou sair dos seus ócios para aplaudir uma obra, um simples artigo de jornal, ou debater com colegas certos temas de interesse público. Monteiro Lobato jamais deixou o mais insignificante bilhete sem resposta. Acusava sempre o recebimento das obras que lhe eram enviadas; agradecia impreterivelmente as palavras de conforto ou de aplauso dos admiradores. [...] E em todas as suas respostas, das mais importantes às meramente protocolares, deixava a “marca” inconfundível da sua personalidade, a graça de um estilo vivo, pitoresco, saboroso. [...] Rute Guimarães já notou como elas são diferentes das que foram escritas por um Machado, um Nabuco, um Rui ou um Euclides. Por quê? Acontece que esses ilustres homens de letras redigiam, mesmo as cartas íntimas, de fraque e cartola. Formais e protocolares, parecia estarem escrevendo para a posteridade. Não assim com relação a Monteiro Lobato. Abstraindo-se completamente da possível censura dos críticos, escrevia como falava, sem rebuscamentos, sem preocupações de forma e de estilo. São cartas desenvoltas, sem o mínimo de “pose”.²⁷⁵

No entanto, se na correspondência Lobato não estava “escrevendo para a posteridade”, seu ideal literário parecia ser outro, como se pode concluir do seguinte trecho, extraído de carta a Rangel datada de 10 de janeiro de 1917: “Vamos fazer uma coisa: destrinçar o segredo dos eternamente lidos. Depois seguiremos à maneira deles, mas sem nos afastarmos da observação, do real, do verismo que está em nossa essência.”²⁷⁶ Não estaria nesse anseio de ser eternamente lido um olhar cobiçoso para a posteridade?

Em 17 de janeiro de 1920, a postura de Lobato, contrária aos louros e às glórias e – por consequência – à fixação de seu nome pela posteridade, ainda permanecia

²⁷³ Ibidem, p. 56.

²⁷⁴ Ibidem, p. 59.

²⁷⁵ CAVALHEIRO, E. Prefácio. In: LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964c, v. 1, p. 8-9. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).

²⁷⁶ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 128.

inalterada: “não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros acadêmicos, glórias, bobagens.”²⁷⁷

Passados mais de vinte anos, todavia, dessa última carta, vividas inúmeras outras experiências (a estada nos Estados Unidos, as campanhas do ferro e do petróleo, a prisão, a morte dos filhos, e, sobretudo, talvez, o grande sucesso que obteve por meio dos livros infantis), a opinião de Lobato sobre sua trajetória passa a se modificar. Sintomática disso é a carta a Rangel datada de 5 de setembro de 1943, em que notícia ao destinatário o trabalho com as cartas que viriam a constituir *A barca de Gleyre*:

Numa das minhas cartas, que peguei ao acaso, encontro esta nota: “Estou escrevendo na Tribuna, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o Bocatorta.” Desconfio que falei em “10 mil réis” para te dar inveja, pois tenho uma vaga ideia de que realmente só me pagavam 5. Está aí um ponto que qualquer criticastro do futuro resolverá com a maior segurança – e no entanto eu, que afirmei os 10 mil réis, sou obrigado a deixar o ponto em obscuro. Talvez eu falasse em 10 mil réis porque para todos nós naquele tempo ganhar 10 mil réis com um piolho extraído do cérebro devia ser um sonho de grandeza – e de todos do Cenáculo era talvez eu o primeiro a alcançar a extraordinária bonança. Haveria em nosso grupo outro que estivesse ganhando tanta coisa, ou com possibilidades de ganhar tanto, com os piolhinhos cerebrais? Bom. Esta vai apenas para te comunicar que meti mãos à mina. Quando estiver tudo datilografado, você vai se assombrar, e verificar que éramos muito mais interessantes nos bastidores epistolares do que no palco – e juntos penetraremos na posteridade à moda do Edgard Jordão, lembra-se? “E agora, penetramos desassombadamente na estrada da vida”, foi como ele concluiu o seu célebre discurso de orador da turma. Pobre Edgard! Teve a pior das mortes – creio que louco ou à beira da loucura. Vítima da Alemanha. Arruinou-se com os marcos alemães.

Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafo do *Pithecanthropus erectus*...²⁷⁸

Lobato passa não só a admitir a entrada na posteridade, ainda que ironicamente “à moda do Edgard Jordão”, mas também que, no futuro, sua obra seria objeto da crítica, mesmo que por meio de um “criticastro”.

Como entrar na posteridade?

O biógrafo

Parece que o primeiro passo dado por Lobato foi a eleição de um biógrafo. O escritor tinha predileção por biografias e memórias, o que talvez o tenha levado a pensar na escolha de um biógrafo para retratá-lo. E que melhor nome que o de Edgard Cavalheiro, que vinha, nos últimos anos, despontando como importante representante desse gênero?

Cavalheiro, ele próprio, conta-nos que, ao publicar, em 1940, o seu primeiro livro, dedicou “carinhosamente um exemplar a Monteiro Lobato”, escritor que não conhecia. O livro dedicado? Uma biografia do poeta Fagundes Varela (São Paulo: Livraria Martins, 1940). Anos depois, em 1943, publicaria o opúsculo *Biografias e biógrafos* (Curitiba: Guaíra), edição em que já anunciava, como publicações “a sair”, as biografias de Garcia Lorca e de Álvares de Azevedo.

²⁷⁷ Ibidem, p. 211.

²⁷⁸ Ibidem, p. 352-353.

Lobato e Cavalheiro acabaram se aproximando, como conta Raimundo de Meneses, em seu artigo “O arquivo de Lobato”:

No cavaco com Cavalheiro, vim a saber como nasceu sua amizade com Lobato. Foi assim. Havia ele lançado a biografia de Fagundes Varela. Mandou um exemplar, com amável dedicatória, ao escritor e recebeu encomiástica carta e um convite para encontrarem-se. Procurou-o, uma tarde. Conversaram desde 5 ½ até meia-noite.²⁷⁹

Com a aproximação, veio a transmissão do arquivo, conforme ainda relata Meneses: “Quando Lobato embarcou para Buenos Aires, resolveu deixar seu arquivo sob a guarda de Edgard Cavalheiro, na suposição de que, devido ao seu delicado estado de saúde, morresse por lá.”²⁸⁰ E conclui: “O arquivo de Monteiro Lobato contém coisas notabilíssimas. Mas muita coisa só poderá ser publicada daqui a uns cinquenta anos, pois muita gente a quem ele se refere com certa irreverência ainda está viva por aí...”²⁸¹

A escolha do biógrafo, munindo-o de histórias contadas em primeira mão, bem como de documentos únicos, poderia ser uma maneira de Lobato tentar controlar a imagem que dele restaria para a posteridade.

Não apenas isso, todavia. Três iniciativas editoriais viriam se somar a essa jogada no tabuleiro de Lobato: a publicação da chamada “edição ônibus”, em comemoração ao Jubileu de *Urupês*; a edição, em *A barca de Gleyre*, das cartas escritas a Godofredo Rangel; e a organização das *Obras completas*.

O Jubileu de *Urupês*

Em 1943, a Companhia Editora Nacional publicou, em sua “Biblioteca do Espírito Moderno”, um alentado volume intitulado *Urupês outros contos e coisas*. Como explicava uma nota na folha de rosto do livro, tratava-se de uma “Edição ônibus”, comemorativa do 25º aniversário da estreia do escritor, contendo a matéria de *Urupês*, *Cidades mortas*, *Negrinha*, *O macaco que se fez homem*, os últimos contos, excertos de outros livros e avulsos”.

No “Prefácio”, sentencia Artur Neves:

Há um quarto de século Monteiro Lobato publicou o seu primeiro livro e há um quarto de século esse livro vem ocupando um lugar ímpar e saliente em nossa literatura. Sua obra já resistiu, pois, à dura prova do tempo. E isso é tudo nos domínios da arte.²⁸²

Sobre a edição, Lobato enviaria um comentário jocoso a Rangel, em 28 de setembro de 1943:

Já te contei a história do “ônibus”? É a edição lobatina com que a Editora Nacional quer contribuir para a minha aposentadoria – porque isso de jubileu não me parece outra coisa. Um livrão de 700 páginas com todos os meus contos sentados nos bancos; de pé entre eles, enxertos tirados de outros livros. Serão os pingentes – o excesso de lotação. E há um prefácio de arromba, do tamanho de um bonde, espécie de baú de mascate onde não há o que não haja. Até um trecho do *Lambeferas* que você também recordou na entrevista e vai deixar

²⁷⁹ MENESES, R. de. O arquivo de Lobato. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 1948, p. 6.

²⁸⁰ *Ibidem*.

²⁸¹ *Ibidem*.

²⁸² NEVES, A. Prefácio. In: LOBATO, M. *Urupês: Outros contos e coisas*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. XL.

muitos fãs de boca aberta. Receberás aí o Ônibus, e também o mandarei aos amigos que andam a dizer bem de mim. Vingo-me, atirando-lhes um tijolo em cima! Porque livros desse tamanho não passam de tijolos de papel...²⁸³

A barca de Gleyre

Antes de sair a edição d'*A barca de Gleyre*, Lobato comenta a Rangel, em carta de 27 de outubro de 1943, o trabalho de preparação do volume:

Já tenho todas as cartas passadas a máquina e estou a lê-las de cabo a rabo. Noto muita unidade. Verdadeiras memórias dum novo gênero – escritas a intervalos e sem nem por sombras a menor ideia de que um dia fossem publicadas. Que pedantismo o meu no começo! Topete incrível. Emília pura.²⁸⁴

Pondera, ainda, sobre o ineditismo do livro que estava sendo preparado:

Creio que não há em literatura nenhuma uma série tão longa de cartas entre duas vocações, sempre sobre o mesmo assunto e no mesmo tom. O Edgard Cavalheiro aprovou-as com calor, achando que dá um livro dos mais originais. [...] Os livros de cartas que existem, como as de Euclides e outros, são dum mesmo homem para vários, de modo que não há unidade de estilo, tom e assunto.²⁸⁵

É evidente que Lobato tinha conhecimento do delicado terreno em que pisava ao decidir publicar ele mesmo suas cartas. Na sua “Escusatória”, o escritor estabelece alguns fundamentos sobre os quais o seu livro de cartas estaria construído.

“Estas cartas se salvaram, das que escrevi a Godofredo Rangel no dilatado espaço de quarenta anos”²⁸⁶. Com essa afirmação, Lobato aponta para uma dupla realidade: por um lado, a precariedade material do gênero epistolar e, por outro, o processo de seleção das cartas e composição do livro. Afinal, cartas são escritos frágeis, precários, datados, há quem diga fúteis, há quem diga transitórios. Escritas muitas vezes em papéis de má qualidade, ou naquele que se tem à mão, sem – aparentemente – preocupação alguma com sua conservação para a posteridade, muitas das cartas literalmente se dissolvem com o passar dos anos, cumprida a sua função imediata de comunicação entre os correspondentes. Assim, as cartas reunidas por Lobato seriam aquelas que “se salvaram” da sanha devoradora do tempo. No entanto, as cartas publicadas não são apenas aquelas que resistiram ao tempo; são também as que “se salvaram” da depuração “dos gatos, do bagaço, das inconveniências”. Afinal, Lobato já havia manifestado, em carta a Rangel datada de 28 de novembro de 1928, seu desagrado com a publicação de suas cartas, já que, segundo sua própria observação, desdobrava-se em dois Lobatos, o público e o privado: “*Tu quoque!* Até você a publicar trechos de cartas minhas! Não há nada que me desaponte tanto, porque sou um perante o Respeitável Público e outro na intimidade”²⁸⁷.

No mesmo sentido, o desabafo em carta a Anísio Teixeira, datada de 10 de setembro de 1929, contra a publicação de sua correspondência por considerá-la uma violação à intimidade:

²⁸³ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 357.

²⁸⁴ Ibidem, p. 360.

²⁸⁵ Ibidem, p. 360-361.

²⁸⁶ LOBATO, M. Op. cit., 1964a, p. 17.

²⁸⁷ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 311.

Encontrei no Estado de S. Paulo, onde João Ribeiro mantém uma coluna diária, um artigo *headlined* com o meu nome²⁸⁸. Vou ler e... assombro dos assombros: era a transcrição da carta que escrevi ao Herbert. Caí do Woolsworth. Como o Herbert me prega semelhante peça? Uma carta íntima, livre, onde falei mal dos portugueses e da Academia com a franqueza que costumeo usar na intimidade, como vai ele dá-la a público? *I am very worried*. É a quarta vez que isso me acontece e de cada uma tenho jurado só escrever a amigos de absoluta confiança, que sei que jamais cometeriam semelhante indiscrição, como você, por exemplo. É horrível isso de pôr em jornais cartas íntimas. Dá-me a sensação de ser posto em ceroulas diante do público esculhambador.²⁸⁹

Como bem pondera Tânia Regina de Luca:

A divulgação de trechos de sua correspondência o desagradava. Para [...] d. Iainha confessava que a publicação da carta que endereçara a Frederico Vilar, adido naval brasileiro em Washington, muito o envergonhara por ser “uma carta muito em fraldas de camisa, nunca supus que alguém um dia cometesse a estupidez de dá-la em público”.²⁹⁰

Ademais, não se pode excluir a ideia de que esse processo constitui um esforço, ainda na visão de Tânia Regina de Luca, “para difundir e cristalizar uma determinada autoimagem”²⁹¹.

Nesse sentido, pode-se explicar, de certo modo, a depuração “dos gatos, do bagaço, das inconveniências” pela qual passaram as cartas d’*A barca de Gleyre* ao serem enfileiradas no volume.

As Obras completas

Por fim, as *Obras completas*. Possivelmente, a iniciativa de publicar as *Obras completas*, proposta, segundo Lobato, pela Brasiliense, tenha sido uma ideia para alavancar a editora recém-fundada, que previa, inclusive, “um plano de venda em módicas prestações mensais através do Departamento de Crédito”. Lobato noticia a iniciativa a Rangel em 15 de julho de 1945:

Apesar de estar morrendo, nem por isso deixei de meter-me em cavalaria alta. Imagine que a Brasiliense propôs e eu aceitei, o lançamento de minhas... *Obras Completas*, Rangel! Em 30 volumes encadernados, para ser vendidos pelo sistema Jackson... Uma formidável bandalheira para arrancar dinheiro ao público. Mas o trabalho que me está dando... Só tenho parte do que andei escrevendo. Há um volume de Prefácios e Entrevistas – mas muitas destas são guardei, nem me lembro a quem dei. Se tens por acaso alguma coisa minha, manda.²⁹²

²⁸⁸ O artigo de João Ribeiro, a que alude Lobato, intitula-se “A língua brasileira” e foi publicado na edição do jornal *O Estado de S. Paulo* de 14 de agosto de 1929.

²⁸⁹ VIANNA, A.; FRAIZ, P. (Orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 39. Herbert mencionado no trecho é o professor, escritor e gramático baiano Herbert Parentes Fortes.

²⁹⁰ LUCA, T. R. de. Monteiro Lobato: Estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*. In: GOMES, A. de C. (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 156.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 140.

²⁹² LOBATO, M. Carta a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (Mlb 3.1.00187 cx4).

Em resposta a uma carta de Rangel, datada de 7 de setembro, Lobato anuncia o início do trabalho de revisão, ao mesmo tempo em que reflete sobre a sensação de lançar, ainda em vida, suas *Obras completas*:

Amanhã vou para a fazenda do Chapadão em Campinas, por uma quinzena. E lá começarei a rever as provas das Obras Completas. Acho meio esquisita esta história de Obras Completas com o autor ainda vivo e portanto ainda podendo produzir. O fato, porém, que em vida um autor das Obras Completas significa firme determinação de não escrever mais nada. Mesmo assim, se eu sarar bem, ainda botarei uns ovos infantis. Meu publicozinho está reclamando um livro novo “onde não ensine, nada, só haja aventuras”.²⁹³

Em 16 de dezembro de 1945, registra, também em carta a Rangel, o andamento do processo de revisão: “Estou a rever provas das Obras Completas. Que carrapato o erro – e que gente miserável são os amigos do erro, vulgo linotipistas! Como eles criam o erro e defendem sua criação! Mas a coisa é assim e acabou-se.”²⁹⁴

Publicadas as *Obras completas*, convinha a Lobato divulgá-las. E nada melhor para isso que o já testado e bem-sucedido processo de distribuir as edições aos amigos, que, de algum modo, pudessem contribuir para a sua divulgação. É o que se conclui do seguinte trecho de uma carta que Lobato recebeu de Apolinário Silva de Vilar Belmonte²⁹⁵, em 10 de abril de 1947:

Rio, rua Progresso 67 (S^{ta} Tereza) em 10 de abril de 1947
Eminente amigo Lobato

Recebi há um mês mais ou menos teu inolvidável presente. Foi uma dádiva para mim de um valor máximo porque na vida nunca recebi tão glorificadora pela eminência moral e intelectual do doador. Recebi-a com a super emoção de um Caruzo ovacionado no palco ou Rui ovacionado ao delírio das massas. Emoções que só as sensibilidades artísticas podem experimentar, sabem avaliar. São treze volumes de toda uma vida de trabalho cristão e honesto dedicado ao ensino público, ao exemplo dignificador, à moralização administrativa de juízes e professores, de povos e governos. O futuro, mais que a atualidade, é que há de compreender-te. Compreender tua campanha de higiene mental, de elevação humana, isenta de sectarismos e politicagens de toda espécie, de sentimentalismos, de verbiagens, de imaginações sonhadoras e não criadoras.²⁹⁶

Em 21 de novembro de 1947, à sobrinha Gulnara, informa a iminente saída da segunda parte das *Obras completas*, para que o neto Rodrigo já preparasse a estante:

A 2ª parte das minhas O. C. sai em dezembro e vou mandá-la para aí. É preciso que a estante do Rodrigo atente aos tantos centímetros de espaço que os 30 volumes do avô vão exigir. E essa estante deve ter uma folga para as mais coisas que o tal avô, apesar das tais Obras Completas ainda dará. No Brasil não há precisão de linguagem. Uma editora dá Obras Completas dum sujeito e continua a dar coisas novas desse sujeito...²⁹⁷

²⁹³ LOBATO, M. Carta a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (Mlb 3.1.00188 cx4).

²⁹⁴ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 371.

²⁹⁵ Apolinário Silva de Vilar Belmonte (23/07/1882? – depois de 1961), advogado paulista, professor, jornalista, estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, tendo colado grau em 28 de novembro de 1919. Colaborou na *Revista do Brasil* entre os anos de 1923 e 1924. Colaborador do jornal *Diário de Notícias* (RJ), a partir de 1934.

²⁹⁶ BELMONTE, A. S. de V. Carta a Monteiro Lobato depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (Mlb 3.2.00456 cx9).

²⁹⁷ LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964d, v. 2, p. 241.

Essa segunda parte das *Obras completas* a que o missivista faz alusão deveria ser a assim chamada “Segunda Série”, correspondente à Literatura Infantil, em que Monteiro Lobato, indelevelmente, havia deixado, ao longo dos anos, a sua marca, como aponta a Rangel, em carta de 10 de maio de 1945:

A saída de meus livros no último fim de ano foi a normal. Dos editados pela Brasiliense venderam-se no Natal 40%, segundo me mostraram. Quer dizer que saíram uns 70 milheiros. No Otale não sei, não indaguei. A diferença, meu caro, é que eu fiz o meu público, estou fazendo esse desde a 1ª edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e você agora é que surgiu no campo. Quem conhece a marca “G. R.” no livro infantil²⁹⁸? E quem não conhece a marca “M. L.”?²⁹⁹

Nessas reflexões sobre a eventual “incompletude” de suas *Obras completas*, vemos um Lobato que, a despeito de já se preparar para a posteridade, organizando e revisando minuciosamente suas obras para uma versão “definitiva”, com todas as aspas possíveis, ainda esperava criar histórias, escrevê-las, revisá-las e dá-las a público.

A morte no ano seguinte, interrompeu esse curso, bem como interrompeu qualquer controle que o escritor poderia ainda ter sobre sua obra ou sua imagem. Ao longo das décadas seguintes, a imagem de Monteiro Lobato tem sofrido maiores ou menores distorções – nacionalista, comunista, machista, racista –, sua obra tem sido ora enaltecida, ora execrada, mas tem sobrevivido firme a todas as intempéries, podendo fazer seus os versos de Mário Quintana:

POEMINHO DO CONTRA

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!³⁰⁰

(*Obras Completas de Monteiro Lobato*, 17).

²⁹⁸ Rangel escreveu dois livros infantis, *Histórias do tempo do onça* e *Passeio à casa de Papai Noel*, ambos publicados em 1943.

²⁹⁹ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 367-368.

³⁰⁰ QUINTANA, M. Poeminho do contra. *Caderno H* (1973). In: *Mário Quintana: Poesia completa*. Organização Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 257.

CAPÍTULO 9 – A turma do Sítio do Picapau Amarelo adaptada em quadrinhos pela RGE

José Elio da Mota Júnior
Vanessa Gomes Franca

Nunca pensei que fôsse tão séria a influência do que escrevo. Até agora ia escrevendo ... por escrever ... Mas essa meninada me deu uma lição. Vou pensar muito antes de escrever para crianças daqui por diante.
Monteiro Lobato³⁰¹

Linda Hutcheon, em seu livro *Uma teoria da Adaptação*, argumenta que a adaptação é um tipo de transcodificação criativa de uma mídia para outra, “uma forma de repetição sem replicação”³⁰², que produz modificações inevitáveis tanto no que se refere ao valor como na significação das histórias. Para a estudiosa, então, a adaptação é uma forma de migrar certa obra, seja literária, em quadrinhos, teatro etc., para outra plataforma diferente de sua origem. Esse processo criativo, já que se trata de uma abordagem distinta a partir de um referente anterior, ocasiona, conseqüentemente, adequações para que o novo produto possa se ajustar à nova mídia e ao tipo de público ao qual pretende atingir.

Na contemporaneidade, as adaptações, quer sejam de obras literárias quer sejam de filmes, de narrativas quadrinhísticas, de textos teatrais, são recorrentes. É um constante passar e repassar a limpo, um escrever, apagar e reescrever, ou seja, “nós experienciamos as adaptações (*enquanto adaptações*) como palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação”³⁰³. Robert Stam salienta que as “adaptações localizam-se, por definição, em meio ao contínuo turbilhão da transformação intertextual, de textos gerando outros textos em um processo infinito de reciclagem, transformação e transmutação, sem um claro ponto de origem”³⁰⁴.

Apesar da recorrência, nem sempre as adaptações foram vistas com “bons olhos”. Muitos leitores, principalmente de obras literárias, exigiam (e ainda exigem) que a transposição do texto escrito a outra mídia fosse o mais fiel possível. Segundo Hutcheon³⁰⁵, essa questão da “crítica da fidelidade”, por muito tempo, foi o que orientou as análises dos estudos de adaptação, principalmente quando se tratava de cânones literários, e o que ocasionou a classificação da adaptação como cópia. Contudo, a adaptação não é cópia do texto-fonte. É repetição e repetição com diferença, sem reprodução. Para a estudiosa, a “valorização (pós)romântica

³⁰¹ Apud CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 2. t. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, v. 2, p. 181.

³⁰² HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011, p. 17.

³⁰³ *Ibidem*, p. 30.

³⁰⁴ STAM, 2003, p. 234 apud RIBEIRO, R. D. B.; FRANCA, V. G. In: CAMARGO, F. P.; CARDOSO, J. B. (Orgs.). *Percursos da narrativa brasileira contemporânea: Coletânea de ensaios*. João Pessoa: UFPB/Realize, 2009, p. 182. Grifo nosso.

³⁰⁵ HUTCHEON, L. *Op. cit.*, 2011.

da criação original e do gênio criativo é claramente uma das fontes da depreciação de adaptadores e adaptações³⁰⁶.

De acordo com Eliana Nagamini³⁰⁷, as concepções sobre adaptação se modificaram ao longo do tempo. Na década de 1970, conforme a pesquisadora, as discussões em torno da temática se baseavam na ideia de fidelidade e, consequentemente, infidelidade. Atualmente, constata-se uma mudança dessa perspectiva, visto que, a partir de uma dada obra-fonte (literária, fílmica, quadrinhística etc.), um artefato distinto pode surgir. À vista disso, o “que chamamos de adaptação pode ser, portanto, uma versão, uma inspiração, uma recriação, uma reatualização, um aproveitamento temático, uma referência à obra”³⁰⁸.

Paula Mastroberti, por exemplo, denomina de versão recriativa “todo material híbrido verbal e gráfico-visual [...] se concebido a partir de um discurso primeiro estritamente literário [...]”³⁰⁹. Para ela, os quadrinhos, as filmagens, os jogos, as ilustrações, as reescrituras e outros produtos plurimidiáticos são versões recriativas, ou seja, pós-produções inter ou intrasemióticas, cujo intuito seria atualizar um texto original, dando-lhe novas roupagens, adequando-o à contemporaneidade e não uma espécie de traição às fontes.

Outro aspecto destacado por Hutcheon³¹⁰ é o papel do adaptador no processo de criação. Num primeiro momento, ele é o leitor de determinado texto-fonte, um “consumidor” do “original” para depois ser criador de um outro produto. O adaptador fará a adaptação a partir de sua interpretação ou filtro, sem deixar de mencionar fatores históricos, econômicos e sociais que podem estar presentes em maior ou menor grau na reescritura de novas obras artísticas.

Quanto aos aspectos econômicos, muitas vezes, eles podem ser a força motriz para certas adaptações serem lançadas a determinado público. A respeito disso, Hutcheon comenta que, por questões econômicas, as “editoras publicam novas edições de obras literárias adaptadas no mesmo período do lançamento da versão cinematográfica, e invariavelmente colocam fotos dos atores ou de cenas do filme na capa”³¹¹, a fim de atrair o público. Além disso, para satisfazer o mercado, as adaptações de séries ou de musicais “podem alterar especificidades culturais, regionais ou históricas do texto que é adaptado. Um romance satírico e mordaz, de cunho social, pode ser transformado numa comédia de costumes inofensiva, cujo foco de atenção está no triunfo do indivíduo”³¹².

Com base nos estudos desenvolvidos por Hutcheon³¹³ e por outros teóricos que se dedicam a pesquisar e a compreender os fenômenos da adaptação, há distintas discussões quanto à importância dela para a divulgação e permanência de obras, ao papel que elas têm junto ao público e se as adaptações, feitas a partir de textos-fontes, não estariam sendo realizadas apenas para atender às expectativas do

³⁰⁶ Ibidem, p. 24.

³⁰⁷ NAGAMINI, E. *Literatura, televisão, escola: Estratégias para leitura de adaptações*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 36.

³⁰⁸ Ibidem, idem.

³⁰⁹ MASTROBERTI, P. Adaptação, versão ou recriação? Mediações da leitura literária para jovens e crianças. *Revista Semioses*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 109 [104-112], 2011.

³¹⁰ HUTCHEON, L. Op. cit., 2011, p. 43.

³¹¹ Ibidem, p. 57.

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

mercado ao invés de colocar à disposição dos leitores/espectadores produtos culturais com caráter estético e literário e não mero entretenimento vazio e comercial.

A partir dessas considerações, no presente capítulo, tentamos compreender e discutir o modo como os roteiristas e ilustradores da primeira HQ do Sítio se apropriaram da obra infantil de Monteiro Lobato, adaptando-a aos quadrinhos e recriando, dessa forma, o universo lúdico das personagens do Picapau Amarelo, e que implicações e/ou inovações surgiram desse projeto liderado pela equipe da Rio Gráfica e Editora (RGE).

A fim de discutirmos o proposto, abordamos a relevância de Monteiro Lobato para a cultura brasileira e algumas das características de suas obras. Ademais, tratamos das adaptações das obras lobatianas para diversas mídias e comentamos determinados aspectos da adaptação quadrinhística *Sítio do Picapau Amarelo*, publicada pela RGE, tendo como uma de nossas referências uma entrevista concedida por Gustavo Machado, um dos ilustradores que fez parte da equipe de profissionais que produziu a revista.

A existência polissêmica de Monteiro Lobato

Desde criança, José Renato Monteiro Lobato já demonstrava ser dono de uma personalidade forte e determinada. O escritor nasceu em Taubaté, interior de São Paulo, no dia 18 de abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato. Anos mais tarde, aos 11 anos, decidiu mudar o nome para José Bento porque queria usar uma bengala de seu pai, cujas iniciais, gravadas no castão, eram J. B. M. L. Sobre esse episódio, Marisa Lajolo ressalta: “A situação é emblemática da força de vontade, do senso prático e da garra do menino que viria a ser o famoso escritor Monteiro Lobato”³¹⁴.

Lobato teve uma existência polissêmica que é confirmada pelas diversas atividades que ele desenvolveu. Atuou como escritor, adido comercial, empresário (fundou a Companhia Petróleos do Brasil), jornalista, tradutor, adaptador, revisor. Além disso, dedicou-se à atividade editorial, sendo o primeiro a se preocupar em editar livros de nossos escritores em solo brasileiro, uma vez que, até então, as obras iam para Portugal ou França com o intuito de serem impressas, o que representava um alto custo.

Atento a tal problemática e com seu espírito inovador, Lobato fundou várias editoras, tais como a Monteiro Lobato & Cia (1918), que veio a falência em 1925; a Companhia Editora Nacional (1925), em parceria com Octales Marcondes; e a Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato (1924). De acordo com Vanessa Gomes Franca, essa editora se transformou na maior empresa editorial do Brasil, chegando a possuir “o maior parque gráfico da América Latina, no Brás – São Paulo”³¹⁵. Rodava e publicava altas tiragens de exemplares. Anos depois, em 1946, o criador da Emília se tornou sócio da Editora Brasiliense com Caio Prado Júnior, Leandro Dupré, Hermes Lima e Artur Neves. “[...] Ainda nesse ano, o autor estabelece,

³¹⁴ LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2006, p. 12.

³¹⁵ FRANCA, V. G. *A literatura infantil/juvenil brasileira na França: Oû est Lobatô?* 232 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007, p. 48.

em Buenos Aires, com Manuel Barreiro, Miguel Pilato e Ramón Prieto, a Editorial Acteon [...]”³¹⁶.

O irrequieto Monteiro Lobato também se envolveu, entre as décadas de 1930 e 1940, em Campanhas Pró-Petróleo. Como havia morado nos Estados Unidos, onde atuou como adido comercial em Nova Iorque (1927), e se encantara com o progresso econômico daquele país, voltou de lá decidido a dar ferro e petróleo ao Brasil, para alavancar a economia do país, gerando riqueza e emprego para todos. Segundo Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Mascarenhas de Rezende Camargos e Vladimir Sacchetta:

Baseado nesse raciocínio e disposto a libertar seu país das amarras da dependência econômica, Lobato empenhará todos os esforços para viabilizar uma estrutura industrial capaz de assegurar o desenvolvimento do Brasil. [...] Agora, fundamentado na existência de petróleo no continente americano, lança-se em busca de ouro negro, Brasil a fora, falando para platéias lotadas nas diversas cidades por onde peregrina, em busca de adeptos para a causa que abraça com fé quase religiosa.³¹⁷

O criador do Sítio exerceu a função de tradutor, adaptador e revisor de textos. De acordo com Franca: “O autor traduz e adapta um número significativo de obras das línguas inglesa, francesa e espanhola [...] é por meio delas que o público brasileiro entra em contato com alguns escritores de clássicos, além de tomar conhecimento do que estava sendo publicado lá fora”³¹⁸.

Ainda segundo Franca³¹⁹, nos trabalhos de revisão de tradução feitos pelo autor, Lobato se limitava a ler os textos que recebia, sempre focado na linguagem utilizada que, para ele, devia ser agradável e corrente. Se por ventura se deparasse com algum trecho incompreensível, buscava o original e, caso fosse necessário, corrigia. Todavia, se encontrasse alguma tradução cuja linguagem fosse inteligível, preferia refazer todo o trabalho.

Lobato estreia na literatura direcionada ao público leitor adulto, em 1918 com a publicação da obra *O Saci-Pererê: Resultado de um inquérito*. Nesse mesmo ano, lançou *Urupês*, em que representa a vida do caboclo brasileiro, a partir da figura do Jeca Tatu. O livro foi um sucesso de vendagem, sendo considerado a obra-prima do autor. Em 1919, edita *Cidades Mortas e Ideias de Jeca Tatu*. No ano seguinte, publica *Negrinha*. Lajolo³²⁰, considera esses textos os melhores da literatura adulta do escritor.

Em 1920, Monteiro Lobato lançou seu primeiro livro dedicado às crianças, *A menina do narizinho arrebitado*, inaugurando a nossa literatura infantil e juvenil brasileira e criando um mundo mágico onde, literalmente, os leitores passaram a morar a partir de então. O próprio escritor, em uma carta enviada a seu amigo Godofredo Rangel, expressa seu desejo de construir livros onde as crianças pudessem morar:

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusoe*,

³¹⁶ Ibidem, p. 49.

³¹⁷ AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. de R.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furção na Botocúndia*. 2. ed. São Paulo: Senac, 1997, p. 270.

³¹⁸ FRANCA, V. G. Op. cit., 2007, p. 50.

³¹⁹ Ibidem, p. 52.

³²⁰ LAJOLO, M. Op. cit., 2006, p. 12.

do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n' *Os filhos do Capitão Grant*.³²¹

Após publicar *A menina do narizinho arrebitado*, em dezembro de 1920, o autor dá início a uma série de narrativas que marcariam para sempre gerações de leitores, das mais distintas épocas, contextos e idades, imortalizando-se através de seus textos. Ao todo, foram 23 obras destinadas ao público infantil e juvenil, dentre elas: *O Saci* (1922); *As aventuras de Hans Staden* (1927); *Peter Pan* (1930); *Viagem ao céu* (1932); *Novas reinações de Narizinho* (1933); *Dom Quixote das crianças* e *Memórias da Emília* (1936); *O poço do Visconde*, *Serões de Dona Benta* e *Histórias de Tia Nastácia* (1937); *O Minotauro* (1939); *A chave do tamanho* (1942); *Os doze trabalhos de Hércules* (1944).

Muitas de suas obras sofreram modificações à medida que o escritor ia criando diferentes aventuras para a turma do Sítio. *A menina do narizinho arrebitado*, por exemplo, foi relançado em 1921, sob o título *Narizinho arrebitado*, tendo histórias inéditas acrescentadas ao texto. Posteriormente, em 1931, foram incluídos ao volume, que passou a ser denominado *Reinações de Narizinho*, os livros: *O Marquês de Rabicó* (1922), *O casamento de Narizinho*, *Aventuras do príncipe*, *O gato Félix e Cara de Coruja*, *O irmão de Pinóquio* (1928), *O circo de Escavalinho* (1929), *Pena de papagaio* (1930) e *O pó de Pirlimpimpim* (1931).

Monteiro Lobato é considerado o pai da literatura infantil e juvenil brasileira devido à revolução ocasionada por seus livros. Segundo Franca³²², nas obras do autor, que possuíam um estilo simples, direto e irônico, há diversas inovações, tais como: o abraqueiramento da linguagem, das personagens, dos cenários, das histórias; a indistinção entre o maravilhoso e o real; a valorização da cultura popular; a não existência de uma fronteira entre assunto de criança e de adulto; o destaque dado às personagens femininas e a presença do humor.

Conforme mencionamos anteriormente, Lobato trabalhou como adaptador. Em algumas de suas obras da turma do Sítio, percebemos que o autor adapta histórias e personagens da literatura mundial à realidade brasileira, como observa Marisa Lajolo: “[O] sítio acolhe antropofagicamente personagens das tradições mais diversas, como heróis gregos, o Pequeno Polegar, Popeye e D. Quixote”³²³. Ilustrando o que a pesquisadora expõe, temos, como um dos exemplos desse antropofagismo lobatiano a obra *O Picapau Amarelo*, lançada em 1939. Nessa história, Dona Benta recebe uma carta do Pequeno Polegar, solicitando permissão para que todas as personagens do mundo encantado fossem morar no Sítio. Dona Benta aceita o pedido e compra terras novas para poder acomodar os novos habitantes do Picapau Amarelo:

passada uma semana começou a mudança dos personagens do Mundo da Fábula para as Terras Novas de Dona Benta. O Pequeno Polegar veio puxando a fila. Logo depois, Branca de Neve com os sete anos. E as Princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha. E o Príncipe Codade, com Aladino, a Xarazada, os gênios e o pessoal todo das “Mil e uma Noites.” E veio a Menina da Capinha Vermelha. E veio a Gata Borracheira. E vieram Peter Pan com os Meninos Perdidos do “País da Nunca”, mais o Capitão Gancho com o crocodilo atrás e todos os piratas; e a famosa Alice do “País das Maravilhas”; e o Senhor de La Fontaine

³²¹ LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, v. 1, p. 292-293.

³²² FRANCA, V. G. Op. cit., 2007, passim.

³²³ LAJOLO, M. Op. cit., 2006, p. 62.

em companhia de Esopo, acompanhados de todas as fábulas; e Barba Azul com o facão de matar mulher; e o Barão de Munchausen com as suas espingardas de pederneira; e os personagens todos dos contos de Andersen e Grimm. Também veio D. Quixote, acompanhado de Rocinante e do gordo escudeiro Sancho Pança.

Mas não vinham a passeio, não; vinham com armas e bagagens, com os castelos e palácios, para uma fixação definitiva. Vinham para morar ali toda a vida [...].³²⁴

Sobre esse episódio, Lajolo comenta:

Monteiro Lobato consegue extraordinários efeitos de sentido ao fazer contracenar num cenário de jabuticabeiras, pintos-sura e ex-escravos pitando cachimbo tanto personagens fundadores da literatura infantil ocidental como Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, como personagens da literatura infantil estrangeira contemporânea sua como Alice e Peter Pan.³²⁵

A obra infantil lobatiana completou 100 anos. Ao longo do tempo, o Sítio e suas personagens se tornaram clássicos, passando a fazer parte do imaginário infantil. Tal força estética e literária fez com que a obra de Lobato migrasse para distintas plataformas, sendo constantemente atualizada, adaptada, consoante vamos demonstrar.

Adaptando o Sítio para novas mídias

A obra lobatiana foi adaptada para diversas mídias. Desde a primeira adaptação até as reescrituras atuais, em plena era digital, com o lançamento da série animada *Sítio do Picapau Amarelo*, em 2012, pela TV Globo, verifica-se o caráter multimidiático dos textos lobatianos, ou seja, sua capacidade de proporcionar profícuas e inovadoras recriações nos mais variados tipos de suporte e meios de comunicação.

Uma das primeiras adaptações da obra de Lobato para outra mídia aconteceu em 1940. Nesse ano, foi encenada a peça *O museu da Emília*, inspirada na obra homônima do autor, datada de 1938. Em 1943 a obra lobatiana é adaptada para uma rádio novela, que era exibida em um programa chamado *No Sítio do Picapau Amarelo*, tendo como realizadores Edgard Cavalheiro e Carlos Lacerda. Em 1947, o professor, jornalista, compositor e teatrólogo Adroaldo Ribeiro da Costa colocou em cena um dos seus sonhos, a adaptação em opereta da obra *A menina do narizinho arrebitado*, que lera na infância. Assim, nesse ano, Lobato assistiu a opereta que foi representada em Salvador, como nos relata Aramis Ribeiro Costa:

Na noite de 22 de dezembro de 1947, abriram-se as cortinas do antigo Teatro Guarani, na Praça Castro Alves, para que cento e dez crianças no palco, e outras dezenas na plateia, vivessem o sonho de Narizinho. No teatro superlotado encontravam-se autoridades, intelectuais, jornalistas [...] e o próprio Monteiro Lobato, autor do texto original que servira de base a Adroaldo para a adaptação. Lobato estava doente, cansado e desiludido, mas viajou de São Paulo para Salvador apenas para presenciar aquela estreia.³²⁶

Podemos destacar, igualmente, as adaptações cinematográficas. O filme *O Saci*, “[...] uma produção live-action (um termo utilizado no cinema, teatro e televisão

³²⁴ LOBATO, M. *O Picapau Amarelo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020, p. 30.

³²⁵ LAJOLO, M. Op. cit., 2006, p. 62.

³²⁶ COSTA, A. R. O teatro infantil de Adroaldo Ribeiro Costa. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n. 51, p. 39-40 [31-47], jul. 2013.

para definir os trabalhos que são realizados por atores reais, de carne e osso, ao contrário das animações), foi lançado no ano de 1951, com um filme teatral”³²⁷. Baseado no livro homônimo de Lobato, essa película foi dirigida por Rodolfo Nanni e teve como assistente de direção Nelson Pereira dos Santos. Nessa época, o cinema brasileiro apresentava-se influenciado pelo nacionalismo. Assim, de acordo com Heloísa Salem, os cineastas comunistas preocupavam-se em abordar temáticas nacionais e, embora, o “saci não possui[sse] nenhuma grande proposta política [...] se baseava na obra de um autor muito popular, progressista, que, entre outras coisas, desempenhara importantíssimo papel na campanha ‘O petróleo é nosso’”³²⁸. Além disso, o livro lobatiano valorizava a cultura popular e apresentava a vida simples das fazendas e dos sítios.

Em 1974, houve uma nova adaptação cinematográfica da obra de Lobato. *O Picapau Amarelo*, produzido a partir do livro com o mesmo título, teve direção de Geraldo Sarno e roteiro de Armando Costa. Além de se inspirar na narrativa de *O Picapau Amarelo*, os realizadores do filme também inseriram personagens de outros títulos lobatianos bem como dos quadrinhos, como Batman e Capitão América, na película.

Ademais, o Sítio de Dona Benta migrou para a TV. A primeira adaptação para a televisão do mundo encantado de Monteiro Lobato ocorreu em 1952³²⁹, por meio do casal Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Para a primeira produção, que foi exibida ao vivo pela extinta TV Tupi, selecionou-se “A pílula falante”, um dos capítulos do livro *Reinações de Narizinho*. A apresentação ocorreu no programa Teatro Escola de São Paulo (TESP), um teleteatro direcionado às crianças, no dia 10 de janeiro³³⁰.

O sucesso dessa apresentação fez com que a emissora produzisse a série *Sítio do Picapau Amarelo*, que foi ao ar no dia 3 de junho de 1952, reexibindo o episódio “A pílula falante”. Segundo Sérgio Caparelli: “Nos primórdios da TV brasileira, quando os teleteatros se faziam ao vivo, o Sítio da Tupi, com roteiros de Tatiana Belinky, foi um dos programas de maior audiência em São Paulo e de maior permanência no ar”³³¹, somando 360 episódios e onze anos de duração.

Em 1964, a TV Cultura de São Paulo também adaptou o Sítio em série televisada, que era exibida “com episódios de 30 minutos diários. A atração não obteve o mesmo sucesso da anterior e permaneceu no ar no decurso de seis meses”³³². A TV Bandeirantes, no ano de 1967, apresentou nova releitura de o Sítio do Picapau Amarelo. Essa série ficou no ar por três anos e foi cancelada por baixa audiência.

³²⁷ MENEZES, T. de. *Desvendando o Sítio do Picapau Amarelo*. São Paulo: AllPrint, 2014, p. 8-9.

³²⁸ SALEM, H. *Nelson Pereira dos Santos*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 79.

³²⁹ Consoante Luciane Maria Wagner Raupp (2013), há divergências quanto à data da primeira adaptação. Para Camargos (2007), teria sido na década de 1950; para Costa Júnior, 1951; e para o Globo, 1952.

³³⁰ FURQUIM, F. *TV Séries*, Porto Alegre, a. 3, n. 25, p. 39, set./out. 1999. Esta revista foi publicada pela editora FCF.

³³¹ CAPARELLI, 1983 apud SILVA, V. M. T. Da imaginação à imagem: o Sítio de Lobato na TV. In: _____. *Literatura infantil brasileira: Um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cànone, 2009, p. 118.

³³² STEFFEN, L. P. *Monteiro Lobato: Da obra literária à televisão*. 94 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS, 2008, p. 66.

Provavelmente, a mais famosa adaptação televisiva dos textos lobatianos e que levou o universo mágico do Picapau Amarelo para todos os cantos do Brasil tenha sido a série *Sítio do Picapau Amarelo*, idealizada e produzida pela TV Globo em parceria com a TVE-RJ e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), sob direção de Geraldo Casé. A série foi veiculada entre 7 de março de 1977 a 31 de janeiro de 1986, tendo 65 episódios e 1.436 capítulos ao todo. Consoante Luciane Maria Wagner Raupp, o

sucesso foi tanto que passou a ser apresentada não só no horário matinal, que anteriormente pertencia à Vila Sésamo, como também a ser reprisada no horário vespertino, depois das 17 horas, antecedendo a telenovela das 18 horas. Era possível, assim, contar com a audiência de adultos que voltavam do trabalho e pelas crianças que estudavam pela manhã. Dessa forma, a partir de 1977, os personagens de Lobato e suas histórias alcançaram o grande público, povoando não só o imaginário das crianças, mas também o dos adultos.³³³

Quinze anos após o término da primeira adaptação do Sítio realizada pela Rede Globo, estreou, em 12 de outubro de 2001, o primeiro capítulo de uma nova versão da obra infantil e juvenil de Lobato, pela mesma emissora de TV, tendo Cláudio Lobato, Luciana Sandroni, Tony Brandão e Walcyr Carrasco como alguns de seus roteiristas³³⁴. A produção ficou no ar entre 2001 a 2007 e obteve sucesso. Nesta adaptação, “várias inovações foram incorporadas ao ambiente originalmente rural lobatiano. Nela a televisão também é um elemento presente, assim como computadores, internet e skates”³³⁵, ocorrendo, assim, uma modernização da obra de Lobato.

Em janeiro de 2012, a TV Globo, a produtora Mixer e a 2DLab, colocaram no ar a série animada *O Sítio do Picapau Amarelo*, tendo como diretor de animação Humberto Avelar. Essa nova adaptação, inovou as aventuras rocambolescas das personagens picapauenses, que “ganha[ram] um estilo semelhante aos desenhos animados do Cartoon Network, multicoloridos e com ritmo ágil”³³⁶.

Ao lado das adaptações citadas, houve a veiculação das obras lobatianas em outras mídias como o CD, por exemplo. Em 1998, a gravadora Trama produziu e lançou duas histórias inspiradas nas obras *História das invenções* e *Os doze trabalhos de Hércules*. No mesmo ano, a Paulinas colocou no mercado dois CDs, ambos baseados em outras narrativas do Sítio: *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho* e *O Saci*. Possivelmente, esses CDs foram lançados com o intuito de se comemorar, naquele ano, o cinquentenário da morte de Lobato.

Destacamos ainda as adaptações quadrinhísticas da saga infantojuvenil lobatiana. A primeira adaptação do Sítio em revista em quadrinho, intitulada *Sítio do Picapau Amarelo*, foi publicada em 1977, sendo editada até 1984. A segunda foi produzida no ano 2000, com o lançamento das HQs da “Emília”, do “Sítio” e da “Cuca”. Em 2007, a Editora Globo preparou uma coleção denominada “Monteiro Lobato Em Quadrinhos”, em que foram adaptadas obras como: *Dom Quixote das*

³³³ RAUPP, L. M. W. *Os carrapichos no universo ficcional de Lobato: do projeto de nação ideal às adaptações dos anos 2000*. 332 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 137.

³³⁴ SILVA, A. *O Sítio do Picapau Amarelo... apresenta...: Um clássico da literatura e sua fantástica trajetória nos quadrinhos e na TV*. Website *ALEARTE Quadrinhos*, 12. jan. 2013.

³³⁵ RAUPP, L. M. W. Op. cit., 2013, p. 139.

³³⁶ SILVA, A. Op. cit., 2013.

crianças, O Minotauro, Peter Pan, Os doze trabalhos de Hércules, Fábulas e Aventuras de Hans Staden.

Tendo em vista o exposto, constata-se que a obra infantojuvenil de Monteiro Lobato possibilitou diversas adaptações ou reescrituras, tanto para a TV como para o cinema, as HQs etc. Assim, a seguir, tecemos algumas considerações a respeito da primeira narrativa quadrinhística adaptada da obra de Lobato.

A adaptação do Sítio ao formato HQ pela RGE

A primeira história em quadrinho baseada no mundo mágico de Monteiro Lobato foi publicada em 1977, um mês após a estreia da série *Sítio do Picapau Amarelo*, na TV Globo, tendo o título homônimo. A partir de então, entre abril de 1977 a julho de 1984, a Rio Gráfica e Editora (RGE), que fazia parte do Grupo Globo, lançou noventa e uma HQs contendo inúmeras aventuras com a Emília, o Pedrinho, a Narizinho, o Visconde e demais personagens do Sítio além de outros criados pelos adaptadores dos gibis. Segundo Gustavo Machado, um dos desenhistas contratado naquela época pela RGE para ilustrar as narrativas quadrinhísticas, o projeto de adaptar a obra de Monteiro Lobato para os quadrinhos: “Foi um desmembramento da série de TV, uma produção conjunta da Rede Globo com a TVE-RJ...”³³⁷.

No jornal *O Globo*, de maio de 1977, o jornalista Márcio Sidnei Ehrlich escreveu uma matéria abordando o processo de criação das primeiras HQs do Sítio. Segundo ele, o Estúdio RGE:

precisou se dedicar profundamente ao estudo da obra de Lobato para não se afastar do espírito de seus contos. Por quase um ano, Sandra Siqueira, editora de texto da revista, detalhou as características de cada personagem do “Sítio”, chegando a organizar um vocabulário próprio para cada um [...].³³⁸

Machado corrobora o exposto, afirmando que a equipe de roteiristas, que era composta por profissionais das letras, escritores, editores e jornalistas, estudou a obra lobatiana para produzir as narrativas quadrinhísticas. Além disso, quando “[...] os próprios desenhistas começaram a se familiarizar com o universo lobatiano adaptado pelos colegas redatores da equipe, estes também começariam a contribuir com roteiros [...]”³³⁹.

A narrativa quadrinhística *Sítio do Picapau Amarelo*, além de adaptar os textos lobatianos, apoiou-se na série televisa. Desse modo, na história em quadrinho, a “Emília, Narizinho, Pedrinho, Dona Benta e Tia Nastácia tinham alguma semelhança com os atores que os interpretavam. Os cenários e ambientação das histórias eram bem próximos do que víamos na TV. E era isso que encantava os leitores”³⁴⁰. Os leitores/espectadores poderiam ter acesso a três produtos: o livro, a série televisa e o gibi.

Hutcheon, ao comentar sobre os atrativos econômicos das adaptações, aponta que “as formas de arte colaborativas de alto custo, como óperas, musicais e filmes, buscarão apostas seguras num público já pronto – e isso significa adaptar.

³³⁷ MACHADO, G. Entrevista concedida a José Elio da Mota Júnior e Vanessa Gomes Franca. 14 fev. 2020. Os autores agradecem ao Gustavo Machado pela entrevista concedida.

³³⁸ EHRLICH, M. S. Sítio do Picapau Amarelo: o encontro dos mundos encantados de Monteiro Lobato e das histórias em quadrinhos. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, Cultura, p. 35, 2 maio 1977.

³³⁹ MACHADO, G. Op. cit., 2020.

³⁴⁰ MACHADO apud SILVA, A. Op. cit., 2013.

Elas também buscarão maneiras de expandir o público de sua ‘franquia’³⁴¹. A forma com a qual a TV Globo, a TVE-RJ e a RGE expandiram sua franquia e, conseqüentemente, seu público foi com o lançamento dos quadrinhos do Sítio. Em abril de 1977, quando estes foram lançadas, a série televisiva, adaptada da obra infantojuvenil de Monteiro Lobato, já possuía uma audiência garantida e, assim, ficaria fácil estimular o consumo do gibi contendo novas aventuras com a turma do Picapau Amarelo. Tanto a série televisa como a história em quadrinho, adaptando os textos lobatianos, tinham um público assegurado, os leitores do Sítio.

Em relação ao número de publicações das histórias em quadrinho *Sítio do Picapau Amarelo* e o sucesso delas junto ao público leitor dentro daquele contexto, Machado afirma:

Foram 28 edições da 1ª série, de 1977 a 1979, contando ainda com almanaques e edições especiais. A segunda versão foi mais duradoura, com 36 edições regulares, de 1981 a 1984. Mas houve uma entressafra, com as edições das revistas “Emília”, “Pedrinho” e “Visconde”, ainda em 1979, já com a mudança no estilo gráfico [...]

O fato de ser um material 100% nacional, de produção onerosa, disputando os leitores nas bancas com a massiva quantidade de títulos estrangeiros – os enlatados, de custo muito menor para as editoras – ter durado tanto tempo, já seria o suficiente para considerar o “Sítio” um grande sucesso, em ambas as fases.³⁴²

Para a primeira edição da história em quadrinho *Sítio do Picapau Amarelo* (Figuras 1 e 2, a seguir), foram escritas e ilustradas sete narrativas: “A casa das nuvens”, “A máquina”, “A história do Saci”, “Dona Benta”, “Emília e a canastra”, “O soluço”, e “E o vento levou...”, em que é perceptível a liberdade, por parte da equipe de roteiristas, em (re)criar novos contextos de aventuras para as personagens lobatianas.

³⁴¹ HUTCHEON, L. Op. cit., 2011, p. 126.

³⁴² MACHADO, G. Op. cit., 2020.

Figura 1 – Capa



Figura 2 – Segunda capa



Na capa do primeiro número da história em quadrinho *Sítio do Picapau Amarelo* (Fig. 1³⁴³), há a Emília em destaque soltando, através de um canudinho, bolhas de sabão. Dentro destas, vemos o rosto de algumas das personagens do Sítio, todas sorridentes e com ar cativante, como se estivessem convidando os leitores a adentrarem naquele universo. No canto inferior direito da capa, há a seguinte frase: “GRÁTIS um adesivo colorido da EMÍLIA”. Na segunda capa (Fig. 2), em destaque, lê-se: “OFERTA DE LANÇAMENTO. / O Sítio do Picapau Amarelo, agora em quadrinhos, está dando, de graça, uma coleção de adesivos para você decorar seu caderno, sua mesa de estudo, sua pasta, o que você quiser. / Leia o Sítio do Picapau Amarelo e coleciono os personagens”. A partir desses elementos da capa e da segunda capa, percebemos uma estratégia da RGE que, utilizando-se de uma linguagem persuasiva e cativante, instiga a criança a adquirir os próximos números das HQs do Sítio, pois, comprando-os, “ganhariam gratuitamente”, adesivos das personagens do Picapau Amarelo: da Emília (nº 1), do Visconde (nº 2) e da Tia Nastácia (nº 3).

Ao lançarem os adesivos como um brinde aos leitores/consumidores, os editores tencionavam atrair/persuadir o público (provavelmente as crianças), que já assistia à série ou que conhecia a obra de Lobato, a adquirirem o gibi. À indústria do entretenimento, ao lançar algum produto, pensa em como pode

³⁴³ As imagens apresentadas neste capítulo são do acervo dos autores. A publicação das mesmas aqui foi gentilmente autorizada pela Agência Artística SS Ltda., representante exclusiva dos titulares dos direitos autorais de Monteiro Lobato, a quem os pesquisadores agradecem encarecidamente o empenho, especialmente na pessoa de Álvaro Gomes.

transformá-lo em vários outros “artigos”, como discurremos anteriormente. A intenção desse processo “é fazer com que a criança assista ao filme do Batman usando uma capa do Batman, comendo um sanduíche com o invólucro promocional do Batman e brincando com um boneco do Batman. O objetivo é envolver todos os sentidos da criança”³⁴⁴. No caso da adaptação da série e dos quadrinhos do Sítio, o propósito consistiria, possivelmente, em fazer com que os leitores da obra lobatiana assistissem a série, lessem a história em quadrinho e utilizassem os adesivos das personagens para decorar o que quisessem.

Na primeira história, intitulada “A casa das nuvens”, narra-se uma aventura em que Pedrinho, Narizinho, Visconde e Emília em companhia do Marquês de Rabió e do Conselheiro Burro Falante viajam ao céu, com o intuito de descobrirem o porquê da escassez de água no Sítio e o que estaria provocando a falta de chuva. Essa história faz referência à obra *Viagem ao Céu*, em que Emília, Visconde, Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia e Burro Falante embarcam em uma fantástica viagem pelos céus através do pó de pirlimpimpim: “Daquela brincadeira do telescópio nasceu uma ideia – a maior ideia que jamais houve no mundo: uma viagem ao céu! A coisa parecia impossível, mas era simplicíssima, porque ainda restava no bolso de Pedrinho um pouco daquele pó de pirlimpimpim [...]”³⁴⁵.

No livro *Viagem ao céu*, a turma do Sítio vai à lua, conversa com São Jorge, passeia em cometas, trazem o anjinho de asa quebrada para a terra etc. Em “A casa das nuvens”, os roteiristas ambientam as personagens de Lobato em uma situação diferente da obra citada. A liberdade dos roteiristas e desenhistas em adaptar as histórias lobatianas aos quadrinhos é ressaltada por Machado: “Os desenhistas recebiam os roteiros aprovados em laudas, onde o escritor estabelecia os diálogos e as ambientações das cenas. Tudo dividido por quadros e páginas. **Tínhamos bastante liberdade para interpretar os textos e sugerir mudanças, até**”³⁴⁶.

A liberdade dos roteiristas e desenhistas não pode ser vista como um fator de infidelidade. A adaptação não é uma cópia fiel ao texto-fonte, e não tem como sê-lo, uma vez que o processo pode envolver mídias, linguagens, culturas diferentes. Para Nagamini, “[a]daptar um texto significa reinterpretar e redimensionar aspectos da narrativa a fim de adequá-la à linguagem do outro veículo [...] a obra sofre uma atualização, provocando, às vezes, uma mudança na ambientação [...]”³⁴⁷, como vemos em “A casa das nuvens”.

Comentamos anteriormente que os roteiristas das HQs estudaram a obra lobatiana. Em “A casa das nuvens”, percebemos tal estudo a partir da caracterização das personagens, uma vez que seus traços essenciais foram preservados. Na história em quadrinho mencionada, há cenas, por exemplo, em que o Visconde carrega nas costas a canastra da Emília ou obedece, literalmente, aos mandos dela de forma resignada. Esses traços de comportamentos da boneca (o autoritarismo) e do sabugo de milho (resignação) se encontram presentes nos livros do escritor paulista.

Emília é uma das personagens que mais se destaca no conjunto da obra infantil de Monteiro Lobato. De temperamento forte, decidida, astuta, inteligente, interessada e egotista, quando lhe convém, é ela quem manda e desmanda no Sítio.

³⁴⁴ BOLTER; GRUSIN, 1999, p. 68 apud HUTCHEON, L. Op. cit., 2011, p. 128.

³⁴⁵ LOBATO, M. *Viagem ao céu*. 5. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018, p. 51.

³⁴⁶ MACHADO, G. Op. cit., 2020. Grifo nosso.

³⁴⁷ NAGAMINI, E. Op. cit., 2004, p. 36.

Quando algo não lhe parece conveniente ou justo, dá um jeito de fazer sobrepor sua vontade aos demais. No início de “A casa das nuvens”, por exemplo, Emília reclama sobre o intenso calor que estava fazendo no Sítio. Pedrinho propõe tomarem um suco, o que todos topam e cada um sugere um sabor. Emília, contudo, quer impor o sabor que sugerira: “Nada disso! Vai ser de groselha! Groselha!”³⁴⁸. Esse despotismo emiliano se encontra em *Viagem ao céu*, quando Emília insiste que pediria a Tia Nastácia para fazer um novo Visconde de Sabugosa, pois o antigo havia morrido no final de *Reinações de Narizinho*: “– Não. Há de ser hoje mesmo, porque estou com um nó na garganta de tantas saudades dessa peste. – **teimou Emília** com os olhos no toco. – E fazer um Visconde novo não é nenhum trabalho para ela – é até divertidíssimo”.³⁴⁹

São muitas as passagens das obras de Monteiro Lobato em que a boneca Emília se impõe perante os demais, fazendo prevalecer suas vontades. Em certas situações, compreende-se as atitudes dela, já em outras, percebemos se tratar de caprichos, tendo em vista que ela possui uma personalidade múltipla, irreverente, ou, como o Visconde certa vez a definiu: *sui generis*.

Ainda em “A casa das nuvens”, quando Emília, Narizinho e Pedrinho procuram Dona Benta, a fim de saber o que fazer para resolver o problema da falta de água/chuva, ela lhes diz que algo “deve estar acontecendo no céu, mas que eles não podem fazer nada, somente esperar. Ao ouvir a resposta de Dona Benta, Emília diz: “Esperar? Esperar uma ova!”³⁵⁰. A boneca de pano não se conforma em esperar que a questão da falta de chuva se resolva sozinha, pelo contrário, ela e o pessoal do Sítio vão à casa das nuvens. Emília consegue resolver a problemática da falta de chuva contando uma história de amor às nuvens: “Então os pais da nuvenzinha acabaram consentindo no casamento... E os dois foram muito felizes e tiveram muitas nuvenzinhas!”³⁵¹. As lágrimas que as nuvens derramaram por sentirem emoção devido à história que Emília lhes contara, transformaram-se em chuva, acabando com a seca que estava assolando o Sítio.

Ao final da narrativa quadrinhística, as demais personagens percebem que Emília está chorando e ela diz: “É... É por causa daquela história! **Eu também não resisto a uma novela**”³⁵². Pela fala da boneca, verificamos que os roteiristas do gibi contextualizavam as narrativas para o leitor daquela época. Desse modo, quando Emília diz que não resiste a uma novela, provavelmente estava se referindo às telenovelas da Globo, que, naquela década (1970), faziam bastante sucesso entre o público, levando-o a se emocionar, como ocorreu com as nuvens após ouvirem a história da Emília. Essa contextualização pode ser vista como uma forma de levar o leitor das HQs a assistir as novelas produzidas pela Globo.

Em “A história do saci”, baseada no livro *O saci* – única obra em que essa personagem aparece –, Pedrinho vai à procura do Tio Barnabé tendo Narizinho como companheira, a fim de saber se saci existe. Ao chegarem ao rancho de Tio Barnabé, este lhes conta quem é o Saci, como nasce, o modo de pegá-lo e de fazê-lo escravo etc. Depois de ouvirem tudo, os dois retornam ao Sítio e o menino diz à menina que não acreditara nas histórias narradas pelo preto velho. No entanto,

³⁴⁸ *SÍTIO do Picapau Amarelo*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, abr. 1977.

³⁴⁹ LOBATO, M. Op. cit., 2018, p. 15. Grifo nosso.

³⁵⁰ *SÍTIO do Picapau Amarelo*. Op. cit., 1977, p. 7.

³⁵¹ *Ibidem*, p. 14.

³⁵² *Ibidem*, p. 16. Grifo nosso.

ao afirmar isso, leva uma pedrada na cabeça e, ao olhar para frente, vê seu bodoque no chão, o que lhe causa espanto, já que ele “havia sumido”, como outros objetos da casa do Sítio. Por meio das ilustrações (Fig. 3), o leitor visualiza em um quadro, Narizinho e Pedrinho andando e conversando e, no canto direito, uma mão negra, que segura um cachimbo, e um pedaço de um gorro vermelho; no quadro seguinte, no canto esquerdo, uma mão negra estica um bodoque, fazendo posição de mira em Narizinho e Pedrinho. Esses quadros fazem o leitor inferir, então, que as histórias de Tio Barnabé são reais e que o Saci existe.



Figura 3 – Quadros de “A história do Saci”

No texto literário *O saci*, Pedrinho vai à casa do Tio Barnabé sozinho, conforme o excerto a seguir evidência: “Pedrinho não disse nada a ninguém e foi vê-lo. Encontrou-o sentado, com o pé direito num toco de pau, à porta de sua casinha, aquecendo sol”³⁵³. De acordo com Hutcheon³⁵⁴, nas adaptações de contos, o trabalho do adaptador, por vezes, é o de estender as fontes. Já o do adaptador de romances, geralmente, é o de um ato cirúrgico, ou seja, um corte. À vista disso, possivelmente, a mudança em alguns aspectos da narrativa do livro se deva ao fato de este possuir por volta de 180 páginas (na versão da editora Biblioteca Azul), e a narrativa quadrinhística, 10.

Citamos anteriormente que, em suas obras, Lobato propõe o abraqueiramento da linguagem, das personagens, o que significa evidenciar as culturas, costumes e crenças locais. Em algumas passagens tanto do livro *O saci* como da HQ “A história do saci”, constatamos que a linguagem de Tia Nastácia e de Tio Barnabé possui um tom mais coloquial do que a das demais personagens, provavelmente para dar verossimilhança à sua condição social. No entanto, há poucos momentos em que Lobato utiliza esse recurso no livro. Neste, quando ocorre algum desvio da língua padrão, esse é grifado entre aspas, como se observa no excerto:

– Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que “exeste”. Gente da cidade não acredita – mas “exeste”. A primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade.
[...]

³⁵³ LOBATO, M. *O saci*. 3. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 29.

³⁵⁴ HUTCHEON, L. Op. cit., 2011, p. 44.

– Como não hei de saber tudo, menino, se já tenho mais de oitenta anos? Quem muito “veve”, muito sabe!...³⁵⁵

Na narrativa quadrinística, Tia Nastácia e Tio Barnabé também utilizam uma linguagem fora dos moldes normativos da língua padrão. O diálogo entre este e Pedrinho apresenta algumas marcas da coloquialidade do falar de Tio Barnabé, contudo, não há grifo, como no livro de Lobato: “Pois é seu Pedrinho... A gente da cidade não aquerdita, mas eu juro que saci existe”³⁵⁶; “Vancê espera um dia de vento forte, rodameinhando rodameinhando de poeira e foia seca” / “... E joga uma penera em cima dele! Adispois é só tirá a carapuça, que é adonde tá toda a força do saci...”³⁵⁷.

No caso de Tia Nastácia, evidenciamos esse “desvio” da norma-padrão por meio do trecho: “E-eu num sei... E nem quero sabê!”³⁵⁸. Na história “A casa das nuvens”, também vemos o uso da linguagem coloquial por Tia Nastácia. Além disso, em determinado momento, a personagem é “corrigida” por Emília. Nastácia afirma: “Deixa o animal falá! Que menina impertente!”, ao que Emília responde: “Impertinente, Tia Nastácia!”³⁵⁹.

Sandra Siqueira, editora de textos da HQ *Sítio do Picapau Amarelo*, para elaborar a grafia das falas de Tia Nastácia e Tio Barnabé, pesquisou por meio dos livros “da coleção Cadernos de Folclore como Ticumbi, de Guilherme Santos Neves e trabalhos de Câmara Cascudo [...] como os estudiosos grafam as falas colhidas em suas pesquisas sobre o linguajar do negro em manifestações populares”³⁶⁰. Ainda sobre as falas dessas personagens, Luiz Felipe Aguiar, editor da HQ e diretor do Estúdio RGE, comenta:

– Nós apenas fomos fiéis a Monteiro Lobato. Se a Tia Nastácia fala assim, seria muita presunção nossa colocá-la falando um bom português. Eles se exprimem num português ligado à realidade deles. Se mudarmos, estaremos modificando o personagem, e isso seria trair o espírito de Monteiro Lobato. Penso que qualquer pessoa de bom senso verá aquelas falas perfeitamente naturais naqueles personagens³⁶¹.

Na fala de Luiz Felipe Aguiar, percebemos algo interessante a respeito da adaptação. Para o editor do *Sítio do Picapau Amarelo*, a equipe da RGE, ao realizar determinadas escolhas, procurou não trair o espírito de Lobato. Desse modo, ao preservarem as falas coloquiais de Tia Nastácia e de Tio Barnabé vistas nos livros, os adaptadores intentavam ser “fiéis” ao espírito lobatiano, o que corrobora o pensamento exposto por Hutcheon: “Vários críticos profissionais e membros do público recorrem igualmente à [...] noção do ‘espírito’ de uma obra ou de um artista; o sucesso da adaptação dependeria, pois, da captura e veiculação desse ‘espírito’”³⁶².

Notamos um tom humorístico nos quadrinhos do Saci, tanto nos textos como ilustrações, o que proporciona um teor de descontração durante a leitura, tornando a leitura leve e divertida para o leitor. Esse traço não ocorre na obra *O*

³⁵⁵ LOBATO, M. Op. cit., 2016, p. 29-31.

³⁵⁶ *SÍTIO do Picapau Amarelo*. Op. cit., 1977, p. 25.

³⁵⁷ *Ibidem*, p. 28.

³⁵⁸ *SÍTIO do Picapau Amarelo*. Op. cit., 1977, p. 23.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 5.

³⁶⁰ Apud EHRlich, M. S. Op. cit., 1977, p. 35.

³⁶¹ *Ibidem*, idem.

³⁶² HUTCHEON, L. Op. cit., 2011, p. 32.

saci, em que predomina um tom mais “sério”, talvez pela proposta e estrutura da história. Ademais, no livro lobatiano, há a apresentação da Cuca, uma bruxa que transforma Narizinho em pedra. A menina só volta à forma humana graças à intervenção do Saci, pego por Pedrinho. Na HQ, a Cuca não participa da história.

As demais histórias do gibi também seguem a linha do humor, mostrando as personagens em situações cômicas e inusitadas, como em “E o vento levou...”, o que seduz o leitor. Lia Cupertino Duarte comenta que, nas obras infantis de Lobato, o humor se revela “sob várias formas: nas falas do narrador, na linguagem, na exploração dos aspectos semânticos das palavras, no *nonsense*, na paródia, nas comparações, na ironia, no cômico de situação, na inversão/subversão da ordem, no grotesco e na construção das personagens”³⁶³. Nas histórias “A máquina”, “Emília e a canastra” e “O soluço”, em que a narrativa se faz predominantemente por meio das imagens e dos recursos característicos dos quadrinhos (onomatopeias; balões; interjeições; recursos gráficos para representar as expressões fisionômicas de raiva (Fig. 4), de ardileza (Fig. 5), de alegria, de medo, e ações e movimentos, como fumaça, estrelas, traços em paralelo), o humor é estabelecido por meio do cômico das situações vivenciadas pelas personagens e pelas ilustrações.



Figura 4 – Quadro de “A máquina”



Figura 5 – Quadro de “Emília e a canastra”

³⁶³ DUARTE, L. C. *Lobato humorista: A construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2006, p. 43.

A narrativa quadrinhística “Dona Benta” possui apenas uma página, oito quadros e somente três falas, compondo-se, majoritariamente, pelas ilustrações. Nela, a personagem está sentada tricotando, enquanto é observada, sem saber, por uma aranha. O aracnídeo, por meio de um fio, desce até a avó de Narizinho e Pedrinho, a fim de visualizar melhor o que ela está fazendo. Posteriormente, sobe pelo fio e chama a atenção de Dona Benta. Quando esta olha para cima, a aranha, que está deitada em sua teia, diz: “E sem agulhas!”³⁶⁴. Verificamos que, nesta história, o humor se faz pelo cômico da situação, pela semântica constituída pelo aspecto do visual e pela comparação das atividades realizadas por Dona Benta e pela aranha, que são simbolicamente semelhantes (Fig. 6).



Figura 6 – Quadro de “Dona Benta”

Conforme verificamos, a adaptação quadrinhística da obra de Monteiro Lobato, proposta pela equipe da RGE, tentou ser “fiel” ao “espírito” lobatiano, como, por exemplo, quando retrata o linguajar de Tio Barnabé e Tia Nastácia, que possui um tom mais coloquial, preservando as características das personagens. No entanto, a adaptação também procurou atualizar as narrativas e as personagens, consoante observamos na fala de Emília ao final de “A casa das nuvens” sobre não resistir a uma novela, o que pode ser tratado como uma maneira de levar o leitor das HQs a assistir os folhetins da Rede Globo. Além disso, a publicação da adaptação quadrinhística, associada à série televisiva e ao lançamento de adesivos, coloca em evidência o intuito de instigar os leitores/telespectadores a consumirem os produtos que levavam a marca “Sítio do Picapau Amarelo”, assegurando um público ávido por novas aventuras com a turma do Picapau Amarelo.

Adaptações: o florescer das obras lobatianas

Independente de época e/ou contexto, o Sítio do Picapau Amarelo é atemporal, permitindo constantemente novas adaptações. A respeito disso, Gleiton Cândido de Souza afirma que, no decurso do tempo, o Sítio do Picapau Amarelo foi adaptado “dialogando com a tradição, ou seja, com a obra literária que deu

³⁶⁴ *SÍTIO do Picapau Amarelo*. Op. cit., 1977, p. 32.

origem ao seriado, com a tradição popular brasileira, bem como com a forma pela qual o texto foi transformado em um produto do meio midiático, que evoluiu em termos tecnológicos com o passar dos anos”³⁶⁵.

Sítio do Picapau Amarelo nº 1 (1977), a primeira revista em quadrinhos adaptada da obra infantil lobatiana, está inserida em um contexto distinto daquele no qual Monteiro Lobato escrevia e publicava suas obras. No entanto, a magia e o encantamento constam em ambas as mídias (obras literárias e gibis), uma não exclui a outra e vice-versa, pelo contrário, podem se complementar, ampliando a capacidade leitora de crianças e jovens, mantendo a imaginação e a criatividade sempre acesas.

Os adaptadores do *Sítio do Picapau Amarelo*, ao transportarem o mundo lobatiano para os quadrinhos, apropriaram-se das narrativas lobatianas e de suas personagens, criando diferentes situações narrativas daquelas encontradas nos livros literários ou na série televisiva. Processo semelhante efetuou Monteiro Lobato, quando inseriu as personagens dos contos de fadas, do mundo das fábulas e da mitologia no universo do Sítio, levando-as a viver aventuras distintas das que estão em suas respectivas histórias-fonte. Como os contadores de histórias, os adaptadores (re)contam os textos a sua maneira. Hutcheon salienta que as histórias são (re)contadas de variadas formas, “através de novos materiais e em diferentes espaços culturais; assim como os genes, elas se adaptam aos novos meios em *virtude da mutação* – por meio de suas ‘cópias’ ou adaptações. E as mais aptas fazem mais do que sobreviver, elas florescem”³⁶⁶, como as obras lobatianas.

³⁶⁵ SOUZA, G. C. de. Tradição e contemporaneidade nas adaptações do Sítio do Picapau Amarelo. In: 15º Encontro ABRALIC. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2016, p. 4296.

³⁶⁶ HUTCHEON, L. Op. cit., 2011, p. 59.

CAPÍTULO 10 – Purezinha Monteiro Lobato: companheira de vida e obra

Raquel Endalécio Martins

Por que estudar Purezinha Monteiro Lobato?

Dois perguntas que ouvimos muitas vezes durante o desenvolvimento da pesquisa foram: “Por que escolher a mulher do Monteiro Lobato como objeto de pesquisa? Ela também era escritora?” Quando respondíamos que não, que Maria da Pureza era dona de casa, logo vinha outra pergunta: “Mas então, o que ela tem a ver com literatura?”.

Talvez as perguntas de nossos interlocutores se articulem com uma certa tradição dos estudos literários.

Por muito tempo eles se debruçaram sobre as obras ou sobre a vida dos escritores como objeto privilegiado de análise. No caso específico de Monteiro Lobato, estas tendências podem ser magnificamente exemplificadas já por títulos como *Monteiro Lobato, vida e obra* (Edgard Cavalheiro, 1955), *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos* (Nelson Palma Travassos, 1974 [1964]), *Itinerários intelectuais: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación* (Regina Crespo, 2004) e *Presença de Monteiro Lobato* (Éliana Yunes, 1982).

Cavalheiro é um dos primeiros autores que se ocupou da biografia de Monteiro Lobato, recebendo do próprio biografado a seleção de documentos para sua pesquisa – o que talvez sugira que Lobato o escolheu para esta tarefa.

Em um livro de dois volumes, Cavalheiro narra a vida e a carreira do escritor paulista e começa assim:

A noite é límpida e estrelada. Uma leve aragem enfuna suavemente as cortinas do amplo dormitório. Do quintal chegam rumores das mangueiras acariciadas pelo vento. A cidade de Taubaté dorme. Mas no casarão de José Francisco Monteiro, há movimento pelos longos corredores, e as vozes em surdina mal conseguem abafar os débeis gemidos que partem do quarto onde Olímpia, testa banhada em suor, aguarda o filho tão ansiosamente desejado (CAVALHEIRO, 1955, p. 17).

A narração romanceada do nascimento de Monteiro Lobato embala o leitor para conhecer outros fatos de sua vida e a formação da carreira do escritor paulista. Cavalheiro conta sobre a mudança do escritor para São Paulo e a participação dele na *Revista do Brasil*:

Não é nome ignorado nos meios intelectuais da Paulicéia. Pelo contrário, há mais de um ano que sua presença vinha fazendo sentir, de maneira muito especial, não só através da intensa colaboração n’ “O Estado de São Paulo”, mas principalmente na “Revista do Brasil”, fundada em janeiro de 1916, por um grupo de paulistas, com Julio de Mesquita, Luis Pereira Barreto e Alfredo Pujol à frente. Mensário de ciências, letras, artes, história e atualidades, a “Revista do Brasil” se impusera desde o primeiro número pelo excelente critério redatorial. Tornara-se mesmo o mais lido, o mais importante veículo cultural do país (CAVALHEIRO, 1955, p. 187).

O uso de adjetivos e de expressões como “não é nome ignorado entre os intelectuais”, “sua presença vinha fazendo sentir” e “o mais importante veículo cultural do país” vão construindo a imagem de um Lobato imponente que

participa de um grande projeto intelectual – a Revista do Brasil – que mais tarde adquire e transforma em sua editora. Tudo é grande na obra de Cavaleiro e a vida de Lobato tem caráter estelar.

Outra obra posterior, de 1974, *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*, traz a biografia de Monteiro Lobato a partir da perspectiva de Nelson Palma Travassos, admirador que – como Cavaleiro – também conheceu o escritor de *Urupês* pessoalmente. Em uma “nota de advertência” Travassos informa:

Procurei neste livro, mostrar José Bento Monteiro Lobato íntimo – como era e agia. Tentei também interpretá-lo dentro das suas múltiplas personalidades. // Não desejei escrever biografia nos moldes clássicos, porque já o foi admiravelmente realizado por Edgar Cavaleiro. // Este pois, é um volume de memórias e opiniões (TRAVASSOS, 1974, p. II).

Mas se a vida e a obra de Lobato subsidiaram estudos tão representativos na segunda metade do século XX (algumas décadas depois da morte do escritor em 1948), já no início do século XXI, fora das fronteiras do Brasil, Regina Crespo desenvolve sua pesquisa de doutorado (que se transforma em livro) comparando as figuras públicas José Vasconcelos, “criador e mecenas do muralismo mexicano” e Monteiro Lobato, “precursor da indústria cultural do Brasil”.

A análise de Crespo alterna capítulos que apresentam semelhanças e particularidades da vida de cada intelectual no seu país de origem. Descrevendo as considerações finais de sua tese na introdução, a autora explica:

En las consideraciones finales, busqué establecer un cuadro comparativo entre las ideas de Lobato y Vasconcelos como intelectuales y hombres públicos de países periféricos. La asociación que Lobato y Vasconcelos establecieron entre sus fracasos personales y lo que consideraban, de manera a veces melancólica y a veces colérica, como el fracaso nacional, sirve como punto de partida no sólo para reflexionar sobre el México y el Brasil que les tocó vivir, sino también sobre los rumbos de cada país, en términos políticos, culturales y económicos (CRESPO, 2004, p. 15).

Considerando estudo como estes, percebemos que é mais recente o interesse dos estudos literários por outros aspectos do mundo da literatura, tais como relações de influências, recepção, materialidade, intertextualidade e condições de produção do texto. São exemplos deles: *Monteiro Lobato livro a livro: Obra infantil* (2008) organizado por Marisa Lajolo e João Luis Ceccantini; *Monteiro Lobato livro a livro: Obra adulta* (2014) organizado por Marisa Lajolo; tese *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato: 1918-1925* (2007) de Cilza Bignotto e tese *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*, de Emerson Tin³⁶⁷.

Os livros *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil* e *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta* comentam o processo de edição de cada obra de Monteiro Lobato. No texto de apresentação de 2008, os autores explicam:

³⁶⁷ Cf. LAJOLO, M. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro: Obra adulta*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2014; LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2008; TIN, E. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 535 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007; BIGNOTTO, Cilza C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 421 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

As discussões que propomos neste Monteiro Lobato livro a livro pretendem abrir rumos para novas pesquisas – ou simplesmente para novas leituras – dos livros e do autor das histórias do Sítio. Seus capítulos recobrem, de forma instigante e às vezes polêmica, um espectro bastante amplo das questões que vêm pontuando o pensamento brasileiro e encontrando expressão na nossa melhor literatura. Formas de apropriação de diversas matrizes culturais, renovação da linguagem no contato com diferentes formações discursivas, consciência aguda da materialidade do texto, dialética sinuosa entre realidade e ficção, horizonte da história internacional bem como diálogo constante com os vários Brasis de seu tempo fazem parte do Monteiro Lobato que este livro propõe (LAJOLO; CECCANTINI, 2008, p. 9).

A tese de Cilza apresenta as inovações presentes na atividade editorial de Monteiro Lobato nos anos de 1918 a 1925, como uma eficiente rede de distribuição livreira. Em sua conclusão Bignotto sintetiza “Acompanhamos o desenvolvimento da figura do editor, que passou a reunir as atribuições de não apenas imprimir ou vender uma obra, mas cuidar de sua distribuição, de sua publicidade, e mesmo de sua produção junto ao autor” (BIGNOTTO, 2007, p. 402).

Emerson Tin defende em sua tese que Monteiro Lobato constrói várias imagens dele em sua correspondência variando de acordo com o destinatário, a circunstância, o tempo, o lugar e os objetivos das cartas.

É particularmente em relação a este último tópico que esta pesquisa se desenvolve, a partir da noção de sistema literário, apresentada por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1959). No texto, o autor traz à baila novos elementos para os estudos literários, que se relacionam entre si, visualmente representados por um triângulo, no qual cada um dos vértices representa um dos elementos basilares do sistema: autores, leitores e obras. Nas palavras de Antonio Candido, um sistema literário configura-se por:

um conjunto de *produtores literários* mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de *receptores*, formando os diferentes tipos de público [...], um *mecanismo transmissor* (de modo geral uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns a outros (CANDIDO, 2010, p. 25).

No desenvolvimento desta hipótese, nas últimas décadas, os estudos de Literatura têm aumentado os limites de seu corpus, expandindo seu objeto de pesquisa, identificando e discutindo elementos que fazem a mediação entre os vértices do triângulo. Nesta linha, além da tríade autor, obra e público, estudos literários tem-se ocupado também de outros sujeitos como explica Cida Golin:

A história da literatura, ao longo do tempo, ampliou suas fontes de pesquisa. Do escritor como figura central dos estudos à imanência do texto ficcional, ela expandiu-se pelos vértices do sistema literário, pelos leitores, pelo material original que acompanha a produção de uma obra de arte. Esse estudo privilegia a visão de sujeitos paralelos ao circuito oficial da literatura, ligados a ele somente pela circunstância de serem companheiras de vida de escritores de relevância nacional (GOLIN, 2002, p. 108).

Nesse contexto, surgiram as pesquisas sobre mulheres de escritores, buscando trazer a figura da esposa ao processo de criação da obra, nos sugerindo novas nuances de interpretação. Sobre o tema a autora ainda escreve:

A rotina de trabalho do escritor, no espaço ordenador da moradia, está imersa na temporalidade das ações fragmentadas. Na residência, região de forte ingerência, feminina, as mulheres reivindicam para si a retaguarda do ato criativo, seja na interferência direta no trabalho do marido, seja na organização

prática do ambiente da escrita, local respeitado no cotidiano doméstico (GOLIN, 2002, p. 107).

Como Golin comenta no trecho anterior, muitas mulheres decidem assumir a retaguarda do ato criativo, elas ocupam a posição “por trás dos bastidores” enquanto seus maridos ficam sob as luzes – isso pode se dar por uma escolha, como aponta Golin, ou mesmo como fruto de uma configuração social onde homens tinham mais espaço que mulheres no meio literário. Esse foi o caso de Purezinha, esposa do escritor Monteiro Lobato, que o acompanhou por mais de quarenta anos.

Mas, quem era Purezinha?

Maria da Pureza de Gouvêa Natividade nasceu dia 7 de agosto de 1885 em Taubaté e faleceu em São Paulo em 1959³⁶⁸. Em 28 de março de 1908, casou-se com Monteiro Lobato (1882-1948) passando então a incluir Lobato em seu sobrenome.

Maria da Pureza era filha de Francisco Marcondes de Gouvêa Natividade e de Brázilia de Castro Natividade. Purezinha – como era chamada em família e assinava sua correspondência – era primogênita de muitos irmãos e irmãs: Eneas Natividade, Oscar Natividade, Paulo Natividade, Cesarino Natividade, Heloísa Natividade, Noêmia Natividade, Ana Delfina Natividade³⁶⁹. Teve quatro filhos: Martha (1909-1996), Edgar (1910-1943), Guilherme (1912-1938) e Ruth (1916-1972).

Apesar de ser esposa de uma figura tão famosa como Lobato, encontram-se poucas informações sobre ela. No entanto, podemos conhecer uma “imagem de Purezinha” pelo que relativamente a ela consta, por exemplo, da correspondência ativa do escritor, a saber: *A barca de Gleyre* (1944), *Cartas escolhidas* (1959), *Cartas de amor* (1969), *Quando o carteiro chegou* (2006) e manuscritos depositados no *Fundo Monteiro Lobato* (CEDAE/UNICAMP), além da biografia do escritor.

E debruçando-nos na correspondência lobatina, encontramos atrelados à biografia de Purezinha dados importantes que devem ser considerados em atuais discussões sobre a obra do autor como “o racismo” e “o impasse com os modernistas da Semana de 1922”. Estes são apenas alguns temas que o estudo da biografia de Purezinha pode iluminar no que diz respeito a esse tão representativo escritor brasileiro.

Purezinha Monteiro Lobato: a mulher do escritor

Purezinha era filha de Francisco Marcondes Gouvêa Natividade, que foi professor em um curso Anexo à Faculdade de Direito em São Paulo. Seu avô também era professor: Antonio Quirino Souza e Castro (1837-1920) – ou Dr. Quirino – trabalhou no Colégio São João Evangelista em Taubaté, foi advogado e mestre de Monteiro Lobato.

É, assim, em uma família com tradição de professores homens, que nasce a professora Maria da Pureza de Gouvêa Natividade. O magistério constituía, na época, profissão de vanguarda para as mulheres (CATANI et al, 1997) e a escolha pode ter sido resultado da influência do pai e do avô. Mas, talvez também se incluía,

³⁶⁸ Naturalidade informada nos registros disponíveis no Cemitério da Consolação em São Paulo, capital confirmam informação disponível em *Quando o carteiro chegou: Cartões postais a Purezinha*. Organização e apresentação de Marisa Lajolo transcrição e notas de Emerson Tin. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 89.

entre os fatores que levaram Purezinha a ser uma profissional do ensino, um certo veio politicamente engajado de um de seus parentes.

Um dos tios de Purezinha (irmão de seu avô Dr. Quirino), era ninguém menos que o abolicionista Antonio Bento (1843-1898), famoso pela luta contra a escravidão e a interceptação de escravos. Antonio Bento formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, foi promotor público em Botucatu e Limeira, e juiz em Atibaia, onde foi responsável pela libertação de escravos que foram contrabandeados após 1831, ano em que foi promulgada a lei que proibia a importação de escravos:

A Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os Subditos do Imperio, que a Assembléa Geral Decretou, e Ella Sancionou a Lei seguinte: Art. 1º Todos os escravos, que entrarem no territorio ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres. Exceptuam-se: 1º Os escravos matriculados no serviço de embarcações pertencentes a paiz, onde a escravidão é permittida, emquanto empregados no serviço das mesmas embarcações. // 2º Os que fugirem do territorio, ou embarcação estrangeira, os quaes serão entregues aos senhores que os reclamarem, e reexportados para fóra do Brazil. // Para os casos da excepção nº 1º, na visita da entrada se lavrará termo do numero dos escravos, com as declarações necessarias para verificar a identidade dos mesmos, e fiscalisar-se na visita da sahida se a embarcação leva aquelles, com que entrou. Os escravos, que forem achados depois da sahida da embarcação, serão apprehendidos, e retidos até serem reexportados. (LEI, 1831).

Dilson Lages Monteiro, em seu portal literário *Entretextos* registra alguns aspectos da biografia de Antonio Bento:

Voltou a São Paulo em 1877, onde reorganizou a Confraria de Nossa Senhora dos Remédios e em 1880 conhece Luís Gama, negro e líder do movimento emancipador dos escravos na então Província de São Paulo. // Com a morte de Luís Gama em 24 de agosto de 1882, Antônio Bento assume a liderança do movimento abolicionista paulista (MONTEIRO, 2009).

O tio-avô de Purezinha foi também redator-chefe e provedor do jornal *Redenção*³⁷⁰. Segundo texto divulgado pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo:

A ele era atribuída a liderança do movimento abolicionista conhecido por “Ordem dos Caifazes”, grupo clandestino que promovia ações de resgate de escravos, escondendo e contrabandeando-os para lugares mais seguros, como o quilombo do Jabaquara, em Santos³⁷¹.

Ao lado de Antonio Bento, outra figura notória na família de Purezinha é René de Castro Thiollier (1882-1968). Ele foi advogado, escritor e intelectual fortemente envolvido com o grupo modernista paulista. Tornou-se, mesmo, um dos mecenas do Modernismo, responsável, por exemplo, pelo aluguel do Teatro Municipal de São Paulo para o evento da Semana de Arte Moderna de 1922.

³⁷⁰ O jornal abolicionista circulou com regularidade em São Paulo de 2 jan. 1887 até a promulgação da Lei Áurea, em 13 maio 1888. Após essa data foram publicados alguns números em caráter comemorativo. O último da coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) é de 13 maio 1899. *A Redenção* foi jornal combativo, de cunho manifestamente popular, repleto de ataques a fazendeiros, políticos e a outros jornais que defendiam a instituição escravista. Fonte: JORNAL A Redenção ganha título de Patrimônio da Humanidade.

³⁷¹ *Ibidem*.

Thiollier era primo de segundo grau de Purezinha, filho do francês Alexandre Honoré Marie Thiollier e de Fortunata de Sousa e Castro Thiollier – irmã de Antonio Bento.

Valter Cesar Pinheiro, expõe em sua tese:

A família de Fortunata opôs-se ferozmente ao relacionamento da jovem com um rapaz grenoblois³⁷² de um lado, uma paulista de quatro costados; de outro um simples empregado da casa Garraux. Resistência vencida, Alexandre Honoré e Fortunata casaram-se em 1879 e tiveram dois filhos, René e Marcelo (PINHEIRO, 2014, p. 14).

O pai de René era funcionário da famosa casa Garraux, uma livraria acadêmica em São Paulo que atuou entre as décadas de 1860 a 1930. Alexandre Thiollier, era um francês sem ascendência aristocrática e, como se lê no texto de Pinheiro acima transcrito, teve certa dificuldade em cortejar Fortunata de Souza e Castro, membro de importante família paulistana.

Sobre a família de Fortunata, Pinheiro acrescenta ainda:

Fortunata tinha três irmãos e irmãs: Antonio Quirino, advogado e professor em Taubaté, (avô de Purezinha, esposa de Monteiro Lobato); Clementino, juiz, ministro do Tribunal e Presidente da Intendência; Antonio Bento, o mais conhecido dos irmãos, advogado e abolicionista (a quem René Thiollier dedicaria um estudo histórico-biográfico, *Um grande chefe abolicionista, Antonio Bento*, publicado em 1932); Cerina, baronesa de Itapetinga e Tatuí, proprietária de uma mansão na Praça do Patriarca (cortada para a construção do Viaduto do Chá); Ana, esposa de José Maria Lisboa, fundador e proprietário do *Diário Popular*; e Clementina, casada com Belizário Francisco Caldas. Clementina e Belizário são os pais de Sylvia Teixeira de Carvalho, prima e futura esposa de René Thiollier (PINHEIRO, 2014, p. 14).

Como se vê, entre membros da família de Purezinha, cultivavam-se interesses diversos que se estendiam da militância política de seu tio-avô Antonio Bento ao envolvimento com a vanguarda artística brasileira de seu primo René de Castro Thiollier.

Tais observações tornam curioso pensar que no encontro e casamento de Purezinha com Monteiro Lobato consorciavam-se duas famílias com valores à primeira vista (talvez não apenas à primeira vista?) conflitantes: de um lado temos a família de Monteiro Lobato, neto do Visconde de Tremembé, um fazendeiro aristocrata e de outro a família de Purezinha, tendo entre seus membros um dos principais abolicionistas do país. Outro paralelo que podemos estabelecer é sobre a orientação intelectual de Purezinha e Lobato: o escritor brasileiro é acusado até hoje de retrógrado, antiquado e conservador, por não ter apoiado os modernistas em 1922 e tinha na família da esposa um dos patrocinadores do evento que deflagra o movimento.

Como seria a relação entre essas famílias? Até mesmo Lobato e Purezinha teriam vivido algum impasse ou discordância a respeito do tema? E sobre a obra de Lobato, nos últimos anos, presenciaram-se muitos debates sobre o aceite de seus livros infantis na escola por serem considerados por alguns de conteúdo racista³⁷³ –

³⁷² Grenoblois: originário de Grenoble, cidade francesa. *DICIONÁRIO Larousse*.

³⁷³ Os artigos de José Carlos Sebe Bom Meihy (reunidos em *O outro Lobato: Juca Tatu Taubaté-SP*: UNITAU, 2012) discutem contextos e percursos das acusações a Lobato de racismo. A seguir, trecho do *Parecer do Conselho Nacional de Educação* (CNE/CEB Nº: 15/2010), que considerou a obra *Caçadas de Pedrinho* (1930) como inadequada à sala de aula por conter trechos racistas. O parecer recomenda que: “A obra CAÇADAS DE

o que acharia Antonio Bento a respeito se estivesse vivo na época das publicações de Lobato?

Pensamos que a partir desta pesquisa, podemos subsidiar novas hipóteses sobre as relações intelectuais paulistas no início do século XX, como por exemplo que havia muito mais que a dicotomia “Monteiro Lobato versus modernistas” presente nos livros didáticos, ou a ideia disseminada de um Lobato racista a partir da leitura descontextualizada de seus textos. Por outro lado, sabemos que as respostas para as perguntas citadas no parágrafo anterior não são claras – algumas nem possíveis de se ter, mas o fato é que Lobato e Purezinha namoraram e se casaram, e o encontro deles, segundo Edgard Cavalheiro, biógrafo de escritor, foi na casa do Dr. Quirino:

[...] presença de uma jovem – Maria da Pureza Natividade – que viera da Capital passar uma temporada em casa do avô, o velho Dr. Quirino. A moça é bela, muito clara, “branca como pétala de magnólia, linda” e os rapazes do lugar se apressam em fazer-lhe a corte. Entre eles Lobato, que fora aluno do avô, o Dr. Quirino, a quem agora procura sob o pretexto de jogar xadrez (CAVALHEIRO, 1955, p. 123-124).

Algumas cartas de Monteiro Lobato confirmam as informações do biógrafo, com menos romantismo e mais objetividade que o texto de Cavalheiro. Em carta de 1906, o rapaz – jovem bacharel em direito – comunica seu noivado a Godofredo Rangel (1884-1951) amigo com quem manteve correspondência por toda a vida, cartas publicadas parcialmente em *A barca de Gleyre* (1944):

Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do Doutor Natividade que te examinou em Aritmética no Curso Anexo, minha prima longe³⁷⁴, professora complementarista, loura, branca como pétala de magnólia, linda (Carta de Taubaté mar. 1906 - LOBATO, 2010, p. 106).

O fato de Purezinha ser professora estabelece outro vínculo sugestivo entre a família Gouveia Natividade e a de Monteiro Lobato. Edgard Cavalheiro assim registra a identidade da avó materna do escritor:

Uma das aventuras do Visconde deu-se com Anacleta Augusta do Amor Divino, jovem e humilde professora de primeiras letras. Dessa ligação nascem dois filhos: Olímpia e José Francisco (CAVALHEIRO, 1955, v. 1, p. 22).

É, assim, por Anacleta – mãe de Olímpia Augusta Monteiro Lobato – que se fortalecem, contemporaneamente, discussões relativas a uma possível ascendência negra de Monteiro Lobato. O sobrenome de sua avó materna (do Amor Divino) –

PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil”. Esse parecer foi reexaminado pelo Parecer CNE/CEB 6/2011 que indica “naturalmente, como toda leitura escolar, o livro será lido sob a supervisão de um professor que, como leitor maduro, saberá mostrar que trechos isolados não compõem uma obra e que na literatura não é a soma das partes que fazem o todo. Também não deixará de aproveitar para discutir com os seus alunos os aspectos da realidade que a obra busca representar, articulando a leitura do livro com outras leituras e com o próprio cotidiano da escola, do bairro, da cidade e do país. São critérios de avaliação: a qualidade textual, a adequação temática, a ausência de preconceitos, estereótipos ou doutrinações, a qualidade gráfica e o potencial de leitura considerando o público-alvo.”. *PARECER do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB Nº 15/2010)*.

³⁷⁴ No caderno de anotações de Purezinha, na genealogia da família registrada por ela, os dois têm tataravós em comum: o Sargento Mór Manuel de Moura Fialho e Anna Mar, condes de Oliveira, casados em 1827. Fonte: Acervo Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, São Paulo.

pela sua forte carga semântica cristã – identifica-se com procedimentos de que lançavam mão escravos e ex-escravos que careciam de sobrenome³⁷⁵.

Em carta³⁷⁶, que Lobato enviou à amada, dias após o noivado, ele reclama da demora da noiva em responder:

Esprei hoje a resposta da minha de sábado, mas o carteiro chegou de mãos vazias, enchendo-me de tristeza. Vi que de tua parte nenhuma pressa existe em proporcionar-me momentos felizes que serão os em que te ler. Paciência! Esperemo-la para amanhã (Carta de 24 set. 1906 - LOBATO, 2011, p. 28).

O tema é recorrente: já no dia seguinte, 25 de setembro, o jovem noivo reclama mais uma vez da demora, ameaçando, em um PS, devolução dos cartões postais que recebera dela. A ameaça parece combinar bem com a ironia da paródia da oração católica (*Seja feita a tua vontade*) e, no fecho, com o emprego de abreviaturas usadas em correspondência comercial / oficial (*consideração de V. Ex^a C.o.O^e e att^o vened^e*), bem como o formalismo representado pelo nome / sobrenome da assinatura:

Ainda hoje o carteiro não me trouxe coisa nenhuma. É, pois, certo que não queres corresponder comigo. Paciência! Seja feita a tua vontade. Nunca mais incomodar-te-ei com minhas cartas. Está ficará sendo a última. // Com toda a estima e consideração de V. Ex^a C.o.O^e e att^o vened^er,

J. B. Monteiro Lobato

P.S. Deseja a devolução dos cartões que possuo em meu poder? (Carta de 25 set. 1906 - LOBATO, 2011, p. 28).

No mesmo dia 25 de setembro, o impaciente noivo envia cartão-postal endereçado a Purezinha e à sua irmã Noêmia (LAJOLO, 2010, p. 27-28), escrito em código perguntando-lhes se há alguém zangado com ele e assinando como “primo Juca”. Na cuidadosa transcrição de Emerson Tin³⁷⁷, lê-se: “P. que não respondem aos meus catões? Estarão zangadas comigo? Vêm à festa? Do primo Juca”. Vale notar que o “texto” está circundando a imagem, ou seja, fora do espaço convencionalmente destinado – em postais – para a mensagem. Aliás, no cartão, não há este espaço.

Tanto a duplicação das destinatárias quanto a formalidade da assinatura podem indicar diferentes estratégias de Lobato na tentativa de sensibilizar a noiva para uma correspondência mais regular.

Parece que a estratégia funcionou

Podemos supor que a resposta tenha sido imediata, apesar de não dispormos da carta pela qual Purezinha teria respondido ao noivo. Carta deste, datada de 30 de setembro, menciona carta de Purezinha de 28 de setembro:

Meu amorzinho

Encheu-me de remorso a tua de 28, mas um consolo resta e é que se te causei alguma tristeza, foi-lhe causa o muito, o grande amor que te tenho. Não pude

³⁷⁵ Relativamente a ecos cristão de sobrenomes de ex-escravo, Cf. SILVA, M. A. de S. S. *As cartas de alforria e de compra e venda de escravos em Morada Nova*. A questão também fica sugerida na revisão de biografias lobatianas discutidas por Sebe Bom Meihy, op. cit.

³⁷⁶ A correspondência que Monteiro Lobato enviou a Purezinha antes do casamento está reunida em *Cartas de amor* (1969) com organização de Cordélia Fontainha Setta. A editora Globo lançou nova edição do livro em 2011.

³⁷⁷ A edição informa que a partir da leitura das várias cartas de amor de Lobato, foi possível a decifração do código presente no cartão-postal.

suportar a ideia de que demorasses tanto em responder à minha primeira carta de noivo. // Entrei a arquitetar mil suposições e, cheio de dor e tristeza, deixei escapar palavras que te magoaram. Mas espero da bondade de teu coração que já nenhum ressentimento exista nele contra mim. Amar é perdoar, sempre e constantemente – se é que me amas, perdoado estou de há muito tempo. Se eu te tivesse amor menos intenso, é claro que aquela demora nenhuma dor me causaria; mas não sendo assim, é mais uma prova te dei do que vivo a afirmar. (LOBATO, 2011, p. 30-31)

Purezinha teria ficado irritada e triste com a desconfiança do noivo? Se tinha acabado de aceitar se casar com Lobato, qual seria o motivo de tamanha desconfiança dele? Ele não sabia que ela era ocupada e trabalhava como professora na capital?

Mas, em outra carta, datada do mesmo dia 30 de setembro, mesmo depois de se desculpar por ter entristecido a noiva, justificando sua insegurança com o amor que lhe diz ter, Lobato volta a queixar-se das cartas que Purezinha lhe enviara, criticando o “excesso de cerimônia” usado por ela:

Não tens nada dentro de ti, Purezinha? Não tem uma coisa a que chamam alma e donde saem as palavras, as ideias, os pensamentos e os assuntos? És tão parcimoniosa no escrever... dizes com tanta cerimônia as coisas... Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento (LOBATO, 2011, p. 31).

Monteiro Lobato pede mais espontaneidade e que a noiva escreva “atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais” para que expresse melhor seu sentimento por ele. Aparentemente, Lobato detém-se em aspectos materiais da carta, como a limpeza do papel e a correção de linguagem e pede-lhe mais espontaneidade.

Mas pedir isso a uma “professora complementarista” – que lecionava no primário e ensinava o capricho da boa escrita?

Purezinha estudou no Curso Complementar – que funcionava junto à atual Escola Caetano de Campos em São Paulo – entre 1896 e 1901. O curso complementar foi criado pelo governo de São Paulo entre 1890 e 1911 como tentativa de aumentar o número de professores formados, que antes vinham apenas da Escola Normal. Considerando que um (a) professor(a) complementarista tinha as mesmas prerrogativas profissionais de alguém formado em curso Normal, Tony Honorato comenta o momento vivido no cenário da educação do Estado de São Paulo:

O fato é que a questão sobre a demanda de professores era muito acentuada. Por isso, dentre outras razões, os legisladores republicanos paulistas precisariam encontrar uma solução para formação/diplomação de professores. Foi neste sentido que a proposta de escola complementar colaborou para solução paliativa do problema a partir de 1896 (HONORATO, s. d.)

Em carta de 1906, Lobato escreve a Purezinha que pretendia enviar-lhe uma carta pela diretora do colégio³⁷⁸, que estava de viagem em Taubaté:

Miss Stafford ia levar uma cartinha minha que já estava escrita, mas como no dia em que ela foi eu tive que ir a São Roque, só voltando à tarde, perdi a portadora (LOBATO, 2011, p. 47).

³⁷⁸ Na época, Purezinha trabalhava no colégio dirigido por Miss Stafford.

A correspondência amorosa de Lobato, nos revela que já naquela época, uma professora tinha muito trabalho. Em carta de 19 de julho de 1907, o noivo reclama do excesso de trabalho da moça:

Não fiquei satisfeito em saber que tu andas acumulada de serviço no colégio. Magrinha como estás a que estado ficarás reduzida com esse acréscimo de tarefa! (LOBATO, 2011, p. 109).

Outra estratégia que usaria com seu público leitor, anos depois, é de pré-anunciar um novo texto, antes de seu lançamento – como faz com Purezinha em cartão-postal de 25 de fevereiro de 1907 (LAJOLO, 2006, p. 30-31). Nele o jovem promotor anuncia “uma grande carta” para o próximo dia, como se lê: “Estou me preparando para te escrever amanhã uma grande carta... Espera-a! Juca”.

O uso do objeto direto “a” ao lado do verbo “espera”, produz também uma continuidade no som – o que valorizaria a espera – recurso atualmente utilizado em histórias em quadrinhos e mensagens eletrônicas.

Mas talvez esse excesso de cartas e cartões enviados por Monteiro Lobato não fosse suficiente para a bela professora. Em carta de 26 de janeiro de 1908 para o pai de Purezinha, o jovem noivo relata a conversa que tivera com Purezinha, na qual ela reclama o estado incerto do compromisso dele – uma vez que já se tinham passado quase dois anos de noivado.

Essa “confabulação” entre eles, teria motivado Lobato a escrever ao Dr. Natividade pedindo que apressasse a data do casamento, pois Purezinha encontrava-se insegura quanto aos seus propósitos de matrimônio, o que a impedia de engordar:

Doutor Natividade

Vim hoje de Areias visitar Purezinha e depois duma longa confabulação assentamos em eu lhe escrever pedindo para marcar a época do nosso casamento abreviando-a o mais possível, por vários motivos. O primeiro e o principal é o estado de incerteza e de “no ar” de que se queixa Purezinha e que lhe faz mal, trazendo inquietações de toda a espécie e impedindo-a de engordar.

Casados passaremos aqui vários meses e ela poderá constantemente chegar até aí, matando assim as saudades, e se preparando para a separação mais prolongada da nossa comarca.

O casamento poderá ser feito aí ou aqui, numa igreja, para facilitar e, evitar à dona Brazilia o transtorno e a maçada de, com doente em casa, receber e lidar com os inevitáveis convivas.

Purezinha abunda nestas ideias e se não o escreve é devido à sua excessiva reserva.

Passo a segunda e terça-feira aqui à espera de sua resposta (LOBATO, 2011, p. 166-167).

Lobato havia pedido Purezinha em casamento em 1906, quando ainda era apenas Bacharel em Direito e não tinha emprego. Um ano depois, o avô consegue para ele uma colocação como promotor público na comarca de Areias, no entanto, o casamento ainda não se concretizara. Por outro lado, Purezinha já era professora desde 1901, quando se formara na escola complementar, e trabalhava no Colégio de Miss Stafford na capital paulista. Mas se os dois trabalhavam – e possivelmente possuíam renda e apoio de suas famílias – por que depois de quase dois anos ainda não tinham se casado? Talvez esse tenha sido o contexto da conversa entre Purezinha e Lobato, que resultou no matrimônio dois meses depois.

Não sabemos na realidade quais teriam sido as indagações de Purezinha, suas questões e queixas a Lobato, o que sabemos, no entanto, e que o casamento foi realizado dia 28 de março de 1908 em São Paulo.

Em 3 de março de 1909, nasce Martha, a primeira filha do casal, e Purezinha se ocupa em cuidar da filha, enquanto o marido continua exercendo a Promotoria Pública em Areias.

Em carta de 2 de setembro de 1909, Lobato escreve ao amigo Rangel sobre como a esposa está atenta as traquinagens da filha:

A Marta está uma turuninha, engatinha muito bem, diz papai e mamãe como as bonecas e já mostra dois dentes. Percorre a casa inteira com uma curiosidade sem fim, vendo e pegando tudo. E leva à boca o que encontra. Ontem, num momento de descuido da pagem, pegou uma lagartixinha tonta e levou-a à boca. Se Purezinha não aparecesse no momento, comia-a (LOBATO, 1957, p. 267-268).

É interessante pensarmos como Monteiro Lobato se preocupava com a imagem da esposa que construía aos amigos. Nas cartas anteriores, ele a descreve como uma mulher sábia na “ciência prática feminina”, capaz de resolver problemas práticos: como o cuidado com a filha. Por outro lado, quando o amigo lhe pede uma fotografia da esposa e da menina, ele responde não ter nenhum “bom retrato de Purezinha” para enviar – ou talvez nenhum que combinasse com as descrições que fazia dela. Outro fato curioso é que Lobato colecionou fotografias que tirava de Purezinha durante toda a vida:

Não tenho nenhum bom retrato de Purezinha e Marta. Por Areias passou antigamente um fotógrafo – e toda gente recorda-se com saudades do tempo em que podiam fixar as caras. Lá para o fim do ano vamos para São Paulo e então terás o que pedes. Também Purezinha tem muita vontade de saber como é a cara de dona Bárbara. Se tem retrato que dê ideia, venha (Carta de Areias, 7 jul. 1909 -LOBATO, 2010, p. 215).

Em carta de 19 de agosto de 1912, Lobato envia as fotografias solicitadas pelo amigo e escreve “Mando uma fotografia dos meus pintos empençados no pai-capão³⁷⁹. E a da capelinha. E a de Purezinha feito Madona” (LOBATO, 1957, p. 330). De forma irreverente, Lobato constrói a imagem que deseja de sua esposa e filhos.

Em 7 maio de 1910, nasce o segundo filho do casal: Edgar. Purezinha e Monteiro Lobato passam os primeiros meses do bebê na casa da família Natividade em São Paulo. Purezinha e Lobato estão casados há dois anos, já têm filhos e Lobato parece ainda não “saber o que quer da vida”, pensando em ir viver na praia, e enquanto Lobato cita Zola na carta ao amigo Rangel, Purezinha atende ao pequeno Edgar que chora:

Não é por falta de tempo que te não escrevo e sim por falta de sossego. Estou em casa de meu sogro, onde há muita gente, filhas que estudam piano (uma toca o dia inteiro o *Chiribiribi*) e onde há três pessoas surdas, ou de “ouvidos duros”, de modo a produzir-se muito falar gritado. E há mulheres, que surdas ou não, falam demais e sempre alto – e não há um cantinho sossegado onde um pobre cérebro possa pensar pensamentos como os nossos. [...] Ando querendo dar nova direção à minha vida, e por causa disso tomei mais três meses de licença. [...] Não sei o que fazer de mim, se vou para Caçapava, se fico em S. Paulo ou retorno para Areias. Também ando a pensar em Ubatuba por causa do mar. Todo um ano só mar, mar, mar, como no *Joie de Vivre* de Zola, em que o mar marulha desde a primeira página até a última. [...] O meu Edgar chora, o piano

³⁷⁹ Pai-capão: alegoria a tipo de frango capado e gordo.

toca o *Chiribiribi*, as mulheres falam, os surdos gritam, um canário trina. O barulho não é uma ficção, Rangel (Carta de São Paulo, 20 maio 1910 - LOBATO, 1957, p. 288-289).

Purezinha tinha acabado de dar à luz ao segundo filho – enquanto a primeira tinha pouco mais de um ano – ou seja, eram dois bebês na casa, o que colaborava para o barulho do qual o marido reclamava. Talvez por isso, eles decidem passar mais alguns meses em São Paulo e vão morar na Rua Formosa, 53 – na tentativa de mais privacidade, ou menos barulho em casa.

Alguns meses depois, Purezinha perde seu pai em Taubaté, fato registrado por Lobato em carta de 27 de setembro de 1910 a Rangel: “Tua última me pegou em Taubaté para onde vim por três dias em virtude da morte do meu sogro, a 13 do corrente” (LOBATO, 1957, p. 295).

Com três anos de casados, Lobato começa a queixar-se da esposa. Ela teria perdido sua “agulha de estimação” – que tanto lhe tinha sido útil em tempos de solteiro. Mas por que ele se reclamaria da falta de uma agulha, se agora tinha uma esposa, que provavelmente pregava todos os seus botões caídos? Talvez, o que Lobato reclamasse fosse a autonomia e independência que não encontrava mais na vida de casado como comenta em outras cartas também:

Em estudante eu tinha uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha – minhas propriedades paravam nisto. Essa agulha me fora dada aqui, certa vez por uma velhinha de nome Nh’Ana Rosa. Conservei-a toda vida espetada na gola e com ela preguei todos os meus botões caídos. Chegou a entortar de tanto uso a coitadinha. Pois há de crer Rangel, que logo que me casei a primeira coisa que Purezinha faz foi perder a minha agulha, histórica e tão amiga? (Carta de Taubaté, 4 abr. 1911 - LOBATO, 1957, p. 299).

Na mesma carta, Lobato informa ao amigo a morte de seu avô, o Visconde de Tremembé. O avô lhe deixa de herança uma fazenda, onde vai morar com a família. Purezinha deixa a vida na pacata Areias e vai viver na fazenda com o marido e os filhos – o que provavelmente mudou sua rotina familiar, uma vez que com a herança, seu marido virou “proprietário de coisas”:

Tua carta chegou-me ao voltar eu da missa de 7º dia de morte de meu avô. Faleceu a 27 de ruptura de aneurisma, como se previa. Um grande homem, o meu avô e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto para Areias – abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental [...] Minha vida agora vai ser de “proprietário”. [...] E agora vou ser proprietário de coisas – casas, terras, fazendas (Carta de Taubaté, 4 abr. 1911 - LOBATO, 1957, p. 300).

Em carta com data provável entre 1912 e 1913, Lobato informa a irmã que ganhará mais um sobrinho ou sobrinha e lhe conta os nomes que pensa em pôr no filho: “eu vou bem de saúde e Purezinha me acompanha esperando para logo. Se for homem será Lopo, ou Roupinho, ou Trutezinho. Quero nome quinhentista a ver se lhe pega o brio daquelas eras. Vai haver polêmica grossa” (LOBATO, 1959, p. 149).

O bebê nasce, em 1913, e recebe o nome de Guilherme. Sugestão da mãe? Não sabemos com certeza, no entanto, anos depois Purezinha é acusada de “mimar” o filho, presenteando-o com um *Ford*.

Em 1915, a família decide passar alguns meses em Caçapava, interior de São Paulo. No processo da mudança, o marido alugou uma casa antiga “com alcovas

escuras, sem jardim, sem ar, sem nada”. Como poderiam viver com três crianças em uma casa assim? Purezinha teria reclamado com Lobato, exigindo uma casa mais moderna, com pintura nova, clara, ou seja, adequada para se viver com a família:

Meu atraso para com você vem da bacanal doméstica que se chama “mudança”. E a mim a coisa triplicou. Resolvemos passar alguns meses nesta cidade, mas com a pressa tomei a casa errada – uma daquelas coisas horríveis em que moravam os nossos bisavós, com alcovas escuras, sem jardim, sem ar, sem nada. Depois que vim com a família e a bagagem é que dei pelo erro. Começaram os suspiros da esposa. Tive de levar a família para Taubaté até que concluíssem cá a pintura de outra casa, moderna e como se quer. E como ontem me instalei, só hoje posso por em dia a correspondência (Carta de Caçapava 16 jan. 1915 - LOBATO, 1957, p. 5).

Mas parece que a vida doméstica não é só reclamação. Em carta de 6 de fevereiro de 1915 ao amigo Rangel, Lobato agradece os elogios que tem recebido e diz que não pode dormir por ser “uma espécie de tição em brasa” com sua esposa Purezinha. Se em outra carta se define como um “galo-capão”, agora afirma sua virilidade e completa “Pobre Purezinha”, como se a esposa não tivesse escolha frente a masculinidade do marido:

É a Gloria que começa, Rangel. Os adjetivos vão se chegando, como ratinhos ao queijo. Vêm primeiro os camundongos de todos os dias. Depois começam a aparecer ratazanas – ratos mais raros. “Flamante!” Isto me cheira a rato raríssimo, já é coisa ogival, flamboyant, das que queimam e tiram o sono à gente. Como irei dormir em paz, Rangel, se sou flamante, chamejante, uma espécie de tição em brasa? Pobre Purezinha... (LOBATO, 1957, p. 17-18).

No mês seguinte, em 30 de março de 1915, Lobato continua exaltando sua masculinidade, apresentando dois tipos de mulheres: uma para procriar e outra (fora do casamento) como Aspásia³⁸⁰ – mulher do grego Péricles – exaltada por sua beleza e inteligência:

Em matéria feminina, estou que a boa mulher, a certa para esposa, é a quituteira, mentalmente divorciada do marido e que lhe dá liberdade de esvoaçar. A monogamia não é agradável a Deus. O que Deus quer é forma grega: esposas procriativas no gineceu e Aspásias no jardim (LOBATO, 1957, p. 26-27).

Se em outros momentos, ele apresenta Purezinha como uma mulher inteligente, que lê seus textos e palpita, na carta acima, o escritor exalta as qualidades domésticas da esposa, usando-as quase como desculpas para ter outras “Aspásias no jardim”, usando de ironia dizendo que “a monogamia não é agradável a Deus”. Se, o marido teve ou não outras mulheres fora do casamento, não temos certeza, mas o que sabemos é que Lobato gostaria de aparecer ao amigo como macho viril frente a uma esposa do lar, que cozinhava bem e lhe dava filhos.

No ano seguinte, em 29 de fevereiro de 1916, nasce Ruth, a quarta filha do casal. Purezinha não teria passado bem, ao contrário dos outros partos, talvez por isso sempre procurasse ficar perto da família (da mãe) nos seus “resguardos”. No último, não conseguiu amamentar a filha, como alternativa buscou uma ama de leite para o bebê, no entanto não teve sucesso, pois a ama não passou bem:

Purezinha conquanto não fosse tão feliz como dos partos anteriores, já está de pé há muitos dias. O que teve foi talvez uma leve recaída, do que resultou ficar

³⁸⁰ Lobato apresenta a figura de Aspásia no conto “Na casa de Fídias”, em *O Minotauro* (1939) – reimpresso em *Literatura do Minarete* (1959).

sem leite. Arranjamos ama, mas com tão pouca sorte que a bicha no 10º dia caiu de cama com um furibundo acesso de reumatismo agudo e grita como se estivesse assando viva (Carta a Esther sem data - LOBATO, 1959, p. 150).

Seis meses após o nascimento da filha, de Lobato propõe que a família se mude para o Rio de Janeiro, no entanto, Purezinha acha inviável e prefere São Paulo, cidade que conhece bem.

Demorei-me em escrever por causa da corrimaça. Estive meio mês no Rio e dez dias em S. Paulo, donde voltei ontem. Minha (in)tenção era fixar-me no Rio, onde pelo menos há *la natureza* e o Wenceslau; mas a mulher dispôs o contrário. Quer São Paulo e, pois, muito a contragosto, tenho de fixar-me em S. Paulo, terra bem pior que Buquira (Carta de Caçapava, 24 set. 1917 - LOBATO, 1957, p. 151).

Mais uma vez, uma decisão de Purezinha prevalece. Lobato diz que gostaria de ir a Minas Gerais, mas não foi possível por conta da vontade da esposa:

Meu projeto de ir a Minas gorou. Venha você a São Paulo. Meus projetos goram como ovos, porque não sou um, sou dois. Eu ponho, Purezinha impõe (Carta de São Paulo, 4 nov. 1917 - LOBATO, 1957, p. 160).

Em outra carta ao amigo Rangel (Carta de São Paulo, 1918), Lobato comenta que temeu que a esposa lesse sua correspondência. O escritor teria escrito algo relacionado ao peso das mulheres: algo que se Purezinha (ou Dona Bárbara) lesse, provavelmente se sentiria ofendida, o que causaria problemas a ambos os maridos. Mas afinal, que mulher gosta que falem de seu peso?

Escapei da grande encrenca. Purezinha não viu a carta. Eu te disse aquilo muito de propósito para que tua mulher lesse. O caso foi assim. Esteve cá não sei quem de Minas e me contou que te achara excessivamente magro e tua mulher muito gorda. E vou eu então e escrevo aquilo, para que ela emagrecesse um pouco e desse modo se aproximasse do equilíbrio conjugal quanto ao peso. Ótimo sistemas das mulheres lerem as cartas do marido: serve até para fins terapêuticos... (LOBATO, 1957, p. 174-175).

Nos anos seguintes, enquanto Lobato empenha-se na criação da editora e gráfica: a Monteiro Lobato & Cia, Purezinha continua como dona de casa, cuidando dos filhos.

Em 1925, São Paulo passa por uma crise elétrica (falta de água na Cantareira), que atinge diretamente a empresa do marido, o que leva a família a falência:

Não sei como desfechará o nosso caso. A situação piora. A Light, que prometera restabelecer a força este mês, avisa hoje que fará nova redução na energia fornecida. Só podemos trabalhar agora 2 dias por semana! E como a horrenda seca que determinou esta calamidade continua, é voz geral que teremos completa supressão de força em novembro. O desastre que isto representa para S. Paulo é imenso; e como se juntou à crise de energia elétrica a crise de água da Cantareira e a crise bancária o mal é enorme. Até o recurso de montarmos um motor Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos água para o resfriamento. Verdadeira calamidade, Rangel (Carta de São Paulo, 10 jun. 1925 - LOBATO, 1957, p. 277).

Os altos e baixos nas finanças de Monteiro Lobato são constantes: quando pediu a mão de Purezinha em casamento, apesar de ser neto do Visconde de Tremembé, não tinha emprego, depois por interferência do avô conseguiu cargo de promotor público em Areias, onde trabalha até herdar a Fazenda Buquira com a morte do Visconde. Depois de fazendeiro, vira dono de revista e editora, até que sua empresa

vai à falência. E Purezinha? Qual seria sua posição frente aos arroubos financeiros do marido? Como lidaria com tamanha instabilidade?

Ao que parece, ela era precavida e mantinha economias próprias em paralelo ao marido, ajudando-o a pagar dívidas inclusive:

No momento, só posso arranjar 1:000\$000 que o Heitor poderá receber no Otales em São Paulo. // Logo que tenha mais, irá. Esse dinheiro não é tirado dos 3 mil contos que eu *roubei* à companhia. Nesse bolo ainda não buli. É produto de artigos de jornal e da economia de Purezinha. Mas o fim da maquia está perto (Carta a Esther escrita do Rio de Janeiro em princípios de 1926 - LOBATO, 1959, p. 189).

Outro fato que nos sugere a “independência financeira” de Purezinha é ela ter podido dar um carro ao filho Guilherme, a contragosto do pai. Tão a contragosto, que Lobato aponta o presente da esposa ao filho como causa da morte do rapaz:

Espero que com a nova medicação você sare de uma vez, como sarou meu filho Gui, o que se parecia com você. O Gui sarou, teve alta, voltou para S. Paulo e de lá foi veranear em Taubaté, onde tinha muitos amigos, parentes e namoradas. E como Purezinha lhe havia dado um Ford, ele abusou – três meses depois reapareceu em S. Paulo magro e recaído. Voltamos para Campos do Jordão e não houve cura possível. Isto que estou dizendo que fique entre nós. Purezinha não admite que se toque no assunto – mas a causa da morte do Gui foi aquele Ford... [...] Recomendações de Purezinha e Rute, a qual te pede que dê lembranças ao Miranda (Carta a Paulo Dantas escrita de Buenos Aires no Natal de 1946 - LOBATO, 1959, p. 204-205).

Depois da morte de Guilherme, Lobato diz que “Purezinha não admite que se toque no assunto”; ela não queria mencionar o tema por se sentir culpada? Ou talvez por não aguentar ser responsabilizada pela morte de um dos filhos, depois de ter dedicado a vida toda a eles? Ela devia ficar tão contrariada com a situação e insinuações do marido que não permitia que se tocasse no assunto. Os estados de ânimo de Purezinha não conhecemos com certeza, no entanto, sabemos que por sua vontade Lobato não deveria retomar o tema da morte de Guilherme em ambiente doméstico, e quando o fez, tentou escondê-lo da esposa (talvez com medo das consequências).

Depois que sua editora em São Paulo faliu, Lobato e a família mudam-se para o Rio de Janeiro. Os pertences deles foram leiloados para que então refizessem a vida no Rio. Momento delicado vivido por Purezinha, mudar de cidade por causa da instabilidade financeira do marido, deixar uma rede de relações toda para trás. Deve ter sido difícil para ela:

Purezinha resigna-se, mas não aceita o Rio. Não sai de casa. Não quer divertir-se. Cultiva, em suma, aborrecimentos como os hortelões cultivam couves – estercando-as e regando-as todos os dias (Carta a Esther escrita nos fins de 1925 do Rio de Janeiro - LOBATO, 1959, p. 183).

Mas o tempo vai passando e as coisas vão voltando para o lugar. Os problemas que pareciam ser grandes, vão perdendo força, e Purezinha adapta-se à vida carioca:

Meu caro Heitor: só estou arrependido de uma coisa – não ter falido há mais tempo. Tenho a impressão de que voltei, depois de longo exílio numa Itália híbrida, à minha terra natal. O Rio é único e vale a pena falir para cair neste manguê encantado. Tenho um sonho: ganhar dinheiro para construir uma casa em Águas Férreas, ali pelo meio da Rua Cosme Velho. É positivamente um encanto! Reúne toda a beleza de Sta. Teresa e Tijuca sem as desvantagens desses dois paraísos. Meu medo era que Purezinha não se ajeitasse para cá, amiga do

borralho como é. Veio nervosíssima, magra, arrenegando e jurando que não aceitaria nunca a nova terra. Pois em tão poucos dias já está mudada, está outra e vai acariocar-se rapidamente (Carta a Heitor escrita do Rio de Janeiro com data 16 out. 1925 - LOBATO, 1959, p. 184).

Dois anos depois, a família de Monteiro Lobato vive mais uma grande mudança. Ele é nomeado adido comercial do Brasil e muda-se com esposa e filhos para os Estados Unidos. Talvez essa mudança tenha sido mais agradável e mais fácil que a última. Agora, o marido tinha um emprego público novamente e a família toda iria se mudar para Nova Iorque: “Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril, sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial” (Carta do Rio de Janeiro, 23 mar. 1927 - LOBATO, 1957, p. 299-300).

Em sua estadia nos Estados Unidos, parte da família ficou doente, exceto Purezinha. Na carta³⁸¹ que escreveu ao amigo Alarico Silveira, Lobato descreve a esposa como sendo “de ferro”. Mas será mesmo? Ou será que alguém tinha que manter-se bem para cuidar do restante da família?

Um ano depois, em carta de 18 de abril de 1929, Lobato registra o desespero de Purezinha frente ao filho Edgar, doente:

Imagine quanta encrenca. Purezinha impressionadíssima de vê-lo doente e só, justamente quando mais cuidados de família exige e eu preso, sem poder ir com ele (LOBATO, 1959, p. 284-285).

Edgar vai ao Brasil e fica aos cuidados da tia Esther, o que não é suficiente para acalmar a mãe preocupada. Teca envia à cunhada fotos do rapaz ainda em recuperação:

Na carta de 20 de março de 1930, Lobato escreve ao cunhado Heitor sobre as preocupações de Purezinha em relação ao filho:

Purezinha logo que recebeu a carta de Teca contando tudo caiu numa prostração terrível e passou o dia chorando. Que dia! Além da má notícia daí, a Marta, que depois do parto ia passando sem a menor novidade, apresentou-se com qualquer coisa no seio e teve de regressar ao hospital onde está em observação e talvez tenha de ser operada. O *baby* por sua vez apanhou um forte *cold* e lá foi também para o hospital (Carta a Heitor de Nova Iorque, 20 mar. 1930 - LOBATO, 1959, p. 300).

Purezinha já era avó e se desdobrava em cuidar dos filhos. Ela se preocupava com Edgar e ajudava na recuperação de Martha³⁸². Tudo com a dedicação de uma “mãe de filho único”.

Em 1929, Monteiro Lobato, como muitos outros, investiu tudo o que tinha – inclusive o dinheiro que recebeu vendendo a parte dele na Companhia Editora Nacional – na Bolsa de Nova Iorque, o que aumentaria ainda mais as preocupações de Purezinha:

Nada diga a Edgar dos meus prejuízos, nem a Purezinha quando estiver com ela. Tenho guardado segredo e espero reestabelecer as finanças sem que ela o perceba. Para que aumentar a aflição do aflito? (LOBATO, 1959, p. 306).

Em 1931, Purezinha volta com a família para o Brasil e vão morar na capital paulista. Lobato chega ao país entusiasmado com as indústrias americanas e vem com

³⁸¹ “Café doente, eu e todos da casa, exceto Purezinha, que é de ferro” (carta a Alarico escrita de Nova Iorque com data de 10 abr. 1928). LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 228.

³⁸² Encontramos registros na correspondência de Monteiro Lobato de duas ortografias do nome da filha: Marta e Martha.

a intenção de trazer ferro e petróleo ao Brasil. Tais ideias, no entanto, lhe causam sérios problemas políticos.

Durante esse período, em 1938, Purezinha perde seu filho Guilherme. Nas cartas de Lobato dos anos seguintes não encontramos registros nem comentários sobre a morte do rapaz, como mencionado anteriormente. Só em carta de 1946, escrita a Paulo Dantas, o escritor paulista comenta a morte do filho com tom de pesar. Lobato atribui a morte de Guilherme a um presente dado por Purezinha – um carro – e sugere que ela também carregue um sentimento de culpa, não admitindo que se tocasse no assunto. Talvez, por isso, esse tema não tenha sido encontrado na correspondência da época.

Em março de 1941, Monteiro Lobato é preso pelo seu engajamento político a favor do petróleo. Em carta a Purezinha escreve agradecendo o cuidado dela com ele, providenciando itens básicos – mas de suma importância para quem está preso (ceroulas, lenços, meias, pijama, aspirina):

Imagine agora o meu prazer quando ontem recebi um pacote. Abri e vi logo você ali – ceroulas, lenços, meias, pijama novo e aspirina. Que presente, Purezinha! Como qualquer coisinha é todo um mundo para quem está sem nada! Repeti mil vezes o teu nome, e hoje de manhã, ao acordar e ver em cima da mesa as coisas, peguei nas meias e beijei-as... Imagine agora a que fica reduzida uma criatura depois de anos de prisão se eu só com dois dias já estou assim.

Foi o primeiro contacto com o mundo externo, esse presente que V. m mandou. Que alegria imensa me causou! Foi o mesmo que receber a tua visita (LOBATO, 1959, p. 72).

Em outro trecho da mesma carta, Lobato lamenta não ter seguido (nem mesmo consultado) os conselhos da esposa. *Que* conselhos teriam sido estes? *Quais* seriam as opiniões de Purezinha que o levariam a um caminho diferente?

Só contarei o que é a vida em prisão. É a gente sozinho com o pensamento e nunca o pensamento trabalha tanto. Mas de tanto trabalhar acaba girando num círculo, isto é, volta sempre às mesmas coisas. Os pontos que formam o círculo do nosso pensamento, ou as estações em que o pensamento para, para pensar sempre a mesma coisa, são – 1º você. Penso em V. com uma ternura imensa e um imenso dó, e culpo-me de um milhão de coisas. Meu dever era só cuidar da tua felicidade, Purezinha, e, no entanto, passei a vida a te contrariar e a fazer asneiras que tanto nos estragaram a vida. Se eu tivesse ouvido em negócios, minha situação seria hoje de milionário. Não ouvi, nem sequer te consultei, e o resultado foi desastroso. Cheguei até à prisão! (LOBATO, 1959, p. 70).

Nesse período, o filho Edgar fica doente dos pulmões mais uma vez e Purezinha vai para Campos do Jordão cuidar do filho.

Em 1943, Edgar morre.

Nos meses seguintes, a família recebe a notícia de que o amigo Alarico Silveira havia falecido. Purezinha – também em luto – compartilha o sofrimento da amiga Elisa Silveira³⁸³:

Purezinha, aqui ao meu lado, pede-me que inclua aqui os seus sentimentos de pêsames. Em sua dor de mãe Purezinha avalia muito bem uma dor de esposa (Carta a Elisa Silveira, viúva de Alarico Silveira – S. Paulo, 6 mar. 1943 - LOBATO, 1959, p. 96-97).

³⁸³ Elisa Silveira e seu esposo Alarico Silveira haviam passado temporada em Nova Iorque com Monteiro Lobato e a família. Cf. LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

Em 1943, após a morte de Edgar, Lobato responde a carta da sobrinha Gulnara (viúva do filho) – que provavelmente estaria passando por dificuldades, para além do luto, e omite tal carta da esposa – para não lhe causar mais sofrimento. Talvez porque Purezinha quisesse interferir ou sentisse ainda mais a morte do filho, sabendo a falta que ele fazia para nora e o neto Rodrigo: “Não mostrarei sua carta à Purezinha para não agravar a aflição do aflito. Lá na editora cuidarei de obter novas traduções – você não perca o pé na José Olímpio. Andar a dois carrinhos é sábio”. (LOBATO, 1959, p. 113)

Em 1944 Lobato publica *A barca de Gleyre*³⁸⁴, que reúne as cartas que enviou ao amigo Rangel por mais de quarenta anos (1903-1944) e escreve a seguinte dedicatória:

Nesta casca de árvore quero escrever três nomes: o de Purezinha, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de Marjori, a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e que escrevem; e qual seria o terceiro, se não o de Ricardo o Inesquecível? (LOBATO, 1957, p. 15).

O escritor paulista dedica seu livro aos seus leitores (na figura de Marjori), ao seu amigo Ricardo, que havia praticado suicídio e a Purezinha que o acompanha sempre. É curiosa a cena composta por Lobato ao lado da esposa “a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro”, ela se contrapõe a outra imagem registrada nas *Cartas de Amor* em tempos de namoro:

Que saudades, Purezinha, tenho!...Não do passado, mas do futuro. Já notou você que se pode também ter saudades do futuro? Tenho saudades da nossa vidinha de casados metidos numa casa que seja um ninho onde nós ambos cultivaremos, rindo, a planta da felicidade... Havemos de ter no quintal uma árvore grande cheia de orquídeas, com uma mesinha em baixo e duas cadeiras de balanço. Às tardes calmosas aí iremos depois do jantar, esperar o café – você vestida de um quimono japonês, eu de dólma branco – conversar, recordar. É dessas coisas, Purezinha, que eu tenho saudades, muito mais do que tudo que já se passou. E tu? também não anseias por esse tempo feliz? (LOBATO, 2011, p. 23-24).

A expectativa do casal de namorados se contrapõe à realidade e a passagem dos anos. Se a carta de 1906 registra a esperança de uma vida calma e a imagem de uma mulher cercada por orquídeas em uma cadeira de balanço, quarenta anos depois, Lobato vê a esposa como uma companheira de jornada – uma mãe que perdera dois de seus filhos – e a saudade agora, não é mais do futuro, porém são tristes lembranças compartilhadas entre os dois.

Em 1946, Purezinha e a família mudam-se para a Argentina

De Buenos Aires, Monteiro Lobato escreve para sobrinha Gulnara, contando das vantagens de estarem fora do Brasil, dentre elas a privacidade e a liberdade de não terem que se preocupar com muitos “amigos”, fãs e admiradores que aborreciam até Purezinha:

Mas a grande delícia disto é ver-me (e a Purezinha também) livre de mil “Amigos” e penetras e fãs, e admiradores e parasitas de toda ordem que já andavam abusando demais” (Carta a Gulnara escrita de Buenos Aires em 7 set. 1946 - LOBATO, 1959, p. 192).

³⁸⁴ A primeira edição de *A barca de Gleyre* foi publicada em 1944. Novas edições (1946 e 1948) foram publicadas com o acréscimo de cartas.

Em 1947, decidem voltar para o Brasil, e em carta de 12 de fevereiro a Arthur Coelho, Monteiro Lobato lamenta ter que voltar a São Paulo não tendo uma casa própria, pois nunca tinha priorizado isto antes; acrescenta ainda que a língua e Purezinha são a razão para que voltassem ao país:

Os versos estão muito engenhosos, e sempre com uma pontinha de humor de sujeito de boa saúde, de felicidade no lar e com casa própria – coisa cuja falta me anda a fazer um grande mal, pois quero voltar para S. Paulo e não encontro casa. Minha política sempre foi não ter casa própria, para quando saísse do Brasil (velho sonho) não ter esse pretexto para voltar – e Purezinha e a Língua me forcem hoje a voltar, mesmo sem casa própria... (Carta a Coelho escrita de Buenos Aires em 12 fev. 1947 - LOBATO, 1959, p. 216).

Em 4 de julho de 1948, Purezinha fica viúva

Uma das imagens de Purezinha que Lobato nos revela em suas cartas é a de uma Purezinha doméstica, se relacionando em família: mãe, esposa, amiga, filha; mas com certeza essa não é a única Purezinha que ele compõe. Pelas mesmas lentes – a correspondência lobatiana – também conhecemos uma mulher instruída, bem-educada e que assume posturas críticas: uma Purezinha intelectual. Na tese de doutorado *Um perfil de Maria Pureza Monteiro Lobato* (2018), sob orientação da profa. dra. Marisa Lajolo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie³⁸⁵, tratei também do perfil intelectual de Purezinha presente nas cartas de Monteiro Lobato, além de documentos inéditos como páginas do caderno de anotações de Purezinha, correspondência que trocava com autores e intelectuais de Taubaté, manuscritos que apontam para o papel gerenciador da obra e da imagem do escritor paulista após sua morte.

A pesquisa sobre a vida e participação de Purezinha na obra de Monteiro Lobato ainda necessita de trabalho rigoroso e aponta para novas interpretações e análises tanto da obra de Lobato quanto das relações do sistema literário brasileiro na primeira metade do século XX.

³⁸⁵ Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3756/10/Raquel%20Endal%3%a9cio%20Martins.pdf>>, acesso em 1 jan. 2022.

CAPÍTULO 11 – Raça e cultura em *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*

José Wellington de Souza

I. Introdução

Iniciar uma leitura crítica sobre a obra de Gilberto Freyre – especialmente tratando-se de *Casa grande & senzala* (1933) e *Sobrados e mucambos* (1936), obras fundantes do pensamento do autor, e que se destacam entre as mais importantes da sociologia brasileira – constitui uma longa e árdua tarefa. Tarefa dificultada pela tendência ao confinamento e à redução das obras a uma abordagem racial, que acaba por descambar nas interpretações, simplistas e muitas vezes equivocadas, manifestas na defesa da existência de uma suposta teoria da “democracia racial”, muito usada por comentadores de Gilberto Freyre, a despeito do fato de não haver uma única menção da mesma nas obras *Casa grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*. Outra acusação que pesa sobre a obra de Freyre diz respeito da “tese do branqueamento”, que se trata de um suposto plano elaborado pelas “elites brancas” para se diluir a “raça” negra na branca por meio da miscigenação, plano do qual Gilberto Freyre faria parte, mesmo que tal afirmação seja difícil de ser sustentada se nos restringirmos aos textos do autor.

As interpretações que fundamentam a “tese do branqueamento” e a de “democracia racial” foram difundidas em obras que ganharam grande destaque não apenas entre os leitores acadêmicos, como entre o público em geral. Dentre as obras responsáveis pela difusão de tal interpretação destaca-se *Preto no branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, escrito pelo brasilianista norte-americano Thomas E. Skidmore (1976), obra obrigatória para aqueles que pretendem tratar do pensamento nacional brasileiro do início do século XX.

Assim, a maioria dos comentadores de Gilberto Freyre tomam como certo o pressuposto de que o autor sustentava uma visão paradisíaca da sociedade brasileira e de que fazia a descrição das relações existentes entre os distintos grupos humanos durante a colonização e a formação nacional do Brasil como sendo um exemplo sui generis de harmonia e confraternização, apesar de estarem esses grupos separados por “raças”, ou etnias, e pelas posições sociais extremadas pelo regime escravocrata.

Os autores que pretendem escapar das leituras mais usuais, e afastar Gilberto Freyre dos estigmas que marcam sua obra da questão racial, refugiando-se num suposto culturalismo boasiano, presente na obra de Freyre.

Pretendo apresentar aqui uma leitura baseada na leitura das definições de raça e cultura presentes na obra do autor, que me parecem estar apoiadas em um projeto de definição da civilização tropical, baseado em teorias racialistas que buscam definir para o Brasil uma raça genuinamente nacional. Para tanto, pretendo analisar e tencionar as definições de raça e cultura na obra de Gilberto Freyre, tentando decifrar o sentido que o autor oferecia a tais termos, baseando-se da teoria antropológica de Franz Boas (1940), sem, no entanto, tomar os termos raça e cultura como antagonísticos, a exemplo de autores como Ricardo Benzaquen de Araujo (1994) e Celso Castro (2002), mas tentando entender esses termos como complementares, como o próprio Boas parece ter feito.

2. Gilberto Freyre e a antropologia de Franz Boas

Diante da problemática produzida pela discussão racial, manifesta na interpretação que usualmente se faz sobre a obra de Freyre, tanto como acusação da presença de uma teoria da “democracia racial” quanto da suposta existência de uma tese do “embranquecimento”, a solução encontrada por um grande número de intelectuais interessados na interpretação do Brasil contida em *Casa grande & senzala* e em *Sobrados e mucambos* foi acirrar a oposição entre os termos raça e cultura na obra do autor, supervalorizando o último termo.

É fato que a obra de Franz Boas foi importante não apenas para o pensamento antropológico que se estabelecia no início do século XX, mas também como elemento importante para a superação das considerações racistas até então presentes na disciplina. Tais afirmações aparecem na seleção de artigos do autor, organizada, selecionada e traduzida pelo professor Celso Castro, sob o título de *Antropologia Cultural* (2002), mas a importância da obra de Boas poderia ser reduzida a simples substituição de raça por cultura? Esta é a impressão que temos ao ler o curto volume apresentado por Castro, com cinco artigos de Boas, onde apenas um trata do tema racial, enquanto outros abordam questões metodológicas e críticas feitas por Boas ao “método comparativo” e “difusionista”, em detrimento do “relativismo cultural” e da valorização das diferentes culturas, apregoados pelo antropólogo alemão (CASTRO, 2002, p. 14-17), enquanto na coletânea *Race, language and Culture* (1940), composta por 62 artigos, organizada por Boas, 20 deles tratam do tópico raça.

A justificativa apresentada por Castro para a escolha de artigos é justificada pelo fato de serem escritos que tratam de questões metodológicas, e no fato de se tratar de uma obra destinada à introdução do tema para estudantes. Apesar da coerência de tais argumentos, algumas conclusões de Castro em seu prefácio parecem ressaltar o papel das teorias de Boas na supressão do termo raça em detrimento à cultura como ponto forte da teoria boasiana, e conseqüentemente na maneira de Gilberto Freyre entender o as relações raciais no Brasil. Castro parece tomar tais fatos como dados, restringindo-se a citar um famoso trecho da introdução de *Casa grande & senzala*, para justificar suas suposições. No trecho em questão Freyre assume sua dívida intelectual para com o seu antigo professor da Universidade de Columbia ao afirmar:

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre *raça* e *cultura*; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação de entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família (CASTRO, 2002, p. 20 apud FREYRE, 1977, p. vii-viii).

Tal concepção faz da antropologia boasiana portadora da capacidade ímpar de substituir o uso do termo raça, como elemento explicativo da constituição do homem e dos grupos humanos, pela noção de cultura, entendido como o elemento explicativo dominante e o grande trunfo tanto na obra de Franz Boas quanto em *Casa grande & senzala*.

De fato, a compreensão da perspectiva boasiana como antirracista e de Boas como fundador da antropológica culturalista não destoam da análise de

pesquisadores dedicados à elaboração de uma narrativa da histórica do corpo da disciplina antropológica, e seguem de perto as afirmações de antropólogos como Thomas Hylland Eriksen e Finn Sivert Nielsen, que em seu *História da Antropologia* (2007), por exemplo, afirmam a existência de tais virtudes em Franz Boas quando o elegem como um dos fundadores da disciplina antropológica ao lado de Malinowski, Radcliffe-Brown e Marcel Mauss.

A respeito da atuação de Boas contra a antropologia evolucionista e racista, a qual contrapôs sua valorização da cultura, os autores são enfáticos:

Boas foi um dos primeiros e mais incansáveis críticos do racismo e da ciência inspirada por ele – esta contava com defensores entre o establishment da antropologia vitoriana. Esses antropólogos haviam afirmado que cada “raça” tinha um potencial inato distintivo para desenvolvimento cultural. Boas respondeu que a cultura era *sui generis* – sua própria fonte – e que diferenças inatas não podiam explicar o volume impressionante de variação cultural que os antropólogos já haviam documentado. O termo relativismo cultural, a que nos referimos várias vezes acima, foi efetivamente cunhado por Boas (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 54).

Tais considerações também foram feitas por Ricardo Benzaquen de Araujo, que afirmou ser possível encontrar afirmações nesse sentido em diversas outras passagens de *Casa grande & senzala* assim como de *Sobrados e mucambos*, citações que confirmam o apego de Freyre em relação ao pensamento de Boas (ARAÚJO, 1994).

No entanto, Ricardo Benzaquen de Araujo afirma haver uma relação ambígua entre raça e cultura nos livros de Gilberto Freyre, que, para além das descrições culturais, estão repletos de citações a respeito de raças distintas assim como de uma detalhada descrição de características fisiológicas que teriam facilitado, em alguns casos, e dificultado em outros, a adaptação de determinados grupos humanos a determinados climas. Tais reflexões servem de base para as diversas afirmações de Freyre a respeito do fracasso de europeus não ibéricos no processo de povoação de regiões tropicais. De acordo com Araujo, tais declarações soam realmente como uma contradição e dão o aspecto de confusão no uso dos termos raça e cultura, o que inclusive já havia sido denunciado por Luiz Costa Lima (1989) que entendia tal confusão de conceitos como uma característica inerente à obra de Gilberto Freyre. A posição de Costa Lima foi comentada por Araujo, que afirmou:

Com efeito, como já foi dito antes, desde o texto de Costa Lima (1989), a maior dificuldade que adviria do fato de Gilberto empregar noções tão contraditórias quanto as de raça e cultura residiria, exatamente, na extrema imprecisão que passa então a povoar o seu texto. Esta imprecisão, obviamente, tende só a aumentar com o aparecimento da idéia de clima, inclusive porque todas elas parecem ser tratadas em pé de igualdade, consideradas como equivalentes e quase sinônimas, numa indefinição que poderia apenas afastar a sua reflexão dos critérios que orientam a atividade científica (ARAÚJO, 1994, p. 38-39).

Na tentativa de explicar a imprecisão no uso de termos por Gilberto Freyre, Ricardo Benzaquen afirma que ela se dá pelo fato de o autor ter feito uma leitura pouco ortodoxa da tradição fundada por Boas. Para Araujo, Freyre teria lançado mão de uma definição muito específica do termo raça, que poderia ser entendido em relação ao clima e às variáveis do meio físico. Sendo assim, Araujo conclui que Gilberto Freyre:

opera com o conceito de raça, mas transmite a curiosa sensação de que não quer se comprometer com o seu sentido mais usual, deixando-nos diante de um dilema ou, pelo menos, obrigando a questão a permanecer em aberto. Acredito, porém, que este pequeno enigma possa começar a ser elucidado se introduzirmos na discussão uma terceira categoria, o meio físico, cuja importância na costura das teses apresentadas em CGS não pode de maneira alguma ser desprezada (ARAÚJO, 1994, p. 38).

Na perspectiva de Araujo, as definições do meio físico, ou meio ambiente, são elementos ainda pouco explorados na obra de Gilberto Freyre, especialmente no que se refere à definição precisa da concepção de raça. Nesse contexto, a variável climática, ou mais precisamente a noção de meio ambiente, tem um papel preponderante para o perfeito entendimento da definição do termo raça presente na obra de Freyre. Nesse sentido, Araujo buscou demonstrar que a definição de raça que consta em *Casa grande & senzala* e em *Sobrados e mucambos* não é a definição genética ligada à tradição galtoniana-mendeliana com a qual estamos mais acostumados a lidar, mas sim uma definição baseada na aceção neolamarckiana do termo. De acordo com a teoria neolamarckiana, muito presente entre os intelectuais brasileiros durante as primeiras décadas do século XX, era preciso levar em consideração as alterações que o meio ambiente exerce sobre os corpos e a possibilidade da transmissão hereditária de tais alterações por meio das gerações, ao contrário do que é defendido pela genética mendeliana e sua noção de transmissão imutável de caracteres herdados. Por isso é que, em Freyre, a noção de clima:

em vez de ser percebida como um terceiro elemento isolado que poderia unicamente se somar aos anteriores, está noção deve ser compreendida como uma espécie de intermediária entre os conceitos de raça e de cultura, relativizando-os, modificando o seu sentido mais frequente e tornando-os relativamente compatíveis entre si. Isto só é possível porque Gilberto trabalha com uma definição fundamentalmente neolamarckiana de raça, isto é, uma definição que, baseando-se na ilimitada aptidão dos seres humanos para se adaptar às mais diferentes condições ambientais, enfatiza acima de tudo a sua capacidade de incorporar, transmitir e herdar as características adquiridas na sua –variada, discreta e localizada– interação com o meio físico, dando origem ao que William I. Thomas (apud Stocking, 1968, p. 245) denominava de “raças artificiais ou históricas, por intermédio da influência do milieu e da difusão de um fundo comum de crenças, sentimentos, idéias e interesses entre uma população heterogênea e trazida pela sorte e pelo acaso a uma mesma zona geográfica” (ARAÚJO, 1994, p. 39).

Para Araujo a grande chave interpretativa na obra de Gilberto Freyre deveu-se não apenas a Boas, mas também à biologia neolamarckiana – na qual Freyre teria sido introduzido por intermédio do sociólogo Franklin Giddings, que mantinha um elo entre as ciências naturais e as ciências humanas – e à tendência neolamarckiana de valorização do *milieu*, da adequação fisiológica de determinados grupos humanos a certas condições climáticas e ao melhor desempenho das raças aclimatadas a certos ambientes que dele derivavam, e que eram avaliados de maneira simétrica, determinando as diferenças entre os seres humanos sem hierarquizá-los.

Na perspectiva de Araujo, a combinação entre o pensamento neolamarckiano e a antropologia de Franz Boas só teria sido possível pelo fato de o neolamarckianismo ter sido uma teoria biológica que se contrapunha à vertente biologizante do darwinismo-social e ao mendelismo, especialmente no que dizia respeito às suas concepções sobre constituição racial e sobre hereditariedade. Se por

um lado, os mendelianos acreditavam que as diferenças raciais eram fixas, geneticamente constituídas e transmitidas hereditariamente sem alterações, nos traços físicos e nas aptidões morais dos indivíduos, de acordo com os estágios evolutivos das diversas raças, assim como defendiam que o cruzamento entre “raças”, distintas em sua escala evolutiva, viria a macular a pureza do “sangue”, gerando espécimes degenerados. Por outro lado, os neolamarckianos possuíam uma concepção contrária de “raça”, a qual era entendida como um processo de interação e adequação ao meio ambiente; ademais, esses acreditavam que as características “raciais” de um indivíduo se constituíam por alterações fisiológicas adquiridas e transmitidas hereditariamente, e que se juntavam a um novo processo de adaptação às novas condições climáticas, com o auxílio de tipos adequados de alimentação, higiene e cultura (STEPAN, 1990/2005).

Em tal contexto, a introdução da genética neolamarckiana tornou viável a defesa de uma civilização de povos mestiços nos trópicos e acabou por legitimar a inovadora antropologia trazida por Gilberto Freyre. É possível que tal afinidade possa explicar a afirmar aproximação entre Freyre e os sanitaristas brasileiros, também neolamarckianos. Relação de tal profundidade que aparece como fundamento ao elogio de Freyre ao caráter eugênico do paulista, em *Casa grande & senzala*, tal elogio não esteve pautado na miscibilidade do caipira paulista, entendido como sendo caboclo, mistura de portugueses e ameríndios, que resultaria na miscigenação supostamente superior ao negro ou o mulato, conforme supôs Skidmore (1976).

Ao contrário das conclusões baseadas na maior proximidade do homem caipira paulista à raça branca, onde o elogio de Gilberto Freyre à maior saúde e à maior disposição dos paulistas pautava-se em argumentos muitíssimos parecidos com aqueles utilizados pelos médicos e demais defensores que faziam parte do movimento sanitarista – tais como a valorização das melhores condições de higiene, de adaptação ao clima por meios tecnológicos, ou alteração mecânica do ambiente, pela facilidade de adaptação ao clima mais ameno e, especialmente, pela riqueza e qualidade da alimentação dos paulistas, considerada por Freyre como sendo muito superior à alimentação dos outros brasileiros do período colonial, devido a variáveis sociais e econômicas. Também é importante frisar que Gilberto Freyre não desconsiderava as variáveis econômicas em *Casa grande & senzala*, sendo a melhor saúde do povo paulista também entendida como consequência de a região do Estado de São Paulo ter escapado do que o autor chama de “monocultura esterilizante das plantações de cana-de-açúcar” que dominaram a região Nordeste, durante o período colonial, tendo sido possível cultivar em São Paulo, mesmo que de forma precária, uma agricultura mais diversificada, que acabou por determinar a melhor nutrição do homem desta terra.

Tais afirmações a respeito do caráter eugênico do paulista podem ser lidas na própria obra de Gilberto Freyre, onde o autor afirma terem sido da:

mais alta eugenia do paulista, comparado com os brasileiros de outras zonas, de formação escravocrata, agrária e híbrida tanto quanto a deles, porém menos beneficiados pelo equilíbrio de nutrição resultante em grande parte das condições referidas. “O regime nutritivo dos paulistas não teria sido, pois, dos fatores que menos concorreram para a prosperidade da gente do planalto”, conclui Alfredo Ellis Júnior no sugestivo capítulo que em *Raça de gigantes* dedica à influência do clima e da nutrição sobre o desenvolvimento eugênico dos paulistas (FREYRE, 2009 [1933], p. 94).

Tal trecho não deixa dúvidas de que, para Freyre, a maior eugenia entre os caboclos do Sul do país, derivava de melhores condições sanitárias, alimentares e climáticas, o que foi considerada em *Casa grande & senzala* como sendo uma feliz e saudável exceção no Brasil colonial, onde a nutrição precária e escassa fazia regra, especialmente quando somada ao alcoolismo e às doenças tropicais, fazendo reinar a disgenia entre a maioria da população livre, mestiça ou mesmo branca. Dessa situação, escaparam, por pouco, o branco, quando senhor de engenho, e o negro escravizado, para quem o regime escravocrata destinava-se não as melhores, as maiores porções de alimento para melhor rendimento no trabalho, o que lhes reforçava a saúde e a raça. Por tais razões é que Gilberto Freyre julgava, citando os médicos sanitaristas Miguel Pereira e Belisário Pena, ser:

Natural que dos escravos descendam elementos dos mais fortes e sadios da nossa população. Os atletas, os capoeiras, os cabras, os marujos. E que da população média, livre mas miserável, provenham muitos dos piores elementos; dos mais débeis e incapazes. É que sobre eles principalmente é que têm agido, aproveitando-se da sua fraqueza de gente mal-alimentada, a anemia palúdica, o beribéri, as verminoses, a sífilis, a boubá. E quando toda essa quase inútil população de caboclos e brancarões, mais valiosa como material clínico do que como força econômica, se apresenta no estado de miséria física e de inércia improdutiva em que a surpreenderam Miguel Pereira e Belisário Pena (FREYRE, 2009 [1933], p. 96-97).

Certamente, não pode ser descartado que Gilberto Freyre concordava veementemente com os sanitaristas no fato de que o que corroía a capacidade criadora do brasileiro não era o sangue misturado do caboclo. Freyre não apontava como causa da degradação física e moral do homem nos trópicos, nem o clima, nem a raça, ao contrário dos que:

lamentam não sermos puros de raça nem o Brasil região de clima temperado o que logo descobrem naquela miséria e naquela inércia é o resultado dos coitos para sempre danados, de brancos com pretas, de portugues com índias. É da raça a inércia ou a indolência. Ou então é do clima, que só serve para o negro. E sentenciam-se de morte o brasileiro porque é mestiço e o Brasil porque está em grande parte em zona de clima quente (FREYRE, 2009 [1933], p. 97).

Por tais artifícios Gilberto Freyre foi capaz de conciliar a ideia de hereditariedade com a ideia de cultura e meio ambiente, o que lhe permitiu relacionar, sem maiores complicações, as variáveis raça, meio ambiente e cultura, não apenas por seu contato com a teoria neolamarckiana na Universidade de Columbia, mas também pela presença de tais teorias entre os sanitaristas e intelectuais brasileiros. No entanto, conforme afirma Ricardo Benzaquen de Araujo (1994), tal empreitada teria custado muito a Gilberto Freyre, chegando mesmo a colocar em risco a própria filiação do autor à tradição boasiana, à qual Gilberto se declarava ligado, ao converter:

a idéia de raça muito mais em um efeito do que propriamente em uma causa, essa concepção neolamarckiana conseguia garantir consistência, estabilidade e sobretudo perenidade à cultura, mas esta garantia se baseava em um compromisso especialmente biológico e por conseguinte destoante, pelo menos até certo ponto, do estilo que caracterizava o mais puro legado de Boas, ao qual Gilberto sempre tentou se filiar (ARAUJO, 1994, p. 39-40).

Mas é preciso que tenhamos aqui um cuidado analítico ainda maior do que teve Ricardo Benzaquen de Araujo, desconfiando até das afirmações consagradas a respeito da escola antropológica de Franz Boas. Para tanto não podemos perder

de vista que até a década de 1930 o trabalho de Franz Boas ainda formava um conjunto um tanto impreciso e disforme do que viria a ser sua herança culturalista. Boas pesquisou variados temas, como linguagem, cultura e, por incrível que possa parecer, raça – esta última de uma forma que pode ser surpreendente para os leitores menos afeitos ao autor, conforme pretendo demonstrar no próximo tópico. Essas afirmações podem ser tranquilamente atestadas pela leitura direta de alguns dos trabalhos de Franz Boas que tratavam do uso de antropometria para avaliar a contribuição do meio na constituição e transformação dos organismos vivos em sua relação dinâmica com as variáveis climáticas; ou a adaptação do que Boas chamou de tipos humanos a novas condições ambientais, tratando de maneira muito específica a noção de raça, que era elaborada pelo viés da teoria da plasticidade, a qual teria enorme importância para Gilberto Freyre. Tais observações acabam por colocar em questão a suposta ausência de ortodoxia na antropologia de Freyre em relação aos escritos de Franz Boas.

Sendo assim, no que se refere à contradição supostamente presente na obra de Gilberto Freyre, no uso e na definição de raça e cultura, conforme apontou Luiz Costa Lima (1989), acabam se apresentando como complexidade, uma complexidade que não se esgota com a adição de noções de biologia neolamarckiana diante da qual a definição do termo raça na obra de Gilberto Freyre permanece irreduzível. Surge, então, novas questões: de onde viria o caráter ambíguo da terminologia racial na obra freyriana, e como podemos entender de forma adequada a enigmática definição do termo meio (*milieu*), ou meio ambiente, presente no trabalho de Freyre?

3. Raça, cultura e nacionalidade na Antropologia de Franz Boas

Ao reler Gilberto Freyre, temos mesmo a impressão de que toda sua obra está direcionada para o esforço de dizer o passado e predizer o futuro, especialmente se relacionarmos a obra ao período em que foi escrita, quando o Brasil era moldado para sua fase republicana e a inexistência de uma “raça nacional” não mestiça era considerada por muitos autores da época como fator indispensável para a formação de uma civilização moderna, enquanto Freyre afirmava que a civilização tropical só podia vir a ser estabelecida por múltiplas raças e pela mestiçagem responsável pela perfeita adaptação dos organismos às condições climáticas dos trópicos.

A preocupação em definir o futuro do Brasil aparece na fala do próprio Gilberto Freyre, quando ele declarou se sentir incumbido de definir os rumos da nação brasileira, desde a juventude, salvando-a da condenação do determinismo racial das teorias arianistas e da condenação inflexível à mestiçagem graças as respostas para suas inquietações que encontrou no trabalho de Franz Boas, conforme se pode ler na introdução escrita por Gilberto para a primeira edição de *Casa grande & senzala*:

O Professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação (FREYRE, 2009 [1933], p. 31).

Tal citação também demonstra o apego de Gilberto Freyre pelas teorias de Franz Boas, em especial pelos textos escritos entre os anos de 1910 e 1930 – razão que me permite afirmar que as inquietações de Gilberto Freyre não destoavam das preocupações antropológicas de Boas, apesar de não se reduzirem a essas. Conforme esbocei no tópico anterior, as preocupações de Boas excediam as questões culturais e linguísticas, abarcando, ao contrário do que afirma a tradição antropológica, questões de antropologia biológica, especialmente no que se referia à mestiçagem e às nacionalidades – o que o fez produzir trabalho sobre mestiçagem nas Américas, sem descuidar da manifestação do mesmo fenômeno no Velho Continente. Tais preocupações de Franz Boas estavam definitivamente alinhadas com as do jovem Gilberto Freyre, em sua jornada pela definição de raça e nacionalidade brasileiras.

Notadamente, é pouco comentado que Franz Boas havia se debruçado sobre questões relacionada ao tipo nacional e as novas nacionalidades formadas no continente americano, especialmente nos Estados Unidos da América, durante as duas primeiras décadas do século XX, num trabalho que ocupou parte considerável da vida do antropólogo e a partir do qual Franz Boas desenvolveu os princípios básicos de sua teoria racialista: a noção de aclimatabilidade/plasticidade, que se consiste na capacidade de os seres humanos se adaptarem às variações ambientais; e a noção de “ecotipos”, resultado do processo de aclimatabilidade/plasticidade materializado ou estabilizado em determinados grupos humanos.

Dentre os escritos de Franz Boas que tratam da aclimatabilidade e da plasticidade dos tipos humanos, destaco o artigo intitulado “Changes in bodily forms of descendants of immigrants”, que consta na coletânea de artigos *Race, language and Culture* (1910-1913/1940). O artigo passou por várias edições, entre 1910 e 1913, tendo sido citada no prefácio à primeira edição de *Casa grande & senzala*³⁸⁶ a versão publicada numa edição de documentos do Senado de Washington, datada de 1910-1911.

No referido artigo, Franz Boas argumenta que pessoas nascidas nos Estados Unidos, mas, descendentes de imigrantes de países europeus, diferiam do tipo físico de seus pais, por alterações físicas, como formato e dimensão do crânio, alterações essas que surgiam na infância e perduravam por toda a vida dos indivíduos. Tais alterações foram medidas e dispostas pelo antropólogo em gráficos, onde os dados foram agrupados de acordo com o que se considerava como sendo tipos as origens nacionais ou raciais de seus pais (“boêmios”, “hebreus”, “sicilianos” e “napolitanos”), levando-se em consideração o sexo dos indivíduos e o tempo de permanência dos mesmos nos Estados Unidos. Tais informações foram relacionadas com alterações na largura e no comprimento da face, no índice cefálico, assim como na altura e peso corporal dos indivíduos nascidos em solo americano. De acordo com Boas, o grau de alterações variava entre os indivíduos de acordo com o tempo de exposição da mãe ao novo meio ambiente, antes do nascimento da criança, de forma que o índice encefálico de filhos de pais “hebreus” nascidos nos EUA era menor do que o das crianças “hebreias” nascidas na Europa, embora não houvesse variação nos níveis de desenvolvimento intelectual entre os dois elementos (BOAS, 1910-1913/1940, p. 60-67). Boas não oferece uma causa definitiva para os fenômenos observados, limitando-se a apontar para a questão da variação corporal de indivíduos de uma mesma procedência, quando expostos a um

³⁸⁶ A cópia citada por Freyre trata de edição 1910-1911 do Senate Documents, Washington.

novo ambiente social e geográfico, e a condições climáticas diversas, fenômeno que o autor chama, de forma um tanto vaga, de plasticidade ou instabilidade dos tipos humanos. De acordo com o antropólogo, tais observações colocavam em xeque a tese da permanência genética dos tipos raciais, independente de variantes externas, proposta pelos mendelianos.

Franz Boas continuou sua argumentação em artigos posteriores, como em “Modern populations of America”, apresentado pelo antropólogo no 19th. International Congress of Americanists, em dezembro de 1915, na cidade de Washington. Nesse artigo, Boas tentou invalidar afirmações de que a miscigenação era fator responsável pela deterioração de tipos humanos e ainda se ocupou em elogiar a capacidade de aclimação do homem, com destaque especial para o homem mestiço, a novos ambientes climáticos, fatores que, de acordo com Boas, tornariam possível a constituição de estados modernos e autônomos formados por povos mestiços, originalmente nacionais, no continente americano.

Boas também questionou em seu artigo afirmações como as de “que raças mistas – como os mulatos ou os mestiços americanos – são inferiores em qualidades físicas e mentais, ou que herdam todos os traços desfavoráveis das raças parentais” (BOAS, 1944 [1915], p. 19), afirmando ser a mestiçagem um fenômeno universal, presente em todas as fronteiras de “áreas habitadas por qualquer uma das raças fundamentais da humanidade, [onde] ocorrem tipos mistos e não há nada que prove que esses tipos são inferiores fisicamente ou mentalmente” (BOAS, 1944 [1915], p. 19).

Mais do que isso, Boas afirmou que em alguns aspectos os mestiços teriam melhores condições físicas do que a de seus pais, considerados não mestiços, quando tratou da miscigenação entre brancos e indígenas nos Estados Unidos.

Boas afirmava que as deficiências observadas entre os grupos mestiços, tanto de brancos e indígenas quanto de brancos e negros, nos Estados Unidos, deveriam ser creditadas com muito mais segurança a causas sociais, como a falta de cuidados médicos e as desigualdades econômicas, do que a causas genéticas ou biológicas. Ainda assim, ele continuou com a demonstração do resultado de suas pesquisas de campo no intuito de demonstrar as diferenças entre alterações genéticas hereditárias e alterações promovidas pelas adaptações fisiológicas do organismo ao meio. As pesquisas de Franz Boas, naquele momento, estavam baseadas em práticas antropométricas, centradas na medição e análise do formato das cabeças de tipos miscigenados, cujos resultados eram comparados com os de seus pais, não miscigenados, e apresentavam números díspares. No entanto, as transformações antropométricas ali encontradas não foram atribuídas por Boas à hereditariedade genética, mas à mudança de continente e, conseqüentemente, de clima. A respeito do formato das cabeças dos porto-riquenhos mestiços e das diferenças em relação ao de seus pais, Franz Boas declarou:

Recentemente, investiguei essa questão em Porto Rico e descobri que o tipo de população moderna não se enquadra em nenhum dos tipos ancestrais. A população é derivada em grande parte de fontes espanholas, tanto que entre os indivíduos que medi, uma grande porcentagem eram filhos de pais espanhóis. Além disso, encontramos uma infusão considerável de sangue negro e presumo também certa sobrevivência de sangue indígena. Os tipos ancestrais, exceto os índios, são decididamente de cabeça longa. O sangue indígena não pode ser muito considerável; no entanto, descobrimos que os porto-riquenhos de hoje

tem a cabeça tão curta quanto à média dos franceses do Auvergne. Portanto, podemos concluir que o movimento de populações da Europa para o nosso continente é acompanhado por certas mudanças de tipo, cuja extensão não pode ser definitivamente determinada no momento atual (BOAS, 1944 [1915], p. 26).

Ainda em *Race, language and Culture*, é possível encontrar outro importante artigo capaz de ilustrar o pensamento do autor sobre as alterações no corpo humano em sua relação com o meio ambiente. Datado de 1916, e intitulado “New evidence in regard to the instability of human types”, o artigo aborda a questão de determinadas alterações corporais em novos ambientes, como as mudanças de índice cefálico e formato do rosto, em indivíduos filhos de imigrantes europeus, nascidos nos Estados Unidos. Em sua exposição, mais uma vez, Boas critica os argumentos apresentados pela biologia mendeliana, especialmente em relação à afirmação sobre a existência de raças e sub-raças europeias, pautada, exclusivamente, em uma explicação meramente genética. Frente a teoria de Mendel e seus discípulos, que tentavam explicar a diferenciação dos grupos humanos por sua constituição biológica supostamente imutável, hereditariamente transmissível e constituidora de especificidades fisiológica que determinariam as diferenças fixas entre determinados povos, Franz Boas ofereceu um modelo fisiológico plástico, adaptável ao ambiente, em relação fluida e ativa com o meio ecológico, fenômeno que levaria à formação do que Boas chamou de “ecotipos”, ou raças fisiológicas, produtos da adaptação plástica dos indivíduos ao meio ecológico, peça final do modelo explicativo que acabará por se tornar o grande trunfo da teoria racista boasiana. Assim, Boas afirma que:

Autores como Deniker, e muitos outros, realizaram sobre tais bases uma elaborada classificação de tipos europeus em várias “raças” e “sub-raças”. Nessa classificação, supõe-se que cada raça que encontramos no presente momento, em seu ambiente particular, é um tipo hereditário diferente dos outros. Para expressar essa suposição, gostaria de usar o termo que essas raças e sub-raças representam, tipos “genéticos” - genéticos, no sentido de que suas características são determinadas apenas pela hereditariedade. A questão que, no entanto, não foi respondida, é se esses tipos são realmente genéticos, ou se são o que eu poderia chamar de “ecótipos”, na medida em que sua aparência é determinada por condições ambientais ou ecológicas. Se incluirmos neste termo não apenas condições ambientais em um sentido geográfico e social, mas também condições que são determinadas pelo próprio organismo, poderíamos, talvez, melhor chamá-las de *tipos fisiológicos*, no mesmo sentido em que o biólogo fala de *raças fisiológicas*. Minha investigação em seguida, foi direcionada para a questão de até que ponto um certo tipo de homem pode ser considerado um tipo genético, e até que ponto pode ser considerado um tipo fisiológico. Se existe algum tipo de influência ambiental, é óbvio que nunca podemos falar de um tipo genético em si, mas que todo tipo genético aparece sob certas condições ambientais ou fisiológicas, e que, nesse sentido, estamos sempre lidando com a forma fisiológica de certo tipo genético. A questão, então, que exige uma resposta, é, em que medida os tipos genéticos podem ser influenciados por mudanças fisiológicas (BOAS, 1940 [1916], p. 77).

Para embasar os apontamentos e questionamentos presentes em seu artigo, Boas recorre mais uma vez aos dados obtidos por ele em sua pesquisa antropológica em Porto Rico, argumentando que as transformações nas medidas cranianas entre os porto-riquenhos, formados por elementos europeus, ameríndios e africanos, não poderiam ser explicados como produtos dos cruzamentos

genéticos, sendo, antes, resultados de modificações fisiológicas determinadas pelas condições ambientais às quais aquelas pessoas estavam submetidas, uma vez que:

os ancestrais espanhóis que contribuíram para a formação da população tinham a cabeça longa, quanto viviam na Espanha. O elemento negro é de proveniência mista, oriundo de muitas partes diferentes da África, mas, no geral, o negro na África também tem a cabeça alongada. O elemento das Índias Ocidentais, a julgar pelos poucos crânios pré-históricos que foram recuperados, representa um tipo de cabeça muito curta. O porto-riquenho moderno é de cabeça curta a tal ponto que mesmo uma mistura pesada de sangue índio não poderia explicar o grau de sua cabeça curta. Se aplicarmos os resultados de instâncias conhecidas de mistura ao nosso caso particular e assumirmos a estabilidade do tipo, veremos que, mesmo se a população fosse metade indígena e metade espanhola e negra, o índice de cabeça seria consideravelmente menor do que o que nós realmente observamos. Não há, portanto, nenhuma fonte que explicaria a forma atual da cabeça como um tipo genético; e somos compelidos a assumir que a forma que observamos é devida a uma modificação fisiológica que ocorreu sob o novo ambiente (BOAS, 1940 [1916], p. 80).

Diante das conclusões de Boas, não me parece absurdo afirmar que os artigos do autor, especialmente os que trataram de questões referentes à raça, foram mais do que um combate ao racismo da antropologia evolucionista, configurando uma defesa do tipo mestiço e de seu direito e capacidade de constituir uma civilização autônoma no novo continente. Tal preocupação reaparece, de forma mais explícita no artigo “Report on an anthropometric investigation of the population of the United States”, publicado no *Journal of the American Statistical Association*, em junho de 1922. No texto, Boas trata diretamente da questão da relação entre raça e nacionalidade, demonstrando a falácia que constituía as afirmações a respeito da suposta pureza das raças nacionais europeias e, conseqüentemente, do ineditismo das relações miscigenadas no continente americano, afirmando que, ao contrário da apregoada pureza racial dos tipos nacionais europeus, tendo sido “todas as nacionalidades europeias são altamente complexas em sua origem. Mesmo aquelas mais reclusas e recebendo menos quantidade de sangue estranho no presente momento, estiveram em tempos passados sob condições totalmente diferentes” (BOAS, 1944 [1922], p. 28).

Boas segue afirmando que a miscigenação não é uma especificidade do continente americano nem dos novos povos que ali se formavam, e insiste que mesmo. Os povos europeus, considerados raças puras e estáveis, foram produtos de um longo e tortuoso processo de mistura de vários tipos humanos e de adequação às condições impostas pelo meio – fenômeno que se repetia nos Estados Unidos, mas que, na opinião do antropólogo, seria mais rapidamente estabilizado, devido à inexistência de classes sociais hereditárias no solo norte-americano.

Boas dá seguimento a sua argumentação em “Report on an anthropometric investigation of the population of the United States” (1940 [1922]), Franz Boas retoma importantes observações a respeito de sua perspectiva sobre a teoria genética e hereditariedade, especialmente, sobre as possibilidades de transformação e permanência de características fisiológicas de indivíduos submetidos a novos meios climáticos e sociais, afirmando que as “formas simples de hereditariedade mendeliana não costuma ser aplicáveis” (BOAS, 1940 [1922], p. 35), especialmente para medir e prever permanências e transformações fisiológicas complexas nos seres humanos (BOAS, 1940 [1922], p. 33-35). Franz Boas insiste em afirmar que a teoria de hereditariedade, por parte dos mendelianos, é usada de “maneira um tanto

solta” para descrever as mudanças raciais, as quais, em sua opinião, deveriam ser analisadas com maior cuidado, a fim de estabelecer as distinções “entre a estabilidade hereditária de uma população e as características hereditárias que determinam a forma corporal e funções de um indivíduo” (BOAS, 1944 [1922], p. 33). Tais questões eram centrais para Boas que tinha por intuito de determinar se a manutenção de certos aspectos fenóticos é produto da adaptação de determinados “ecotipos” a um determinado clima, conforme o autor suspeitava, ou se, conforme defendiam os mendelianos, é uma simples transmissão de características hereditárias.

De forma similar, Boas admite que mesmo desconsiderando a possibilidade de que as estabilidades e instabilidades das formas corporais ao longo de gerações não sejam diretamente derivadas da transmissão hereditária de caracteres adquiridos pelos indivíduos e que tenham sido capazes de alterar seu “plasma germinativo”, tornando-se, portanto, hereditária, conforme previa uma abordagem neolamarckiana, os pesquisadores deveriam considerar a possibilidade, mais plausível para o autor, de que a capacidade de adaptar-se a novos meios fosse uma das principais características presente no plasma germinativo, de maneira a valorizar a “plasticidade” ou “adaptabilidade”, única característica genética que lhe parecia ser, de fato, hereditariamente transmissível (BOAS, 1944 [1922], p. 36).

A influência do meio ambiente é por vezes desconsiderada devido a sua obviedade, em especial no que refere à forma do corpo, que se transforma, de modo muito sucinto, desde seu nascimento e ao longo de toda a vida do indivíduo. Isso faz com que se considere, de forma equivocada, que tais transformações sejam entendidas como resultado exclusivo da hereditariedade racial, desconsiderando fatores como higiene e clima. Sendo assim, seria mais seguro atentar para a influência exercida pelo meio ambiente sobre a forma do corpo, e compará-la com a influência que o meio tem sobre o desenvolvimento das plantas, que de acordo com a qualidade e umidade do solo variam na forma de suas folhas, e em sua pilosidade, de maneira que os corpos, assim como as plantas, caso mude de ambiente, mudara também seu aspecto, o que Boas julga ser possível ocorrer com os seres humanos, graças a sua “plasticidade”, suposição que, no entanto, não respondia todas as questões sobre o assunto, uma vez que, segundo Boas:

Ainda que reconheçamos a influência do meio ambiente sobre a forma do corpo, incluindo características como massa corporal ou formas musculares e o funcionamento dos órgãos, parece justificável definir características raciais como as de uma planta variável, ou seja, afirmando que sob condições ambientais definidas, a forma corporal de uma raça e seu funcionamento são os que observamos, sem prejudicar a questão de até que ponto as modificações na forma e na função podem resultar da mudança do ambiente. O problema real, então, seria determinar se e até que ponto as características do corpo podem ser tão influenciadas (BOAS, 1944 [1922], p. 37).

4. Conclusão

Parece-me seguro afirmar que tais discussões sobre aclimação e plasticidade dos organismos humanos em sua adaptação ao meio ambiente, climático ou social, e sobre a formação de “ecotipos”, que partiram de Boas, forçosamente chegaram até Gilberto Freyre, que além de conhecer as pesquisas e questionamentos de Franz Boas, mencionadas acima, as seguiu de perto. Isso ocorreu, especialmente, quando admitiu a possibilidade da plasticidade humana e das alterações em seres humanos

submetidos a novos climas e ambientes – elementos que aparecem em *Casa grande & senzala*, em que ocupam lugar de grande importância, inclusive citando os resultados demonstrados por Boas em seus artigos sobre a mestiçagem nos Estados Unidos. Esses resultados são utilizados por Gilberto Freyre para respaldar sua argumentação a respeito das transformações sofridas pelo português, em sua “moral católica e semita”, quando submetido aos trópicos. Freyre soma aos argumentos de Boas o de outros autores favoráveis à tese da adaptação ao meio, como Spengler, Gould, Baxter e Wissler. Assim, de acordo com Freyre:

A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de “raça” e de “religião” do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização social que às vezes contrariaram não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico.

Spengler salienta que uma raça não se transporta de um continente a outro; seria preciso que se transportasse com ela o meio físico. E recorda a propósito os resultados dos estudos de Gould e de Baxter, e os de Boas, no sentido da uniformização da média de estatura, do tempo médio de desenvolvimento e até, possivelmente, a estrutura de corpo e da forma de cabeça a que tendem indivíduos de várias procedências reunidos sob as mesmas condições de “meio físico”. De condições bioquímicas talvez mais do que físicas; as modificações por efeito possivelmente de meio, verificadas em descendentes de imigrantes - como nos judeus sicilianos e alemães estudados por Boas nos Estados Unidos - parecem resultar principalmente do que Wissler chama de influência do biochemical content (FREYRE, 2009 [1933], p. 34-35).

É importante ressaltar que ao considerar que as alterações em contato são capazes de produzir reações adaptativas nos organismos humanos, Freyre não desconsidera a importância da ação dos homens na transformação do próprio ambiente em que vivem, via cultura, pela alteração ou adaptação ao clima – por meio de transformações manifestas na construção de diques, na drenagem de solos pantanosos, na irrigação de solos áridos e na edificação de moradias adaptadas ao clima, assim como na adaptação das atividades econômicas compatíveis com as possibilidades oferecidas pelo ambiente. Isso teria levado a colonização do Brasil a basear-se na atividade agrária, patriarcal e escravocrata, fenômeno que torna ainda mais complexa a definição dos tipos raciais, ou antes, “ecótipos” ou tipos-fisiológicos em sua relação com o meio, visto que, segundo Gilberto Freyre, sendo:

Admitida a tendência do meio físico e principalmente do bioquímico (biochemical content) no sentido de recriar à sua imagem os indivíduos que lhe cheguem de várias procedências, não se deve esquecer a ação dos recursos técnicos dos colonizadores em sentido contrário: no de impor ao meio formas e acessórios estranhos de cultura, que lhes permitem conservar-se o mais possível como raça ou cultura exótica (FREYRE, 2009 [1933], p. 35).

Gilberto Freyre teve ainda a possibilidade de ampliar a crítica ao mendelismo-weismanniano, anteriormente realizada por Franz Boas, tendo sido capaz de colocar em questão, com maior ênfase, o problema relativo ao dogma da impossibilidade de transmissão de características adquiridas.

Sob o novo ceticismo científico o problema dos caracteres adquiridos é dos que se recolocam entre as questões flutuantes e suscetíveis de debate. Já não soa tão persuasiva a palavra de Weismann: os caracteres adquiridos não se transmitem. Os caracteres somatogênicos não se convertem em blastogênicos. São as experiências práticas de Pavlov, na Rússia, e de McDougall, nos Estados Unidos,

que vêm enriquecer o neolamarckismo ou, pelo menos, afetar o weismannismo (FREYRE, 2009 [1933], p. 376).

Parece-me inegável que ao comparar as afirmações de Franz Boas a respeito da existência de alterações fisiológicas em seres humanos, produzidas pelo ambiente, e as divagações de Freyre, no que se refere às possibilidades de transmissão de caracteres adquiridos, não se afastam das observações realizadas pelo discípulo Gilberto, ao valorizar o poder transformador da cultura e do ambiente na constituição dos tipos humanos:

Lowie parece-nos colocar a questão em seus verdadeiros termos. Como Franz Boas, ele considera o fenômeno das diferenças mentais entre grupos humanos mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade ou do meio geográfico puro [...] (FREYRE, 2009 [1933], p. 381).

Mas, Gilberto Freyre também considera a possibilidade de transmissão hereditária de caracteres adquiridos, apesar de não oferecer um posicionamento definitivo a favor de tal preposição. Freyre insiste na sugestão de Boas de que o meio ambiente seja capaz não apenas de alterar o tipo físico de imigrantes, mas também de produzir alterações em relação ao meio que seriam hereditariamente transmissíveis e capazes de, ao longo das gerações, produzirem um novo tipo físico, adequado às condições climáticas e culturais de uma dada localidade. Assim:

Diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu físico e pela bioquímica, surge-nos com intensa capacidade de afetar a raça, modificando-lhe caracteres mentais que se tem pretendido ligar a somáticos. Já as experiências de Franz Boas parecem indicar que o *biochemical content* - como o chama Wissler - é capaz de alterar o tipo físico do imigrante. Admitida essa alteração, e a possibilidade de gradualmente, através de gerações, conformar-se o adventício a novo tipo físico, diminui, consideravelmente, a importância atribuída a diferenças hereditárias de caráter mental, entre as várias raças (FREYRE, 2009 [1933], p. 377).

Essas são as linhas gerais pelas quais podemos definir a terminologia racial em Gilberto Freyre, que em nada contrasta com o pensamento racista de Franz Boas, pautado num complexo multifatorial que fez frente as teorias genéticas de cunho determinista e hierarquizante, como a teoria mendeliana.

Araujo fez uma leitura muito similar à que faço aqui, ao considerar ser pequeno o risco de dano ao conjunto da obra de Freyre ou sua ligação com a antropologia de Franz Boas, devido ao fato de a concepção neolamarckiana de raça não implicar conclusões evolucionistas, além de levar em maior consideração a influência do milieu - “environment” no texto original de Boas e meio na tradução de Freyre - na constituição racial.

No entanto, a definição exata do termo raça, em sua relação com o ambiente, o clima e as possibilidades de transmissão hereditária de características fisiológicas adquiridas, presente na obra de Gilberto Freyre, foi perdida neste quase um século que nos separa da primeira edição de suas obras, e só pode ser apreendida pelos leitores contemporâneos com os devidos cuidados hermenêuticos, especialmente pelos sentidos que foram atribuídos ao termo raça ao longo do século XX e, em particular, depois do uso deturpado que os nazistas fizeram do termo na Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO 12 – Um artigo “inédito” de Monteiro Lobato

Silvio Tamaso D’Onofrio

O artigo a seguir foi impresso no número inaugural de *Atualidades Literárias*, periódico da Sociedade Livro-do-Mês Ltda³⁸⁷. Escrito para a ocasião e veículo, salvo engano, nunca mais foi reimpresso.

... E o livro vem chegando

Monteiro Lobato



Sou dum tempo em que não havia livros em nossa terra. Em minha cidade natal citavam-se os homens que dispunham de uma ou duas estantes de livros – em geral “homens formados”, uns tantos advogados, médicos, engenheiros. Nessas casas burguesas, às vezes, “apareciam” dois ou três livros, e lá encalhavam; nas casas da gente pobre, só a folhinha Ayer ou Bristol.

Em casa de meu pai – lembro-me tão bem! – havia os seguintes livros em seu escritório: *Assessor Comercial* ou coisa assim (ele fôra contador na sua mocidade), o *Dicionário Contemporâneo* de Aulete, *Balas de Estalo* e *Os Africiadas*. *Balas de Estalo* eram um livro de crônicas de Ferreira de Araújo publicadas na “Gazeta de Notícias”, não me lembro com que pseudônimo. Talvez Lúlu Senior. Eu, meninoote ainda mas já amigo de ler, lia e relia aquilo, sem pescar coisa nenhuma. Tudo política e alusões políticas. E *Os Africiadas* eram um poema épico sôbre os negros recém-libertados pela Lei Aurea. Isso devia ser lá por 1890-91, época em que a iniciação na leitura me fazia prestar atenção em coisas impressas.

Não me lembro do autor d’*Os Africiadas*. Evidentemente um daqueles poetas incoercíveis que por falta de editor imprimem os versos à custa própria e saíam em peregrinação, a vendê-los de casa em casa.

Também havia naquele escritório uma brochura em pequeno formato, capa vermelha, que eu não entendia mas me sugeria terríveis mundos inexplorados: *A Moderna Babilônia*, coleção das sensacionais reportagens dum audacioso jornalista dadas ao “Pall Mall” de Londres e recentemente traduzidas e publicadas no Rio de Janeiro. O assunto hoje sei que era a alta prostituição londrina – puro esoterismo naquele tempo para os meus dez anos de idade.

³⁸⁷ *Atualidades Literárias*, São Paulo, n. 1, p. 9-10, jul. 1946. Impresso em periódico bastante raro, e ao que tudo indica nunca mais veiculado, na prática, hoje em dia, é como um artigo inédito. A Sociedade Livro-do-Mês foi uma empresa dirigida por Rachel de Queiroz, Monteiro Lobato, Jorge Amado, José Lins do Rego, Edgar Cavalheiro e outros.

E só. Mais tarde, um dia, apareceu em casa um livro que andava a fazer barulho no mundo – como recentemente “... *E o vento levou*” da Margaret Mitchell. O *Quo Vadis?* de Sienkiewicz. Lançado por não sei que editor carioca, esse romance percorreu o país de norte a sul como um ciclone. Não houve quem não o lesse – e seria curioso a averiguação de um ponto: a quanto montaram as edições de Sienkiewicz naquele tempo. Foi em vida minha a primeira obra que fez furor pelo mundo, repercutindo até num país sem acústica, como era o Brasil daqueles anos. Minha impressão é de que toda a gente que saiba ler, leu o *Quo Vadis?*, o qual ficou por muito tempo o assunto de todas as conversas. Exatinho o caso do romance da Margaret Mitchell.

Para as crianças o que havia ainda era menos que para os adultos. *O Menino Verde* e *João Felpudo*, albuns coloridos editados pelo Laemmert; e do mesmo editor uma série organizada por Jansen Muller – *Robinson Crusoe*, *D. Quixote*, *Viagens de Gulliver*, com belas ilustrações, coisa feita em Leipzig. E que mais? Uns livros muito feios, do editor Quaresma, arranjos de Figueiredo Pimentel: *Contos da Carochinha*, *Contos da Avozinha*... as velhas historietas populares que vinham da idade média. Só.

Hoje, se olho para trás, assombro-me da nossa incultura nos começos do século. A edição de um livro novo era não só acontecimento raro como de grande vulto; e uma edição de mil exemplares cheirava a milagre. Para o povo só havia uns tantos livros perpetuamente reeditados – e era nesses livros que se alicerçava a cultura popular do Brasil: *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, não sei o que de *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno*, *Livro de S. Cipriano*. Vinha depois a literatura de cordel – *A Princesa Magalona*, *José do Telhado* e mais coisas assim, em opusculo de 32 ou 64 páginas, sempre à venda no cordel dos engraxates.

Sobre o livro de S. Cipriano tenho uma confissão a fazer. Todos os editores lançavam essa obra, porque na opinião dos livreiros da época, “era o que o povo queria”. E como eu me fizera editor, resolvi lançar também o meu S. Cipriano. Mande comprar o livro para ver o que era. Oh, pura feitiçaria de macumbeiros. Uma coisa sordida. E cheio de crueldades, de sapo de boca costurada, de pombinhos cegados com ferro quente. Isso me decidiu a lançar uma nova edição – uma edição isenta daquelas crueldades para com os pobres animaizinhos. E mexi no texto clássico, fazendo as necessárias alterações. Onde dizia: “... e pega então um sapo, costura-lhe a boca e joga-o numa fogueira”, eu pus: “... e pega então um sapo, risca-lhe uma cruz nas costas e joga-o numa lagoa bem funda” – exatamente o que o sapo queria. A ao pombinho também libertei da cegueira, substituindo-a por uma gentileza qualquer.

Tirei desse livro uma edição relativamente grande, e vendi-a com muita facilidade. Mas por fim o povo deu de desconfiar que aquele S. Cipriano não era o “legítimo”: suas receitas não davam os mesmos resultados das antigas...

Era assim o livro no Brasil, nos começos do século. Progredimos um bom pedaço – mais ainda temos de progredir muito para nos pormos em pé de igualdade com os povos adiantados. Lá chegaremos. O trabalho é paciente e demorado. A cultura de um povo se faz com a lentidão dos polípeiros. Já são bastante os polipos que nela trabalham. O “Livro-do-Mês” é um. Lutou muito nos começos, mas vai vencendo – e um dia será uma grande força. Será um ditador de leituras – como acontece nos Estados Unidos com o tremendo “livro-do-mês” americano, pai de todos os outros.

CAPÍTULO 13 – Sem celular, sem Google Maps, nem Waze...

Angélica Royo

Demorou para sairmos de casa. A expectativa era grande, não tínhamos carro apropriado para tantas crianças. Como eram pequenos, couberam todos no banco de trás.

Naquela época não existiam esses SUVs tão confortáveis, então fomos com um carro pequeno, apertadinho para tanta gente: minha irmã, eu e mais seis crianças.

Eles estavam ansiosos, vocês sabem que não se pode dizer para uma criança que ela vai passear... O erro foi dizer uma semana antes.

Nós da cidade iríamos passar férias no interior e de lá aproveitar as várias atividades de lazer com todos os primos juntos.

– É hoje que vamos para São José dos Campos?

– Não, querido, a semana que vem.

– Quando, no início ou final da semana?

– Vamos no final da semana.

– E quando vamos visitar o sítio do Pica-Pau Amarelo?

– Segunda-feira seguinte.

– Obaaaa!

O dia chegou e, como já disse, colocamos os Pedrinhos, as Narizinhos e as Emílias no banco de trás do carro novinho em folha, com todas as travas de segurança e ainda com bloqueio de gasolina contra roubo. Todos protegidos. As crianças, curiosíssimas, nem falavam para não distrair a motorista. Pegamos o caminho em direção a São Francisco Xavier, direita, esquerda, reto, muita consulta ao Guia Quatro Rodas e aos pedestres quando finalmente conseguimos chegar ao sítio, em Monteiro Lobato.

As crianças desceram do carro. Tão ansiosas, já estavam vendo o tio Barnabé, Jeca-Tatu e a Cuca.

– Olhem o saci, gritou um pulando do carro e correndo atrás de uma galinha.

– Cadê a Emília e o sabugo de milho?

– Gente, calma. Cuidado. Não vão se dispersar.

O local, uma calmaria, mas temos sempre que ficar atentos e alertar a criançada, nunca se sabe o que se pode encontrar.

– Aqui no sítio não tem mais visitação, moça. Respondeu o Jeca-tatu, que estava sentado em cima do muro, coçando a cabeça e vendo as crianças invadirem o território.

– Agora o museu para visitas mudou para Taubaté, acrescentou.

– Aqui é particular, só da família do escritor.

As carinhas, que antes eram alegres, murcharam, nós murchamos.

– Bem, gente, o que fazer? Todos no carro, outra hora vamos para Taubaté.

– Eu avisei que o sítio tinha mudado, falava Camila, nossa Emília.

– Por que não ouviram a menina? Vocês duas, hein. Resmungavam os mais velhos.

Quase sem saber o que dizer, prometemos mundos e fundos para aquelas férias que estavam só começando: – Podem fazer um pic-nic na mata, vamos ver um local adequado.

– Podemos parar lá em cima daquele morro, o que acham?

Paramos, fizemos um pouco de hora e seguimos viagem.

Pegamos a saída para a rodovia, mas, por mais que andássemos, não encontrávamos qualquer sinal de que estávamos no caminho certo. Fomos parar no alto de outra montanha com muitas árvores e espaços cerrados. Quando no topo, encontramos um lenhador que nos disse que estávamos no caminho errado.

– Aqui as senhoras vão parar em Minas.

As crianças gelaram, nós gelamos e o carro parou.

Tanque cheio, mas não sabíamos como dar o comando para que ele andasse.

A noite já se apresentava linda e quente com o sol dando adeus para mais um dia e nós no alto da montanha, no meio da mata. – Pessoal, apreciem a beleza da floresta! Vejam, os bichos estão indo para casa, se recolhendo. – E nós, quando vamos embora? Eu quero ir para casa também! – diziam.

As crianças apavoradas, nós apavoradas e, como por obra do Espírito Santo, e Nossa Senhora Aparecida, o carro pegou no tranco, não sem antes todos empurrarem montanha abaixo.

E agora, qual rumo tomar?

Foi quando passou uma moto carregando vários galões de água vazios.

Um deles caiu na frente do carro. Paramos, pegamos o galão e fomos atrás da moto para devolver ao dono. Corríamos e as crianças gritavam – Ele está indo para lá, agora para cá! – Até conseguirmos alcançá-lo.

Dali para frente, tudo foi mais simples. O rapaz, em retribuição, disse:

– Gentileza com gentileza se paga; eu acompanho vocês. Já está escuro e é perigoso andar por essas bandas.

Ele foi na frente e nós o seguimos. Conseguimos encontrar a estrada principal e depois de algumas horas chegamos em São José. Todos cansados, mas com uma história para contar.

Não visitamos o museu do Sítio do Pica-pau Amarelo, mas a aventura ganhou páginas engraçadas do livrinho da sobrinha, nossa Emília, que quis contar para a classe os pormenores de um antigo sítio em Monteiro Lobato.

Referências

- “JORNAL DO BRASIL”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 10, 30 dez. 1925. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20192&pesq=%22circula%20hoje%20o%20primeiro%22&pagfis=20>>, acesso em 17 jan. 2022.
- ACIOLI, S. *Aula de leitura com Monteiro Lobato*. São Paulo: Biruta, 2012.
- ALBERI, T. de M. A gramática da Emília: A língua do país de Lobato. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 255-271.
- ARAÚJO, R. B. *Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: 34, 1994.
- ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- _____. Pequena história de muitos gambás. *Minas Gerais – Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 10 mar. 1973.
- AUERBACH, E. *Ensaio de Literatura Ocidental*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2007.
- AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. de R.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- BAILEY, B. The Rage in Harlem. *The New York Times – Sunday Book Review*, New York, 21 fev. 2014. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2014/02/23/books/review/the-tastemaker-by-edward-white.html>>, acesso em 10 jan. 2022.
- BÁRBARA, D. A literatura infantil como patologia poética. Mimeo. 122 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976.
- BECKER, E. R. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: O papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato*. 182 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7650/000550655.pdf>>, acesso em 1 jan. 2022.
- BELMONTE, A. S. de V. Carta a Monteiro Lobato depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.2.00456 cx9).
- BERNARD, E. B. (Org.). *Remember Me to Harlem: The Letters of Langston Hughes and Carl Van Vechten, 1925-1964*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1940.
- BIGNOTTO, C. C. *Figuras de autor, figuras de editor: As práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2018.
- _____. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 421 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.
- BOAINAIN, R. M. *Madame Pommery: Na multiplicidade de vozes, a tradição reinventada*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14878/1/Regiane%20Magalhaes%20Boainain.pdf>>, acesso em 1. jan. 2022.

- BOAS, F. *Antropologia cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Race, language and Culture*. New York: The Macmillan Company, 1940.
- BOTTMAN, Denise. Traduções de Monteiro Lobato. Website *Não Gosto de Plágio*, 14 jan. 2011. Disponível em <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>>, acesso em 10 jan. 2021.
- BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. London: HarperCollins, 2008 [1953].
- BRAZILIAN Sees Negro Elected U. S. President. *Chillicothe Constitution-Tribune*, Chillicothe-EUA, p. II, 9 mar. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/19725163>>, acesso em 1 jan. 2022.
- BROCA, B. *Brito Broca – Memórias*. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- _____. *O repórter impenitente*. EULALIO, Alexandre (Org.). Campinas-SP: UNICAMP, 1994. (Repertórios).
- BUENO, S. “COLCHA DE RETALHOS” – D. Yainha Pereira Gomes – Editorial Helios – S. Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, Livros Novos, 26 nov. 1926. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitord?numero=25522&keyword=%22Livros+novos%22&anchor=4538874&origem=busca&originURL=&pd=23a0obeda626cbba62cdce979716db3c>>, acesso em 1 jan. 2022.
- _____. O CHOQUE – Monteiro Lobato – Editora Nacional – S. Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, Livros Novos, 31 jan. 1927. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitord?numero=25611&keyword=%22Livros+novos%22&anchor=4516714&origem=busca&originURL=&pd=bd65ea4a80bb2d7d4e8f8a12246d5118>>, acesso em 1 jan. 2022.
- BUNDLES, A'L. *On her own ground – The life and times of Madam C. J. Walker*. New York: Simon and Schuster Inc., 2001.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Henrique Moisés. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- CAMPOS, G. C.; OLIVEIRA, M. C. C. O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor. *Estudos Literários – UFJF*, Juiz de Fora-MG, v. 13, n. 1, p. 67-79, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19159/10147>>, acesso em 1 jan. 2022.
- CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2017 [2019], p. 51-80.
- _____. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos (1750-1880)*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- _____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CARROLL, L. *Alice's adventures in Wonderland & Through the looking-glass*. New York: Oxford, 2009.
- CARVALHO, M. de A. P. de. Prefácio. LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- CASSAL, S. A. T. B. *O Brasil visto verticalmente: Uma constelação chamada Monteiro Lobato*. 268 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal

- do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4036/000396170.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>, acesso em 1 jan. 2022.
- CATANI, D. et al. (Orgs.) *Docência, memória e gênero: Estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CAVALHEIRO, E. Lembranças do carimbamba Amadeu de Queirós e da Drogeria Baruel. *Album Drogasil*, São Paulo, p. 175-177, 1954.
- _____. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 2. t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955; 3a. ed.: São Paulo: Brasiliense, 1962.
- _____. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964b, v. 1, p. 8-9.
- CIRLOT, J. E. *Diccionario de símbolos*. Madrid: Ediciones Siruela, 1997.
- COELHO, N. N. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira: 1882-1982*. 1. ed. São Paulo: Quíron, 1983.
- COSTA, A. R. O teatro infantil de Adroaldo Ribeiro Costa. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n. 51, p. 31-47, jul. 2013. Disponível em <https://academiadeletrasdabahia.files.wordpress.com/2013/04/revista_alb_51.pdf>, acesso em 20 fev. 2020.
- COUTO, R. Lobato e a conquista do mundo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jul. 1927. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20192&pesq=%22Choque%20das%20ora%C3%A7as%20ou%22&pagfis=5663>>, acesso em 17 jan. 2022.
- CRESPO, R. *Itinerarios Intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación*. 1. ed. México: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos, 2004.
- D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-30012013-215356/publico/>>
- DONÓFRIO_S_C_T_Fontes_para_uma_biografia_intelectual_de_Edgard_Cavalheiro_1911_1958_SP_2012_386f.pdf>, acesso em 1 jan. 2022.
- DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. 1. ed. Itajaí-SC: UNIVALI/Florianópolis: UFSC, 2004.
- DICIONÁRIO Larousse*. Disponível em <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>>, acesso em maio 2018.
- DUARTE, L. C. *Lobato humorista: A construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2006.
- EHRlich, M. S. Sítio do Picapau Amarelo: O encontro dos mundos encantados de Monteiro Lobato e das histórias em quadrinhos. In: *O Globo*, Rio de Janeiro. Matutina, Cultura, p. 35, 2 maio 1977.
- ENTARDECER – versos de Silveira Bueno. *Careta*, Rio de Janeiro, Movimento de Livraria, 12 set. 1925. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1925/careta_1925_899.pdf>, acesso em 1 jan. 2022.
- Entrevista de Martha Lobato Campos. *Memória de Monteiro Lobato*. Museu da Imagem e do Som, São Paulo. 20 set. 1982. Disponível em <<https://acervo.misp.org.br/audio/entrevista-de-marta-lobato-campos>>, acesso em 17 jan. 2022.

- ERIKSE, T. H.; NIELSEN, F. S. *História da Antropologia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- ESOPO. *Fábulas completas*. Tradução de Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FORD, H. *Minha vida e minha obra*. Tradução de Silveira Bueno. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.
- _____. *Minha vida e minha obra – Nova Edição*. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.
- FRANCA, V. G. *A literatura infantil/juvenil brasileira na França: Oû est Lobatô?* 232 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/2436/1/Dissertacao%20VANESSA.pdf>>, acesso em 10 jan. 2022.
- FREYRE, G. de M. *Casa grande & senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.
- _____. *Sobrados e mocambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2003.
- _____. *Sobrados e mocambos: Decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- FURQUIM, F. *TV Séries*, Porto Alegre, a. 3, n. 25, 1999. (Editora FCF).
- GALVÃO, W. N. A margem da carta. In: *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*. n. 7, 1998. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177450>>, acesso em 02 dez. 2021.
- GARBER, E. A Spectacle in Color: The Lesbian and Gay Subculture of Jazz Age Harlem. Website *American Studies at the University of Virginia*. Disponível em <<https://xroads.virginia.edu/~ug97/blues/garber.html>>, acesso em 10 jan. 2022.
- GOLDBERG, I. *Brazilian Literature*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1922.
- _____. *Brazilian Short Stories*. Girard-Kansas: Haldeman-Julius Company, 1925. (Little Blue Books, 733).
- GOLIN, C. *Mulheres de escritores: Subsídios para uma história privada da literatura*. 1. ed. São Paulo: Annablume/Caxias do Sul: EDUSC, 2002.
- GOMES, E. S. F. Memórias da Emília: Memorialismo ou paródia. *Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p. 107-120, 2006. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/download/35582/25212>>, acesso em 1 jan. 2022.
- GRANDE FALLENCA – A “Companhia Graphico Editora Monteiro Lobato” pediu ontem a decretação da sua fallencia – Os motivos determinantes dessa medida. *Folha da Manhã*, São Paulo, A Situação da Praça, 24 jul. 1925. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitord?numero=31469&anchor=4529722&origem=busca&originURL=&pd=b3863fea4ef8f4d2c83b5a458f6231a7>>, acesso em 1. jan. 2022.
- HAYDEN, R. L. *A literatura infantil de Monteiro Lobato: Uma pedagogia para o progresso*. 1. ed. São Paulo: Instituto Cultural/ESPM60, 2012.
- HONORATO, T. A escola complementar paulista (1890-1911). Website *Sociedade Brasileira de História da Educação*. Sem data. Disponível em <<http://sbhe.org.br>>, acesso em 1 maio 2018.

- HOSPEDES e viajantes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 maio 1927. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_02&pasta=ano%20192&pesq=%22o%20American%20Legion%20zarpou%20para%20Bahia%20E2%80%9D&pagfis=32063>, acesso em 17 jan. 2022.
- HUGHES, L. *The Big Sea*. New York: Hill and Wang, 1940.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011.
- HUXLEY, A. *Brave New World*. New York: Harper Collins, 2000 [1932].
- JARDIM, L. *Proezas do menino Jesus*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- JORGE, F. *Vida, obra e época de Paulo Setúbal: Um homem de alma ardente*. 2. ed. Belo Horizonte: Geração Editorial, 2018.
- JORNAL A Redenção ganha título de Patrimônio da Humanidade. Disponível em <<http://www.saopauloglobal.sp.gov.br/noticias/detalhenoticia.aspx?id=2493>>, acesso em mar. 2018.
- KHÉDE, S. S. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990. (Princípios, 61).
- KLINKE, K. Um faz-de-conta das meninas de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares (Orgs.). *Lendo e escrevendo Lobato*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 83-99.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. Emília, a boneca atrevida. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (Orgs.). *Persona: Grandes personagens da Literatura Brasileira*. 1. ed. São Paulo: Senac, 2001, p. 119-137.
- _____. *Literatura: Leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2010.
- _____. *Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2006.
- _____. Saci or not Saci: That is the question. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luis (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta*. São Paulo: UNESP, 2014.
- LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2008 [2009].
- _____. *Monteiro Lobato livro a livro: Obra adulta*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2014.
- LEÃO, J. Basbaques do Fordismo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 282, 24 nov. 1926. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=%22fordismo%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=1659>>, acesso em 1 jan. 2022
- LEI de 7 de novembro de 1831. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html>, acesso em maio 2018.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O totemismo hoje*. Tradução de Malcolm Bruce Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Os Pensadores, 66).
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortês, 2013.
- LIMA, L. C. *O aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 1. t. São Paulo: Brasiliense, 1944.
- _____. *A barca de Gleyre*. 2. t. II. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a, v. 1.

- (Obras Completas de Monteiro Lobato, 11).
_____. *A barca de Gleyre*. 2. t. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b, v. 2.
(Obras Completas de Monteiro Lobato, 12).
_____. *A barca de Gleyre*. 2. t. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957, v. 2.
(Obras Completas de Monteiro Lobato, 12).
_____. *A barca de Gleyre*. 2. t. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950, v. 2.
(Obras Completas de Monteiro Lobato, 12).
_____. *A barca de Gleyre*. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1956.
_____. *A barca de Gleyre*. 2. t. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
_____. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.
_____. *A chave do tamanho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988a.
_____. Amigos do Brasil. In: *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2006a [1926], p. 169-171.
_____. Assessoros. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 26 dez. 1926. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20192&pesq=%22livro%20nacional%22&pagfis=1927>>, acesso em 17 jan. 2022.
_____. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015a.
_____. *Carta a Godofredo Rangel*. Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00187 cx4).
_____. *Carta a Godofredo Rangel*. Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00188 cx4).
_____. *Carta a Yaynha Pereira Gomes*. NY, 10.02.1928. Acervo Sandra Gomes Venturi.
_____. *Cartas de amor*. Org. Cordélia Fontainha Setta. São Paulo: Brasiliense, 1969.
_____. *Cartas escolhidas*. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1959.
_____. *Cartas escolhidas*. 2. t. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, v. 1.
(Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).
_____. *Cartas escolhidas*. 2. t. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964c, v. 1.
(Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).
_____. *Cartas escolhidas*. 2. t. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964d, v. 2.
(Obras Completas de Monteiro Lobato, 17).
_____. *Cartas escolhidas*. 2. t. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.
_____. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1955.
_____. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1972a.
_____. *Emília no país da Gramática e Aritmética da Emília*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950ab. (Obras completas de Monteiro Lobato, 6).
_____. *Emília no país da Gramática*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
_____. Euclides, um gênio americano. In: *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2006, p. 249-253.
_____. *Geografia de Dona Benta*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955.
(Obras completas de Monteiro Lobato, 7).
_____. *História do mundo para as crianças*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957a.
(Obras completas de Monteiro Lobato, 4).
_____. *Histórias diversas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988b.
_____. Jean de Lery. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2374, p. 2, 7 set. 1926. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=%22Jean%20de%20Lery%22&pagfis=28309>.

- acesso em 17 jan. 2022.
- _____. *Memórias da Emília*. In: _____. *Memórias da Emília e Peter Pan*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950e. (Obras completas de Monteiro Lobato, 5).
- _____. *Memórias da Emília*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- _____. *Mr. Slang e Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1955. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 8).
- _____. *Mundo da Lua e Miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1955. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 10).
- _____. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1956 [1920].
- _____. O choque das raças ou O presidente negro. In: SANTANA-DEZMANN, Vanete. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021.
- _____. *O Picapau Amarelo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.
- _____. *O saci*. 3. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- _____. *Os doze trabalhos de Hércules*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955b, v. 2. (Obras completas de Monteiro Lobato, 17).
- _____. *Os negros: Ou “Elle” e o “Outro”*. São Paulo: Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1921.
- _____. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1950f.
- _____. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Globo, 2009.
- _____. *Reinações de Narizinho*. II. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962. (Obras completas de Monteiro Lobato, 1).
- _____. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015b.
- _____. *Serões de Dona Benta e História das invenções*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950cd. (Obras completas de Monteiro Lobato, 8).
- _____. Traduções. In: _____. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964e, p. 125-130.
- _____. *Viagem ao céu*. 5. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.
- _____. Viagem ao céu. In: _____. *Viagem ao céu e O saci*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957b. (Obras completas de Monteiro Lobato, 2).
- _____. ...É o livro vem chegando. *Atualidades Literárias*, São Paulo, n. 1, p. 9-10, jul. 1946. (Acervo Silvio Tamaso D’Onofrio).
- LOBATO, Purezinha M. *Caderno de Anotações/Diários*. Inédito. Acervo Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, São Paulo.
- LUCA, T. R. de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 139-161.
- LUIZ, F. T. Aritmética da Emília (1935): Matemática para (não) matemáticos? In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. I. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 275-285.
- MACHADO, G. *Entrevista concedida a José Elio da Mota Júnior e Vanessa Gomes Franca*. 14 fev. 2020.
- MARINHO, J. C. Conversando de Lobato. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. I. ed. São Paulo: Traço, 1982, p. 181-193.
- MARQUES, R. *Arquivos literários: Teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- MARTINS, R. E. *Um perfil de Maria Pureza Monteiro Lobato*. 84 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie,

- São Paulo, 2018. Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3756/10/Raquel%20Endal%20c3%a9cio%20Martins.pdf>>, acesso em jan. 2022.
- MASTROBERTI, P. Adaptação, versão ou recriação? Mediações da leitura literária para jovens e crianças. *Revista Semioses*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 104-112, 2011. Disponível em <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/985/639>>, acesso em 15 jan. 2020.
- MENDES, E. Memórias da Emília. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 341-351.
- MENESES, R. de. O arquivo de Lobato. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 1948.
- MENEZES, T. de. *Desvendando o Sítio do Picapau Amarelo*. São Paulo: All Print, 2014.
- MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- MILTON, J. *Um país se faz com tradutores e traduções: A importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- MONARCHA, C. A reinvenção da cidade e da multidão: Dimensões da modernidade brasileira – À Escola Nova. São Paulo: Cortez, 1989 (sem indicação de página) apud LUIZ, F. de T. Aritmética da Emília (1935): Matemática para (não) matemáticos?. In: LAJOLO, M; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009.
- MONTEIRO, D. L. O abolicionista Antonio Bento. *Entretextos*, Teresina, 2009.
- MORAES, M. A. de. Sobrescrito. In: *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8/9, 2008.
- MOURA, A. S. de. *A margens das traduções*. Organização Ivo Barroso. São Paulo: ARX, 2003.
- NAGAMINI, E. *Literatura, televisão, escola: Estratégias para leitura de adaptações*. São Paulo: Cortez, 2004.
- NAVAS, D. Metaficção e formação do jovem leitor na literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea. *Linguagem: Estudos e Pesquisas-UFMG*, v. 19, n. 1, p. 83-95, 2016. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/download/39889/21074/173839>>, acesso em 1 jan. 2022.
- NEGRO President Forecast for U S. *The Province*, Vancouver-Canadá, p. 22, 28 fev. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/499272522>>, acesso em 1 jan. 2022.
- NEVES SOBRINHO, F. “O Príncipe de Nassau” e “O Choque das Raças”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 out. 1926. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%201926&pesq=%22desfibrado%E2%80%9D&pagfis=1367>>, acesso em 17 jan. 2022.
- NEVES, A. O homem Monteiro Lobato. *Fundamentos*, São Paulo, n. 4-5, 1948.
- _____. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Urupês: outros contos e coisas*. 2. ed.

- São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. XI-L.
- NOGUEIRA, R. F. de S. A Escola Nova. *Educação em Debate – Revista de Educação da UFC*, Fortaleza, n. 12, ano 9, p. 27-58, jul./dez. 1986. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13168/3/1986_art_rfsnogueira.pdf>, acesso em 1 jan. 2022.
- NOW Smile. *Dayton Daily News*, Dayton-EUA, p. 32, 27 fev. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/397405193>>, acesso em 1 jan. 2022.
- NUNES, C. *O sonho brasileiro de Lobato*. Brasília/Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1979.
- _____. (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.
- O “AMERICAN LEGION” em viagem para Nova York. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 maio 1927. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=%2250%20passageiros%20desta%20cidade%22&pagfis=32058>, acesso em 17 jan. 2022.
- O EXEMPLO de Henry Ford. *Correio Paulistano*, São Paulo, 7 jun. 1925. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&Pesq=Henry%20Ford%20Lobato&pagfis=18000>, acesso em 15 fev. 2022.
- O LIVRO do homem mais rico do mundo! *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 maio 1925. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_02&pasta=ano%20192&pesq=%22%20henry%20ford%22&pagfis=20954>, acesso em 1 jan. 2022.
- O VOTO feminino no Brasil. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 29 jun. 1926. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20192&pesq=%22n%C3%A3o%20considero%20o%20feminismo%22&pagfis=1195>>, acesso em 17 jan. 2022.
- OLIVEIRA, E. de. A Câmara futura e o futuro prefeito. *Folha da Manhã*, São Paulo, Deuses e titãs, 21 jul. 1925. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=31466&keyword=%22Henry+Ford%22&anchor=4529571&origem=busca&originURL=&pd=5db3cf5ce46fa30ea6b95aff26eb799e>>, acesso em 1 jan. 2022.
- ORWELL, G. *Nineteen Eighty-Four*. New York: Plume, 2003 [1949].
- PALLOTTA, M. G. P. História do mundo para crianças: Uma obra inovadora. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 221-233.
- PARECER do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB Nº 15/2010)*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceboi5-10&Itemid=30192>, acesso em maio 2018.
- PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.
- PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PFEIFFER, K. Introduction. In: VAN VÉCHTEN, Carl. *Nigger Heaven*. New York: Alfred A. Knopf Inc. 1926. Reprint: Champaign, Illinois:

- University of Illinois Press, 2000.
- PINHEIRO, V. C. *Folbeando a obra (e a vida) do grão-senhor da Villa Fortunata: um estudo sobre René Thiollier*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- PINILLA, J. A. S. A metodologia em História da Tradução: Estado de questão. Tradução de Martha Lucía Pulido Correa (et al). *Belas Infieis-UNB*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Jose-Pinilla/publication/333334048_A_METODOLOGIA_EM_HISTORIA_DA_TRADUCAO/links/5e53a3c992851c7f7f5522d5/A-METODOLOGIA-EM-HISTORIA-DA-TRADUCAO.pdf>, acesso em 1 jan. 2022.
- PIRES, C. *Conversas ao pé-do-fogo*. Itu-SP: Ottoni, 2002.
- QUEIRÓZ, A. de. *Manicuera*. 1951. Manuscrito inédito. Fundo Amadeu de Queiróz, Academia Paulista de Letras, São Paulo (Obras Raras, pasta 13,2, doc. 03, p. 17).
- QUINTANA, M. Poeminho do contra. Caderno H (1973). In: *Mario Quintana: Poesia completa*. Organização Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 257.
- RAFFAINI, P. T. Cartas das crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940. In: *Angelus Novus-USP*, a. VI, n. 10, p. 129-158, 2015. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/124138/120334>>, acesso em 10 jan. 2022.
- RAFFAINI, P. T. *Pequenos poemas em prosa: Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*. 191 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RAUPP, L. M. W. *Os carrapichos no universo ficcional de Lobato: do projeto de nação ideal às adaptações dos anos 2000*. 332 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- RIBEIRO, R. D. B.; FRANCA, V. G. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista (Orgs.). *Percursos da narrativa brasileira contemporânea: Coletânea de ensaios*. João Pessoa: UFPB/Realize, 2009, p. 181-198.
- ROCHA, J. N. História de caçador, histórias de caçadas. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009.
- ROMANI, C. A revolta de 1924 em São Paulo: Uma história mal contada. s. d. Website *História do Brasil Independente*. Disponível em <http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/romani_-_outrahistoria1924.pdf>, acesso em 1 jan. 2022.
- RÖSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 9-50.
- ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou da Educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SALEM, H. *Nelson Pereira dos Santos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SANTANA-DEZMANN, V. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Capiras, 2021.

- _____. (Org.). *Die Abenteuer von Lúcia – dem Mädchen mit dem Stupsnäschen – von Monteiro Lobato*. Lünen-Alemanha: Oxalá, 2021. 161 p. ISBN: 9783946277590.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEILER, Sascha. „Lateinamerikanische Literatur wird oft als Landeskunde missverstanden“. Ein Gespräch mit der Übersetzerin Susanne Lange. <https://literaturkritik.de/gespraech-mit-uebersetzerin-susanne-lange,28444.html> (Zugriff: 17.01.2022).
- SILVA, A. O Sítio do Picapau Amarelo... apresenta....: Um clássico da literatura e sua fantástica trajetória nos quadrinhos e na TV. Website *ALEARTE Quadrinhos*, 12. jan. 2013. Disponível em <<http://alexandrehq.blogspot.com/2013/01/o-sitio-do-picapau-amareloapresenta.html>>, acesso em 25 fev. 2020.
- SILVA, M. A. de S. S. As cartas de alforria e de compra e venda de escravos em Morada Nova. Website *APEOC*. Disponível em <http://www.apec.org.br/extra/artigos_cientificos/AS_CARTAS_DE_ALFORRIA_E_DE_COMPRA_E_VENDA_DE_ESCRAVOS.pdf>, acesso em 10 jan. 2022.
- SILVA, R. A. da. *Entre livros e leituras: Um estudo de cartas de leitores*. 257 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.
- SILVA, V. M. T. Da imaginação à imagem: o Sítio de Lobato na TV. In: _____. *Literatura infantil brasileira: Um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cànone, 2009, p. 177-132.
- SIMEONI, D. The pivotal status of the translator's habitus. *Target*, 10:1, p. 1-39, 1998. Disponível em <<https://doi.org/10.1075/target.10.1.02sim>>, acesso em 1 jan. 2022.
- SÍTIO do Picapau Amarelo*, Rio de Janeiro, n. 1, abr. 1977. (Editora RGE).
- SKIDMORE, T. E. *Preto no branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SOUZA, C. A. de. A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. *Novos Estudos Jurídicos – Revista de Direito da Univali*, v. 20, n. 1, p. 146-170, jan./abr., 2015. Disponível em <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/nej/article/download/7198/4094>>, acesso em 1 jan. 2022.
- SOUZA, G. C. de. Tradição e contemporaneidade nas adaptações do Sítio do Picapau Amarelo. In: 15º Encontro ABRALIC. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2016, p. 4294-4306. Disponível em <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491438238.pdf>, acesso em 10 jan. 2020.
- STEFFEN, L. P. *Monteiro Lobato: Da obra literária à televisão*. 94 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS, 2008. Disponível em <<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/916/1/2008LisandraPortelaSteffen.pdf>>, acesso em 15 jan. 2020.
- STEPAN, N. L. *A hora da Eugenia: Raça, gênero e nação na América Latina*.

- Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- _____. Eugenics in Brazil: 1917-1940. In: ADAMS, Mark B. *The wellborn science: Eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.
- TIN, E. Arqueologia de um discurso amoroso: As cartas de amor de Monteiro Lobato. *Remate de Males-UNICAMP*, Campinas-SP. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636278>>, acesso em 10 jul. 2014.
- _____. Monteiro Lobato das Crianças. In: *Em busca do "Lobato das cartas": A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 535 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.
- _____. O 13º trabalho de Lobato. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, José Luís. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. 1. ed. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial, 2009, p. 471-484.
- TRAVASSOS, N. P. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. Reimpressão. São Paulo: Clube do Livro, 1974 [1964].
- VAN VECHTEN, C. *Nigger Heaven*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1926. Reimpressão: Champaign, Illinois: University of Illinois Press, 2000.
- VASCONCELLOS, Z. M. C. de. *O universo ideológico na obra infantil de Monteiro Lobato*. 1. ed. Santos-SP: Traço, 1982.
- VELOSO, A. C. S. *Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)*. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10648>>, acesso em 1 jan. 2022.
- VIANNA, A.; FRAIZ, P. (Orgs.). *Conversa entre amigos: Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDÓC, 1986.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: 34, 2018.
- WOODSWORTH, J. History of Translation. In: BAKER, Mona; MALMKJÆR, Kirsten (Eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 1998, p. 100-105.
- YUNES, E. *Presença de Monteiro Lobato*. 1. ed. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.
- ZAMYATIN, Y. I. *We* (em russo: Мы; romanizado: My). London: Penguin Books, 1993. (1ª Ed. 1924, em jornal para imigrantes russos de Nova Iorque).
- ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. *Literatura Infantil: Autoritarismo e emancipação*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaio, 82).

Autoras e autores

Ana Paula Negrão Ferreira (ana.negrao.ferreira@usp.br) é graduanda em Letras (Português e Alemão) na Universidade de São Paulo. A partir do interesse pela obra de Monteiro Lobato, realizou pesquisa de iniciação científica sobre a evolução física e psicológica de Emília ao longo das estórias do Pica-pau Amarelo e, atualmente, prepara-se para iniciar um mestrado em Letras.

Angélica Royo (angelicaroyo@hotmail.com) é brasileira de São Paulo, italiana de Veneza, espanhola de Granada; inglesa de Cambridge e Londres. Escritora de livros infantis, compositora, publicitária, tradutora e intérprete; maratonista e apreciadora de viagens pelo mundo afora. É o resultado de suas vivências. Assim cria, assim ama, assim vive.

Denise Maria de Paiva Bertolucci (denise.bertolucci@uol.com.br) é responsável pelas Disciplinas Inglês III e Comunicação e Expressão no curso Gestão Empresarial, modalidade EaD, na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC). Possui Graduação em Letras – Português/Inglês (1985), Mestrado (1992), Doutorado (2005) e Pós-Doutorado (2012) em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Emerson Tin (emerson.tin@facamp.com.br) é professor de Literatura e Língua Portuguesa da FACAMP. Participou de *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil* (Prêmio Jabuti – Teoria e Crítica Literária / melhor livro do ano – não ficção) e *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta*. Integra a Consultoria Técnica da Editora FTD para reedição das obras de Lobato.

Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira (filipechamy@yahoo.com.br) é escritor e servidor público. Formado em Direito pelo Mackenzie, em Letras (Português-Linguística) pela USP e mestre em Filosofia pelo IEB (USP), com a dissertação intitulada *O sonho americano de Monteiro Lobato: Relações Brasil-EUA na obra do escritor*. Nasceu e vive em São Paulo. Autor de romances, contos, crônicas, ensaios acadêmicos, estudos literários, críticas cinematográficas e poemas.

Jochen Weber (jochenweber@jlb.de) estudou Ciências Alemãs, Hispânicas e Políticas na Universidade de Colônia. Tem mestrado em Literatura Infantil e Juvenil realizado na mesma instituição, denominada *Die Insel in der deutschsprachigen Kinderliteratur (A ilha na literatura infantil de língua alemã)*. É chefe do departamento editorial da Biblioteca Internacional da Juventude, localizada em Munique, onde também é responsável pela Reitoria Ibérica e Ibero-Americana, que abrange a literatura infantil e de jovens da Espanha, Portugal e América Latina, e editor do catálogo de recomendações *The White Ravens*, publicado anualmente pela Biblioteca Internacional da Juventude, apresentando 200 novas publicações de literatura infantil e juvenil internacional de cerca de 60 países e em quase 40 línguas. Foi vice-presidente do Arbeitskreis für Jugendliteratur (AKJ) (2006-2012); jurado do Prêmio Literatura Juvenil Alemão, Premio Iberoamericano SM de Literatura Infantil y Juvenil, Concurso de Álbum Ilustrado *A la Orilla del Viento*;

Prêmio Alemão de Literatura para Jovens (2001-2004 – jurado especializado/categoria não-ficção). É autor de vários artigos e conferencista no domínio da literatura infantil e juvenil e tradutor de livros infantis e ilustrados em língua espanhola para alemão.

John Milton (jmilton@usp.br) é professor titular do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP desde 2012, atuando na área de Estudos da Tradução. Completou sua Livre Docência em 1999. Foi coordenador dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (TRADUSP-FFLCH-USP) de 2002 a 2015. É autor e tradutor de vários títulos. Publicou, em 2019, *Um país se faz com tradutores e traduções: A importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato* (Editora Martins Fontes – selo Martins). Tem graduação em Literatura Inglesa e Espanhol pela Universidade de Wales (Swansea, 1978); mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 1986) e doutorado em Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP-1990). Pesquisa, na área de tradução literária, a sociologia e a história da tradução no Brasil, bem como tradução e adaptação.

José Elio da Mota Júnior (chamagemeas12@gmail.com) é graduado em Letras Portugêses/Espanhol pela Universidade Federal de Goiás e Especialista em Estudos Literários e Ensino de Literatura pela mesma instituição. É professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Goiás. Desenvolve pesquisas na área de literatura infantil e juvenil, dedicando-se ao estudo das obras lobatianas.

José Wellington de Souza (josewco@gmail.com) é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2006); mestre em Ciência da Religião pelo PPCIR da mesma instituição (2010), com desenvolvimento de trabalho etnográfico sobre catolicismo rural e desagregação social, e doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais também da mesma instituição, trabalhando com sociologia da cultura, pensamento social brasileiro e sociologia dos intelectuais, com tese sobre “raça” e “eugenia” na obra de Monteiro Lobato (2017). Atualmente, é professor colaborador no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté.

Patrícia Aparecida Beraldo Romano (paromano@unifesspa.edu.br) é pós-doutoranda no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH/USP e Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2017). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), campus de Marabá, e atua no Curso de Graduação em Letras-Português e nos Programas Acadêmico e Profissional de Pós-Graduação em Letras dessa universidade, POSLET e PROFLETRAS. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ), desenvolvendo pesquisas sobre as obras infantis de Monteiro Lobato, texto literário e suas materialidades e Literatura e Ensino. Também participa do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens/USP e Laboratório Lobato.

Raquel Endalécio Martins (rem.ufr@gmail.com) é professora efetiva de Língua Portuguesa e Literatura nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (UFRR), doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestra pelo Programa de Culturas e Identidades Brasileiras pela USP e graduada em Letras pelo Mackenzie.

Silvio Tamaso D’Onofrio (opeltrezero@gmail.com) é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisa nas áreas de História Intelectual e da Cultura, Epistolografia, Arquivos e Humanidades Digitais. Responsável pela editora Os Caipiras, lidera um grupo acadêmico de pesquisa e possui, em âmbito nacional e internacional, livros organizados, capítulos e artigos publicados, integra comitês editoriais e atua também como parecerista *ad hoc*.

Tais Diniz Martins (taisdiniz.usp@gmail.com) é graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês, pela FURG – Fundação Universidade do Rio Grande. Integrante do Grupo de Pesquisa REGIONEM (UNIPINHAL) e também do Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução/CAPES/USP. Áreas de interesse: historiografia das traduções, epistolografia, história da tradução e dos tradutores, com o foco em Monteiro Lobato e tradutores que atravessam sua produção. Tem publicações em antologias de contos e poesias.

Vanessa Gomes Franca (francavg@hotmail.com) é professora da disciplina “Literatura infantil e juvenil na educação básica” no CEELEL, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Tem Pós-doutorado em Literatura Infantil e Juvenil, realizado no PPGLL da FL da UFG, com bolsa PNPd/CAPES. É uma das organizadoras do livro *Ensaio sobre literatura e metaficção* (2018).

Vanete Santana-Dezmann (vanetedezmann@gmail.com) é professora, pesquisadora e tradutora. É corresponsável pelas Jornadas Monteiro Lobato e Encontros com Lobato, realizados na FFLCH-USP e autora de *Entre metafísica, distopia e mecenato*, uma análise do livro *O choque das raças ou O presidente negro*, de Monteiro Lobato (Editora Os Caipiras). Tem pós-doutorado em Estudos da Tradução (USP), com estágio de pesquisa no Goethe-Museum de Düsseldorf; doutorado em Teorias de Tradução (UNICAMP), com estágio de pesquisa na Universidade Livre de Berlim, e mestrado na mesma área (UNICAMP). Graduiu-se em Letras na UNICAMP.

Impresso em dois mil e vinte e dois
Cento e quarenta anos do nascimento de Monteiro Lobato
Cem anos da Semana de Arte Moderna
Duzentos anos de Independência do Brasil
Quatrocentos e cinquenta anos de *Os Lusíadas*

Ficha Técnica

Dimensões: 148 x 210 mm.

Tipos utilizados: Cameo Appearance; EB Garamond 12; Source Sans Pro.

Softwares: Gimp 2.8.20; LibreOffice 7.3.1.2; PDFTK Builder 3.10.0; Sumatra PDF 2.5.2.